

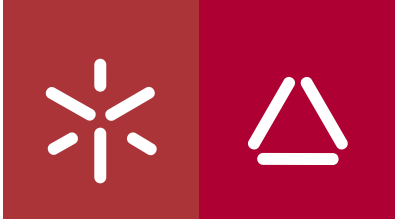
“VOCÊ É MINHA PESSOA FAVORITA”: UM OLHAR SOBRE
A SÉRIE HEARTSTOPPER E A REPRESENTAÇÃO DO AMOR LGBTQIAPN+
EM SÉRIES E FILMES DA CULTURA POP

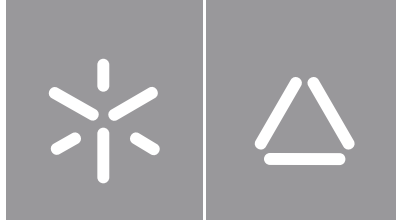


Débora Jardim Jardim

“VOCÊ É MINHA PESSOA FAVORITA”: UM
OLHAR SOBRE A SÉRIE HEARTSTOPPER E A
REPRESENTAÇÃO DO AMOR ENTRE
PERSONAGENS LGBTQIAPN+ EM SÉRIES E
FILMES DA CULTURA POP

Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais





Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

Débora Jardim Jardim

**“VOCÊ É MINHA PESSOA FAVORITA”: UM
OLHAR SOBRE A SÉRIE HEARTSTOPPER E A
REPRESENTAÇÃO DO AMOR ENTRE
PERSONAGENS LGBTQIAPN+ EM SÉRIES E
FILMES DA CULTURA POP**

Dissertação de Mestrado
Mestrado em Comunicação, Arte e Cultura

Trabalho efetuado sob a orientação do(a)
Professor(a) Doutor(a) Ece Canlı
Professor(a) Doutor(a) Silvana Ferreira da Silva
Mota Ribeiro

DIREITOS DE AUTOR E CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO DO TRABALHO POR TERCEIROS

Este é um trabalho académico que pode ser utilizado por terceiros desde que respeitadas as regras e boas práticas internacionalmente aceites, no que concerne aos direitos de autor e direitos conexos.

Assim, o presente trabalho pode ser utilizado nos termos previstos na licença abaixo indicada.

Caso o utilizador necessite de permissão para poder fazer um uso do trabalho em condições não previstas no licenciamento indicado, deverá contactar a autora, através do RepositóriUM da Universidade do Minho.



Atribuição-NãoComercial CC BY-NC

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/>

AGRADECIMENTOS

A minha filha Ariel e ao meu filho Tristan, por terem a paciência de me ensinar todos os dias, de me compreender e de estar junto, mesmo longe. Em qualquer lugar do mundo eu reconheceria vocês como parte de mim. A melhor e mais bonita. Vocês são nosso orgulho. Essa pesquisa é uma homenagem singela, mas, já aviso, que nada do que eu fizer será suficiente para expressar o que sinto. Vocês trouxeram cor e ressignificaram a minha existência.

Ao Rafaelle, por sempre tornar tudo possível e por ter me proporcionado as melhores pessoinhas da minha vida. Essa conquista é nossa.

À minha nora Isabela e ao meu genro Wes, por partilharem a vida com minha filha e meu filho e por me fazerem feliz.

A mulher da minha vida, Janaína, por me mostrar que o amor tem diversas formas.

A minha família, por me apoiar; aos amigos e amigas que me incentivaram, vocês foram parte importante de todo esse processo.

A todas, todos e todes que conheci quando tive a honra de fazer parte do Centro de Informação e Documentação do Grupo de Apoio à Prevenção da AIDS – GAPA/RS e que conheceram meu filho ainda na barriga.

Aos professores e professoras pelos ensinamentos no decorrer do curso, a Profa. Dra. Susana Noronha por me inspirar a pesquisar sobre algo me emocionasse e me mostrar o que é a Semiótica. Aos funcionários e funcionárias da UMinho que, de uma forma ou outra, me atenderam.

As minhas orientadoras: a maravilhosa Profa. Dra. Ece Canli, por perceber e instigar minha forma de “criação”; a querida Profa. Dra. Silvana Mota-Ribeiro pelos ensinamentos e a Profa. Dra. Rita Maria Gonçalves Ribeiro pelo constante cuidado e apoio.

Aos pesquisadores e pesquisadoras, mesmo os(as) que já nos fazem falta, por me proporcionarem textos que muito me emocionaram e desafiaram, gostaria de ter mais palavras para expressar o quanto suas pesquisas foram e são essenciais.

Aos youtubers e aos participantes dos comentários que contribuíram na construção dessa pesquisa, por partilharem suas experiências e vivências.

E a todas as pessoas que lutaram e resistiram e que, mesmo sem saber, fizeram parte dessa caminhada.

Meu muito obrigada!

DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE

Declaro ter atuado com integridade na elaboração do presente trabalho académico e confirmo que não recorri à prática de plágio nem a qualquer forma de utilização indevida ou falsificação de informações ou resultados em nenhuma das etapas conducente à sua elaboração.

Mais declaro que conheço e que respeitei o Código de Conduta Ética da Universidade do Minho.

Flutua (part. Liniker)
Johnny Hooker

O que vão dizer de nós?
Seus pais, Deus e coisas tais
Quando ouvirem rumores, do nosso amor

Baby, eu já cansei de me esconder
Entre olhares, sussurros com você
Somos dois homens e nada mais

Eles não vão vencer
Baby, nada há de ser, em vão
Antes dessa noite acabar
Dance comigo, a nossa canção

E flutua, flutua
Ninguém vai poder, querer nos dizer como amar
E flutua, flutua
Ninguém vai poder, querer nos dizer como amar

Entre conversas soltas pelo chão
Teu corpo teso, duro, são
E o teu cheiro que ainda ficou na minha mão

Um novo tempo há de vencer
Pra que a gente possa florescer
E, baby, amar, amar, sem temer

Eles não vão vencer
Baby, nada há de ser, em vão
Antes dessa noite acabar
Baby, escute, é a nossa canção

E flutua, flutua
Ninguém vai poder, querer nos dizer como amar
E flutua, flutua
Ninguém vai poder, querer nos dizer como amar

“VOCÊ É MINHA PESSOA FAVORITA”: UM OLHAR SOBRE A SÉRIE *HEARTSTOPPER* E A REPRESENTAÇÃO DO AMOR ENTRE PERSONAGENS LGBTQIAPN+ EM SÉRIES E FILMES DA CULTURA POP

RESUMO

A presente dissertação tem por objetivo principal, analisar a representação do amor entre personagens LGBTQIAPN+ em séries e filmes da cultura pop, sobretudo na primeira temporada da série *Heartstopper* (Netflix, 2022-2023). O tema central justifica-se pela relevância do audiovisual e da mídia na representação dessas identidades. Como objeto de estudo dessa pesquisa, foram selecionadas também as séries *The 100* (The CW, 2014-2020) e *Warrior Nun* (Netflix, 2020-2022), buscando-se mostrar a diferença existente entre elas na abordagem das representações românticas. As três séries foram escolhidas por terem causado uma grande movimentação do público nas redes sociais. No decorrer do desenvolvimento da pesquisa, procurou-se contextualizar como o amor entre personagens LGBTQIAPN+ foi representado durante o passar do tempo em produções audiovisuais, bem como sua influência na construção e mesmo desenvolvimento de identidades, principalmente entre jovens LGBTQIAPN+. Fundamentada nesse histórico, foram abordadas duas situações específicas: as que corroboram o termo *Bury Your Gays* (BYG) e as que se utilizam de *queerbaiting*. Discorreu-se também sobre como a comunidade LGBTQIAPN+ é tratada em diversos países, principalmente no Brasil. A estrutura metodológica escolhida para esse estudo se dá através de uma abordagem qualitativa, a partir de uma pesquisa documental. Embasada na observação desses documentos, no conhecimento situado dos participantes da pesquisa e no referencial teórico que abrange a representação de personagens LGBTQIAPN+ em produções audiovisuais, bem como a análise semiótica e a linguagem cinematográfica; foi realizada uma análise mais aprofundada da temporada 1 da série *Heartstopper* e de algumas cenas e episódios específicos das séries *The 100* e *Warrior Nun*. Para verificar-se o tipo de representação das personagens LGBTQIAPN+ nas referidas séries serão utilizados os critérios elaborados a partir do “Teste Vito Russo” e do “Teste de Bechdel” e que, somados ao “Teste de Representatividade” de Souza, espelham os questionamentos da pesquisadora. Para perceber a recepção de uma parte do público à série *Heartstopper*, serão analisados os comentários postados em seis canais do Youtube a partir de críticas feitas à série: quatro canais de cultura pop apresentados por pessoas declaradamente LGBTQIAPN+ e dois canais que abordam cinema e cultura em geral. As interpretações e observações sobre os comentários serão feitas com base na metodologia de análise de conteúdo e da análise de discurso, bem como a técnica de amostragem intencional ou por julgamento e a não probabilística intencional. Nas considerações finais constatou-se, respaldada na análise dos objetos que compõem o corpus dessa pesquisa, a importância de representações positivas de personagens LGBTQIAPN+ e que séries como *Heartstopper* trazem discussões que possibilitam essas representações em uma construção na qual a participação do público, para garantia e manutenção das conquistas, é fundamental.

PALAVRAS-CHAVE: Amor LGBTQIAPN+; Bury Your Gays; Produção Audiovisual; Queerbaiting; Representação LGBTQIAPN+.

“YOU ARE MY FAVORITE PERSON”: A LOOK AT THE SERIES *HEARTSTOPPER* AND THE REPRESENTATION OF LOVE BETWEEN LGBTQIAPN+ CHARACTERS IN POP CULTURE SERIES AND MOVIES

ABSTRACT

This dissertation aims to analyze the representation of love between LGBTQIAPN+ characters in pop culture television series and films, with a primary focus on the first season of the series *Heartstopper* (Netflix, 2022-2023). The central theme is justified by the significance of audiovisual media in representing these identities. As part of this research, the series *The 100* (The CW, 2014-2020) and *Warrior Nun* (Netflix, 2020-2022) were also selected to illustrate differences in their approaches to romantic representations. These three series were chosen by having generated significant public engagement on social media. Throughout the research, an effort was made to contextualize how LGBTQIAPN+ love has been portrayed over time in audiovisual productions, as well as its influence on the construction or even the development of identities, especially among LGBTQIAPN+ youth. Based on this historical context, two specific situations were addressed: those that consolidate the term "Bury Your Gays" (BYG) and those that promote queerbaiting. Additionally, this dissertation discusses how LGBTQIAPN+ issues are addressed in various countries, particularly in Brazil. A qualitative approach based on documentary research was chosen as the methodological structure for this study. Grounded in the observation of these documents, the situated knowledge of the research participants and the theoretical frame of reference - which encompasses LGBTQIAPN+ character representation in audiovisual productions, semiotic analysis, and cinematic language - a deeper analysis of *Heartstopper* season 1, as well as specific scenes and episodes from *The 100* and *Warrior Nun*, was conducted. To assess the types of representation of LGBTQIAPN+ characters in these series, the research employs criteria based on the "Vito Russo Test" and the "Bechdel Test", which, when combined with Souza's "Representation Test", reflect the researcher's guiding questions. To gauge a portion of the audience's reception of *Heartstopper*, comments posted on six YouTube channels that reviewed the series were then analyzed: four pop culture channels hosted by openly LGBTQIAPN+ individuals and two channels focused on cinema and culture in general. The interpretations and observations of the comments were conducted using content analysis and discourse analysis methodologies, as well as intentional or judgmental sampling and non-probabilistic intentional sampling techniques. The concluding remarks of this study, supported by the analysis of the corpus of this research, highlight the importance of positive representations of LGBTQIAPN+ characters and the role of television series like *Heartstopper* in promoting discussions that enable these representations within a framework where audience participation is essential for ensuring and maintaining these achievements.

KEYWORDS: LGBTQIAPN+ Love; Bury Your Gays; Audiovisual Production; Queerbaiting; LGBTQIAPN+ Representation.

ÍNDICE

DIREITOS DE AUTOR E CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO DO TRABALHO POR TERCEIROS	2
AGRADECIMENTOS	3
DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE	4
RESUMO.....	6
ABSTRACT	7
LISTA DE TABELAS	11
LISTA DE FIGURAS.....	12
1. INTRODUÇÃO	14
1.1. OBJETIVOS DA PESQUISA.....	16
1.2. OS USOS DE LGBTQIAPN+, QUEER E OUTROS: “É PRECISO ESTAR ATENTO E FORTE, NÃO TEMOS TEMPO DE TEMER A MORTE”	18
1.3. A BASE DA PESQUISA E MOTIVAÇÕES: “CONSIDERAMOS JUSTA TODA FORMA DE AMOR”	21
1.4. ESBOÇO DA DISSERTAÇÃO.....	23
2. CONTEXTUALIZAÇÃO	25
2.1. SÉRIES DA CULTURA POP: “NINGUÉM VAI PODER QUERER NOS DIZER COMO AMAR”	25
2.2. JOVENS LGBTQIAPN+: “JOVENS QUE ANDAM NA CORDA BAMBA”	28
2.3. O CASO DO BRASIL E A CENA GLOBAL: “O AMOR NUNCA DEVE SIGNIFICAR TER QUE VIVER COM MEDO”	30
2.3.1. Marcas da Violência.....	31
2.3.2. Alguns Retrocessos e Conquistas	32
3. REPRESENTAÇÃO DE PERSONAGENS LGBTQIAPN+ NA TELA: ACEITAR QUALQUER REPRESENTAÇÃO É MELHOR DO QUE NÃO TER REPRESENTAÇÃO?	35
3.1. BREVE HISTÓRIA DA REPRESENTAÇÃO LGBTQIAPN+ NA TV E NO CINEMA	36
3.2. REPRESENTAÇÃO POSITIVA E NEGATIVA EM PRODUÇÕES AUDIOVISUAIS.....	44
3.3. <i>BURY YOUR GAYS</i> E <i>DEAD LESBIAN SYNDROME</i>	49
3.4. <i>QUEERBAITING</i>	54
4. METODOLOGIA.....	58
4.1. MÉTODOS DE COLETA DE DADOS	60
4.2. MÉTODOS DE ANÁLISE DE DADOS	62
5. ANÁLISE DE DUAS SÉRIES: <i>QUEERBAITING</i> E <i>BURY YOUR GAYS</i>?	66

5.1. <i>THE 100</i>	66
5.1.1. Sinopse da Temporada 2.....	67
5.1.2. Sinopse da Temporada 3.....	70
5.1.3. Análise Geral de <i>The 100</i>.....	73
5.1.4. Critérios para Verificação da Representação de Personagens LGBTQIAPN+ na série <i>The 100</i>.....	78
5.2. <i>WARRIOR NUN</i>	79
5.2.1. Sinopse da Temporada 1.....	79
5.2.2. Sinopse da Temporada 2.....	81
5.2.3. Análise Geral de <i>Warrior Nun</i>.....	84
5.2.4. Critérios para Verificação da Representação de Personagens LGBTQIAPN+ na série <i>Warrior Nun</i>.....	89
6. SÉRIE <i>HEARTSTOPPER</i>: UM OLHAR.....	91
6.1. ANÁLISE VISUAL	95
6.1.1. As Cores em <i>Heartstopper</i>	97
6.1.1.1. As Cores do Arco-íris e das Bandeiras como Celebração	103
6.1.1.2. As Cores Escuras e o Outro Lado.....	106
6.1.2. Artes Gráficas e Mensagem Textual	107
6.1.3. Símbolos e Metáfora	110
6.1.4. Expressão Corporal.....	112
6.2. ÁUDIO-ANÁLISE	121
6.2.1. As Músicas em <i>Heartstopper</i>.....	121
6.2.2. Mensagem Verbal	132
6.3. CRITÉRIOS PARA VERIFICAÇÃO DA REPRESENTAÇÃO DE PERSONAGENS LGBTQIAPN+ EM <i>HEARTSTOPPER</i>	146
7. RECEPÇÃO VIRTUAL DE <i>HEARTSTOPPER</i> EM SEIS CANAIS DO YOUTUBE	148
7.1. CANAIS DO YOUTUBE	149
7.1.1. Dados Gerais dos Canais.....	149
7.2. ANÁLISE DOS COMENTÁRIOS	155
7.3. INTERPRETAÇÃO E DESCOBERTAS.....	159
8. ANÁLISE COMPARATIVA DAS SÉRIES: <i>HEARTSTOPPER</i>, <i>THE 100</i> E <i>WARRIOR NUN</i>.....	167
9. LIMITAÇÕES E FUTURO DA PESQUISA	173

10. CONSIDERAÇÕES FINAIS	175
REFERÊNCIAS	181

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Estatística de número de mortes de pessoas LGBTQIAPN+ por grupo no ano de 2023 e 2024	30
Tabela 2: Dados dos canais selecionados	61
Tabela 3: Critérios para Verificação da Representação de Personagens LGBTQIAPN+ na Série.....	63
Tabela 4: Levantamento da Representação do Relacionamento entre as Personagens LGBTQIAPN+ ..	63
Tabela 5: Tópicos Relacionados à Recepção da série Heartstopper.....	64
Tabela 6: Critérios para Verificação da Representação de Personagens LGBTQIAPN+ na Série.....	78
Tabela 7: Levantamento da Representação do Relacionamento entre as Personagens LGBTQIAPN+ ..	78
Tabela 8: Critérios para Verificação da Representação de Personagens LGBTQIAPN+ na Série.....	89
Tabela 9: Levantamento da Representação do Relacionamento entre as Personagens LGBTQIAPN+ ..	90
Tabela 10: Critérios para Verificação da Representação de Personagens LGBTQIAPN+ na Série	146
Tabela 11: Levantamento da Representação do Relacionamento entre as Personagens LGBTQIAPN+	147
Tabela 12: Categorias de Participantes do Canal Isabela Boscov	150
Tabela 13: Categorias de Participantes do Canal Lorelay Fox	151
Tabela 14: Categorias de Participantes do Canal Jessica Ballut	152
Tabela 15: Categorias de Participantes do Canal Gay Nerd	153
Tabela 16: Categorias de Participantes do Canal Carol Moreira	154
Tabela 17: Categorias de Participantes do Canal PH Santos	155
Tabela 18: Eixos relacionados à recepção da série <i>Heartstopper</i>	161
Tabela 19: Critérios para Verificação da Representação de Personagens LGBTQIAPN+ na Série.....	168
Tabela 20: Levantamento da Representação do Relacionamento entre as Personagens LGBTQIAPN+	169

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Histórias que aproximam público heterossexual e LGBTQIAPN+.....	38
Figura 2 e 3: Questionamento de uma fã sobre a morte Lexa e Outdoor com provocação (The 100).....	53
Figura 4: Banner da série The 100	66
Figuras 5 e 6: Dois momentos de Lexa	67
Figura 7: Lexa fala para Clarke sobre Costia.....	68
Figura 8: Clarke discute com Lexa	69
Figuras 9 e 10: Lexa observa os lábios de Clarke e acontece o beijo entre as duas.....	70
Figuras 11 e 12: Clarke se ajoelha na cerimônia (esquerda); Lexa se ajoelha no quarto de Clarke (direita)	71
Figuras 13 e 14: Todos gritam “Heda” no duelo; Clarke e Lexa cavalgam juntas	72
Figuras 16 e 17: Clarke e Lexa se beijam; Clarke fala sobre as tatuagens de Lexa.....	73
Figura 18: Banner da série <i>Warrior Nun</i>	79
Figura 19: A conversa entre Ava e Bea sob os olhos dos fãs.....	80
Figuras 20 e 21: Bea e Ava no momento do diário e do teste	81
Figuras 22 e 23: Ava e Bea na cena do beijo e da dança.....	81
Figura 24: Ava observa Bea dançando	82
Figuras 25 e 26: Ava e Bea na cena da queda	83
Figuras 27 e 28: Ava e Bea se beijam.....	83
Figuras 29 e 30: Ava se declara para Bea antes de partir.....	84
Figuras 31 e 32: Campanha #SaveWarriorNun	85
Figura 33: Pontuação da série Heartstopper no Rotten Tomatoes.....	92
Figura 34: Núcleo central da trama, falta Isaac	93
Figura 35: As personagens e seus intérpretes	96
Figuras 36 e 37: Cartaz de divulgação e as cores nos corredores da escola	98
Figuras 38 e 39: A Sala de Artes.....	98
Figura 40: Mr. Ajavi conversa com Charlie	99
Figura 41: Nick com as mãos sujas de tinta azul.....	99
Figuras 42 e 43: Os protagonistas com as cores de cada um; Charlie, na neve, com a cor de Nick .	100
Figuras 44 e 45: Os quartos de Nick (esquerda) e de Charlie (direita).....	101
Figuras 46 e 47: A mãe de Nick, e Nick com sua xícara	101
Figuras 48 e 49: O beijo e o presente de Nick com as cores dos dois.....	102
Figuras 50 e 51: Charlie e Nick, na praia, no final da temporada 1, em duas versões.....	102
Figuras 52, 53 e 54: As bandeiras que representam a comunidade LGBTQIAPN+, as pessoas Bissexuais e as Transgênero.....	103
Figuras 55 e 56: A sombrinha atrás de Tao e Elle; e o momento em que Charlie conhece Nick	104
Figuras 57 e 58: Tara e Darcy na festa	105
Figura 59: Nick, com olhar de encantamento, observa Tara e Darcy.....	105
Figuras 60 e 61: As cores ao redor de Nick e Charlie	105
Figuras 62 e 63: As cores ao redor de Nick e Tara; e as cores na sala de aula de Elle	106
Figuras 64 e 65: Charlie e o Bullying, e Charlie imagina a reação de Nick	106
Figuras 66 e 67: Charlie e Ben em meio à escuridão, e a abertura do episódio	107
Figuras 68 e 69: Elementos gráficos em momentos entre os protagonistas	108
Figura 70: A divisão característica das <i>graphic novels</i> da autora	108
Figura 71: Charlie e Nick, em momento na série e na <i>webcomic</i>	109
Figura 72: O <i>come out</i> de Nick em dois formatos.....	109

Figura 73: Nick em conversa com Charlie; e Nick pesquisando sobre sexualidade	110
Figuras 74 e 75: Nick imagina a reação Charlie, e não consegue ajudá-lo durante o jogo.....	111
Figura 76: A reação de Charlie na conversa com Ben sobre namoro	112
Figuras 77 e 78: Nick começa a perceber seus sentimentos por Charlie.....	113
Figuras 79 e 80: A necessidade do toque entre os meninos	113
Figuras 81 e 82: Os mindinhos de Charlie e Nick se encontram	114
Figuras 83 e 84: Os mindinhos de Charlie e Nick na festa e no cinema	114
Figuras 85 e 86: Os mindinhos de Wilhelm e Simon (esquerda), e Connor e Jude (direita).....	115
Figuras 87, 88 e 89: Os mindinhos de Luisita e Amelia.....	115
Figuras 90 e 91: As mãos de Nick e Charlie sob a mesa; e os dois na frente de todos.....	116
Figuras 92 e 93: Com as mãos dadas, o que estava em segredo é revelado.....	116
Figuras 94 e 95: Os abraços de Nick e Charlie.....	117
Figuras 96 e 97: Os olhares entre Charlie e Nick	118
Figuras 98 e 99: O olhar de procura; e o olhar que não abandona e quer compreender	118
Figuras 100 e 101: O olhar de encantamento e de ser cuidado.....	119
Figuras 102 e 103: O olhar depois do beijo.....	119
Figura 104: O olhar de Nick para Charlie no episódio final	120
Figuras 105 e 106: Nick observa os colegas no cinema	120
Figuras 107, e 108: O olhar dos colegas em Nick; e Nick tenso com Imogen	121
Figura 109: Banner do Canal “Isabela Boscov”	149
Figura 110: Banner do Canal “Lorelay Fox”	150
Figura 111: Banner do Canal “Jessica Ballut”	151
Figura 112: Banner do Canal “Gay Nerd”	152
Figura 113: Banner do Canal “Carol Moreira”	153
Figura 114: Banner do Canal “PH Santos”	154

1. INTRODUÇÃO

A representação de personagens LGBTQIAPN+ em produções no decorrer da história do audiovisual, passou de nula, por meio de seu silenciamento, para uma sequência de histórias onde as personagens serviam como alívio cômico ou acabavam tragicamente (Bridges, 2018). Ou seja, histórias que passaram de uma não existência para uma existência estereotipada ou fadada a punição.

Com o passar do tempo, principalmente após o Código Hays - um conjunto de regras de censura para filmes de Hollywood -, criado em 1930 (Santos, 2022), poucas produções mostraram representações positivas de personagens LGBTQIAPN+. Em uma sociedade estruturada de maneira heterocisnormativa faltavam referências sobre o amor com final feliz para adolescentes e jovens adultos dessa comunidade. Nesse cenário de conquistas lentas em matéria de histórias de romance LGBTQIAPN+ *teen* em produções *mainstream*¹, pudemos assistir a filmes como *Com amor, Simon* (EUA, 2018) e séries como *Heartstopper*² (Netflix, 2022-2024).

A contar desse contexto, a pesquisa tem por objetivo principal compreender a representação do amor entre personagens LGBTQIAPN+ na primeira temporada da série *Heartstopper*, bem como os signos que essa série utiliza para se conectar com o público e as discussões que eles suscitam. Para compreendermos a recepção desse público (Borges, 2023) em relação à série *Heartstopper* e o possível alcance dos signos escolhidos para representar a história, analisou-se, também, os comentários em seis canais de youtubers brasileiros, resultantes de vídeos com críticas à série.

Foram selecionadas, como foco de investigação complementar, as séries *The 100*³ (The CW, 2014-2020) e *Warrior Nun*⁴ (Netflix, 2020-2022). O propósito dessa escolha se deve ao fato de que essas três séries, por motivos distintos que serão discutidos no desenrolar da pesquisa, movimentaram a opinião do público, principalmente LGBTQIAPN+, nas redes sociais, veículo de comunicação muito utilizado pela comunidade LGBTQIAPN+ (Woods & Hardman, 2021).

O tema central justifica-se na relevância do audiovisual e da mídia na representação dessas identidades. A pesquisa é ampla no que se refere ao contexto histórico, ao embasamento teórico e a quantidade de conexões trazidas, e aborda, a partir da análise dessas séries, a importância de representações positivas de personagens LGBTQIAPN+ que contemplem esse público tão diverso, em toda sua complexidade, referências e gostos.

¹ “[...] abriga escolhas de confecção do produto reconhecidamente eficientes, dialogando com elementos de obras consagradas e com sucesso relativamente garantido. Ele também implica uma circulação associada a outros meios de comunicação de massa, como a TV (através de videocliques), o cinema (as trilhas sonoras) ou mesmo a Internet (recursos de imagem, plug ins e wallpapers)” (Cardoso Filho; Janotti Júnior, 2006, p. 8).

² Retirado de <https://www.netflix.com/title/81059939>

³ Retirado de <https://www.netflix.com/pt/title/70283264>

⁴ Retirado de <https://www.netflix.com/pt/title/70283264>

A partir de uma abordagem qualitativa e comparativa, foram utilizados conceitos semióticos para a análise das séries selecionadas. A seguir, utilizando-se o referencial teórico juntamente com o “Teste Vito Russo” e o “Teste de Bechdel”, criados pela GLAAD - Gay & Lesbian Alliance Against Defamation (Brandino, 2022), somados ao “Teste de Representatividade” criado por Olívia Souza (Souza, 2021), procurou-se elaborar critérios para analisar o tipo de representação dessas personagens nas três séries escolhidas. As cenas que contam com as personagens Clarke e Lexa, na temporada 2 e 3 da série *The 100*, bem como as que trazem as personagens Ava e Beatrice nas duas temporadas da série *Warrior Nun*, foram analisadas com o propósito de verificar a existência de signos que corroborem a identificação de boa parte dos fãs dessas produções de situações de *Bury Your Gays* e *queerbaiting* (Bridges, 2018). Os dados obtidos por meio dessa observação foram aplicados na verificação dos critérios de representação de cada série, bem como das personagens e seus relacionamentos e, posteriormente, na análise comparativa das três referidas séries.

O aporte teórico que baliza essa pesquisa, cujo corpus de pessoas autoras será ampliado no decorrer do trabalho, se fundamenta em estudos referentes a representação de personagens LGBTQIAPN+ historicamente marginalizados nas mídias audiovisuais, desde os tempos mais antigos com as Sissys (Santos, 2022) até os dias atuais; observando-se a importância para o público na forma como essas personagens são representadas. Falaremos sobre o tropo *Bury Your Gays* (BYG) também conhecido como *Dead Lesbian Syndrome* (Bridges, 2018; Hulan, 2017), uma espécie de punição dada aos LGBTQIAPN+ por suas “escolhas” e que ocorre em maior número com personagens femininas. Discorreremos, do mesmo modo, sobre a utilização do *queerbaiting*- termo que se refere à personagens LGBTQIAPN+ vivendo um amor sugerido, mas que nunca se efetiva realmente – que acaba por fidelizar esse público, ao mesmo tempo em que a trama não perde o público heterocis (Woods & Hardman, 2021).

O referencial teórico utilizado embasou a percepção de como essas ações são utilizadas dentro de produções audiovisuais, com principal interesse em histórias de amor entre personagens LGBTQIAPN+. Referente aos efeitos da representação negativa na comunidade LGBTQIAPN+ nos meios de comunicação (Pereira & Leal, 2004) serão estudados os que corroboram ou se alinham aos três vetores⁵ agrupados por Lock e Steiner (Lock & Steiner, 1999) e que influenciam na autoidentificação

⁵ Os três vetores de Lock e Steiner (Lock & Steiner, 1999), se referem a:

1. Adolescentes que se identificarem como LGBTQIAPN+ terão aumento de problemas de saúde, especialmente saúde mental, diferentemente daqueles que não o fazem; 2. Os jovens que relatam não ter certeza da sua orientação sexual também correm grande risco de problemas de saúde, especialmente problemas de saúde mental, em comparação com aqueles que se identificam como heterossexuais. No entanto, porque eles não estão se identificando ativamente com um grupo social minoritário e desvalorizado, estes problemas serão menores no geral; 3. Jovens que se identificam como LGBTQIAPN+ ficarão menos confortáveis com a sua orientação sexual do que aqueles que se autoidentificam como heterossexuais ou que não têm certeza da sua orientação sexual devido à homofobia internalizada.

dessas pessoas com opiniões e atitudes negativas a respeito de sua orientação. Essa autoidentificação é capaz de induzi-los, em suas relações sociais, a certos comportamentos que geram stress, isolamento, entre outros fatores. As cobranças por um comportamento heterocisnormativo podem levar a um outro lado dessa representação, como é demonstrado no filme estaduniense *Brokeback Mountain* (Focus Features, 2005), de Ang Lee: aquele que gera camuflagem, faz de conta e “vida dupla”, o que pode ser alterado, em parte, a partir do reconhecimento de seus “iguais” (Carneiro & Menezes, 2004) e do contato com uma percepção mais otimista de sua realidade. A importância de imagens mais realistas e positivas que representem a comunidade são retratadas por Linné (Linné, 2007).

A partir dessa conjuntura, para analisar-se melhor a obra principal, a série *Heartstopper*, e os signos utilizados em sua produção, foi trazido o referencial na área de semiótica da arte (signos plásticos, linguagem corporal e verbal, metáfora, música etc.), aporte esse que se dará através de Mukarovsky (Mukarovsky, 1981), Joly (Joly, 1994; 2005) e Nöth e Santaella (Nöth & Santaella, 2017). Ao abordarmos as cores e seu significado, o embasamento se deu a partir de Heller (Heller, 2022), bem como de Silveira (Silveira, 2015) e, dentro dessa perspectiva, no que se refere a influência das cores no audiovisual e como elas afetam a emoção e a razão, incluiu-se também os estudos de Stamato; Staffa e Von Zeidler (Stamato; Staffa & Von Zeidler, 2013).

Sobre a linguagem cinematográfica procurou-se focar em alguns pontos abordados pelos cineastas Eugène Green (Green, 2019) e Jacques Aumont (Aumont, 1995). Para as imagens e maiores informações sobre as séries *Heartstopper*, *The 100* e *Warrior Nun* foram utilizados os materiais de cunho acadêmico e científico existentes, bem como o que se encontra disponível em plataformas virtuais e redes sociais.

1.1. OBJETIVOS DA PESQUISA

Respondendo aos problemas de investigação destacados a pesquisa tem, por objetivo principal, analisar a representação do amor entre personagens LGBTQIAPN+ em séries e filmes da cultura pop, bem como perceber de que maneira ela é realizada na série *Heartstopper*. Como objetivos específicos busca:

1. Compreender a representação do fragmento de realidade que a série *Heartstopper* retrata, a partir do contexto em que os signos aparecem na história;

2. Explorar a representação do amor entre personagens LGBTQIAPN+ apresentada nas séries *The 100* e *Warrior Nun*, bem como na série *Heartstopper*, e como ela se difere das outras duas em conteúdo e consequente reverberação;
3. Discutir quais as possíveis situações que se caracterizam como *queerbating*, bem como aquelas que corroboram o tropo *Bury Your Gays* em *The 100* e *Warrior Nun*;
4. Traçar um panorama da recepção do público à série *Heartstopper* e seus desdobramentos;
5. Promover a representação positiva de personagens LGBTQIAPN+ na cultura pop, tanto para o público adulto quanto para o adolescente.

No decorrer do próximo capítulo os objetos da pesquisa serão contextualizados, bem como a escolha do recorte geográfico do público selecionado.

1.2. OS USOS DE LGBTQIAPN+, QUEER E OUTROS: “É PRECISO ESTAR ATENTO E FORTE, NÃO TEMOS TEMPO DE TEMER A MORTE”⁶

“Um nome não é só um nome, ele constrói representações”
(Leticia Gianella)⁷

No decorrer da pesquisa será utilizado o termo LGBTQIAPN+ (usado, mais comumente, em países como o Brasil) com a intenção de representar, ao máximo, as identidades existentes na comunidade. Todavia, existem outras siglas e abreviaturas que podem ser vistas no referencial teórico empregado na pesquisa e que também estão corretas. Será empregado, ademais, o termo comunidade que, mesmo em constante reinterpretação e ressignificação, pode ser compreendida como “[...] tecida em conjunto a partir do compartilhamento e do cuidado mútuo; uma comunidade de interesse e responsabilidade em relação aos direitos iguais de sermos humanos e igual capacidade de agirmos em defesa desses direitos” (Bauman, 2003, p. 134).

A sigla LGBTQIAPN+ marca para a comunidade um reconhecido posicionamento de luta pelos seus direitos, resistência aos reveses impostos por um sistema heterocisnormativo⁸ e orgulho por sua história e conquistas. A diversidade existente nessas letras/iniciais que compõem a sigla pode se referir a diversos aspectos: características sexuais⁹, identidade de gênero¹⁰, expressão de gênero¹¹ e orientação sexual¹². Buscamos descrever a representação de cada letra da sigla a partir da definição feita por Moreira (Moreira, 2022): L (lésbicas - mulheres que se relacionam com mulheres), G (gays – homens que se relacionam com homens), B (bissexuais – pessoas que se relacionam com homens e mulheres), T (transexuais e travestis), Q (queer/questionando), I (intersexo – pessoas que nascem com características sexuais que não vão ao encontro das normas para os corpos femininos ou masculinos), A (assexuais – pessoas que não sentem atração sexual por outras, aromânticas – pessoas com pouca ou nenhuma atração romântica, agênero – sem identidade de gênero), P (pansexuais, polissexuais – pessoas cujos relacionamentos não se definem por gênero), N (não-binárias – pessoas que não se identificam com a

⁶ Refrão da música “Divino Maravilhoso”, de Gilberto Gil e Caetano Veloso (1968).

⁷ Leticia Gianella é pesquisadora do IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

⁸ Se refere a normatividade atrelada tão somente a heterossexualidade (orientação sexual) e a cisgeneridade (identidade de gênero) que predominam sobre as outras (Nota da Autora).

⁹ Atribuídas “aos indivíduos no nascimento, com base na genitália externa, na genitália interna e nos cromossomos” (Universidade, 2023, p. 9), caso de pessoas intersexo.

¹⁰ Percepção que uma pessoa tem de si como sendo de determinado gênero ou mesmo da combinação deles (Alves, 2019). A categoria se refere tanto as identidades trans em geral quanto a identidade cis. Basicamente as pessoas que se identificam com o sexo biológico com as quais foram designadas são chamadas de cisgênero e as que não se identificam são chamadas de transgêneros ou pessoas trans, dentro de toda a variabilidade existente nessa categoria: mulher trans, homem trans, pessoas não binárias, transmasculinos, transfemininos etc. (Martins, 2023).

¹¹ Como a pessoa se manifesta publicamente, por meio do seu nome, de sua estética, do comportamento, de características corporais e da forma como interage com as demais pessoas (GLAAD, 2016).

¹² Se refere a “um envolvimento no plano emocional, amoroso e/ou da atração sexual por homens, mulheres, por ambos os sexos/gêneros ou por nenhum dos sexos/gêneros” (Saleiro, 2022, p. 12). A orientação sexual difere da identidade sexual, no sentido de que essa última se refere ao “reconhecimento, aceitação e autoidentificação da pessoa relativamente à sua própria orientação sexual” (Saleiro, 2022, p. 12).

binaridade de gênero homem/mulher) e o símbolo aditivo + (outros grupos e variações de sexualidade e demais categorias identitárias não normativas). Essas identidades “têm um caráter multidimensional, resultam de um processo desenvolvimental e, embora sejam estáveis, não são imutáveis (isto é, podem mudar ao longo do tempo). Para além disso cruzam-se com outras categorias identitárias estigmatizadas, dando origem a discriminação interseccional” (Saleiro, 2022, p. 44).

Essa diversidade se refere também a particularidades concernentes as características que envolvem questões geográficas, políticas, sociais e culturais e que são representativas de cada pessoa que se identifica com a comunidade, em uma constante busca e luta por representação e por poder cultural (Britzman, 1996). E é esse reconhecimento de uma cultura *queer*, com toda a complexidade que ela traz, que fortalece o sentimento de pertença e a identidade dos participantes dessa comunidade. É uma escolha teórica baseada nas referências da autora da pesquisa, mas se poderia, ao invés do termo LGBTQIAPN+, usar o termo *queer* que, segundo Louro, é “estranho, raro, esquisito. *Queer* é, também, o sujeito da sexualidade desviante – homossexuais, bissexuais, transexuais, travestis, drags. É o excêntrico que não deseja ser ‘integrado’ e muito menos ‘tolerado’” (Louro, 2004, p. 7); ou, ainda, é um termo que pode ser visto como um guarda-chuva que abarca todas essas variações, muitas vezes utilizado por pessoas que acreditam que a categorização dessas identidades é percebida como rótulo que restringe as possibilidades e toda a complexidade que as envolve (Reis, 2018). Há também uma crescente redefinição, por parte de grupos vistos como minoritários, do uso de certas palavras e termos que durante anos foram aplicados socialmente de maneira pejorativa (Boenavides, 2019). Essas pessoas se apropriam e se empoderam a partir desse uso, o que se aplica tanto a palavras como “viado” e “sapatão”, quanto ao termo *queer* que, por volta dos anos 80, ganhou força “para se pensar a subversão e o caráter diluído das sexualidades e gêneros” (Jagose, 1996, p. 76) e que desvirtua “uma lógica embrenhada nas relações de poder para manter estáveis estruturas como gênero e sexualidade” (Silva, 2018, p. 17).

A contar do momento em que há um sexo biológico (a partir de características biológicas observáveis ou não), com o qual somos designados e designadas e que nos identificam com um determinado gênero reconhecido pela sociedade (Saleiro, 2022), é de certa forma “sacramentado” os padrões que deveremos seguir para sermos aceitos socialmente dentro da comunidade em que estamos inseridos. Contrariando essa perspectiva podemos dizer que o gênero se refere ao reconhecimento do homem e da mulher enquanto produtos de uma realidade e de uma construção social e não somente a designação pela anatomia de seus corpos (Gênero, 2009). Com base nessas expectativas podemos observar uma linha tênue que separa a colocação da sexualidade como inata e que por isso pode ser

entendida como algo “natural” e a questão da patologização das sexualidades ditas não-convencionais (Leal, 2004), o que se contrapõe a questão da sexualidade como construção social, bem como dispositivo de poder e teoria *queer* (Aboim, 2010).

Há, ainda, aspectos referentes a cada pessoa, relacionados ao contexto geográfico, social, cultural, religioso, entre outros, e que, majoritariamente, norteiam um comportamento esperado vinculado a padrões de masculinidade e feminilidade. Caso esse comportamento não seja seguido pode gerar situações de preconceito, de discriminação e de violência (OPP, 2020). Circunstâncias de maior opressão ou de privilégios na comunidade se configuram também conforme aspectos intrínsecos à própria sociedade, tais como: etnia/raça, nível de instrução, status socioeconômico, condição migratória, profissão, existência de deficiência, soropositividade, pertencimento a religiões que estigmatizam a comunidade LGBTQIAPN+, a vivência em uma área rural, em cidades pequenas ou em situação de rua, bem como fatores que se interpõem e influenciam questões no âmbito de saúde mental, como stress, depressão e ideação suicida (Baére & Zanella, 2020); e que contribuem para o seu “silenciamento”:

Assim, é importante notar que grande parte da investigação sobre as pessoas de minorias sexuais e de gênero reflete ainda as experiências daquelas que detêm mais privilégios, ao passo que aquelas que vivenciam múltiplas formas de opressão são geralmente menos acessíveis e estudadas. (Saleiro, 2022, p. 13)

O preconceito e a discriminação, então, se apresentam em diversas camadas que, conforme as variantes apresentadas e a letra/inicial a qual o indivíduo pertence dentro da comunidade LGBTQIAPN+, trazem uma possibilidade maior de violência verbal e, por vezes, física, cujo grau pode diferir, mas que permanece, dolorosamente, sempre à espreita. Dentro desse contexto, o estigma sexual também pode atingir as pessoas heterossexuais que performam (por expressão ou características físicas) de forma diferente do que foi estabelecido para o seu gênero, o que faz com que também estejam vulneráveis a violência (Portal Folha de Pernambuco, 2023). As situações provenientes dessa estigmatização variam conforme a categoria a qual o indivíduo pertence “as pessoas trans e as pessoas intersexo são as maiores vítimas dessas situações, já as mais discriminadas quanto a questão da orientação sexual são as pessoas bissexuais e pansexuais” (Saleiro, 2022, p. 44). Estudos realizados pela Associação Acção Pela Identidade (API), de Portugal, com pessoas trans, não-binárias e intersexo revelou que “a maioria das pessoas intersexo, trans e não-binárias que vive em Lisboa tem dificuldades económicas, não recebe acompanhamento clínico ou fá-lo no privado e acha que a cidade exclui as pessoas com estas características” (Lusa, 2018, §1). Uma pessoa trans, principalmente se não possuir uma maior

passabilidade¹³, corre grande risco de não conseguir emprego, não ser aceita em ambientes sociais e, consequentemente, está mais propensa a sofrer todo tipo de violência.

Essa opressão sistemática é uma das consequências da heterocisnormatividade: a manutenção da norma cis e heterossexual para pensar o comportamento de todos os indivíduos em diversos aspectos; sejam eles institucionais, sociais, culturais, e que impacta as ditas minorias sociais durante toda a vida. Situações que podem interferir na maneira como indivíduos são influenciados e na forma como acabam por reproduzir discursos que estão presentes em vários “equipamentos” utilizados como instrumentos de poder e controle, caso da tríade família, escola e religião. Instituições que, na maioria das vezes, atuam para fiscalizar e calar atitudes não concernentes a todo esse conceito de heterocisnormatividade vigente e ao que ele significa. A heterossexualidade, denominação que se refere a homens e mulheres que se relacionam com o gênero oposto (Moreira, 2022) é o comportamento considerado socialmente como padrão, que deve ser “exaltado” e “perpetuado”, pois que possibilita a continuidade de estruturas como a “família tradicional”. Uma das formas de solidificá-lo é divulgando-o repetidamente e mostrando que tudo o que é contrário a ele é inadequado e inaceitável, muitas vezes utilizando-se de um viés religioso e moral, o que pode ser feito tanto de uma maneira agressiva quanto subliminar, nas entrelinhas.

Esses e outros dispositivos de controle e poder são responsáveis por situações abordadas no decorrer do trabalho e afetam também a forma de representação dessas pessoas em produções audiovisuais, o que acabou por motivar as escolhas feitas e o caminho traçado nessa pesquisa.

1.3. A BASE DA PESQUISA E MOTIVAÇÕES: “CONSIDERAMOS JUSTA TODA FORMA DE AMOR”¹⁴

O amor é para todas, todos, todes?

Em grande parte das vezes a possibilidade de viver o amor de forma plena parece ser possível somente para quem é heterocis (Linné, 2007). Em muitos casos, a pessoa LGBTQIAPN+ só pode expressar o seu amor em lugares que não são públicos, longe de sua família e dos ambientes sociais frequentados por pessoas diferentes dela, em um silenciamento contínuo de seu corpo e de sua existência (Bridges, 2018). Isso ocorre mesmo que a realidade de pessoas LGBTQIAPN+ venha gradativamente mudando em alguns países. Mesmo que, atualmente, possamos ter uma maior representatividade cultural, social e política de pessoas da comunidade, ainda há outros países

¹³ Se refere, nesse caso específico, a *passar por* uma pessoa cisgênero, o que ocorre quando a pessoa trans é percebida mais facilmente dentro do que é reconhecido como sendo característico do gênero com o qual ela se identifica (Nota da Autora).

¹⁴ Trecho do refrão da música “Toda forma de amor”, de Lulu Santos.

atualmente em retrocesso dos direitos de pessoas LGBTQIAPN+, situação que ocorre, por exemplo, em Uganda, Hungria e mesmo no Brasil (Padinger, 2022) e que será abordada posteriormente nessa pesquisa. O que torna ainda atuais as palavras de Louro:

A visibilidade que todos esses novos grupos adquiriram pode ser, eventualmente, interpretada como um atestado de sua progressiva aceitação. Contudo, nem mesmo a exuberância das paradas da diversidade sexual, das feiras mix, dos festivais de filmes alternativos, permite ignorar a longa história de marginalização e de repressão que esses grupos enfrentaram e ainda enfrentam. Não podemos tomar de modo ingênuo essa visibilidade. (Louro, 2008, p. 21)

Essa colocação serve como um alerta tanto para as pessoas LGBTQIAPN+ como para qualquer outro grupo em luta por seus direitos. O silenciamento que está presente ainda nos dias de hoje, através de propostas extremistas que se espalham por diversas partes do mundo, também pode ser encontrado, no decorrer da história, em produções audiovisuais com uma representação negativa de personagens LGBTQIAPN+ (Bridges, 2018). Um tipo de representação que pode ter contribuído com a forma como as pessoas LGBTQIAPN+ se viam e eram vistas, acarretando consequências sobretudo entre adolescentes (Guimarães & Fernandes, 2022) que nesta fase, salvo exceções, estão começando a perceber e a viver suas relações amorosas.

Histórias sobre o amor entre personagens LGBTQIAPN+ foram contadas no decorrer dos anos, mas estas, na grande maioria das vezes, abordavam relacionamentos extremamente sexualizados e mostravam personagens envolvidos com drogas e com comportamento promíscuo, em uma espécie de “demonização” dessa comunidade que acabou enveredando para outras esferas (Benshoff & Griffin, 2005). Na maioria dos casos, as histórias de amor representadas em filmes e séries para esse público terminavam de maneira infeliz, seja por separação ou mesmo morte de uma das pessoas apaixonadas, o que acabou por gerar o tropo *Bury Your Gays*. Além disso, começou-se a discutir também o uso de um possível *queerbaiting* em algumas produções audiovisuais. Os dois termos e, consequentemente, a forma como são usados nesses veículos são extremamente importantes para essa pesquisa, pois mostram os subterfúgios utilizados para parecer que uma determinada história atende a pessoas LGBTQIAPN+, pois quem não tem nada se contenta com pouco (Bridges, 2018).

Um tropo e ações que motivaram a autora dessa pesquisa, a partir da sua vivência como mãe de um filho e uma filha que fazem parte da comunidade LGBTQIAPN+ - embasada, dessa forma, em um “conhecimento situado”, como afirma a pesquisadora feminista Donna Haraway (Haraway, 1995) – e que não pôde esquecer uma frase dita por sua filha adolescente “a gente se contenta com migalhas, com histórias mal escritas, mal-acabadas, porque não temos praticamente nada”, frase essa fruto do

choro e da frustração depois da espera ansiosa pela cena de amor entre Clarke e Lexa (série *The 100*) que culminou em um desfecho terrível. Ou quando a referida autora foi chamada na escola para falar sobre a sexualidade de seu filho, em uma situação humilhante e desoladora para ele, enquanto ela procurava desesperadamente uma referência positiva na qual ele pudesse se espelhar e que não foi encontrada em filmes ou séries da época, mas sim, em um conhecido ilustrador.

Em uma sociedade estruturada de maneira heterocisnormativa, havia poucas representações positivas e referências para a comunidade LGBTQIAPN+ sobre o amor com final feliz, principalmente entre personagens adolescentes. A série *Heartstopper*, cujos episódios da primeira temporada serão analisados como parte central dessa pesquisa - justamente por trazer uma representação positiva, com um alcance maior para o público LGBTQIAPN+ -, aborda isso e muito mais: fala sobre ter alguém com quem compartilhar, sobre cumplicidade, sobre proteger um ao outro em um mundo nem sempre amigável. E, mais ainda, sobre viver um primeiro grande amor. O que isso pode representar para parte do público LGBTQIAPN+?

No próximo item detalha-se como a pesquisa será estruturada e sobre o que os próximos capítulos tratam.

1.4. ESBOÇO DA DISSERTAÇÃO

No decorrer do desenvolvimento dessa pesquisa, nos demais itens que compõem esse capítulo, foi abordado o uso de certos termos importantes, as motivações que levaram a realizar essa pesquisa e os objetivos propostos. No capítulo 2 procura-se contextualizar a escolha de séries de TV da cultura pop e a sua influência no comportamento e mesmo desenvolvimento de identidades, principalmente entre jovens LGBTQIAPN+. É mostrado também como a questão LGBTQIAPN+ é tratada em diversos países, principalmente no Brasil, país que mais mata essa comunidade (Gastaldi & Benevides, 2024). No capítulo 3 é retratado como a representação LGBTQIAPN+ foi construída em produções audiovisuais durante o passar dos anos, bem como ocorrem as representações positivas e as negativas e, dentro desse viés, aborda-se o tropo *Bury Your Gays (BYG)* e o *queerbaiting*. No capítulo 4 discorre-se sobre a metodologia utilizada na pesquisa e o tipo de abordagem escolhida, bem como o método de coleta e análise dos dados obtidos. O capítulo 5 se inicia com a análise de duas séries cujos acontecimentos trouxeram a discussão sobre *BYG* e *queerbaiting* e propiciaram movimentos nas redes sociais: *The 100* e *Warrior Nun*. O capítulo 6 traz uma análise mais aprofundada da primeira temporada da série *Heartstopper*, através de seu conteúdo e signos semióticos. No capítulo 7 trata-se sobre a escolha dos

canais do Youtube selecionados, analisa-se os comentários desses canais e mostra-se as descobertas encontradas a partir desse levantamento, no que se refere a recepção virtual da série. O capítulo 8 aborda a análise comparativa dos dados referentes as três séries escolhidas e no capítulo 9 são elencadas as limitações e o futuro da pesquisa. Nas considerações finais retoma-se a ideia original, discorre-se e aponta-se os resultados obtidos a partir dos objetivos sugeridos.

2. CONTEXTUALIZAÇÃO

O tema dessa pesquisa nos traz discussões acerca da importância de representações positivas em produções audiovisuais e o quanto as representações percebidas como negativas impactam o público. De acordo com essa proposta, foram escolhidas três séries da cultura pop indicadas para o público jovem e que possuem personagens adolescentes e jovens adultos. Por vezes, parte desse público, mesmo estando fora do perfil designado pelos *streamings*, teve referências tão escassas ou ruins que acaba por “abraçar” toda produção audiovisual com temática LGBTQIAPN+, o que nos traz a fala de Kehl:

Difícil precisar o que é juventude! Quem não se considera jovem hoje em dia? O conceito de juventude é bem elástico: dos dezoito aos quarenta, todos os adultos são jovens. A juventude é um estado de espírito, é um jeito de corpo, é um sinal de saúde e disposição, é um perfil do consumidor, uma fatia de mercado onde todos querem se incluir. (Kehl, 2006, p. 89)

Escolheu-se, a priori, trazer informações sobre o contexto das escolhas para essa pesquisa dentro da indicação de público das séries, sobre o público fora dessa indicação teremos a oportunidade de explanar na análise e interpretação dos comentários.

2.1. SÉRIES DA CULTURA POP¹⁵: “NINGUÉM VAI PODER QUERER NOS DIZER COMO AMAR”¹⁶

O que assistimos nas telas de TV (um dos principais veículos formadores do imaginário popular), no cinema ou cada vez mais pela tela dos smartphones, pode condicionar e influenciar nosso comportamento, ações e pensamentos, sobre nós mesmos e os outros. Diariamente construímos nossa percepção de mundo - trespassados por aspectos geográficos, econômicos, sociais, culturais - pelo que vemos, ouvimos e sentimos, e o audiovisual é um instrumento poderoso de comunicação de massas (Borges, 2023). Ao nos “conectarmos” nos tornamos consumidores de tudo que é vinculado por um sistema que muitas vezes nos devora (Luhmann, 2005). E, se essa mensagem que nos for passada sobre países, culturas, pessoas e tantas coisas distintas, for errônea, estereotipada ou servir a outros interesses, isso pode interferir na maneira como observamos outras vivências?

¹⁵ “Como abreviação de “popular” (“pop”), a palavra circunscreve de maneira um tanto quanto clara, as expressões aos quais, de alguma forma, nomeia: são produtos populares, no sentido de orientados para o que podemos chamar vagamente de massa, “grande público”, e que são produzidos dentro de premissas das indústrias da cultura (televisão, cinema, música etc.).” (Soares, 2015, n.p.)

¹⁶ Trecho do refrão da música “Flutua” de Johnny Hooker.

A relevância do mercado do audiovisual como forma de comunicação e mesmo de desenvolvimento econômico é inegável e “não são poucos os indivíduos que consomem filmes, livros e programas de televisão em busca de apreender um jeito de ser *queer*, de conjugar referências que os ajudem a moldar sua identidade” (Sarmet & Baltar, 2016, p. 54).

As plataformas digitais, como os *streamings* e o Youtube, proporcionam um direcionamento da programação conforme o perfil de quem assiste. Uma mudança importante se comparada a TV aberta que, apesar de disponibilizar filmes e séries de forma gratuita, não permite um nível mais complexo de “escolha” para o que vemos, além dos cortes de cenas ocasionados pelas propagandas, cortes esses que também existem na versão gratuita do Youtube. Plataformas internacionais como a Netflix, Prime Vídeo, Max, entre outras, possibilitam que especialmente pessoas pertencentes a grupos específicos sejam representadas e consequentemente assistam mais a programação exibida nessas plataformas (Miranda, 2017). Há, ainda, plataformas como a MUBI¹⁷ que possuem uma curadoria para seus filmes, feita por especialistas, o que qualifica, e muito, a programação.

As séries são um produto audiovisual, criado a partir do cinema e das telenovelas, com sua origem no formato de cinesseriados (Furuzawa, 2014) e, juntamente com os filmes, são pontos centrais na representação de identidades LGBTQIAPN+ "os seriados são um fenômeno social. Abordam temas relevantes da sociedade, ditam regras de comportamento e podem alterar, remodelar ou reafirmar identidades" (Magalhães-Costa & Vasquez-Ferreira, 2018, p. 274). Atualmente, o público além de consumir esse produto, se utiliza dele para produzir conteúdo que é propagado nas redes sociais, caso, por exemplo, dos youtubers que têm os comentários à suas críticas sobre a série *Heartstopper* como um dos objetos da presente pesquisa.

A própria comunidade LGBTQIAPN+ faz parte desse processo, pelos mais diferentes meios e mídias e, através dessa convergência “os receptores tornam-se coprodutores do produto cultural” (Magalhães-Costa & Vasquez-Ferreira, 2018, p. 274). Desse modo, é natural que estereótipos utilizados para os representar durante todos esses anos, sejam questionados com uma veemência cada vez maior, o que acaba, muitas vezes, por forçar os produtores a repensar as formas de representação aplicadas. O público jovem é consumidor de conteúdos através do próprio smartphone, o que acaba por facilitar o acesso a programação dos *streamings*, inclusive às suas séries preferidas (Castro, 2012), que ainda podem ser vistas pelo tablet, notebook e computadores.

A Netflix, *streaming* no qual muitas das séries citadas estão disponíveis, possui um grande alcance de público, o que naturalmente ocasiona uma decorrente diversidade e quantidade dos

¹⁷ Retirado de <https://mubi.com/pt/pt/about>

conteúdos oferecidos. A plataforma aumentou o número de contas para cerca de 238 milhões em 2023 (Salvador, 2023), contabilizando um acréscimo por volta de 5,890 milhões, mesmo com o surgimento cada vez maior de canais. A Netflix além de ser um dos *streamings* com maior audiência ao redor do mundo, possui também um maior número de clientes em países como Brasil e Portugal (Oliveira, 2019) e um amplo oferecimento de séries e filmes com temática e personagens LGBTQIAPN+; bem como uma relevância para a disseminação de conteúdo e, consequentemente, para a construção de identidades. Apesar disso, há vários pontos negativos a serem observados como veremos no decorrer desse estudo.

A literatura também tem um forte papel nesse processo, com muitas obras escritas em diferentes gêneros que contam com personagens LGBTQIAPN+ e que também sofreram censura por isso (Linné, 2007). Obras literárias foram, e são, adaptadas para os mais diferentes formatos o que, dependendo do tipo de representação das personagens, pode fazer com que quem assiste se sinta parte de algo. Essas diferentes formas de narrativa, constantemente, são “o primeiro contato que os jovens queers tem com sua história e seu futuro. Filmes podem fazer-nos temer um horizonte cinzento, ou dar-nos esperança quando tudo parece perdido; sobretudo, eles fazem-nos sentir pertencendo a algo, quando parecemos tão sem lugar” (Sarmet & Baltar, 2016, p. 54).

A percepção que temos de nós mesmos é construída, na maioria das vezes, a partir de nossas relações sociais. Nos percebemos através do olhar do outro e de nossa relação com ele (Costa, 2023), dessa forma também somos impactados por emoções geradas pelo que ouvimos falar sobre nós e do que vimos acontecer a pessoas que tem um comportamento, aparência ou desejos como os nossos. Diariamente, a cada momento, temos a oportunidade de construir e desconstruir nossas referências, conceitos e ideias. Influenciando e sendo influenciados o tempo todo, o que se refere também a aspectos da nossa sexualidade, conforme declara Britzman:

Como uma relação social no interior do eu e como uma relação social entre "outros" seres, a identidade sexual está sendo constantemente rearranjada, desestabilizada e desfeita pelas complexidades da experiência vivida, pela cultura popular, pelo conhecimento escolar e pelas múltiplas e mutáveis histórias de marcadores sociais como gênero, raça, geração, nacionalidade, aparência física e estilo popular. (Britzman, 1996, p.74-75)

Essa exposição tem um preço, através de nossas telas, como consumidores que nos tornamos, seja de notícias, comportamentos ou bens, desde muito cedo somos “bombardeados” com imagens e mensagens sobre pessoas e situações idealizadas. Assim, quem está fora do padrão pré-estabelecido é considerado inadequado e perdedor. Sobre esse aspecto, Han nos diz que “o smartphone, como o digital em geral, enfraquece a capacidade de lidar com o negativo” (Han, 2018, p. 45).

Os fatores elencados, muitas vezes, reforçam e são reforçados pelas representações negativas que acabam por interferir na percepção de si mesmo, tanto para representantes de grupos socialmente considerados minoritários, quanto dos que estão dentro do que é considerado “aceitável” pela sociedade. E essas representações impactam as pessoas em geral e, sobretudo, aos jovens em sua intensa necessidade de referências, de comunicação e, sobretudo, de aceitação.

2.2. JOVENS LGBTQIAPN+: “JOVENS QUE ANDAM NA CORDA BAMBA”¹⁸

Nosso contato com histórias de amor idealizadas, começa já na infância, através de livros e filmes infantis dos quais os contos de fadas são responsáveis por uma projeção de amor que atravessou muitas gerações, apesar de, gradativamente, as animações estarem se adaptando a novos públicos, vide o caso do filme *Nimona*¹⁹ (Netflix, 2023), de Roy Lee, Karen Ryan e Julie Zackary; e da animação seriada *Steven Universe*²⁰, criada por Rebecca Sugar, para o Cartoon Network. Após esse primeiro contato com “princesas” em eterna espera pelo amor que geralmente vinha a galope, personificado em príncipes cantores, entramos na adolescência assistindo novamente a casais heterocis como protagonistas de comédias românticas que estenderam esse cenário durante muitos anos, seja no cinema, seja em séries. Como uma pessoa LGBTQIAPN+ pode se sentir parte disso, sendo desde sempre lembrada do que não “pertence” a ela?

O que percebemos é que todos esses meios utilizados para propagar histórias de amor foram pensados para existências heterocis. Durante a infância, na maioria das vezes, não temos conhecimento da nossa sexualidade, que começa a ser pensada, sentida e, à vista disso, explorada, expressada e internalizada por volta da pré-adolescência ou início da adolescência (Adelson & AACAP CQI, 2012). É no período da adolescência que, majoritariamente, iniciamos e desenvolvemos nossos interesses amorosos, ao mesmo tempo em que enfrentamos uma fase difícil, de descobertas, dúvidas, tentativas de nos inserirmos e nos encontrarmos; sentimentos esses que podem acarretar muito stress e ansiedade (Lock & Steiner, 1999). É nessa época também que geralmente estamos mais disponíveis, sem o peso da vida adulta, para acessarmos as mais diversas formas de entretenimento que podem auxiliar na tarefa de tentarmos compreender os dilemas próprios dessa fase da vida. E se, nesses momentos, jovens

¹⁸ Frase citada por Rob Linné e dita por editores para Lynn Hall, autora de “*Sticks and Stones*” (um romance adolescente), a respeito de que demonstrar uma relação homossexual com final feliz poderia ser perigoso para os “jovens que dançam na corda bamba” (Linné, 2007, p. 147).

¹⁹ Retirado de <https://www.netflix.com/title/81444554>

²⁰ Retirado de <https://www.max.com/pt/pt/shows/steven-universe/eb66748d-f7f2-458a-aa7b-488e2fb8bef1>

LGBTQIAPN+ tiverem basicamente referências negativas de personagens que os representam, o que isso pode acarretar?:

Até os números estarem em igual proporção com mortes de personagens heterossexuais por um período prolongado, e até que os leads LGBTQ se tornem comuns e banais, os criadores têm a responsabilidade ética de considerar profundamente o impacto de seu trabalho nas audiências. (Bridges, 2018, p. 122)

Apesar das mudanças que vem ocorrendo nos ambientes familiares, em muitas famílias a ideia de suas crianças como príncipes e princesas ainda floresce e reforça o padrão repassado por inúmeras animações e filmes que abordam esse universo. E é neles que perduram os papéis que a sociedade reconhece como certos: o menino como um príncipe salvador e a menina como uma princesa à espera desse príncipe. Discursos que fortalecem as representações de gênero e o olhar sobre o que é a masculinidade e a feminilidade (Xavier Filha, 2011).

Durante muitos anos a possibilidade de pré-adolescentes e adolescentes LGBTQIAPN+ verem séries e filmes com relações amorosas vividas por pessoas como eles e que tivessem um final feliz, lhes foi negada (Bridges, 2018). Esse público, na maioria das vezes, não se via em nenhuma das histórias românticas das quais se lembrava e nem das que começava a conhecer, seja em leituras, seja em momentos em frente à TV ou mesmo nas telas de cinema. Se o cinema é “um produto da realidade” (Deleuze, 1996, p. 76) e nele a maioria das personagens LGBTQIAPN+ morrem ou “desaparecem”, qual a realidade que está sendo mostrada para esse público?

Um tipo de representação que acabava por expor uma “fórmula” de comportamentos e atitudes pensadas para um determinado público e que reproduziam e colaboravam para a posterior reprodução dessa ideia de que histórias de amor não eram para pessoas LGBTQIAPN+ (Linné, 2007). Para esses jovens, todas as suas vivências, descobertas e aprendizagens, em um período tão importante como a adolescência, e que trazem muito de erros e acertos, podem ser comprometidas por fatos assim. As descobertas dessa fase tão importante são feitas, muitas vezes, de forma solitária, sem a orientação ou diálogo com um adulto e sem o contato ou interação de outras pessoas como essa ou esse jovem (Saleiro, 2022). Ainda hoje, em pleno século XXI, adolescentes LGBTQIAPN+, além de não poderem contar com representações positivas no audiovisual e na mídia da mesma forma que jovens heterocis (Bridges, 2018), estão sujeitos a serem expulsos de casa por revelarem sua sexualidade ou por terem ela descoberta. Em alguns casos, essa parte do que são, se torna invisível entre os meios que circulam. Uma invisibilidade que deve ser combatida e que pode contar com a disponibilização cada vez maior de produções que contemplem esse público.

Em alguns países, essa possibilidade pode significar um “respiro” no meio do caos. Para uma maior compreensão do significado dessa frase, no próximo capítulo, será abordado a questão do recorte geográfico que incorre sobre um dos objetos dessa pesquisa.

2.3. O CASO DO BRASIL E A CENA GLOBAL: “O AMOR NUNCA DEVE SIGNIFICAR TER QUE VIVER COM MEDO”²¹

O número de casos de mortes violentas de pessoas LGBTQIAPN+ no Brasil foi de 316 (2021), 273 (2022), 257 (2023) e 291 (2024) (Gastaldi & Benevides, 2024; Grupo Gay da Bahia, 2025). Apesar desses números terem decrescido em 2022 e 2023, o aumento mostrado em 2024 deixa evidente que o Brasil segue sendo o país que mais mata e que possui mais ações de violência contra a população LGBTQIAPN+ - observando-se que esses dados não podem ser obtidos em países em que esses levantamentos não são realizados.

GRUPOS	Nº. DE MORTES 2023	Nº. DE MORTES 2024
Travestis/Mulheres Trans	159	96
Gays	96	165
Homens Trans/Pessoas Transmasculinas	8	6
Mulheres Lésbicas	8	11
Pessoas Bissexuais	1	7

Tabela 1: Estatística de número de mortes de pessoas LGBTQIAPN+ por grupo no ano de 2023 e 2024
Fonte: Comissão LGBTQIAPN+ Anamatra, 2024 e Grupo Gay da Bahia, 2025

Percebe-se na Tabela 1 que os números aumentaram e que em 2023 o grupo que mais sofreu violência e foi morto foi o de travestis e mulheres trans, cuja média da expectativa de vida, no Brasil, é de apenas 35 anos (Gastaldi & Benevides, 2024). Em 2024 esse número felizmente baixou, ao contrário dos casos com homens gays que quase dobrou. O recorte geográfico em que se insere o público escolhido, no caso, o brasileiro, para análise dos comentários, se deve ao fato de que o comportamento, as experiências e a identidade LGBTQIAPN+ em um país como o Brasil, são fortemente influenciados pela violência e preconceito com que essa comunidade é tratada, como mostram esses dados. Há que se entender a necessidade desse recorte, pois a realidade de pessoas LGBTQIAPN+ difere muito de um país para outro e no Brasil ainda há muito o que se conquistar. Isso se deve basicamente ao fato do Brasil, de sistema democrático ainda jovem, estar em um crescimento progressivo da extrema direita e,

²¹ Frase de DaShanne Stokes, sociólogo estadunidense.

por conseguinte, um fortalecimento de sua ideologia sob o tema “Deus, pátria e família” que exclui a comunidade LGBTQIAPN+ de suas ações, para se dizer o mínimo. Situação que ganha força, principalmente, a partir da voz de líderes conservadores, simpatizantes dessas ideologias, apoiados por movimentos e instituições religiosas e que, mesmo com o passar dos anos, se renovam periodicamente, como bem expressa a pesquisadora Guacira Louro:

Se, por um lado, alguns setores sociais passam a demonstrar uma crescente aceitação da pluralidade sexual e, até mesmo, passam a consumir alguns de seus produtos culturais, por outro lado, setores tradicionais renovam (e recrudescem) seus ataques, realizando desde campanhas de retomada dos valores tradicionais da família até manifestações de extrema agressão e violência física. (Louro, 2008, p. 21)

As redes sociais são canais usados com sucesso por pessoas que refletem esse tipo de comportamento, bem como a TV e seus produtos, que são reconhecidamente muito consumidos pelo público brasileiro. Segundo o Relatório Global Digital 2024, publicado em parceria com a Meltwater “os brasileiros ocupam o segundo lugar em tempo online diário, com os internautas do país gastando em média 9h13min por dia usando a internet” (We Are Social, 2024). Ainda segundo a pesquisa, os brasileiros utilizam as redes sociais em média 3h37min por dia, o que deixa o país em terceiro lugar no ranking mundial.

2.3.1. Marcas da Violência

No Brasil, e em tantos outros lugares, há casos, como o divulgado na imprensa, de uma criança trans que teve sua casa apedrejada, sua luz cortada e foi ofendida com palavras de baixo calão por habitantes que se diziam religiosos (Mergulhão, 2022). Uma criança, como tantas outras, vítima de um país em que muitas leis não são cumpridas e que possui um Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), estatuto esse que deveria servir para evitar barbáries como esta. Em situações assim, acaba-se criando uma dinâmica totalmente diferente entre membros de famílias LGBTQIAPN+, em que pais devem ter a atenção redobrada no que é orientado aos seus filhos, filhas e filhas sobre os cuidados para sua segurança e, porque não dizer, sobrevivência, em países como o Brasil (Mães pela Diversidade, 2024). O que acaba por unir mães e pais que passam por situação semelhante, como ocorre com famílias de pessoas negras, cujas mães e pais precisam ensinar seus filhos, filhas e filhas a se proteger devido ao racismo cada vez mais presente no país, como mostram Martins e Ferreira “muitos pais e mães ensinam seus filhos negros e negras a se proteger do racismo dizendo para não usar capuz, não correr, e não ter comportamentos que possam vir a ser vistos como a representação real daquilo que o racista vê: o perigo”

(Martins & Ferreira, 2020, p. 6). Se a pessoa LGBTQIAPN+ for negra, ela está duas vezes mais vulnerável e se for também uma travesti ou mulher trans são grandes as chances de sofrer violência no decorrer da vida (Gastaldi & Benevides, 2024).

Em situações como essa, toda a família precisa de apoio, algo que grupos como o “Mães pela Diversidade²²”, uma ONG formada por mães e pais de pessoas LGBTQIAPN+, oferece. Grupos esses que surgem para, além de acolher e informar, preencher lacunas deixadas por instituições formais, caso das escolas, haja vista que “por vezes, a discriminação contra crianças e adolescentes LGBTQIA+ é naturalizada por gestores e docentes da educação básica, o que insere esses indivíduos em uma condição de vulnerabilidade que dentre problemas psicológicos e sentimentos de exclusão, ocasionam também o abandono escolar” (Guimarães & Fernandes, 2022, p. 1284).

Situações desse tipo tendem a ocorrer de forma mais significativa em pequenas localidades, onde as pessoas “valem” pelo nome de família que tem (Sousa, 2020), o que pode levar muitos LGBTQIAPN+ a mudarem para cidades grandes e, assim, poderem viver sua sexualidade e seu amor mais livremente. Muitas vezes, a família sabe da orientação sexual de seu familiar, mas finge que não, dessa forma vários “problemas” podem ser evitados. Quanto mais jovem, pior essa situação se torna, pois não há a independência financeira necessária para se ter a liberdade de ser quem se é, longe da falta de aprovação familiar, conforme consta no levantamento sobre a situação financeira de pessoas LGBTQIAPN+ informado no diagnóstico feito pelo Coletivo Vote LGBT+ “é importante ressaltar que a capacidade de se autossustentar é determinante na possibilidade de viver e comunicar plenamente a sexualidade e as expressões de gênero” (VoteLGBT, 2021).

2.3.2. Alguns Retrocessos e Conquistas

Notícias sobre retrocessos em assuntos referentes aos direitos da comunidade LGBTQIAPN+ não deixam de ser veiculadas, sejam no Brasil (Pithon, 2023) ou no resto do mundo (Guimarães, 2023). Mesmo quando se pensava que haviam direitos sendo conquistados gradativamente, começava paralelamente a preocupação com a garantia desses direitos que se dá, infelizmente, conforme a vontade e a ideologia dos representantes de um país. Podemos citar como exemplo, o fato de que, em 2019, no Brasil, conforme decisão publicada no Diário Oficial, o governo do ex-presidente do país (2018-2022) suspendeu edital referente a séries LGBTQIAPN+ para TVs públicas (Niklas, 2019). Atualmente, Projetos de Lei tramitam para retirar direitos e reforçar o preconceito e a violência contra a comunidade. Desde o veto ao reconhecimento do casamento entre pessoas LGBTQIAPN+, com o PL 5.167/2009 (Haje,

²² Informação na bio do instagram da ONG. Retirado de <https://www.instagram.com/maespeladiversidade/>

2023), passando pela proibição de crianças e/ou menores de 18 anos em paradas do orgulho LGBTQIAPN+, ou mesmo eventos voltados à defesa dos direitos e da cidadania de pessoas LGBTQIAPN+, como consta no PL 0325/2023 (Câmara Municipal de São Paulo, 2023); PLO 159/2023 (Band UOL, 2024); PL 103/2024 (Assembleia Legislativa de SC, 2024) até a proibição de orientação e distribuição às escolas públicas, pelo Ministério da Educação e Cultura, de livros que versem sobre diversidade sexual para crianças e adolescentes PL 5487/2016 (Câmara dos Deputados, 2016). Alguns temas são mais visados que outros em projetos anti-LGBTQIAPN+ “um outro levantamento, realizado pela Agência Diadorim, mostra que os quatro principais temas abordados nas propostas anti-LGBTQIA+ são: proibição da linguagem neutra, de banheiros unissex, publicidade que promova a diversidade LGBTQIA+ e a participação de atletas trans em competições esportivas” (Guimarães, 2023, §10).

A nível mundial também houve o recuo sobre direitos LGBTQIAPN+ no esboço da Declaração do G7 (JB Internacional, 2024), ao contrário do que ocorreu na reunião do grupo em 2023, realizada em Hiroshima. Assim como avança a extrema direita mundialmente, avançam propostas anti-LGBTQIAPN+. Quanto maior o número de políticos conservadores, maior o número de propostas nesse sentido e elas têm sido apresentadas, e algumas aprovadas, nos parlamentos em todo o mundo. A derrota mais recente e que terá um profundo impacto sobre a comunidade LGBTQIAPN+ está vinculada a decisão da Meta – conglomerado de tecnologia e mídia social que inclui plataformas como Facebook, Instagram, Threads e WhatsApp – que, de acordo com nota publicada pelo presidente executivo Mark Zuckerberg, substituirá a checagem de fatos pois “os moderadores profissionais utilizados até agora são ‘muito tendenciosos politicamente’ e que era ‘hora de voltar às nossas raízes, em torno da liberdade de expressão’ (Braun, 2025), em uma evidente aproximação às ideias defendidas pelo presidente eleito dos EUA, Donald Trump. Os desdobramentos dessa decisão da Meta preocupam ativistas e instituições vinculadas às minorias que sofrem com discursos de ódio nessas plataformas, caso da comunidade LGBTQIAPN+. Trump ataca ferozmente a comunidade LGBTQIAPN+ principalmente as pessoas trans, tendo como uma de suas ações iniciais a revisão de “medidas de diversidade e de identidade de gênero” (Reuters, 2025).

Entre tantos retrocessos há vitórias também: no Brasil muitas se dão por interferência do próprio Supremo Tribunal Federal, como a decisão de que escolas devem combater discriminação por gênero ou orientação sexual (Rocha, 2024), bem como o PL 7292/2017 (Câmara dos Deputados, 2017) que torna LGBTfobia crime hediondo ou, ainda, o aumento em cinco vezes do número de pré-candidaturas LGBTQIAPN+ para as eleições municipais de 2024 (Thereso, 2024). No mundo, em matéria de conquistas, podemos citar a Tailândia como o primeiro país do Sudeste Asiático a legalizar o casamento entre pessoas LGBTQIAPN+ (Brasil de Fato, 2024).

Neste capítulo, discorreu-se sobre apenas alguns dos desafios e vitórias, o que pode ser entendido como suficiente para se perceber que nós devemos sempre estar atentos, pois a luta é diária e parece não ter fim. E essa luta da comunidade LGBTQIAPN+ se refere desde aos direitos mais básicos e urgentes até a forma como essas pessoas são representadas nos mais diferentes meios de comunicação, inclusive filmes e séries, tópico que será abordado no próximo capítulo.

3. REPRESENTAÇÃO DE PERSONAGENS LGBTQIAPN+ NA TELA: ACEITAR QUALQUER REPRESENTAÇÃO É MELHOR DO QUE NÃO TER REPRESENTAÇÃO?

O audiovisual e a mídia, muito mais que apenas entretenimento, são ferramentas poderosas de propagação de discursos, conhecimento de outras vivências e disseminação de assuntos em consonância com uma época ou era. Um olhar sobre narrativas e histórias contadas e compartilhadas, colaborando com a apreensão de parte da realidade em um mundo cada vez mais “conectado” (Townsend, 2021).

Mesmo concordando que muitas vezes as produções independentes permitem uma maior liberdade de roteiro e promove m um olhar *queer*, ou seja, um olhar que “questiona o sistema binário heterossexual normativo, e suas imposições nos corpos do mundo real, bem como as regras e discursos reiterados e punitivistas que determinam como devemos nos vestir, nos comportar, nos relacionar, e viver” (Lage, 2022, p. 35) - caso, por exemplo, da película filmada em preto e branco *Looking for Langston* (British Film Institute, 1989), de Isaac Julien e de *Longtime Companion* (The Samuel Goldwyn Company, 1989), de Norman René. Reconhece-se que quanto mais produções sobre esse tema forem feitas por grandes estúdios e *streamings* ou mesmo apenas distribuídas por eles, maior será a oportunidade de alcance de público e, conseqüentemente, de discussão dessas histórias. Histórias que se reforçam através de *fandoms*²³, termo que se refere a “comunidade de membros emocionalmente envolvidos no consumo/fruição regular de uma determinada narrativa da cultura popular” (Anaz, 2018, p. 253), e perfis de pessoas LGBTQIAPN+ que se proliferam nas redes; trazendo também importantes dados e curiosidades que muitas vezes não são abordados pela mídia convencional.

Outro ponto importante é que a internet potencializa a dinâmica entre os grupos, bem como entre as pessoas que deles fazem parte, conexão que ultrapassa as fronteiras geográficas e amplia o alcance das discussões. Os *fandoms* criam e partilham conteúdo nas redes, pesquisam sobre a equipe de uma determinada produção, *shippam*,²⁴ romances, seja nas produções ou fora delas, opinam, divulgam e acabam por movimentar todo o contexto de séries e filmes.

A escolha do *casting*, as personagens e, conseqüentemente, sua representação, podem ser influenciadas pela força desse tipo de público, por isso a importância do tema do próximo capítulo.

²³ União de duas palavras do inglês: fan e Kingdom. O principal interesse desses grupos costuma ser o universo artístico, seja ele literário, musical ou audiovisual e inclui também a vida e a obra de atrizes e atores.

²⁴ O neologismo “shipar” veio de “relationship”, em inglês, a partir do ship (torcer). Quando você “shipa” um casal, quer dizer que você (shipper) torce por ele, seja na ficção ou na vida real. O termo é usado principalmente para se referir a “personagens de séries, livros, filmes, mangás, etc. [...] No Brasil, o termo ficou mais conhecido na década de 2000. Devido aos lançamentos de várias séries de livros e filmes. Além disso, graças aos leitores e criadores de fanfics (histórias criadas por fãs), a expressão se popularizou.” Retirado de <https://segredosdomundo.r7.com/o-que-e-shippar/>

3.1. BREVE HISTÓRIA DA REPRESENTAÇÃO LGBTQIAPN+ NA TV E NO CINEMA

A representação de certos personagens em produções audiovisuais reflete, muitas vezes, quem detém o poder sobre determinada narrativa. A começar por quem está por detrás dessas produções, fato que pode interferir diretamente sobre o que vai ou não ser mostrado ao público. A forma como um grupo é representado, conforme o que vimos até agora, preponderantemente influencia de maneira direta como ele é visto pelos outros. Filmes com temática LGBTQIAPN+ mais próximos da realidade dessa comunidade, eram realizados, muitas vezes, como produções independentes que chegavam somente em uma parcela do público. Sobre a diferença entre Cinema LGBTQIAPN+ e Cinema *Queer* pode-se dizer que o primeiro se refere a filmes com personagens gays, lésbicas, trans etc, mas não necessariamente questionadores; já o segundo além de personagens LGBTQIAPN+, propõe um questionamento do *status quo* (Valle, 2024). Ao procedermos uma busca verificamos também que várias produções mais antigas não são encontradas em nenhum *streaming*, o que pode se modificar conforme o país em que é feita essa busca, haja vista que a grade de programação se modifica de país para país, principalmente no caso da Netflix (Cossetti, 2023).

Durante a história da participação de personagens LGBTQIAPN+ em produções audiovisuais percebemos que toda a complexidade e diversidade que envolve questões como sexualidade e gênero, em sua maioria, não eram retratadas ou o eram de maneira equivocada/estereotipada (e muitos ainda o são). Dessa forma todas as discussões e possibilidades de desdobramentos de suas histórias eram impossibilitadas e, em alguns casos, havia um apagamento literal (Sacramento & Ferreira, 2019), além de representações rasas se comparadas a profundidade das vivências LGBTQIAPN+:

A história da representação de lésbicas e gays no cinema mainstream é politicamente indefensável e esteticamente revoltante. Pode haver uma abundância de personagens gays flutuando pelas telas ultimamente, mas *plus ça change...* Visibilidade gay nunca foi realmente uma questão nos filmes. Gays sempre foram visíveis. É a forma como eles são mostrados que tem permanecido ofensiva por quase um século. (Russo, 1981, p. 325)

Se Russo considera que, apesar da forma como eram mostrados, os personagens gays eram visíveis, o mesmo não se pode dizer de personagens sáficas²⁵. Personagens LGBTQIAPN+ eram alegóricas, não observadas sob a sua individualidade e promoviam, na maioria das vezes, a possibilidade de alívio cômico ou vilania - até mesmo em animações da Disney - em um *queer coding*²⁶ já consolidado (Giovannelli, 2021). Em outras produções audiovisuais, personagens LGBTQIAPN+, principalmente

²⁵ Será usado também, no decorrer da pesquisa, o termo “público sáfico”, ambos se referem a mulheres que se relacionam com mulheres, dentre as mais diversas orientações sexuais (Nota da Autora).

²⁶ O termo *queer coding* concerne a “[...] signos indiciais que associam personagens fictícios a características tidas como pertencentes a pessoas LGBTQIA+[...]” (Giovannelli, 2021).

masculinos, representavam corpos que serviam apenas para o sexo e não para o amor (Fernandes, 2023). Assim, atravessamos uma longa jornada até que pudéssemos ter representações de histórias de amor dessa comunidade que fossem diversas e que contemplassem gradualmente também a diversidade desse público.

Ao estarmos em frente a uma tela do cinema, de TV ou de outros dispositivos, nos conectamos através dos sentidos, das sensações e sentimentos que envolvem a abstração e a imaginação (Costa, 2022). A possibilidade de conhecermos fragmentos de outras vivências ou mesmos de assistirmos aspectos da nossa própria existência, retratados nessa tela, denotam a importância de uma representação positiva. Mas qual a diferença entre representação e representatividade? Souza entende que “a representatividade funciona como um novo aspecto da representação, não a excluindo, mas que apresenta novas características” (Souza, 2021, p. 41).

A representação possui várias designações, trazidas durante a história por diferentes teóricos como Platão, Pierce, Pitkin, Lagarde, entre outros, e pode ser considerada “uma parte essencial do processo pelo qual os significados são produzidos e compartilhados entre os membros de uma cultura. Representar envolve o uso da linguagem, de signos e imagens que significam ou representam objetos” (Hall, 2016, p. 31). Ademais, por outro viés, ela também pode se referir a pessoas de um determinado grupo ou características em uma produção, enquanto a representatividade seria sobre a vida e a história dessas personagens possuírem um significado, sobre elas estarem inseridas no mundo e não à margem dele, em um constante diálogo com as outras personagens da trama (Marciano, 2021).

A representação pode ou não gerar uma identificação com uma ou mais personagens, “fazendo com que seja possível nos vermos na imagem ou na personagem apresentada na tela (Woodward, 2009, p. 19) - como será mostrado na análise dos comentários nessa pesquisa -, o que faz com que o público acabe por se envolver com sua história, vivenciar suas emoções, perceber o mundo através do seu olhar:

A representação inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeito. E por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos. Podemos inclusive sugerir que esses sistemas simbólicos tomam possível aquilo que somos e aquilo no qual podemos nos tornar. (Woodward, 2009, p. 15)

Aspectos como a complexidade, a importância das personagens e o impacto de sua história dentro do enredo estão diretamente ligados a qualidade dessa representação. Há a necessidade de protagonismo ou pelo menos de um espaço maior para as personagens que representam a comunidade,

assim como pessoas LGBTQIAPN+ agindo por trás das telas. Em suma: o “estar” ali difere muito de “como” se está ali. O “lugar” é ocupado, mas “qual” lugar é esse?

Algumas possibilidades significativas vêm ocorrendo atualmente com uma maior realização de produções com temática LGBTQIAPN+ (Velloso, 2018). O público dessas produções pode agora escolher histórias com múltiplas abordagens, com uma ampla cartela de personagens, proporcionando uma identificação e conexão maior, contemplando, assim, as diferentes expectativas de pessoas da comunidade. Produções audiovisuais com um trabalho cuidadoso de representação das personagens LGBTQIAPN+ podem contribuir com a mudança do imaginário homofóbico e fazer com que pessoas heterossexuais revejam seus conceitos; conforme informado no relatório GLAAD em parceria com a Netflix e exemplificado na figura 1 “para 81% do público entrevistado e que não é LGBTQIAPN+ assistir produções que retratam esses personagens acaba por conectá-los a eles. Já 85% das pessoas LGBTQIAPN+ entrevistadas relatam sobre o papel dessas produções na compreensão de seus familiares sobre a temática” (GLAAD, 2023).



Figura 1: Histórias que aproximam público heterossexual e LGBTQIAPN+
Fonte: Gay Blog²⁷, 2024

²⁷ Retirado de https://gay.blog.br/wp-content/uploads/2020/06/BRA_Pride-Infographic-1.jpg

Se partirmos da concepção de que, como seres sociais que somos, construímos e desenvolvemos nossa identidade a partir da observação do outro, do que ele diz, faz ou demonstra, percebemos que isso, além de estar fortemente ligado ao meio em que vivemos e interagimos, seja ele familiar ou social, acontece também a partir do que lemos (livros, jornais, revistas etc.), ouvimos (radio, podcast etc.) e, principalmente, vemos (TV, cinema etc.) (Vaz, 2012). A força, o alcance e, sobretudo, a influência da imagem é, quase majoritariamente incontestável e pode justificar muito do controle sobre o que assistimos:

O seu poder de persuasão seria tal que ela poderia levar ao pior em cada um de nós, mais eficazmente do que a palavra, mais do que o livro, mais do que o exemplo, mais do que a educação, mais do que o determinismo social, mais do que tudo. É preciso notar antes de mais o que este medo revela de hierarquização implícita dos actos de comunicação: do dizer ao ver, do ver ao fazer. (Joly, 2005, p. 118)

A indústria do audiovisual envolve uma gama de profissionais e investimentos que, necessariamente, devem dar retorno, e este retorno depende, e muito, da reação do público. Para um estúdio investir em uma produção, ele tem que acreditar que ela, que essa “fórmula” de entretenimento, de alguma maneira, dará certo com o público que assiste; o que abrange desde a escolha do elenco ao desenvolvimento do roteiro, entre outros fatores. No momento em que o lucro e o investimento ditam uma produção, com certeza isso pode afetar a forma como determinados personagens serão representados, bem como reforçar a utilização de ações como o *queerbaiting* e de tropos como o *Bury Your Gays*. O crescente interesse no consumo e, por conseguinte, no dinheiro do público LGBTQIAPN+, termo reconhecido como *pink money*, pode, mesmo que não pelos motivos almejados, influenciar uma mudança na sua representação (Sacramento & Ferreira, 2019).

As produções de TV ou cinema se utilizam de uma linguagem bastante parecida, além do fato da TV geralmente seguir a adesão do cinema a normas e códigos impostos pela sociedade e de usar de acontecimentos significativos ou de possibilidades dramáticas que possam ter um alcance maior com o público. Há outros aspectos que envolvem essas produções, com investimentos cada vez maiores:

(...) principalmente a partir dos anos 2000, as produções de séries televisivas passaram a compartilhar elencos, diretores e roteiristas consagrados com as produções cinematográficas, têm recebido dotações orçamentárias nos mesmos patamares de muitos blockbusters e usado tantos recursos tecnológicos quanto as grandes produções para o cinema, como as imagens geradas por computador (CGI, na sigla em inglês). (Anaz, 2018, p. 241-242)

Ainda segundo Anaz, há aspectos que divergem entre cinema e série, caso dos “fluxos de criação, tomada de decisões corporativas e produção em cada um desses processos” (Anaz, 2018, p. 242), além do papel de quem dirige e cria essas produções. Podemos considerar, também, que essas duas formas de audiovisual têm uma estruturação distinta, haja vista que o cinema pode ser considerado uma produção “fechada”, na qual o que pode levar ao sucesso deve ser estudado e planejado antes e, mesmo que tenham mudanças durante a produção (roteiro, pessoas que atuam e dirigem etc.), um filme inicia, se desenvolve e acaba em uma média de duas horas e 30 minutos; uma dinâmica modificada em casos de franquias. Já as séries podem ser consideradas produções “abertas”, observando-se quem em séries há a possibilidade de se verificar se o enredo está funcionando durante a temporada, no caso de produções cujo episódio seja semanal; ou pouco depois de sua exibição, o que ocorre nos casos em que todos os episódios são liberados no mesmo dia.

Aliada a esses fatores, a forma como os fãs recebem a obra tem potencial para influenciar a tomada de decisões e possíveis mudanças de uma temporada para outra. O resultado da recepção do público pode proporcionar cancelamentos ou que a trama seja melhor desenvolvida e, por consequência, torne as personagens mais complexas (Magalhães-Costa & Vasques-Ferreira, 2018). A recepção do público à história e as personagens acaba por motivar mudanças, tanto no enredo, quanto na ampliação ou na diminuição do tempo de tela de uma determinada personagem ou núcleo. O não entendimento das demandas de quem assiste pode comprometer os lucros e a própria produção de uma obra, seja ela um filme ou uma série. Sobre a mudança de posicionamento do público e sua interação com a equipe de uma produção audiovisual, Jenkins coloca “os fãs são o segmento mais ativo do público das mídias, aquele que se recusa a simplesmente aceitar o que recebe, insistindo no direito de se tornar um participante pleno” (Jenkins, 2006, p. 131).

A possibilidade de saber a reação do público a uma trama muito se deve, atualmente, às redes sociais e a seu crescente desenvolvimento. Esse retorno, seja sobre produções de TV ou cinema, ocorre e pode ser mensurado com uma enorme velocidade a partir de estudos de audiência, de *views*, através do Instagram, do X (ex-Twitter), do Tumblr, do TikTok e do próprio Youtube; plataformas que podem ser utilizadas para se saber o alcance de uma produção e que, majoritariamente, podem influenciar mesmo o cancelamento ou permanência de uma série ou franquia de filmes (Magalhães-Costa & Vasques-Ferreira, 2018). Dentro desse viés é percebido que conseguir que uma série seja renovada por mais temporadas já é uma prova de que, de alguma forma, aquela história conseguiu atingir o seu objetivo. Essas redes têm se tornado um elo, cada vez maior, entre pessoas que procuram compreender não só

a sociedade em que vivem, mas a elas mesmas: suas crenças, sua identidade, sua sexualidade e tantas outras coisas que as movem (Vaz, 2012).

A partir dessas colocações, podemos entender como formas de “direcionamento” dessas histórias ocorreram através dos tempos, caso do Código de Produção de Filmes ou Código Hays (1930 a 1954), que recebeu o nome em referência ao seu criador, Will H. Hays, um diácono presbiteriano e ex-presidente do Comitê Nacional Republicano. Na época Hays era presidente da organização “Produtores e Distribuidores de Filmes da América” que atualmente é conhecida como MPPDA. O código começou realmente a ser aplicado em 1934 e foi criado com o fim de definir critérios e temas a serem tratados nos filmes (Santos, 2022). O referido Código tinha uma lista de restrições com termos como “don’t” e “be careful” e segundo a concepção dos idealizadores do Código, representações de crimes andavam lado a lado com restrições à sexualidade e a tipos de romance (Fragoso, 2024). Nos filmes, “os personagens considerados ‘desviantes’, não somente os homossexuais, mas também as mulheres liberadas, a exemplo da mulher fatal do filme *noir*, foram sistematicamente estigmatizados” (Beaulieu, 2021, p. 44). O Código Hays acabou por influenciar a forma como certas personagens e situações eram e ainda são representadas, o que nos leva a situações em que podemos reconhecer o tropo *Bury Your Gays* (BYG) e a utilização do *queerbaiting*, tanto em filmes, quanto em séries, e mesmo novelas.

No decorrer da história do cinema e da TV, em toda a era pré e pós Código Hays, recorria-se ao padrão de reforçar as “características” de um personagem heterocis, sempre protagonista, utilizando como contraponto um personagem LGBTQIAPN+, com uma grande probabilidade de ele ser um alívio cômico (Linné, 2007), dentre esses personagens sobressaía-se a Sissy no início do cinema, “no cinema, o gay foi inicialmente identificado como o Sissy, o homem afeminado, automaticamente associado a alguma forma de fraqueza e desmaio, basicamente um termo carinhoso para guetizar a chamada ‘diversidade homossexual’” (Schinardi, 2003, p. 17).

Um grande número de personagens LGBTQIAPN+ serviam geralmente apenas como adorno, com seus trejeitos caricatos e nenhuma vida amorosa ou sexual; ou mesmo como amigo da personagem principal, como, por exemplo, Stanford Blatch da série *Sex and the City*²⁸ (HBO, 1998-2004), de Darren Star. As personagens LGBTQIAPN+, em sua esmagadora maioria, não eram protagonistas e quando o eram, retratavam comportamentos estereotipados, em uma representação considerada “aceitável” para o público heterocis (Steinberg, 2007). Um tipo de representação que acabava por fortalecer o discurso e a força da família “tradicional” dentro das significações criadas para esse público. Nessas produções há também uma diferença entre as personagens que representam gays e lésbicas:

²⁸ Retirado de <https://queer.ig.com.br/2022-10-13/personagens-gays-estereotipados-series-e-cinema.html.ampstories>

Em termos quantitativos, os gays apareciam muito mais nos filmes, justamente pelo fato de que sua forma estereotipada flertava diretamente com o humor, principalmente se um homem apresentasse traços de feminilidade ou se vestisse de mulher, por exemplo. Enquanto o perfil lésbico menos comum, usualmente ocupava o lugar nebuloso do mistério e da dúvida, sendo inclusive socialmente mais aceito por estar inserido em um contexto machista e fetichista (...). (Moreira, 2016, p. 22-23)

Doravante, quando alguma personagem LGBTQIAPN+ ultrapassava essa barreira de alívio cômico e assexualidade forçada ou ela era “curada” ou acabava sozinha, ou o seu parceiro, quando não ela própria, era morto na trama. As diferentes possibilidades relacionadas a sexualidades consideradas disruptivas poderiam até serem sugeridas, mas deveriam ser punidas de alguma maneira. Essa forma de punição pode ser percebida em várias produções que serão citadas posteriormente.

Afora esse contexto, serão elencados alguns filmes considerados emblemáticos, de uma forma ou de outra, dentro da temática LGBTQIAPN+. Início com aquele que é considerado, por muitos pesquisadores, o primeiro filme *queer* da história do cinema; o filme mudo alemão *Anders als die Anderen* (Richard Oswald-Film GmbH, 1919), de Richard Oswald, que retrata a paixão de um violinista por seu pupilo. A obra *Mädchen in Uniform* (Bild und Ton GmbH, 1931), de Leontine Sagan, baseada na peça *Gestern und heute*, é vista como um dos primeiros filmes lésbicos da história. Na década de 60, marcante na luta da comunidade, vide a rebelião de Stonewall²⁹ em 1969 (Perroni et al., 2019), temos *Victim* (AFM, 1961), de Basil Dearden, reconhecido como “o primeiro filme de língua inglesa a utilizar verbalmente a palavra homossexual” (Alves, 2019, §8), e que, artisticamente, foi um dos responsáveis pela descriminalização da homossexualidade masculina no Reino Unido³⁰ (1967 na Inglaterra e País de Gales, início de 1980 na Escócia e Irlanda). O período de criminalização de relações homossexuais também foi mostrado, mais recentemente, no belo e triste filme *My policeman* (Amazon Studios, 2022), de Michael Grandage, no qual as três personagens principais são vítimas, cada uma à sua maneira, de um sistema que criminaliza uma forma de amor que não seja heterocis. Dentre os filmes com abordagens diversas nessa temática, não podemos deixar de mencionar o icônico musical *The Rocky Horror Picture Show* (20th Century Fox, 1982), de Jim Sharman, que trouxe um novo olhar para a liberdade sexual e de gênero. Nessa década é importante frisar também o filme *Maurice* (Cinecom Pictures, 1987), de James Ivory, por sua temática mais romântica, mas que conta com a interrupção do envolvimento entre dois jovens estudante. O filme recebeu o Leão de Prata no Festival de Veneza.

²⁹ As manifestações contra a invasão do bar Stonewall Inn, ocorridas em 28 de junho de 1969, são atribuídas como o início da história da luta por direitos da comunidade LGBT e consideradas um símbolo de resistência que deu origem ao Dia Internacional do Orgulho LGBTQIA+ (Perroni et al., 2019).

³⁰ Retirado de <https://www.magazine-hd.com/apps/wp/50-filmes-lgbtq-historia-cinema/47/>

Na década de 90 inicia-se o *Novo Cinema Queer*³¹, ainda sobre o efeito da AIDS/HIV/SIDA - fato que influenciou a construção histórica da comunidade LGBTQIAPN+. A película *Bound* (Vitória Filmes, 1996), das Irmãs Wachowski, traz dois pontos importantes: a partir do momento em que as cineastas se identificaram como mulheres trans, sua obra começou a ser vista por outro viés, como produto de uma construção *queer*, que ainda gera análises sobretudo em sua obra-prima: o filme *Matrix* (Warner Bros Pictures, 1999). A partir desse novo olhar, considera-se *Bound*, que tem uma trama policial protagonizada por personagens sáficas, como uma obra com personagens LGBTQIAPN+, realizada por pessoas da comunidade. As cineastas também são as criadoras da série *Sense 8* (Netflix, 2015-2018) que trata de maneira diferenciada a questão da sexualidade. As Irmãs Wachowski, são cineastas reconhecidas que puderam expor sua sexualidade e transpô-la para suas obras, o que pode ser considerado uma conquista, pois em décadas anteriores “muitos eram os cineastas queer que tiveram de esconder suas identidades ou encher os seus filmes com subterfúgios e significados encriptados por metáforas aparentemente inofensivas de modo a se expressarem” (Alves, 2019, §32). *Sense 8*, além das personagens, tem pessoas LGBTQIAPN+ dentro e fora das telas, o que nos relembra a importância da ocupação desses espaços para um “controle” de narrativas. Há, outrossim, muitos casos de atores e atrizes heterocis que conseguem esses papéis, mas o contrário não costuma ocorrer. Pessoas que atuam e que tem sua identidade LGBTQIAPN+ revelada, muitas vezes não costumam conseguir papéis distintos da sua orientação sexual ou identidade de gênero, principalmente se performarem diferente do que é socialmente reconhecido como do gênero com o qual se identificam (de maneira mais feminina ou mais masculina). Atores e atrizes percebidos como heterocis muitas vezes foram indicados a prêmios por suas interpretações de pessoas trans, em uma prática conhecida como “transfake” (Vasconcelos, 2018), caso do ator cisgênero Eddie Redmayne que interpretou Lili Elbe - considerada a primeira mulher trans registrada -, em *A Garota Dinamarquesa* (Focus Features, 2015), de Tom Hooper. Atualmente Redmayne disse que não aceitaria o papel e que se arrepende por tê-lo feito (Owoseje, 2021).

O aumento do número de tramas com personagens LGBTQIAPN+ ocorre a partir dos anos 2000, período marcado pelo maior reconhecimento das reivindicações e pelas conquistas do movimento LGBTQIAPN+ (Sacramento & Ferreira, 2019). Atualmente a oferta de produções audiovisuais com essa temática, proveniente de diversos países, tem aumentado e se diversificado, como os famosos doramas

³¹ Expressão cunhada por B. Ruby Rich em um artigo publicado na *Sight and Sound* (1992) “[...] surgiu da longa e importante tradição de produção cinematográfica gay e lésbica na história do cinema independente, experimental e “outsider.”” (BFI – British Film Institute, 2017). O termo se refere a filmes produzidos no fim dos anos 80 e início dos anos 90. Retirado de <https://www2.bfi.org.uk/news-opinion/sight-sound-magazine/features/new-queer-cinema-b-ruby-rich>

GL (Girls Love) e BL (Boys Love)³² e as *webséries* (feitas para o Youtube). Possivelmente, quando essa pesquisa for defendida e mais ainda quando for publicada, um maior número de produções estará disponível, o que mesmo sendo um cenário muito satisfatório, nos lembra de que a quantidade nem sempre se refere a qualidade nas representações desse público.

3.2. REPRESENTAÇÃO POSITIVA E NEGATIVA EM PRODUÇÕES AUDIOVISUAIS

Ao serem trazidos aspectos da representação, mesmo utilizando-se de uma proposição binária do que é positivo e negativo, entende-se como representação positiva aquelas que trazem personagens LGBTQIAPN+ complexos, bem estruturados e com importância dentro da trama, sob uma ótica negativa temos narrativas com personagens rasos, estereotipados, caricatos que servem apenas como adereço ao personagem heterocis. Dentro dessa última pode-se acrescentar ainda a negação da sexualidade de uma personagem, não por uma escolha própria, mas apenas para “angariar” o público heterocis e, também, a utilização de tropos como o *BYG*, que difere de uma morte usada como recurso narrativo, por servir como um subterfúgio deliberado para o apagamento de uma personagem a partir de sua morte sob determinadas circunstâncias.

No que se refere a representações de personagens LGBTQIAPN+ em filmes, ainda na década de 90, podemos citar o exemplo de *In & Out* (Touchstone Pictures, 1997) de Frank Oz, em que o personagem Howard (Kevin Kline) não se reconhece como LGBTQIAPN+, mas é “tirado do armário” por um aluno. No decorrer da história sua sexualidade e desenvolvimento amoroso não são desenvolvidos e a obra esbarra na questão dos estereótipos. Steinberg considera que o filme externa atitudes e comportamento que são considerados “próprios” de um homem gay e que automaticamente reforçam como um heterossexual não deve se comportar, criando uma espécie de “caricatura homossexual” (Steinberg, 2007).

No final dessa década, o público assistiu também a filmes como o estadunidense *Boys don't cry* (Searchlight Pictures, 1999), de Kimberly Peirce, baseado em uma história real do jovem trans Brandon Teena (interpretado por Hilary Swank, em mais uma prática de *transfake*) e, nos primeiros anos do século

³² Originalmente, o termo “Girls Love” era destinado apenas a **mangás e animes** com relacionamentos entre mulheres. Com o decorrer do tempo, os doramas também adotaram essa classificação. O **Japão** é o país pioneiro em obras cinematográficas sobre relacionamentos lésbicos. O termo “Boys Love” entrou em uso nos anos **1960**, mas somente após 30 anos, na década de **1990**, ele foi adotado para classificar **mangás e produções audiovisuais**. A partir de **2003**, as primeiras publicações BL em inglês entraram no mercado. O país de maior destaque em romances BL é a **Tailândia** - em 2020, mais de 80 obras foram produzidas. Retirado de O **Japão** é o país pioneiro em obras cinematográficas sobre relacionamentos lésbicos. O termo “Boys Love” entrou em uso nos anos **1960**, mas somente após 30 anos, na década de **1990**, ele foi adotado para classificar **mangás e produções audiovisuais**. A partir de **2003**, as primeiras publicações BL em inglês entraram no mercado. O país de maior destaque em romances BL é a **Tailândia** - em 2020, mais de 80 obras foram produzidas. Retirado de <https://www.oliberal.com/cultura/o-que-e-dorama-bl-e-gl-conheca-o-subgenero-e-as-principais-producoes-1.7958>

XXI, *O segredo de Brokeback Mountain* (Focus Features, 2005), de Ang Lee, ambos filmes em que as histórias de amor entre personagens LGBTQIAPN+ terminavam de forma trágica. As abordagens realizadas, para histórias de amor, salvo uma ou outra produção, seguiam geralmente essa linha. O conto “Brokeback Mountain”, da escritora Anne Proulx, do qual a obra foi adaptada “reforça a prática de assassinatos a homossexuais de forma brutal em pequenas cidades estadunidenses ao longo do século XX” (Bezerra Júnior, 2024, p. 155). Mesmo *Boys don’t cry* sendo baseado em uma história real - ou seja, infelizmente, um retrato do que ocorre na realidade - e *Brokeback Mountain* ser uma ficção, não há como não observarmos a direção tomada pelas narrativas “que buscam construir, dramaturgicamente, os conflitos culturais da experiência queer, e é a partir desses conflitos que as identidades queer são visíveis” (Britzman, 1996, p. 54). Como que para compensar o peso dessas histórias é lançado, ainda em 2005, a comédia romântica sáfica *Imagine eu & você* (2005), que termina com um final feliz para as protagonistas.

No Brasil, em meados de 2010, houve o premiado curta-metragem *Eu não quero voltar sozinho*³³ - um sucesso no YouTube com quase 9,5 milhões de visualizações – seguido pelo longa *Hoje eu quero voltar sozinho*³⁴ (Lacuna Filmes, 2014), ambos de Daniel Ribeiro. As películas fizeram sucesso com o público brasileiro e abordam o desenvolvimento do primeiro amor entre meninos de forma delicada, tendo como diferencial importante o fato do protagonista ser um garoto com deficiência visual. O filme *Carol* (2016), de Todd Haynes, baseado na obra “The Price of Salt” (1952), da conhecida autora Patricia Highsmith, sob o pseudônimo Claire Morgan. O livro aborda o desenvolvimento da relação amorosa entre duas mulheres, com possibilidade de um final feliz. Em entrevistas a autora relatava ter recebido cartas de leitoras agradecendo a possibilidade de um final feliz que o livro havia trazido (Souza, 2021). Mas *Carol* não era um filme para adolescentes, apesar de uma das personagens envolvidas ser uma mulher jovem, chamada Therese, que se apaixona por Carol, uma mulher mais experiente, presa em um casamento infeliz.

E eis que chega, em 2018, baseado no livro “Simon vs. a agenda homo sapiens” (Balzer & Bray, 2015), da escritora americana Becky Albertalli, o filme estaduniense *Com amor, Simon*³⁵ (Fox 2000 Pictures, 2018), de Greg Berlanti, um diretor abertamente gay que disse ao Omelete Entrevista³⁶ “ter a presença de um adolescente gay no centro de uma comédia romântica é algo positivo de um jeito diferente (...). Ele preencheu um vazio que eu nem sabia que estava lá, em me ver, ou uma versão de mim, em uma tela”. O filme deu início a uma nova fase para as relações românticas entre personagens

³³ Retirado de <https://www.youtube.com/watch?v=1Wav5KjBHbl>

³⁴ Retirado de <https://www.adorocinema.com/noticias/filmes/noticia-1000080541/>

³⁵ Retirado de <https://www.disneyplus.com/pt-pt/movies/com-amor-simon/iOs6PVfiB9Ng>

³⁶ Retirado de <https://www.youtube.com/watch?v=RNA8p3rR3xY>

LGBTQIAPN+, principalmente jovens, com uma representação mais positiva, mostrando que é possível, sim, viver uma história de amor LGBTQIAPN+ com final feliz, com possibilidades futuras. Seu sucesso acabou por inspirar a série *Com amor, Vitor*²⁷ (Hulu, 2020-2022), criada por Isaac Aptaker e Elizabeth Berger. No final do filme, o protagonista Simon, ao escrever no site da escola - o mesmo cujo responsável havia feito um post que acabou por “tirá-lo do armário” contra sua vontade - diz:

Eu sou gay. Por muito tempo, fiz de tudo pra esconder o fato. Eu tinha vários motivos. Era injusto que só gays se assumissem. Estava farto de mudanças..., mas era medo. Pensei que fosse coisa de gay. Depois notei que, acima de tudo, anunciar quem você é pro mundo é apavorante. E se o mundo não gostar de você? Então eu fiz de tudo pra manter segredo. [...] Cansei de ter medo. Cansei de viver num mundo onde não sou eu mesmo. Eu mereço viver uma grande história de amor. [...] O cara que eu amo escreveu que se sentia preso numa roda-gigante. No topo do mundo uma hora e no fundo do poço na outra. É como me sinto. Não poderia pedir amigos mais incríveis, nem família mais compreensiva. Mas seria melhor se tivesse com quem compartilhar. (Com amor, Simon, 2018)

Sobre séries, citarei *Buffy, a caça-vampiros* (United Paramount Network, The WB, 1997-2003), de Joss Whedon, também iniciada na década de 90, com o inspirador relacionamento de Willow e Tara. Mais recentemente, a já citada série *The 100*, de Jason Rothenberg, que trouxe a relação entre Clarke e Lexa (*Commander of the Grounders*) - essa última, apesar de sua liderança e força, não escapou da morte, na frente de sua amada, assim como Tara. Sob um certo prisma isto nos remete a questão da influência da imagem (Joly, 2005) que, baseada em um viés “torto”, propaga essa ideia de impossibilidade amorosa para a comunidade LGBTQIAPN+. Essa circunstância era, por um lado, reflexo da resistência de parte do público heterocis que fala sobre a influência negativa que a visualização de cenas envolvendo personagens LGBTQIAPN+ poderia ter em “famílias tradicionais”, como se a orientação sexual dos jovens da família pudesse ser modificada pela influência da imagem vista (Joly, 2005). Assim, não há surpresa no fato de que muitas pessoas LGBTQIAPN+ não se identificassem com nenhuma das personagens ou das histórias mostradas nas telas, e que muitos jovens tivessem dificuldade em compreender a sua sexualidade, pois não havia exemplos a serem observados.

Surgem alternativas diferentes, entre elas, a série *Glee* (2009-2015), criada por Ryan Murphy mesmo criador da série *Pose*, Brad Falchuk e Ian Brennan, que trouxe uma pluralidade de personagens, apresentando carismáticos personagens LGBTQIAPN+ com suas histórias de amor, tendo como plano de fundo o clube de coral de uma escola. Os personagens principais e o tema central ainda não giravam em torno de uma história de amor LGBTQIAPN+ nos moldes de contos de fadas adolescentes. Havia,

²⁷ Retirado de <https://www.disneyplus.com/pt-pt/series/love-victor/3tV91pQuOk2K>

ademais, várias produções com personagens LGBTQIAPN+ que orbitavam em torno de protagonistas heterocis ou cuja história não tinha como foco principal uma história de amor, um romance entre personagens LGBTQIAPN+, que é o que torna uma série como *Heartstopper* necessária. Há várias outras séries com personagens e/ou temática LGBTQIAPN+, lançadas a partir dos anos 2000:

[...] *Queer as Folk* (2000 - 2005) e *The L Word* (2004 - 2009) e a crescente entrada de personagens LGBT, sobretudo em produções voltadas para o público adolescente como *The OC* (2003 - 2007), *Skins* (2007 - 2013) e *Glee* (2009 - 2015). [...] Atualmente, é possível encontrarmos personagens lésbicas, gays, bissexuais e transgêneras em praticamente todas as narrativas televisivas. *House of Cards*, *Game of Thrones*, *The Walking Dead*, *The Fosters*, *Orphan Black*, *The 100*, *Pretty Little Liars*, *American Horror Story*, *Unbreakable Kimmy Schmidt*, *Once Upon a Time*, *Boy Meets Girl*, *Master of None*, *Orange Is The New Black*, *Transparent* (...). (Sarmet & Baltar, 2016, p. 52)

Além das produções já citadas, há produções mais atuais que trazem, como protagonistas, personagens LGBTQIAPN+ jovens e complexos, com sua história desenvolvida e diversidade de etnia/raça, corpo, identidade etc. No caso de filmes, temos a comédia romântica “leve”, *Alex Strangelove* (Netflix, 2018), de Craig Johnson; neste ano também foi possível conhecer o comovente *Rafiki* (Big World Cinema, 2018) de Wanuri Kahiu, inspirado no conto *Jambula Tree*, escrito pela autora ugandense Monica Arac de Nyeko. Em 2020, é lançado o triste e belo filme taiwanês *Seu nome gravado em mim* (Film Oxygen, 2020), de Patrick Kuang-Hui Liu. Neste mesmo ano também temos um filme que nos deixou com gosto de quero mais, caso de *Você nem imagina* (Likely Story, 2020), de Alice Wu. A película *Crush* (Animal Picture, 2022), de Sammi Cohen, mostra um “triângulo amoroso” sáfico. No próximo ano o filme *Bottoms* (Orion Pictures, 2023), de Emma Seligman, mostrou uma inversão de papéis em uma comédia escrachada que conta com um romance entre a impagável Josie (Ayo Edebiri) e Isabel (Havana Rose Liu). Há, ainda, *Vermelho branco e sangue azul* (Amazon Studios, 2023), de Matthew Lopez - inspirado na comédia romântica homônima (2019), de Casey McQuiston - que traz uma possibilidade insólita de romance entre um príncipe e o filho da presidente dos Estados Unidos da América.

Em produções seriadas, que têm como protagonistas personagens LGBTQIAPN+ e retratam histórias de amor, tem-se *Special* (Netflix, 2019-2021), de Ryan O'Connell, baseada no livro de memórias “I'm Special: And Other Lies We Tell Ourselves” (2015) do mesmo autor, série que trata sobre um jovem gay com paralisia cerebral e suas descobertas sexuais e amorosas; no mesmo ano temos *Dickinson* (Apple TV+, 2019-2021), de Alena Smith, inspirada na vida da escritora Emily Dickinson quando jovem. A espanhola *Smiley* (Netflix, 2022), de David Martín Porras e Marta Pahissa, baseada na peça de mesmo nome de Guillem Clua e que conta a história de dois homens e um grupo de amigos em sua jornada na

busca pelo amor; e, por último, uma série que também é admirada por boa parte dos fãs de *Heartstopper*: a sueca *Young Royals* (Netflix, 2022-2024), de Lisa Ambjörn, Sofie Forsman e Tove Forsman, cujo enredo gira em torno da história de amor entre o príncipe da Suécia, Wilhelm (Edvin Ryding), e o plebeu Simon (Omar Rudberg).

Além das séries *teen* já citadas, há personagens LGBTQIAPN+ no núcleo central de várias séries, entre elas, *Stranger Things* (Netflix, 2016-), dos irmãos Matt e Ross Duffer; *Jovens Titãs* (Netflix, 2018-2023), de Akiva Goldsman, Geoff Johns e Greg Berlanti, baseado na equipe dos “Novos Titãs”, da DC Comics; *Sex Education* (Netflix, 2019-2023), de Laurie Nunn; *Umbrella Academy* (Netflix, 2019-2024), de Steve Blackman, baseada na série de histórias em quadrinhos de mesmo nome criada por Gerard Way e ilustrada por Gabriel Bá, *O filho bastardo do diabo* (Netflix, 2022), de Joe Barton, inspirada na trilogia de livros “Half Bad”, escrita pela autora inglesa Sally Green e *Agatha All Along*. (Disney+, 2024-) que explora a estética Camp³⁸ e tem como co-protagonista Joe Locke, ator abertamente gay, - intérprete de Charlie em *Heartstopper* – no papel do Wicciano, um personagem gay dos quadrinhos, além do envolvimento da própria bruxa Agatha (Kathryn Hahn) com Rio Vidal (Aubrey Plaza) que interpreta a Morte na trama. Importante salientar que Locke será homenageado com o Prêmio Impacto da Human Rights Campaign (HRC)³⁹ por “trazer histórias e vozes LGBTQ+ significativas para públicos de todo o mundo” (Pappy, 2025, §1). Sobre a homenagem o ator falou “tem sido uma alegria e um privilégio contar histórias LGBTQ+ e contribuir para um mundo onde todos, independentemente de quem sejam ou de quem amam, possam viver de forma autêntica e sem medo” (Pappy, 2025, §4). Uma das grandes vitórias conseguidas pelo ator foi a revogação da lei que proibia a doação de sangue por homens gays na Ilha de Man, sua terra natal. O anúncio ocorreu após a repercussão da sua fala na Parada do Orgulho do país (Sales, 2022).

Para avaliar produções com temática LGBTQIAPN+, a ONG GLAAD - Gay & Lesbian Alliance Against Defamation⁴⁰, criou o “Teste Vito Russo”, baseado no “Teste de Bechdel”, também criado pela instituição, que faz os seguintes questionamentos: “o filme apresenta uma personagem identificável lésbica, gay, bissexual e / ou transgênero (LGBTQIA+)?”; “esse personagem LGBTQIA+ existe para além da sua orientação sexual ou identidade de gênero?”; “caso esse personagem LGBTQIA+ seja retirado da trama, haveria um efeito significativo na história?” (Brandino, 2022). Em 2013, novas recomendações foram sugeridas:

³⁸ Susan Sontag diz que “a essência do camp é seu amor pelo não natural: do artifício e do exagero”. Essa estética acabou por se tornar representativa no universo queer (Criscuolo, s.d.). Retirado de <https://www.domestika.org/pt/blog/8006-como-camp-se-tornou-a-estetica-essencial-do-universo-queer>

³⁹ Reconhecida como a maior organização de direitos civis de lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros e *queer* (LGBTQ+) dos Estados Unidos da América.

⁴⁰ GLAAD é reconhecida como a maior organização em defesa da representação na mídia para lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros e *queer* do mundo (Nota da Autora).

Filmes de gênero, como adaptações de quadrinhos e franquias de ação, são muito populares globalmente, e por isso devem se tornar mais diversos e inclusivos, é preciso haver mais papéis principais LGBTQIA+ no cinema; deveria haver um maior número de papéis LGBTQIA+, e esses personagens deveriam ser também diversos em relação a gênero, raça e origem; a representação na mídia de pessoas trans tem permanecido décadas atrás da de pessoas gays e lésbicas, e quando essas pessoas aparecem, são de forma marginalizada; insultos anti-gays são menos comuns no cinema agora do que eram há 20 anos, mas, infelizmente eles ainda não estão extintos. (Brandino, 2022, §10)

Outro aspecto negativo a ser observado é a fetichização das personagens femininas, sejam elas de qual orientação forem, dentro do aspecto de que a mulher e sua imagem servem a algo, objetificando-a (Mulvey, 1999). Esse tipo de olhar em uma narrativa está imbricado em uma dinâmica de poder, fruto de um *male gaze*. Em muitos casos é como se uma personagem que vive um relacionamento sáfico só estivesse à espera de um homem chegar para mudar sua vida. Uma das produções com temática LGBTQIAPN+ que traz várias controvérsias em seus bastidores é o premiado filme francês *Azul é a cor mais quente* (Quat'sous Films, 2013) roteirizado e dirigido por Abdelatif Kechiche, um cineasta heterossexual, cisgênero, tendo como co-roteirista sua esposa, a atriz Ghalia Lacroix (Machado 2017, p. 124). O filme é baseado na *graphic novel* “Le bleu est une couleur chaude”⁴¹ (2010) escrita por Jul' Maroh – uma pessoa transgênero e não-binária. Quando uma produção é realizada através de um *queer gaze*, a possibilidade de representações estereotipadas e fetichizadas, a princípio, é derrubada.

As produções audiovisuais refletem o que é pauta no momento e podem acabar por influenciar aspectos negativos que afetam a população LGBTQIAPN+, conforme alguns teóricos “o que prevalece nas sociedades contemporâneas é a franca disseminação, pelos Mass Media, de más representações e estereotípias, com o deslocamento dos locais de fala” (Machado, 2017, p. 120). A realidade muitas vezes é mostrada, mas apenas por um viés, sem uma possibilidade de mudança.

Uma representação negativa, pode reforçar discursos distorcidos sobre essa comunidade, abrindo espaço para o preconceito e a discriminação, como veremos a seguir.

3.3. *BURY YOUR GAYS* E *THE DEAD LESBIAN SYNDROME*

Tropos são representativos de estruturas de poder e podem reforçar discursos e produzir significados. O tropo *Bury Your Gays* (BYG), atua como símbolo de um método de punição executado durante vários anos e que se perpetua ainda hoje, mesmo com a extinção dos códigos de censura e, não

⁴¹ Retirado de <https://www.glenat.com/hors-collection-glenat-bd/le-bleu-est-une-couleur-chaude-9782723498760>

obstante, mesmo com o aumento de produções LGBTQIAPN+. Esse tropo possui várias “ramificações” como o tropo *Depraved Homosexual* que se refere à quando “personagens explicitamente gays são vinculados à uma ideia de vilania e sua sexualidade é encarada como traço negativo” (Pais, 2020), o que pode levar a um final trágico; os tropos *Too Good for This Sinful Earth* e ao *Homophobic Hate Crime* se referem a violência ou morte de personagens LGBTQIAPN+ em decorrência da homofobia, como ocorreu em *Brokeback Mountain* e *But Not Too Gay* ou de *Bait-and-Switch Lesbians* “em que os criadores conseguem dar continuidade ao romance, mas evitam mostrá-lo em detalhes matando um dos personagens” (Pais, 2020). O *BYG* é conhecido também devido ao grande número de mortes de personagens lésbicas no decorrer das mais variadas tramas, seja em filmes, séries ou novelas, conforme apurado pelo estudo GLAAD 2016, que gerou notícias em diversas agências “(...) CNN, The Washington Post e até a ONU Mulheres relataram a onda de caráter lésbico e bissexual nas mortes que o estudo destacou” (Bridges, 2018, p. 122).

Em histórias como a da série *Warrior Nun* - um dos objetos dessa pesquisa -, em muitos momentos, podemos observar olhares, sorrisos e conversas que demonstram um interesse mútuo e isso até pode ser “aceito”: uma relação que fica no imaginário e que ali pode ou não se desenvolver (temporada 1), mas, a partir do momento que esse relacionamento se torna evidente, mesmo que através de um simples beijo, o resultado pode ser catastrófico para as personagens (temporada 2). Além de vários filmes, há diversas séries com personagens lésbicas que tem um final trágico, de uma forma ou de outra:

The Children's Hour (1961) e The Fox (1968) fornecem dois exemplos do Dead Lesbian Trope, uma forma específica de BYG. Essencialmente, uma personagem lésbica se apaixona por outra mulher que é apresentada como bissexual ou hétero, e se elas formam um relacionamento, a lésbica morre logo depois delas experimentam algum tipo de realização ou reconciliação sexual ou romântica, tanto quanto o público de TV viu com Tara e depois Lexa. A mulher bissexual frequentemente acaba com um homem, restaurando assim o status quo da tradicional família nuclear. (Bridges, 2018, p. 126)

Além dessas produções, pode ser acrescentado o seriado *The Eleventh Hour* (1962-1964) cuja personagem Hallie (Kathryn Hays) tem sua possível homossexualidade curada (Tropiano, 2002). Observa-se, ao analisar séries e filmes existentes que, dependendo da categoria a qual a produção faz parte, é bastante provável que haverá alguma morte, salvo exceções, inclusive de personagens heterocis. O problema reside na diferença percentual do número de mortes de personagens heterocis para personagens LGBTQIAPN+ (GLAAD, 2023), o que muitas vezes atua como uma punição direta pela consumação de um amor “proibido”. Há também a maneira como essas mortes acontecem, muitas

vezes somente para servir de “degrau” ao enredo de personagens heterocis. Várias mortes ocorrem muitas vezes apenas para separar personagens LGBTQIAPN+ em um relacionamento, o que tem um forte impacto sobre o público também LGBTQIAPN+. A maneira como isso é feito é abordada pela pesquisadora Elizabeth Bridges “mais tarde, à medida que os códigos relaxavam e a homossexualidade se tornava visível na tela, os filmes e a TV passaram de silenciar para punir, com a tendência de matar personagens queer ou apresentá-los como miseráveis e moralmente comprometidos” (Bridges, 2018, p. 115).

O relatório anual do GLAAD - que expõe muitas dessas situações que ocorrem com personagens LGBTQIAPN+ - repassado a criadores em 2016, como dito anteriormente, talvez fizesse com que essa representação de mulheres lésbicas e bissexuais mudasse e suas mortes diminuíssem, modificando essa tendência histórica “de matar personagens LGBTQ – muitas vezes apenas para enredo de um personagem hétero e cisgênero - o que envia uma perigosa mensagem para o público. É importante que os criadores não revigorem tropos nocivos, que exploram uma comunidade já marginalizada” (GLAAD, 2016). Uma provocação a produtores e escritores sobre uma possibilidade criativa que fugisse de todas essas décadas de representações negativas e de mortes aviltantes (Bridges, 2018). Será que eles não conseguiriam fazer melhor do que estava sendo feito?

Por haver uma maior ocorrência de separação ou morte com personagens sáficas, podemos constatar que esse fator pode ser visto como um dos muitos braços da misoginia, do julgamento *ad infinitum* imputado às mulheres. Quando há personagens femininas que se distanciam do papel de menininha e princesa que construímos desde a infância pelos mais diferentes canais e meios, há, inexoravelmente, a invisibilidade da sua fala, de seu corpo. Um corpo que pode ser visto e admirado (Wray, 2003), desde que esteja nos padrões e que sirva a algo ou alguém, de preferência um homem. Quando esse corpo inspira e/ou sente desejos e afeto por outro corpo como o seu, ele deve ser de alguma forma “calado” e essa forma deve ser “compreendida” por quem assiste, não deixando dúvidas sobre a impossibilidade de se viver o que está surgindo:

As mulheres queer suportaram o peso deste tropo, especialmente na televisão, de tal forma que veio a ser conhecido como o Tropo da Lésbica Morta ou Síndrome da Lésbica Morta. Muitas vezes esses personagens encontram seus destinos infelizes logo após experimentarem a realização romântica, às vezes logo após uma cena pós-coito ou de sexo. (Bridges, 2018, p. 122)

Dentro dessa perspectiva, é necessário citar duas cenas de séries que definitivamente são exemplos dessas colocações, como já comentado: a morte da personagem Tara Maclay (Amber Benson), no ano de 2002, em *Buffy: a caça-vampiros* e da personagem Lexa (Alycia Debnam-Carey), de *The 100*,

em 2016. Ambas mortas por uma arma disparada por um homem, durante um momento de felicidade e intimidade, depois de fazerem amor. As personagens Willow (Alyson Hannigan), namorada de Tara, e Clarke (Eliza Taylor), a razão do afeto da personagem Lexa, são bissexuais, mesmo a personagem Willow tendo se identificado enquanto lésbica após iniciar seu relacionamento com Tara. O criador da série *Buffy*, Joss Whedon, em entrevista a Metro UK⁴² afirmou que, atualmente, a personagem Willow se identificaria como bissexual, mas que na época os responsáveis acreditavam que se isso fosse exposto, o público acharia que o romance seria uma “fase” da personagem e por conta disso poderiam não reconhecer a força do amor entre as duas. Esse receio ocorre justamente porque há pessoas que acreditam que bissexuais são “confusos” ou promíscuos, percepção fruto de uma binegatividade (Dyar & Feinstein, 2018) infelizmente ainda muito presente na vida de pessoas bissexuais.

A morte da personagem Lexa atingiu uma dimensão que não foi possível à outras personagens na mesma situação, fossem elas de filmes, séries ou mesmo novelas. Um movimento que se deve, majoritariamente, aos *fandoms* e a sua atuação nas redes sociais, sobretudo no X (ex-Twitter) e no Tumblr, bem como à própria “força” da personagem. Uma *trend* que uniu pessoas LGBTQIAPN+, sobretudo mulheres sáficas, das mais diversas nacionalidades, como a escritora Cassidy Blues “é algo que nos mata: falta de aceitação, falta de compreensão, falta de esperança. (...) A comunidade LGBTQ+, particularmente os jovens, está constantemente vendo sua representação ser morta na tela. Não podemos nem existir em mundos *de mentira*” (Blues, 2019, §23, ênfase da autora). A pesquisadora Bridges, selecionada como referência no tropo BYG, tem uma opinião que se alinha com essa citação:

No entanto, apesar do impacto duradouro que a morte de Lexa teve em destacar o problema do BYG, não se conseguiu apagar a mensagem que o tropo manda para o público da comunidade LGBTQ: o amor gay e o sexo são puníveis com a morte, a felicidade é inatingível e vidas LGBTQ não importam. Longe de mera suposição por parte de telespectadores, essa conclusão aparece fundamentada na matriz histórica de discursos e práticas culturais, médicas, jurídicas e religiosas que constituiu definições contemporâneas de sexualidade e normas sociais. (Bridges, 2018, p. 122)

Práticas que reforçam uma das tramas existentes mais conhecidas em produções que se utilizam do interesse de uma personagem lésbica por uma personagem bissexual ou mesmo hétero que na maioria dessas histórias acaba ficando com homens ou morrem, situações que ocorrem em várias produções, em diferentes épocas (Bridges, 2018).

⁴² Retirado de <https://entretenimento.uol.com.br/noticias/redacao/2020/05/21/buffy-willow-seria-bissexual-se-serie-fosse-feita-hoje-em-dia-diz-criador.htm>

Anonymous asked:
so you guys didn't realize that the storyline about a lesbian being shot by her father figure (right after she had sex) as a direct result of his disapproval of her love and relationship would have such a negative impact? are you kidding me?

clearly we did not consider it rigorously enough.



Figura 2 e 3: Questionamento de uma fã sobre a morte Lexa e Outdoor com provocação (The 100)
Fonte: Site Thats Normal⁴³, 2018.

Em alguns casos, a cena mostrada não precisa de muitos conhecimentos semióticos para que sua mensagem seja compreendida, caso do filme *The Children's Hour* (United Artists, 1961), de William Wyler - baseado na peça homônima de Lillian Hellman - em que a personagem Martha (Shirley MacLaine) se suicida “a última cena do filme é uma sombra assustadora do corpo de Martha depois que ela se enforcou, significativamente, em um armário” (Bridges, 2018, p. 126). Em uma cena, Martha fala para Karen (Audrey Hepburn) “eu te amei do modo como eles disseram”, mas o filme não mostra mais do que isso e não utiliza termos que poderiam comprometer seu lançamento, intento alcançado já que ele foi o primeiro filme a escapar à censura desde a implantação do Código Hays.

Personagens sáficas bem resolvidas e com relacionamentos saudáveis eram raras em produções, algo que tem mudado gradativamente. Se os relacionamentos entre mulheres mal iniciam e já acabam, não há como existir uma representação de um relacionamento duradouro. Não podemos também desvincular a invisibilidade, o silenciamento e a violência, imputados as personagens sáficas, de fatores que vêm do próprio papel da mulher na sociedade e de como ela é vista.

Neste capítulo foram relatados alguns casos em que o tropo *Bury You Gays* está presente, agindo como forma de uma punição, nem tão velada, a personagens LGBTQIAPN+, principalmente mulheres. Teóricos como Bridges, vêem a prática do *queerbaiting* atrelada ao *BYG* em produções audiovisuais, o

⁴³ Retirado de <https://thats-normal.com/2018/03/lexa-still-deserves-better-a-fan-led-movement-carries-on-two-years-later/>

que tem sido discutido cada vez mais em pesquisas e nas redes sociais, e que será mostrado a partir de agora.

3.4. QUEERBAITING

Ao visualizar representações escassas ou caricatas em filmes e séries, parte do público LGBTQIAPN+ se sujeita a mínima possibilidade de representação da comunidade, em histórias com enredo duvidoso e com personagens cuja sexualidade fica apenas no subtexto (Bridges, 2018). Há várias definições para o termo *queerbaiting*. Após a realização de um estudo foi proposto uma nova taxonomia de *queerbaiting* cujos exemplos “podem ser encontrados em plataformas e diferentes tipos de mídia, com alguma sobreposição na categorização” (Woods & Hardman, 2021, p. 9). Os três tipos são: Queerbaiting do consumidor – por meio de marketing e produtos; Queerbaiting cultural - através do entretenimento de mídia de massa online e offline; e Queerbaiting social – por meio da interação e da aparência, incluindo a de celebridades e influenciadores. Vale ressaltar que esse é um recurso utilizado visando o consumo de um determinado “produto”, do uso de um relacionamento/personagem que serve comercialmente, sendo impossível desvinculá-lo do próprio sistema que rege nossas relações.

O *queerbaiting* e o *Bury your gays* (BYG) estão intimamente ligados, podendo, os dois, estarem presentes na mesma produção audiovisual. No caso de produções audiovisuais, o *queerbaiting* se refere à personagens LGBTQIAPN+ vivendo um amor sugerido, mas que nunca se efetiva realmente, o que mantém fiel o espectador LGBTQIAPN+, ao mesmo tempo em que a trama não perde o espectador heterocis. Bridges retrata a questão do *queerbaiting* relacionada ao tropo *Bury Your Gays* além de analisar a ocorrência desses dois temas na série *The 100*, seu efeito e as reações no público:

Queerbaiting apaga ou marginaliza personagens LGBTQ, limitando sua sexualidade ao nível do subtexto, eliminando-as por completo ou relegando-as a relações de sexo oposto, apesar de qualquer codificação queer anterior. De forma similar, o tropo BYG pune esses personagens apagando-os da narrativa inteiramente se a representação realmente for além do subtexto para incluir identidade queer. Tanto o *queerbaiting* quanto o BYG também punem o público queer pela sugestão (ou mesmo promessa) de representação LGBTQ de qualidade, apenas para terem suas esperanças frustradas. (Bridges, 2018, p. 116)

Conforme essa colocação, o *queerbaiting* acontece desde o começo das produções, em histórias nas quais personagens LGBTQIAPN+ servem apenas como apoio a personagens héteros, como alívio cômico ou mesmo como um amigo engraçado e participativo que quase toda pessoa, principalmente mulheres, gostaria de ter. Personagens que, na maioria das vezes, não possuem história própria, nem

tampouco uma identidade LGBTQIAPN+ mais realista; com a complexidade de seus sentimentos e desejos sendo mostrada, quiçá um relacionamento, bem diferente do que ocorre com personagens heterocis (Sacramento & Ferreira, 2019).

Nessas tramas, quando ocorre um crescimento dessas personagens, com um possível envolvimento emocional e físico, esse acaba ficando muitas vezes no campo das “ideias” e quando finalmente se efetiva ele é punido, por isso a ligação com o *Bury Your Gays* “à medida que a codificação subtextual deu lugar à estranheza reconhecida na tela, personagens gays eram quase sempre punidos dentro da narrativa por sua transgressão, via morte, suicídio, solidão e/ou miséria” (Bridges, 2018, p. 116). Em outras histórias, a sexualidade da personagem deixa margem para dúvidas, muito devido aos signos reconhecidos como pertencentes a um determinado gênero, como ocorreu mais recentemente no filme *A escola do bem e do mal* (Roth/Kirschenbaum Films, 2022), de Paul Feig, exibido na Netflix e baseado na obra homônima do autor Soman Chainani. Nele a personagem Agatha (Sofia Wylie), além de performar através de signos masculinos, ainda demonstra um interesse que parece ir muito além da amizade com sua amiga Sophie (Sophia Anne Caruso). Há inclusive a troca de um beijo entre elas no final, o que influenciou o olhar dos fãs que *shipparam* o par, conhecido como *Agaphie*⁴⁴ nas redes sociais. Outra dupla que foi muito shippada décadas atrás e que teve um reconhecido *queer coding* em suas “interações” foi Xena e Gabrielle⁴⁵, da série *Xena, a princesa guerreira* (MCA TV, 1995-1997; Universal Television Enterprises, 1997-1998; Studios USA Television Distribution, 1998-2001).

Quando algo assim acontece, a invisibilidade da sexualidade dessa personagem feminina ou a sugestão de uma sexualidade que não se confirma; acaba por não se referir apenas a essa personagem, mas sim a tudo o que ela representa ou pode representar para o seu público. A sexualidade subentendida é um recurso amplamente utilizado, o que traz a dificuldade de se medir ou mesmo discutir sobre algo que pode ser negado.

Muitas vezes não podemos isolar, no imaginário do público, o que ocorre com a personagem daquilo que ela representa (Bridges, 2018). Mesmo com a quantidade de produções com temática LGBTQIAPN+ aumentando significativamente, inclusive fora do nicho de produções norte-americanas, se estendendo para outras nacionalidades, essa impossibilidade de ver histórias positivas e com desenvolvimento mais complexo fez muitas vezes com que o público LGBTQIAPN+ se engajassem rapidamente em produções com o mínimo de representação ou mesmo uma possibilidade de representação da comunidade:

⁴⁴ Retirado de <https://www.tiktok.com/tag/agaphie>

⁴⁵ Retirado de <https://shipping.fandom.com/wiki/Xena/Gabrielle>

Seja atraído com escassas inferências subtextuais ou com personagens abertamente queer, os fãs LGBTQ são espectadores notoriamente fiéis que se envolvem muito ativamente na promoção de séries via mídia social, permanecendo por várias temporadas de um show na esperança de ver 'seu' personagem alcançar o sucesso e encontrar o amor (Bridges, 2018, p. 121).

O significado dessa expectativa é geralmente diferente para pessoas LGBTQIAPN+ que vivem afastadas dos grandes centros, residindo em regiões metropolitanas ou em regiões rurais e que muitas vezes só conseguem ver outras pessoas como elas por uma tela (Bridges, 2018). Precisamos compreender as diferenças existentes entre os membros da comunidade a partir de um recorte geográfico, social e cultural que influencia a relação de um determinado público com uma produção audiovisual “na melhor das hipóteses, o *queerbaiting* envia ao público jovem a mensagem de que os romances heterossexuais são o padrão universal e que personagens *queer* só são outros cujas vidas e amores não são dignos de representação plena” (Bridges, 2018, p. 121). Vale ressaltar que o *queerbaiting* serve ao próprio capitalismo através da possibilidade comercial, do marketing (Woods & Hardman, 2021), da venda de um produto para um determinado público. Um recurso utilizado, como outros, para servir a interesses comerciais, pois toda produção visa lucro e para isso deve seguir o que o sistema dita.

Pessoas da comunidade LGBTQIAPN+, através dos tempos, pela impossibilidade de viverem sua sexualidade sob pena de severas punições, acabavam por compreender as nuances, as minúcias de olhares, gestos e falas que permitiam reconhecer outros da comunidade, o que torna o “olhar” desse público muito mais treinado para observar essas situações de insinuação (sem consumação) de um romance:

Muitas das características da codificação queer em instâncias de subtexto *queerbaiting* – acenos de cabeça, olhares roubados sutis, um personagem olhando para outro por um tempo muito longo – não são diferentes das pistas que as pessoas queer historicamente têm usado para identificar um ao outro. (Bridges, 2018, p. 119)

Nessa colocação pode ser citada a série *Warrior Nun* - cuja análise será apontada mais à frente -, na qual boa parte do público, já na fase de divulgação da série, percebeu símbolos reconhecidos como *queer* (Hill, 2020) no material. Na primeira temporada a questão do *queerbaiting* pode ser observada nos olhares e no comportamento das personagens Ava e Beatrice que, apesar de um forte *queer coding*, não tiveram seu relacionamento “consumado”. Comentários e ações ambíguas geram uma possibilidade de *queerbaiting*, pois ao mesmo tempo que o público LGBTQIAPN+ pode identificar sinais de um relacionamento entre uma personagem e outra, a produção pode alegar que não era essa a intenção. O

diretor da série *Warrior Nun*, Simon Barry, informou que se houvesse uma segunda temporada essas histórias seriam mais desenvolvidas, o que realmente aconteceu, mas não com o desfecho esperado pelo público e ainda com o cancelamento da série. Nesses casos podemos pensar que a equipe dessa produção queria perceber a reação do público para, assim, traçar os futuros rumos das personagens.

Outra série com personagens sáficas também cancelada, mas após a primeira temporada foi *First Kill*⁴⁶ (Netflix, 2022), escrita por Felicia D. Henderson e Victoria V. E. Schwab, a produção conta a história de Juliette (Sarah Catherine Hook), uma vampira e Calliope (Imani Lewis), uma caçadora de vampiros, que acabam por se apaixonar. Um final que não foi trágico dentro das telas, mas fora delas, em uma tendência que está sendo reconhecida nas mídias como *Cancel Your Gays* (cancele seus gays) (Silva, 2022).

Nesse capítulo procurou-se relatar algumas produções emblemáticas no audiovisual com temática LGBTQIAPN+, bem como as formas de representação utilizadas em algumas delas. No próximo capítulo será abordada a metodologia utilizada nessa pesquisa.

⁴⁶ Retirado de <https://capricho.abril.com.br/entretenimento/first-kill-da-netflix-e-cancelada-apos-sua-primeira-temporada>

4. METODOLOGIA

Como objeto de estudo dessa pesquisa foram selecionadas três séries: *Heartstopper*, *The 100* e *Warrior Nun*, que serão analisadas a partir dos signos que apresentam, utilizando-se para isso a análise semiótica, de conteúdo e de discurso, adaptando-a as especificidades dos objetos analisados.

A estrutura metodológica escolhida para essa pesquisa ocorre a partir de uma abordagem qualitativa na qual “o próprio pesquisador é um instrumento ao observar ações e contextos e, com frequência, ao desempenhar intencionalmente uma função subjetiva no estudo, utilizando sua experiência pessoal em fazer interpretações” (Stake, 2011, p. 30). O tipo de pesquisa escolhido foi a documental, na qual “(...) as fontes são muito mais diversificadas e dispersas. Há, de um lado, os documentos ‘de primeira mão’, que não receberam nenhum tratamento analítico. (...) De outro lado, há os documentos de segunda mão, que de alguma forma já foram analisados” (Gil, 2007, p. 45-46).

Utilizando-se desse referencial teórico percebe-se a construção do conhecimento, atualmente, feita através dos mais diferentes formatos, recorrendo as mais diversas abordagens e tipos de pesquisa. A pesquisa documental, especificamente, abarca uma ampla gama de materiais e os documentos utilizados como fonte de pesquisa podem pertencer as mais variadas categorias que tenham por objetivo fornecer informação. Fundamentada em Gil (Gil, 2007), essas categorias foram elencadas da seguinte forma: **documentos impressos** - livros, jornais, teses, depoimentos escritos, diários, correspondência pessoal e comercial, documentos e materiais das mais diversas instituições, tanto públicas quanto privadas etc.; **documentos online** - materiais que podem ser encontrados no formato eletrônico ou digital: livros, revistas especializadas, artigos publicados, sites, mídias etc.; **documentos gráficos** - se utilizam de elementos visuais, como imagens, gráficos, ilustrações, mapas, planos, fotografias etc.; **documentos audiovisuais** - incluem documentos sonoros e imagens em movimento: filmes, séries, novelas, músicas, e também vídeos e áudios que contêm entrevistas, depoimentos, apresentações de diversos tipos, conferências etc.

Mesmo com a questão da não-representatividade e subjetividade desse tipo de pesquisa, sugerida por Gil, pode-se considerar que tanto a pesquisa documental quanto os outros tipos de pesquisa, são importantes “não porque respondem definitivamente a um problema, mas porque proporcionam melhor visão desse problema ou, então, hipóteses que conduzem a sua verificação por outros meios” (Gil, 2007, p. 46). Foram utilizadas as fontes citadas acima durante o decorrer da pesquisa, pois, por se tratar com informações e análises vindas de materiais impressos, mas também de filmes, séries, vídeos e comentários nas mais diferentes mídias, fica evidente que esse tipo de pesquisa é a que mais serve aos objetivos propostos.

A partir do referencial teórico e da observação desses documentos, foi realizada uma análise semiótica, de conteúdo e de discurso mais aprofundada da temporada 1 da série *Heartstopper* e de algumas cenas e episódios específicos das séries *The 100* e *Warrior Nun*. Sobre a análise semiótica das imagens “no que concerne à representação, compreende a capacidade humana de passar do processo de ver ao processo de interpretar” (Toutain, 2010, p. 77). A importância da interpretação também é observada na análise de discurso, que conta com um conceito bastante amplo:

O sentido não está “colado” na palavra, é um elemento simbólico, não é fechado nem exato, portanto sempre incompleto; por isso o sentido pode escapar. O enunciado não diz tudo, devendo o analista buscar os efeitos dos sentidos e, para isso, precisa sair do enunciado e chegar ao enunciável através da interpretação. (Caregnato & Mutti, 2006, p. 681)

Após essas análises foram aplicados, nas referidas séries, os critérios elaborados a partir do “Teste Vito Russo”, que propõe um **padrão mínimo** esperado de inclusão de personagens LGBTQIAPN+ em obras audiovisuais (Brandino, 2022), somado ao “Teste de Bechdel” - ambos criados pela GLAAD -, e ao “Teste de Representatividade” elaborado por Souza (Souza, 2021).

Para se verificar as diferenças entre as três séries analisadas – que foram selecionadas pela movimentação dos fãs nas redes sociais - dentro da perspectiva proposta, haja vista que *Heartstopper* é percebida pelo público e crítica como uma representação positiva, enquanto *The 100* e *Warrior Nun* são identificadas pelo público LGBTQIAPN+ como relevantes na questão do *queerbaiting* e do tropo *Bury Your Gays*, será utilizado o método comparativo que:

(...) consiste em investigar *coisas* ou fatos e explicá-los segundo suas semelhanças e suas diferenças. Geralmente, o método comparativo aborda duas séries ou fatos de natureza análoga, tomados de meios sociais ou de outra área do saber, a fim de se detectar o que é comum a ambos. (Fachin, 2006, p. 40)

Primeiramente as séries serão apresentadas a partir de um resumo e contextualização da narrativa. Levando-se em conta esses fatores, a análise teve por propósito identificar dentro da trama as cenas que contribuem com o objetivo do trabalho, a fim de se encontrar elementos que corroborem ou não, os termos sugeridos e os critérios estabelecidos.

Para perceber a recepção (Susca, 2021) de uma parte do público à série *Heartstopper*, foram analisados os comentários postados em seis canais do Youtube a partir de críticas feitas à série. Utilizou-se esses comentários como *corpus* da pesquisa, baseando-se na teoria do conhecimento situado (Haraway, 1995), haja vista que refletem trajetórias, referências e vivências LGBTQIAPN+ que impactam

sobre a forma como uma produção audiovisual com esta temática é vista. As interpretações e observações sobre os comentários foram feitas com base na metodologia de análise de discurso. Será utilizado também, a análise de conteúdo que tem como principal objetivo analisar e interpretar a comunicação humana a partir de uma determinada manifestação (um documento, um filme, uma música etc.) (Bardin, 2016).

4.1. MÉTODOS DE COLETA DE DADOS

Essa pesquisa se divide em três partes: na primeira, as temporadas 2 e 3 da série *The 100* foram assistidas, com foco nas cenas em que as personagens Clarke e Lexa aparecem, até a morte desta. Analisou-se também, a temporada 1 e 2 da série *Warrior Nun*, principalmente as cenas em que as personagens Ava e Beatrice aparecem. Considero que, para ser possível observar semioticamente o contexto da relação entre as personagens, é necessário que elas interajam. Após, foi feita a análise de cada uma dessas séries separadamente e aplicados os Critérios de Representação da série e do relacionamento entre as personagens.

Na segunda parte, fundamentada na análise dessas duas séries, a temporada 1 da série *Heartstopper* foi assistida em sua integralidade, buscando-se a análise semiótica dos signos utilizados e o contexto em que estes aparecem, pois “um sentido nunca se pode analisar de modo isolado” (Barthes, 2001, p. 179). Como objeto principal dessa pesquisa a análise da série foi feita de maneira mais aprofundada, na qual a interpretação das imagens ocorre enquanto os signos são apresentados. No final aplicou-se os mesmos Critérios de Representação utilizados nas outras duas séries.

A terceira parte se refere a análise dos comentários realizados em seis canais do Youtube que reagiram à série *Heartstopper*, dentre eles três canais voltados ao público LGBTQIAPN+: “Lorelay Fox”, “Jessica Ballut” e “Gay Nerd”; e três canais voltados ao público em geral e que tratam de produções audiovisuais: “Isabela Boscov”, “Carol Moreira” e “PH Santos”. Os canais foram selecionados, após a busca, no Youtube, pelo termo “série Heartstopper”, segundo os seguintes critérios:

- a) Primeiros canais do Youtube a aparecerem – o que foi interpretado como mais relevante devido ao algoritmo;
- b) Com mais de 100 mil inscritos – quanto maior o número de inscritos, maior a possibilidade de interação nos comentários;
- c) Envolvimento com a produção audiovisual, principalmente séries e filmes; e
- d) Diversidade de perfil dos youtubers – possibilidade de diferentes olhares.

Canal	Nº inscritos	Título do vídeo	Visualizações	Total de comentários	Data da postagem
Isabela Boscov	893 mil	“Heartstopper: já fui triste, agora quero ser feliz”	357 mil	2320	10 maio 2022
Lorelay Fox	1,03 mi	“ASSISTI HEARTSTOPPER”	161 mil	1898	5 maio 2022
Jessica Ballut	1,03 mi	“HEARTSTOPPER APERTA ONDE DÓI – e cura!”	121 mil	819	5 maio 2022
Gay Nerd	129 mil	“HEARTSTOPPER e nossa adolescência roubada”	37 mil	528	2 maio 2022
Carol Moreira	939 mil	“HEARTSTOPPER Por que fez tanto sucesso?”	30 mil	416	6 junho 2022
PH Santos	610 mil	“HEARTSTOPPER: Assistiria todos os dias...”	15.694	156	3 maio 2022

Tabela 2: Dados dos canais selecionados
Fonte: Elaboração da autora, 2024

Para a análise da recepção virtual aplicamos, na escolha do público, a técnica que mais se aproxima da proposta da pesquisa: a de amostragem intencional ou por julgamento que consiste em “selecionar um subgrupo da população, com base nas informações disponíveis, que possa ser considerado representativo de toda a população” (Mineiro, 2020, p. 296). A partir disso, o tipo de amostragem utilizada nos comentários foi a não probabilística intencional que “não apresenta fundamentação matemática ou estatística e depende, unicamente, de critérios do pesquisador” (Pessoa & Ramires, 2013, p. 122) e ocorre segundo os objetivos específicos elencados.

A leitura dos comentários relacionados a cada crítica dos youtubers citados, totalizou cerca de 6.172 comentários lidos. Desses, foi extraída uma amostra de 510 com base nos seguintes critérios:

- a) Assuntos recorrentes;
- b) Complexidade;
- c) Contribuição para o debate;
- d) Possibilidade de correlação com os demais comentários.

Os temas abordados em pelos menos três comentários foram planilhados para que participassem da análise. A partir da coleta dos dados, dentro dos critérios estabelecidos, partiu-se para a análise geral, buscando responder aos objetivos que direcionam essa pesquisa.

4.2. MÉTODOS DE ANÁLISE DE DADOS

A metodologia utilizada para a pesquisa foi fundamentada no aporte teórico e na análise semiótica, bem como na análise de discurso e de conteúdo. Embasada nesses conhecimentos busquei analisar, de maneira sucinta, as séries *The 100* e *Warrior Nun*, para verificação de situações que sejam reconhecidas como *queerbaiting* ou o tropo *Bury Your Gays*, conforme mostrado pela movimentação dos fãs nas redes sociais. Na sequência, foi retratada a percepção sobre a mensagem sugerida através dos signos utilizados para representar, simbolizar e/ou transmitir a ideia central da série *Heartstopper*, escolhida como objeto principal dessa pesquisa.

As cenas foram analisadas procurando-se pontos em comum nos signos que compõem as imagens. A partir do contexto em que aparecem, buscou-se traçar uma possibilidade de representação do fragmento de realidade que se pretende retratar através das séries. No caso de *Heartstopper* realizou-se uma análise visual a partir das cores, elementos gráficos, mensagem textual, signos, metáfora e expressão corporal, bem como uma áudio-análise abrangendo as músicas e a linguagem verbal.

Para verificar-se a qualidade da representação nas séries serão utilizados os critérios organizados na Tabela 3. Destaco novamente que os critérios foram elaborados a partir do “Teste Vito Russo” e do “Teste de Bechdel”, bem como do “Teste de Representatividade” de Souza (Souza, 2021), já citados no decorrer da pesquisa, e espelham os questionamentos da pesquisadora.

EIXO	PERGUNTAS
A representação	A série/filme apresenta uma ou mais personagem(ns) LGBTQIAPN+ identificável(is)?
	Essa(s) personagem(ns) LGBTQIAPN+ existe(m) para além da sua orientação sexual ou identidade de gênero?
	Essa(s) personagem(ns) é/são diversa(s) em relação a gênero, raça e origem?
	Há uma rede de apoio para a(s) personagem(ns) LGBTQIAPN+?
A importância	Essa(s) personagem(ns) faz(em) parte do núcleo central?
	Caso essa(s) personagem(ns) seja(m) retirada(s) da trama, haveria um efeito significativo na história?
	A(s) personagem(ns) mulher(es) faz(em) parte do núcleo central? Sua(s) história(s) é/são independentes?
Os não-estereótipos	Essa(s) personagem(ns) reproduz(em) os estereótipos de alívio cômico, hipersexualização, promiscuidade ou de gênero?
O quantitativo	Quantos personagens LGBTQIAPN+ há na produção?

	Quantas dessas personagens fazem parte do núcleo central?
	Há pessoas LGBTQIAPN+ atrás e na frente das câmeras?
	Quantas personagens são do gênero masculino e feminino no núcleo central? Há personagens não-binárias ou agênero? Quantas?
	Quantas personagens trans existem em relação as personagens cis? Ela(s) faz(em) parte do núcleo central?

Tabela 3: Critérios para Verificação da Representação de Personagens LGBTQIAPN+ na Série
Fonte: Elaboração da autora, 2024

Utilizando-se dos critérios elaborados sobre a representação somados a análise das séries foi realizada a comparação entre elas também no que se refere especificamente ao relacionamento entre as personagens, através dos pontos elencados na Tabela 4.

Perguntas	Heartstopper	Warrior Nun	The 100
Há o protagonismo das personagens envolvidas? De um(a) ou dos(as) dois/duas?			
As personagens são complexas, aprofundadas? Uma ou as duas?			
As personagens têm seus próprios núcleos dentro da história? Uma ou as duas?			
Identifica-se que as personagens são LGBTQIAPN+? Uma ou as duas?			
As personagens possuem diversidade de etnia/raça, corpo e identidade? Uma ou as duas?			
O romance entre as personagens é evidente?			
Qual o tipo de contato/relação entre as personagens?			
Há algo que identifique a prática de <i>queerbaiting</i> na história ou fora dela?			
O final da(s) temporada(s) analisada(s) recai no tropo <i>Bury Your Gays</i> (BYG)?			

Tabela 4: Levantamento da Representação do Relacionamento entre as Personagens LGBTQIAPN+
Fonte: Elaboração da autora, 2024

As perguntas elencadas são critérios para um maior entendimento da questão da representação e da configuração do próprio relacionamento entre as personagens nas séries escolhidas. Após essa etapa, iniciou-se a análise dos comentários realizada da seguinte forma: cada youtuber selecionado teve sua crítica assistida como base para se compreender os comentários; foram observadas as impressões

de cada youtuber e o que a história representou para eles. Procurou-se apresentar a descrição do vídeo, bem como as perguntas que o(a) youtuber fez a quem assistiu a sua crítica. Os comentários contidos em cada vídeo foram lidos na sua totalidade e, após, realizou-se a seleção desses comentários conforme os critérios anteriormente mostrados. Para efetuar a análise de conteúdo dos comentários selecionados, procurou-se elencar temas e palavras recorrentes. Os comentários negativos, por representarem uma pequena parcela da totalidade dos comentários, foram todos utilizados, o que facilita a sua análise. A análise dos comentários foi escolhida como forma de perceber a recepção à série *Heartstopper* de maneira mais visceral, pois quem está ali o faz por livre e espontânea vontade, tratando de um assunto de seu interesse e de forma muito fluida/orgânica. A identificação dos usuários, em plataformas como o Youtube, é geralmente autodeclarada e muitos fazem uso de um *nickname* - limitação que será abordada posteriormente no capítulo 9. Garcia traz esse viés sobre pesquisa ao afirmar que “se no pensamento queer os sujeitos e subjetividades são fluídos, instáveis e se fazem continuamente, como coletar dados utilizando os métodos costumeiros, como entrevistas e questionários?” (Garcia, 2012, p. 242). Os comentários são modos de comunicação importantes para discussão de algum tema ou objeto:

[...] comentários, em tese, são modos de comunicação reativos, avaliativos e contextualmente fincados sobre o conteúdo que lhes motiva – vídeos, fotografias, textos, produtos comercializados etc. Comentários podem ser produzidos imediatamente após uma publicação disparadora, mas também depois de horas, dias ou anos, com poder inclusive de reacender – no sentido de tornar novamente visível – uma celeuma já esquecida. (Biar & Paschoal, 2020, p. 1054).

A recepção da série *Heartstopper*, para o público analisado, será mensurada a partir dos seguintes tópicos, relacionados a assuntos concernentes ao objeto principal:

EIXO	TÓPICOS
Heartstopper	1. Opinião/Sentimento/Lembranças
Representação	2. Há reconhecimento de representação positiva na série?
	3. Há alguma comparação ou sugestão de outras produções a partir de <i>Heartstopper</i> ? Qual(is)?
	4. Houve identificação com algum personagem? Qual?
Sexualidade	5. Há alguma referência sobre <i>come out</i> ?
	6. Há alguma referência sobre relacionamentos?
Traumas	7. Há alguma menção sobre bullying ou situações traumáticas?
Adolescência	8. É trazida alguma questão referente à adolescência?

Tabela 5: Tópicos Relacionados à Recepção da Série *Heartstopper*
Fonte: Elaboração da autora, 2024

O material resultante da análise dos comentários será tratado de forma individual na sua análise e de maneira única na sua interpretação.

O próximo capítulo, abordará as séries *The 100* e *Warrior Nun*, sua descrição, quais os personagens que compõem a história e como o relacionamento entre as personagens LGBTQIAPN+ é representado.

5. ANÁLISE DE DUAS SÉRIES: *QUEERBAITING* E *BURY YOUR GAYS*?

Para essa pesquisa trago uma análise sucinta das séries *The 100* e *Warrior Nun*, selecionadas por possuírem um grande número de fãs que agitaram diversas redes sociais, movimentaram comunidades e *fandoms*, ao trazer discussões sobre representação LGBTQIAPN+, com menções a *queerbaiting* e *Bury Your Gays* (Cover & Milne, 2023). Essa movimentação mostra a força do público e aponta para uma possibilidade de modificar de forma mais eficaz essa história de representações negativas e inadequadas, mas que serviam e ainda servem a um propósito.

Após a observação das cenas correspondentes, focada principalmente na interação das personagens Clarke e Lexa (*The 100*) e Ava e Beatrice (*Warrior Nun*), foi realizada, respectivamente, a análise dos momentos considerados significativos para o desenvolvimento do relacionamento e o entendimento das personagens LGBTQIAPN+. Em seguida foi feita a análise geral de cada série, para que se possa perceber o que levou os fãs a reconhecerem aspectos de *queerbaiting* e o *tropo Bury Your Gays* (BYG), bem como a aplicação dos Critérios de Representação da série e do próprio relacionamento entre as personagens LGBTQIAPN+.

5.1. *THE 100*

“Juro-te fidelidade Clarke kom Skaikru. As tuas necessidades serão as minhas e o teu povo será o meu”
Declaração de Lexa, ajoelhada em frente à Clarke (T2E15)



Figura 4: Banner da série *The 100*
Fonte: Site This Got My Attention Today⁴⁷, 2024.

A série *The 100* (The CW, 2014-2020) é uma série de ficção científica criada por Jason Rothenberg, baseada no livro homônimo de Kass Morgan. A síntese existente no site do Prime Vídeo⁴⁸ informa “para impedir a extinção da humanidade, um grupo de 100 prisioneiros juvenis é exilado em

⁴⁷ Retirado de <https://thisgotmyattentiontoday.wordpress.com/2016/03/05/art-imitates-life-lessons-from-the-100/>

⁴⁸ Retirado de https://www.primevideo.com/region/na/detail/OOFL7RJB9JPM2PP93VXXMBHIL/ref=atv_dp_season_select_s1

segredo a partir da Arca para verificar se a atmosfera é novamente aceitável para seres vivos. Assim, os jovens herdam a Terra”. Esses 100 adolescentes, por terem vindo do espaço são chamados de *povo do céu* ou *Skaikru*, enquanto o povo que vive na superfície da terra, formado por 12 clãs; unificados sob a liderança da *Commander Lexa* – a “Heda” -, são chamados de *terrestres* ou *Grounders*. Considero que o núcleo central é formado por 10 personagens, tendo Clarke (Eliza Taylor), como protagonista.

5.1.1. Sinopse da Temporada 2

Os membros dos 100 enfrentam perigos e dilemas morais na reformulação de toda uma sociedade. Os *Grounders* (Lexa) e os *Skaikru* (Clarke) se unem e elaboram um plano para salvar seus amigos presos no Monte Weather. A temporada aborda o embate entre povos diferentes em busca da sobrevivência e tentativas de coexistência, bem como o choque de culturas e o papel de liderança.



Figuras 5 e 6: Dois momentos de Lexa
Fonte: Arquivos do Pinterest⁹⁹, 2024

Clarke e Lexa

T2E6 - Névoa de Guerra: a aparição de Lexa foi muito impactante para os fãs. Uma mulher no comando de doze clãs, uma guerreira a qual os maiores guerreiros de seu povo se curvavam. A princípio, o público nada sabia sobre “o” *commander* – se não contarmos os *spoilers* que sempre chegam através das redes sociais. Nesse episódio temos uma amostra do status e da força de Lexa sobre seus comandados. *T2E7 - Por muito tempo no abismo*: Clarke conhece Lexa ao entrar na tenda da *commander*, no acampamento montado próximo ao seu. É quando Lexa diz para Clarke “foi você que queimou vivos 300 dos meus guerreiros”. A intenção de Clarke é fazer uma proposta que cesse o ataque

⁹⁹ Retirado de <https://br.pinterest.com/pin/146859637838151534/> e <https://br.pinterest.com/pin/489344315751375481/>

iminente. Nas cenas, devido aos diálogos e aos olhares de Lexa para Clarke é possível perceber uma certa admiração por parte da *commander* pela forma como Clarke conduziu as negociações entre os povos. *T2E 8 - Caminhante no Espaço*: quando Lexa nega o pedido de Clarke para substituir Finn - que seria morto por ter feito uma chacina em uma aldeia Grounder -, ela vê o choro de Clarke, e é nesse momento que percebemos que isso afeta Lexa. *T2E9 - Lembre-se de Mim*: elas estão lado a lado observando as cinzas de Finn e Lexa confidencia: “também perdi alguém que era especial para mim”, sua voz parece tremer “chamava-se Costia”. Clarke olha para ela “foi capturada pela Nação do Gelo cuja rainha achava saber os meus segredos”. A câmera foca no seu perfil e ela continua “como ela era minha... eles torturaram-na”, seu peito sobe e desce pesadamente. A câmera está próxima à Clarke agora e Lexa prossegue “mataram-na. Cortaram-lhe a cabeça”, seus olhos ficam rasos de lágrimas.



Figura 7: Lexa fala para Clarke sobre Costia
Fonte: Site The 100 Wiki Fandom⁹⁰, 2024

T2E10 - Sobrevivência do mais apto: após uma reunião sobre o ataque a Monte Weather, Clarke é agredida por um dos homens de Lexa. A *commander* o atinge com uma faca e fala: “atacar a ela é atacar a mim”. Em Camp Jaha/Arkadia, local onde vivem os *Skai kru*, Lexa deixa um de seus homens encarregado de proteger Clarke acima de qualquer coisa.

O Ciúme

T2E14 - O Guarda-costas de mentiras: Clarke e Lexa estão na tenda dessa última e conversam sobre estratégias para um ataque aos montanheseiros. Quando Clarke demonstra preocupação com a presença de Bellamy em Monte Weather, vê-se uma mudança no semblante de Lexa que está de costas para ela “gostas dele”, diz. Clarke responde “eu gosto de todos eles”, Lexa se vira e retruca “mas

⁹⁰ Retirado de <https://the-100-brasil.fandom.com/pt-br/wiki/>

preocupa-te mais com ele”. Percebemos essa fala e as expressões de Lexa como sinal de um possível ciúme, ou, no mínimo, um desconforto com o que Clarke sente por Bellamy.

A Briga

T2E14: Clarke discute com Lexa “dizes que ter sentimentos me torna fraca, mas tu é que és fraca, por te esconderes deles. Posso ser hipócrita Lexa, mas tu és uma mentirosa. (...) Queres que todos pensem que és superior a isso tudo, mas a mim não enganas”. Enquanto fala, Clarke se aproxima cada vez mais de Lexa, que vai recuando até encostar em uma mesa, desconcertada. Elas ficam muito próximas uma da outra e Lexa fala entredentes “fora daqui”, Clarke insiste lembrando sobre a aldeia da qual as duas fugiram “duzentos e cinquenta pessoas morreram naquela aldeia. Sei que sentiste essa perda, mas deixaste-os arder”. Ao que Lexa responde, emocionada “não todos” “a ti não”. Podemos perceber um momento de tensão sexual, de intensidade entre as duas.



Figura 8: Clarke discute com Lexa
Fonte: Tumblr⁵¹, 2024

O Beijo

Ainda no *T2E14*, Clarke se desconcerta com o olhar e a fala de Lexa. Logo, Lexa manda chamar Clarke e diz-lhe que confia nela “pensas que os nossos costumes são duros. Mas é assim que sobrevivemos”. Clarke retruca “talvez a vida não deva ser apenas sobreviver, não merecemos melhor que isso?”. “Talvez mereçamos”, concorda Lexa pensativa, olhar fixo nos lábios de Clarke. Lexa se aproxima e a beija. Clarke corresponde, mas depois interrompe o beijo e diz “lamento, eu... não estou

⁵¹ Retirado de <https://acidglue234.tumblr.com/post/142607523632/lexa-loves-clarke-analysis-part-1>

pronta para estar com alguém”. Diante do olhar de Lexa, Clarke completa “ainda não”. Há um grande significado nessa cena. A frase de Clarke deixa uma possibilidade futura.



Figuras 9 e 10: Lexa observa os lábios de Clarke e acontece o beijo entre as duas
Fonte: Tumblr⁵², 2024

5.1.2. Sinopse da Temporada 3

Três meses após os acontecimentos no Monte Weather e a traição de Lexa aos *Skaikru*, Clarke – que se tornou a “Wanheda”, a Comandante da Morte - está sendo caçada por alguns *Grounders*, pois, segundo a crença local, quem matar a “Wanheda” consegue dominar a morte.

O Reencontro

T3E2 - “Wanheda”, parte 2: ao saber que Clarke estava sendo caçada, com o intuito de protegê-la, Lexa faz um acordo com Roan (Zach McGowan), príncipe de *Azgeda*, a Nação do Gelo, para que ele traga Clarke até ela na capital. A coligação está prestes a ser destruída e Lexa quer Clarke ao lado dela, como “Wanheda”, mas quando Lexa se aproxima de Clarke, essa, furiosa, cospe em seu rosto.

A Declaração

T3E3 – Vós que entrais aqui: após a cerimônia em que Clarke e seu povo se tornam o 13° clã sob o comando de Lexa, essa vai até o quarto de Clarke e se ajoelha aos seus pés "juro-te fidelidade, Clarke kom Skaikru. As tuas necessidades serão as minhas e o teu povo será o meu". Clarke lhe estende a mão e seus olhos se encontram.

⁵² Retirado de <https://acidglue234.tumblr.com/post/142607523632/lexa-loves-clarke-analysis-part-1>



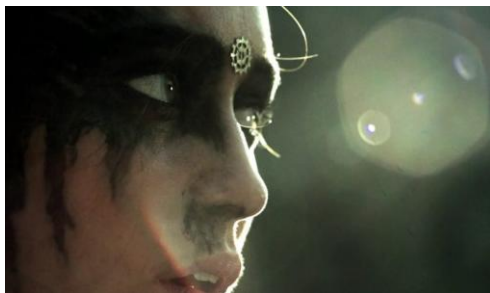
Figuras 11 e 12: Clarke se ajoelha na cerimônia (esquerda); Lexa se ajoelha no quarto de Clarke (direita)
 Fonte: Tumblr⁵³, 2024

Há uma forte intertextualidade entre a fala de Lexa e o texto escrito em um bilhete pela personagem Ruth (Mary-Louise Parker), em um pedido de socorro para Idge (Mary Stuart Masterson) no filme “Tomates verdes fritos” (EUA, 1991), de Jon Avnet, baseado no livro “Fried Green Tomatoes at the Whistle Stop Café”, de Fannie Flagg. O texto se refere a fala bíblica de Rute a Noemi que, segundo algumas teorias, possuíam uma conexão especial “não me instes para que te deixe e me afaste de ti; porque, aonde quer que tu fores, irei eu e, onde quer que pousares à noite, ali pousarei eu; o teu povo é o meu povo, o teu Deus é o meu Deus” (Rute 1:16). Se esse filme, considerado um clássico, fosse lançado atualmente, com certeza haveria comentários sobre *queerbaiting*, porque apesar de ser evidente o forte laço entre Rute e Idge e dessa última performar de forma reconhecida como masculina pela sociedade, seu possível envolvimento amoroso nunca é mostrado, fica sempre subentendido (Marinho, 2021) e a personagem Rute acaba por morrer na história.

A Mudança

T3E5 - “Hakeldama”. Clarke e Lexa levam o corpo da rainha da Nação do Gelo – vingada por Lexa em um duelo após a descoberta da sua responsabilidade na morte de vários *Skaikru* - para a entregarem ao povo de Clarke. Elas cavalam lado a lado, Lexa fala “traz-lhes justiça” e Clarke responde “tu é que lhes trazes justiça”. Lexa sorri “nós trazemo-lhes paz”, Clarke também sorri.

⁵³ Retirado de <https://acidglue234.tumblr.com/post/142607523632/lexa-loves-clarke-analysis-part-1>



Figuras 13 e 14: Todos gritam “Heda” no duelo; Clarke e Lexa cavalgam juntas
 Fonte: Sériemaniacos⁵⁴ e Tumblr⁵⁵, 2024

A Parceria

T3E6 - Colheita amarga: Clarke sai de CampJaha/Arkadia e permanece ao lado de Lexa em sua volta para a capital. Momentos depois Clarke está em uma poltrona no seu quarto e faz um desenho de Lexa enquanto ela dorme em um sofá próximo.



Figura 15: Clarke desenha Lexa dormindo
 Fonte: Tumblr⁵⁶, 2024

Na cena percebemos a confiança de Lexa em Clarke, pois ao dormir ela está totalmente desprotegida. O clima é de tranquilidade e aconchego. Ambas usam roupas civis. Logo depois, Lexa entrega para Clarke o montanhês que planejava uma ação contra seu povo, resultando na morte de um grande número de *Skaikrus*. Na cerimônia para que a justiça seja feita, Clarke se nega a matá-lo. Lexa então discursa “os atos dela demonstram promessa num novo futuro. Num mundo em que a violência nem sempre se responde com violência”, e continua “num mundo no qual os nossos filhos possam prosperar sem a sombra da morte”. Os olhos de ambas se encontram. Nesse momento, sem saber,

⁵⁴ Retirado de <https://seriemaniacos.tv/wp-content/uploads/2016/02/The-100-3x04-1068x546.jpg>

⁵⁵ Retirado de <https://acidglue234.tumblr.com/post/142607523632/lexa-loves-clarke-analysis-part-1>

⁵⁶ Retirado de <https://acidglue234.tumblr.com/post/142607523632/lexa-loves-clarke-analysis-part-1>

Lexa sela o seu destino. *T3E7 – Treze*: Lexa segue na tentativa de manter a paz e convida Clarke para permanecer na capital “o teu legado será a paz”, Clarke fala para Lexa.

O Amor

T3E7: na próxima cena, no quarto de Lexa, Clarke diz que tem que voltar para Arkadia “é por isso que tu és tu” diz Lexa. Clarke emocionada fala “talvez um dia, nós duas não devamos mais nada ao nosso povo”. Lexa completa “que nos reencontremos” e elas se beijam em meio as lágrimas. Depois, ambas estão nuas na cama. Clarke observa as tatuagens feitas nas costas de Lexa no dia de sua ascensão como *commander*. Elas se amam novamente.



Figuras 16 e 17: Clarke e Lexa se beijam; Clarke fala sobre as tatuagens de Lexa
Fonte: Tumblr⁵⁷, 2024

A Morte

T3E7: Logo após, Clarke entra em seu quarto e vê Titus (Neil Sandilands), o *Fleimkepa* (guardião da chama) da *commander*, com uma arma. Titus a ameaça e diz que fará isso por Lexa (Titus acreditava que Lexa estava enfraquecendo seu comando por causa de Clarke), mas Lexa é atingida pela bala ao entrar no quarto. Titus fica horrorizado e coloca Lexa na cama, enquanto Clarke tenta estancar o sangue. Lexa olha para ela “não tenhas medo” e fala para Titus na sua língua nativa “nunca mais tentarás fazer mal à Clarke” fazendo-o jurar. Clarke diz “quero-te a ti” e Lexa responde “a minha luta acabou. Tinhas razão Clarke. A vida é mais do que apenas sobreviver”.

5.1.3. Análise Geral de *The 100*

Ao assistir a série observa-se que uma das abordagens principais se refere a questão da sobrevivência desse grupo na história e as consequências das decisões que são tomadas para que isso ocorra. Dessa forma é percebido que a trama não tem como ideia principal histórias românticas, mesmo

⁵⁷ Retirado de <https://acidglue234.tumblr.com/post/142607523632/lexa-loves-clarke-analysis-part-1>

que essas aconteçam no decorrer dos eventos. É interessante observar também - e aqui citamos apenas como uma constatação, não fazendo uso de algum “juízo de valor” - que a sexualidade das personagens nunca é referenciada, gera algum constrangimento ou traz dúvidas, fato confirmado pelo criador Jason Rothenberg “eles só estão preocupados com o fato de que eles estão indo para viver e morrer ... Ninguém nunca classifica ninguém, como em: 'Ela é uma mulher líder', ou, 'Ele é um soldado gay'. Isso não está no vocabulário do nosso show” (Makita, 2016, §5). A protagonista Clarke se envolve primeiramente com Finn, recebe e aceita um beijo da *commander grounder* Lexa (T2E14) e depois tem uma noite com uma terrestre chamada Niyah, enquanto foge de seus perseguidores (T3E1). O que trouxe, de forma aberta e evidente, uma protagonista bissexual em séries para jovens adolescentes “Clarke se tornou a primeira líder abertamente bissexual da rede - um movimento que ajudou o drama, agora em sua terceira temporada, se transformar a partir de uma estreia incerta e instável dentro do *trending topic* mundial do Twitter” (Makita, 2016, §3, ênfase da autora). Sobre o crescimento, na época, da #Clexa, o criador da série já deixava nítido o seu posicionamento:

Eu nunca penso, “Bem, eu realmente preciso atender as pessoas que querem ver essas duas pessoas juntas”, [...]. O fenômeno do shipping é uma espécie de faca de dois gumes em que as pessoas são realmente apaixonadas, o que as leva para assistir ao show, [mas] eu não gosto que o shipping coloca vários grupos uns contra os outros. ... É incomum. É uma coisa nova para mim estar observando. (Makita, 2016, §7).

O *shipping* muitas vezes cria uma expectativa no público, tanto sobre o final que será dado aos personagens shippados, quanto sobre as pessoas que os interpretam, inclusive impactando negativamente sobre sua vida pessoal e mesmo seus relacionamentos. Muitos dos fãs não conseguem desvincular a personagem do seu intérprete, o que se estende também para as escolhas narrativas da produção. No caso específico de Clarke e Lexa, pode-se dizer que a expectativa do público era ainda maior e entendível, haja vista que um relacionamento sáfico com um “final feliz” era algo raro, como já foi mostrado na pesquisa.

A fala do criador foi “realmente” sincera, pois mesmo com toda a movimentação dos fãs, o destino da personagem Lexa não foi alterado. Talvez ele não tivesse imaginado a dimensão que isso poderia tomar. Na trama, vemos mulheres fortes e plurais, como Abby (Paige Turco), Octavia (Marie Avgeropoulos), Raven (Lindsey Morgan), Indra (Adina Porter) e, sobretudo, Clarke e Lexa que, juntas, querem manter a paz. Entre conversas e mesmo discussões, elas começam a se permitir ir além: sonhar, ter esperança, o que é muito mais do que apenas lutar para sobreviver. Sob o comando de Lexa, através da coligação, cada grupo dentro do povo *Grounder* conserva suas características e vive a partir de um

objetivo comum. Lexa é uma pacificadora e pretendia dar continuidade a essa “ideia” juntamente com Clarke. Dessa forma a morte de Lexa, não é só a sua morte, mas a morte de uma ideia, de uma idealização de paz, de um futuro no qual todos os grupos pudessem coexistir, mesmo com suas particularidades.

Não é possível afirmar o que pretendia o criador Jason Rothenberg ao matar a personagem Lexa, mas parece evidente, sim, que ele subestimou o impacto de sua morte, principalmente sobre o público sáfico (Bridges, 2018) e não percebeu ou não acreditou que ela era uma “promessa”, tanto dentro da série quanto fora dela. Além de Lexa representar a possibilidade de um futuro diferente para um povo inteiro na tela, para o público, sobretudo para as mulheres sáficas, Lexa era a promessa da possibilidade de um amor com final feliz. Uma representação positiva do amor entre duas mulheres, personagens complexas e únicas, que finalmente aconteceria. Uma “esperança” que foi destruída na série por Titus, uma figura paterna e, fora dela, junto ao seu público, pelo próprio Rothenberg. Dois homens, duas maneiras de acabar com uma mulher que traria uma perspectiva diferente para muita gente. Rothenberg fez uma carta aberta para o os fãs da série, publicada no *Medium*, em que expressou seu arrependimento:

Há várias razões pelas quais este episódio em particular aconteceu da maneira que aconteceu: prático (uma atriz estava deixando o show), criativo (é uma história sobre reencarnação) e temático (é um show sobre sobrevivência). **Apesar dos meus motivos, eu ainda escrevo e produzo televisão para o mundo real onde existem tropos negativos e dolorosos. E eu sinto muito por não reconhecer isso tão completamente quanto eu deveria. Sabendo tudo o que sei agora, a morte de Lexa teria acontecido de forma diferente.** (Rothenberg, 2016, §6, ênfase do autor)

Independente do motivo pelo qual uma personagem vai morrer em uma trama, se pela saída da atriz/ator, se pela questão da recepção do público ou pela própria audiência, considero que a morte de Lexa foi uma morte indigna que não deveria ser usada apenas como um recurso dentro da narrativa, não se respeitando a trajetória dessa personagem e a trágica história de mulheres LGBTQIAPN+ nas tramas. Lexa, enquanto personagem, possuía várias nuances: a amante, a guerreira, a pacificadora, a líder que toma atitudes necessárias mesmo deixando seus sentimentos de lado. Era perceptível que Lexa estava apaixonada e que Clarke acabava por transformar a maneira como a *commander* percebia muitas coisas no seu mundo. Lexa queria que Clarke estivesse próxima a ela, pedia a opinião de Clarke sobre várias questões e sempre a protegia. O que levou a uma iniciativa de controle, principalmente por Titus, seu mentor, que na tentativa de “protegê-la”, acaba por não respeitar suas escolhas. Sua influência pode ser percebida em algumas das falas de Lexa para Clarke “o amor é fraqueza” e “ser comandante é estar

só”. Em um mundo onde a luta pela sobrevivência é constante e viver uma vida longa é praticamente impossível, mesmo no momento de sua morte Lexa ainda tenta proteger a mulher que ama, fazendo Titus jurar que nunca mais faria algo à Clarke.

Por tudo o que foi visto e lido, acredito que é possível que o criador não tenha pensado “vou acabar com esse ícone, com esse símbolo das mulheres lésbicas”, o que ele deixou expresso na já citada carta aberta aos fãs⁵⁸ “o relacionamento delas tinha uma importância maior do que eu imaginava. E essa representação muito importante foi tirada por uma bala perdida”, e “embora agora eu entendo por que essa crítica apareceu no nosso caminho, isso me deixa com o coração partido. Eu prometo a vocês que enterrar ou ferir alguém nunca foi a nossa intenção” (Rothenberg, 2016, §5). Apesar da desculpa dada, é possível reconhecer, sim, que ele tratou o arco da personagem com desdém, como se ela fosse mais uma que iria morrer em uma história de guerra na qual muitas personagens morrem e iria servir àquela narrativa como outros serviram. O problema continua sendo a percentagem de personagens LGBTQIAPN+ que morrem e a forma de suas mortes se comparado a personagens heterocis. Rothenberg não percebeu o que estava sendo construído e as possibilidades que poderiam surgir com a história das duas. E sim, ele incorreu no velho, desgastado, dolorido e inaceitável tropo *Bury Your Gays*.

Algo também simbólico aconteceu depois da morte de Lexa. Clarke, mesmo com as evidências de um relacionamento entre as duas, não pode nem sequer opinar sobre o corpo de Lexa. Em choque ela viu Titus virar Lexa de bruço, realizar o início do ritual de passagem da *commander* e levar seu corpo, deixando Clarke só e trancada dentro do quarto. Uma espécie de lembrança de que ela não pertencia ao mundo de Lexa e que até o homem que a matou, mesmo que por engano, tinha mais direitos naquele momento do que ela. Algo não muito diferente do que acontecia e ainda acontece, em relacionamentos amorosos entre personagens LGBTQIAPN+, que não possuem uma união estável ou um casamento que garanta seus direitos sobre seu parceiro ou parceira caso estes morram ou adoçam, como foi mostrado com a personagem Amanita (Freema Agyeman) em *Sense8* (Netflix, 2015-2018), das Irmãs Wachowski.

O criador arrastou a possibilidade de romance entre Clarke e Lexa durante vários episódios e quando elas finalmente começaram um relacionamento, foram punidas utilizando-se de uma fórmula recorrente, conforme alertou a pesquisadora Elizabeth Bridges (Bridges, 2018) e como já se discorreu aqui: com a morte de Lexa tendo ocorrido de uma forma torpe e indigna para uma guerreira como ela, pelas mãos de um homem no qual ela confiava e logo depois de ela e Clarke fazerem amor. Um homem que achava que estava fazendo o certo, que achava que podia dizer a ela como viver, que poderia direcionar a sua trajetória.

⁵⁸ Retirado de <https://medium.com/@jrothenberg/the-life-and-death-of-lexa-e461224be1db>

O *queerbaiting* mencionado nas mídias ocorreu pois, além do tempo prolongado para que o relacionamento se concretizasse entre as personagens (enquanto outros relacionamentos se formavam rapidamente), a própria equipe, encabeçada pelo criador, alimentava a ilusão dos fãs nas redes, o que pode ser percebido ao reforçarem a presença de Lexa, mesmo com a morte dela já tendo sido gravada, com comentários da equipe e fotos de momentos das filmagens (Coletti, 2017). Possivelmente por terem percebido o impacto e a força da personagem para o público e sua importância na própria narrativa, Lexa foi “trazida” de volta em alguns episódios após sua morte, mas mesmo assim o público não se deixou convencer. Os fãs utilizaram nas redes a #LGBTfansdeservebetter e as frases “CW usou fãs LGBT”, “Minorias não são descartáveis” e “Alycia queria voltar” (Blues, 2018).

A morte da personagem Lexa em *The 100* pode ser considerada fundamental dentro da movimentação dos fãs, pois deu início a uma onda de mudanças a partir de suas ações, entre elas as campanhas #LexaDeservedBetter⁵⁹, #FansDeservedBetter⁶⁰, bem como a iniciativa de arrecadação de fundos para o The Trevor Project⁶¹, uma organização sem fins lucrativos que trabalha para prevenir suicídios de pessoas LGBTQIAPN+. Além disso, “como resultado das reações inflamadas de fãs, legitimamente decepcionados, um grupo de mulheres da série canadense ‘Saving Hope’ se uniu para criar o Lexa Pledge, uma promessa escrita para tratar personagens LGBTQ com respeito” (Santos, 2016, §1). Houve também mudanças na utilização de termos e nomenclatura na forma como são empregados atualmente, inspirando ainda outras reivindicações, como mostra o título da matéria no site *Variety*: “What TV Can Learn From ‘The 100’ Mess” - O que a TV pode aprender com a bagunça de ‘The 100’ (Ryan, 2016).

Ao ter-se dado conta do que havia acontecido, Rothenberg elencou fatores que afetam sobretudo adolescentes LGBTQIAPN+ e que mostram a importância da representação positiva no audiovisual. Os mesmos já percorridos no decorrer dessa pesquisa: discriminação, depressão, ideação suicida, falta de oportunidade para pessoas LGBTQIAPN+, sobretudo mulheres, e tantos outros. Apesar desse reconhecimento, Rothenberg esqueceu de um ponto muito forte que se refere à esperança: a negação da possibilidade de viver um amor. Uma impossibilidade na construção de afetos.

⁵⁹ Retirado de <https://thats-normal.com/2018/03/lexa-still-deserves-better-a-fan-led-movement-carries-on-two-years-later/>

⁶⁰ Retirado de <https://variety.com/2016/tv/opinion/the-100-lexa-jason-rothenberg-1201729110/>

⁶¹ Retirado de <https://variety.com/2016/tv/opinion/the-100-lexa-jason-rothenberg-1201729110/>

5.1.4. Critérios para Verificação da Representação de Personagens LGBTQIAPN+ na Série *The 100*

EIXO	PERGUNTAS	The 100
A representação	A série/filme apresenta uma ou mais personagem(ns) LGBTQIAPN+ identificável(is)?	Sim.
	Essa(s) personagem(ns) LGBTQIAPN+ existe(m) para além da sua orientação sexual ou identidade de gênero?	Sim.
	Essa(s) personagem(ns) é/são diversa(s) em relação a gênero, raça e origem?	Sim.
	Há uma rede de apoio para a(s) personagem(ns) LGBTQIAPN+?	Sim.
A importância	Essa(s) personagem(ns) faz(em) parte do núcleo central?	Sim.
	Caso essa(s) personagem(ns) seja(m) retirada(s) da trama, haveria um efeito significativo na história?	Sim e não.
	A(s) personagem(ns) mulher(es) faz(em) parte do núcleo central? Sua(s) história(s) é/são independentes?	Sim. Sim.
Os não-estereótipos	Essa(s) personagem(ns) reproduz(em) os estereótipos de alívio cômico, hipersexualização, promiscuidade ou de gênero?	Não.
O quantitativo	Quantos personagens LGBTQIAPN+ há na produção?	5.
	Quantas dessas personagens fazem parte do núcleo central?	1/10.
	Há pessoas LGBTQIAPN+ atrás e na frente das câmeras?	Não sabemos.
	Quantas personagens são do gênero masculino e feminino no núcleo central? Há personagens não-binárias ou agênero? Quantas?	F: 4 e M: 6 NB: 0 e AG: 0
	Quantas personagens trans existem em relação as personagens cis? Ela(s) faz(em) parte do núcleo central?	0/10.

Tabela 6: Critérios para Verificação da Representação de Personagens LGBTQIAPN+ na Série
Fonte: Elaboração da autora, 2024

Perguntas	The 100
1. Há o protagonismo das personagens envolvidas? De um(a) ou dos(as) dois/duas?	Sim.1.
2. As personagens são complexas, aprofundadas? Uma ou as duas?	Sim. 2.
3 As personagens têm seus próprios núcleos dentro da história? Uma ou as duas?	Sim. 2.
4. Identifica-se que as personagens são LGBTQIAPN+? Uma ou as duas?	Sim. 2.
5. As personagens possuem diversidade de etnia/raça, corpo e identidade? Uma ou as duas?	Não.
6. O romance entre as personagens é evidente?	Somente no final.
7. Qual o tipo de contato/relação entre as personagens?	Envolvimento.
8. Há algo que identifique a prática de <i>queerbaiting</i> na história ou fora dela?	Sim. Fora das telas.
9. O final da(s) temporada(s) analisada(s) recai no tropo <i>Bury Your Gays</i> (BYG)?	Sim.

Tabela 7: Levantamento da Representação do Relacionamento entre as Personagens LBTQIAPN+
Fonte: Elaboração da autora, 2024

5.2. *WARRIOR NUN*

“Estarei com você em cada passo”
Beatrice para Ava (T1E9)

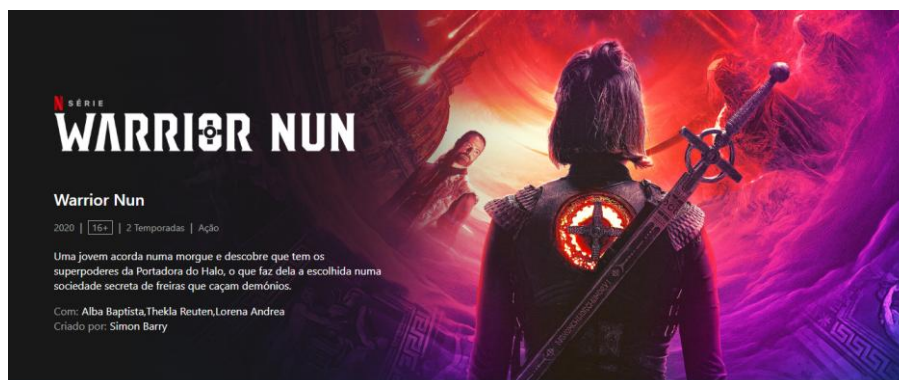


Figura 18: Banner da série *Warrior Nun*
Fonte: Site da Netflix⁶², 2024

A série *Warrior Nun* (2020-2022) é uma série de ação e fantasia criada por Simon Barry - inspirada na *graphic novel* “*Warrior Nun Arealá*”, de Ben Dunn - cuja síntese existente no site da Netflix⁶³ informa: “Uma jovem acorda numa morgue e descobre que tem os superpoderes da portadora do Halo, o que faz dela a escolhida numa sociedade secreta de freiras que caçam demônios”.

5.2.1. Sinopse da Temporada 1

Ava (Alba Baptista), era uma jovem tetraplégica que, ao receber o Halo, revive e recupera os movimentos. A jovem é um tanto incrédula seja sobre instituições religiosas ou a própria existência de Deus. Ava só quer se divertir e aproveitar a segunda chance de viver.

Ava e Beatrice

T1E2 - Provérbios 31:25 - Ava é emoção, enquanto Beatrice (Kristina Tonteri-Young) é razão. Ava e Bea se conhecem. *T1E3 - Efésios 6:11*: no refeitório, Ava se senta ao lado de Bea analisando suas expressões. Momentos depois, elas conversam e Ava observa Bea profundamente, enquanto ela conta que seus pais são diplomatas na Inglaterra, conservadores e preocupados com a aparência “eu não seguia as normas, então me mandaram para um internato católico”. Ava diz que há mais do que ela está contando. Bea em pé ao lado de Ava, baixa os olhos, se aproxima ainda mais e responde “sempre tem mais.” Ava levanta o rosto e seus olhos se encontram. É o primeiro contato mais próximo das

⁶² Retirado de <https://www.netflix.com/title/80242724>

⁶³ Retirado de <https://www.netflix.com/title/80242724>

personagens. Aqui é mostrado que Bea traz algo que muitos não sabem o que é. E nos indagamos como ela não seguia as normas se ela aparentava ser a mais disciplinada de todas as *warrior nun*.



Figura 19: A conversa entre Ava e Bea sob os olhos dos fãs
Fonte: Plataforma Ytimg⁶⁴, 2024

O Diário

T1E8 - Provérbios 14:1 - Ava recupera um diário das *warrior nun* que Shannon havia escondido. Bea lê a história com atenção. No diário, a Warrion Nun Melanie conta que havia se tornado portadora do Halo quando escapou do campo de concentração de Dachau. Ava pergunta como ela podia ser judia e freira. Bea explica “perseguiam as pessoas por serem diferentes. Não só judeus.” Ela olha rápido para Ava “ela era lésbica.” Bea lê um fato narrado no diário. Ao largar o diário em cima da mesa de centro, ela chora e dá um longo suspiro. Fala para Ava “minha vida inteira, tentaram me fazer ser algo que não sou. Me fazer ser ‘normal’ ou, no mínimo, ‘tolerável’. Eu me versei em tantas coisas só para ainda ter algum valor apesar dos meus defeitos, ou do que me ensinaram que eram defeitos. É óbvio que tentei me adequar..., mas quando se é punida só por ser diferente, começa a se odiar o que se é. E o que ama, o que deveria dar felicidade... só traz dor”. Ava responde “não odeie o que você é. É lindo o que é. Lamento a sua dor”. *No episódio 9 - Coríntios 10:4* - quando Ava consegue terminar um teste muito difícil, Bea a abraça e toca seu rosto, olhando-a nos olhos fala “você conseguiu”. “Graças a você” Ava responde. Bea disfarça e pigarreia ao dizer “estarei com você em cada passo”.

Importante mencionar que, nas redes sociais, os fãs postam cenas das séries *The 100* e *Warrior Nun* com diálogos muito parecidos entre as protagonistas.

⁶⁴ Retirado de <https://i.ytimg.com/vi/qveGE9Aa4Hk/maxresdefault.jpg>



Figuras 20 e 21: Bea e Ava no momento do diário e do teste
 Fonte: Site Guia Mundo Moderno⁶⁵, 2024



Figuras 22 e 23: Ava e Bea na cena do beijo e da dança
 Fonte: Pinterest⁶⁶, 2024

5.2.2. Sinopse da Temporada 2

As irmãs são traídas e Ava acaba sendo usada para libertar um autodenominado profeta chamado Adriel (William Miller) que quer dominar o mundo. Uma batalha entre as *warrior nun* e Adriel resulta na morte de Mary (Toya Turner) e na dispersão do grupo. Agora Ava está em um vilarejo na Suíça junto com Beatrice, onde busca esconder sua verdadeira identidade enquanto treina com afinco sob a supervisão de Bea.

A Dança

T2E1- Gálatas 6:4-5 - Ava e Bea estão escondidas na Suíça, trabalhando em um bar. Ava sobe para falar com Bea “não precisa ser sempre perfeita”, brinca e lhe dá um beijo no rosto. Quando Ava

⁶⁵ Retirado de <https://www.guiamundomoderno.com.br/entretenimento/series/critica-warrior-nun-de-uma-historia-em-quadrinhos-para-a-tela-de-sua-netflix/>

⁶⁶ Retirado de <https://ar.pinterest.com/pin/1069675348971791705/>

sai, Bea, sozinha, dá um suspiro trêmulo. À noite, Ava embebeda Bea e elas dançam muito próximas. Ambas se olham e ficam de mãos dadas enquanto dançam. Em um desses momentos da dança a câmera mostra o olhar “encantado” de Ava, com os lábios entreabertos enquanto olha para Bea dançando. Percebe-se que ali, mesmo sob o efeito do álcool, Ava se dá conta de que sente algo mais.



Figura 24: Ava observa Bea dançando
Fonte: Reddit⁶⁷, 2024

A União

T2E2 - Provérbios 31:25 - no bar onde elas trabalham, Bea está sentada em uma das mesas e observa Ava no balcão já há algum tempo. Uma mulher pergunta se Bea está sozinha e se senta a seu lado “estou te vendo olhar para ela [Ava] há 20min. Você deve querer algo dela”. Depois da resposta de Bea, a mulher fala “também tenho uma amiga assim”. Ava, de cara feia, assiste a conversa delas. A mulher se aproxima mais “deixo bem claro para ela que ela não é a única amiga do mundo”. Olha Bea de cima a baixo. Bea responde “E se ela for?”, a mulher aperta suavemente o braço de Bea e a cara de Ava fica ainda pior. A mulher fala como vê Bea “paredes dentro de paredes e, no centro, um fogo queimando para ser livre”, encosta o indicador no peito dela. A mulher vê que Ava as observa e fala algo no ouvido de Bea, sorrindo sugestivamente. A expressão “azedada” de Ava deixa evidente o que ele está sentindo.

⁶⁷ Retirado de <https://preview.redd.it/the-way-ava-looks-at-beatrice-in-this-scene-v0-016ga4t2lm1a1.jpg?auto=webp&s=fd7671da0b6db89de6da2c77b113ae0b1e971ce7>

Em uma cena posterior, quando Ava cai de um prédio, Bea grita e a abraça aos prantos “por favor não me deixe, não quero que morra”. As duas sorriem uma para a outra e se abraçam. Ava responde “não podem nos vencer Bea. Juntas não” Bea acaricia o rosto de Ava “eu sei disso” concorda.



Figuras 25 e 26: Ava e Bea na cena da queda
Fonte: Site Reddit⁶⁸, 2024

O Beijo

T2E8 - Jeremias 29:13 - nos momentos finais do episódio, quando Ava se prepara para lutar, ela diz para Bea “as coisas mudam quando você percebe que não é o foco de tudo. Estou fazendo isso pra você viver. Então viva, ok?”. Bea responde com os olhos cheios de lágrimas “não vou. Não posso”. Elas se beijam.



Figuras 27 e 28: Ava e Bea se beijam
Fonte: Site Reddit⁶⁹, 2024

⁶⁸ Retirado de <https://preview.redd.it/the-way-ava-looks-at-beatrice-in-this-scene-v0-016ga4t2lm1a1.jpg?auto=webp&s=fd7671da0b6db89de6da2c77b113ae0b1e971ce7>

⁶⁹ Retirado de <https://preview.redd.it/the-way-ava-looks-at-beatrice-in-this-scene-v0-016ga4t2lm1a1.jpg?auto=webp&s=fd7671da0b6db89de6da2c77b113ae0b1e971ce7>

O Fim

T2E8 - Ava está ferida e Bea a leva ao arco (uma passagem para outras dimensões). Ava fala para Bea “me deixe ir.” Bea concorda “Seja livre”. Na cenas pós-créditos, Bea está pensativa próxima à espada que pertencia a Ava enquanto Warrior Nun. A madre fala com ela sobre o treinamento das novatas, mas Bea larga o hábito e sai sorrindo do convento. Onde ela estava a espada de divinium brilha, mostrando a proximidade da Warrior Nun.



Figuras 29 e 30: Ava se declara para Bea antes de partir
Fonte: Site Reddit⁷⁰, 2024

5.2.3. Análise Geral de *Warrior Nun*

O cenário que se estabeleceu depois da série *The 100* ainda hoje em dia serve de exemplo para fãs de outras séries, como ocorreu com *Warrior Nun*. A série teve uma intensa participação dos fãs nas redes e trouxe várias discussões acerca do *queerbaiting* e *BYG* já na temporada 1, através do relacionamento entre as personagens Ava e Beatrice. Após seu cancelamento pela Netflix, depois da temporada 2, a movimentação se intensificou com a campanha #SaveWarriorNun que chegou aos *trending topics* do antigo Twitter, hoje X. Uma pressão que acabou ocasionando mudanças importantes:

Em junho deste ano, o showrunner Simon Barry anunciou que o esforço dos espectadores teve resultado e que a série havia sido salva. [...] um vídeo publicado pelo site *Warrior Nun Saved*, o produtor [o produtor-executivo Dean English] confirmou que **a história da atração terá uma continuação dividida em três longa-metragens**. (Charleaux, 2023, n.p., ênfase da autora)

A dinâmica da análise sobre essa série comparadamente a *The 100* é diferente, principalmente pela sua atualidade. A série teve suas duas temporadas exibidas pela Netflix entre 2020 e 2022, enquanto os acontecimentos entre Lexa e Clarke ocorreram em 2015 e 2016, o que permite bastante tempo para produção de estudos e pesquisas.

⁷⁰ Retirado de <https://preview.redd.it/the-way-ava-looks-at-beatrice-in-this-scene-v0-016ga4t2lm1a1.jpg?auto=webp&s=fd7671da0b6db89de6da2c77b113ae0b1e971ce7>



Figuras 31 e 32: Campanha #SaveWarriorNun
 Fonte: Plataforma X (antigo Twitter)⁷¹, 2024

Warrior Nun se passa principalmente na Espanha e têm pessoas que atuam de diferentes etnias e nacionalidades, inclusive portuguesa (Alba Baptista, como Ava, e Joaquim de Almeida, como cardeal Duretti e, depois, como o Papa). Uma série cujas personagens principais são freiras e que critica fortemente a religião, o clero e a Igreja Católica, bem como os fundamentos nos quais ela está “sacramentada” e seus mecanismos de poder. A série mostra como é fácil manobrar, iludir, ludibriar pessoas que querem se salvar a qualquer custo, pois no final, em todos os pontos, acreditamos naquilo que queremos. No decorrer dos episódios, várias personagens são “usadas”, em diferentes momentos e de acordo com suas características, para revelar um lado sombrio das instituições. As críticas não se atêm apenas a religião, mas também ao sistema e a própria humanidade.

Warrior Nun também aborda a questão das responsabilidades que nos são impostas mesmo que não queiramos ou que não estejamos preparados para elas. E o quanto, muitas vezes, é difícil nos sentirmos à vontade na nossa própria pele. A personagem Ava nos traz a alegria de viver, de experimentar, de se encontrar em si mesma e Bea nos mostra que nada importa mais do que aquilo que somos. Fugir ou apagar o que somos é uma forma de violência contra nós mesmos que deixa cicatrizes profundas. Assim como em *The 100*, em *Warrior Nun* também são mulheres que coordenam as ações. A diferença está em que, como o núcleo central é composto por freiras, obviamente há mais personagens femininas. Durante todo o tempo vemos que elas não estão sós, entre elas há uma irmandade que ultrapassa o convento. Mary, em um momento com Ava, fala que ela não era a única com cicatrizes, que todas as freiras tinham um passado e que se ela se importasse mais, saberia. Durante a história, muitas mulheres iam para conventos e acabavam por virarem freiras por diferentes motivos: fuga de um

⁷¹ Retirado de <https://x.com/belongsorm/status/1602840657021702145>

casamento arranjado, repressão dos pais e até mesmo a sua própria sexualidade (Caldeira, 2021). Mesmo a maioria das personagens sendo freiras, há uma espécie de reconhecimento das relações, caso de Mary e Shannon. Mary não fez os votos, mas a narrativa nos leva a crer que ela estava envolvida com alguém que havia feito, no caso, Shannon (Melina Matthews).

Na série há vários arquétipos femininos: Deusa – Reya (Andrea Tivadar); Mundana – Ava; Professora/Mentora – Madre (Sylvia De Fanti); Cientista e mãe – Jillian (Thekla Reuten); Guerreira – Mary; Disruptiva – Beatrice, Religiosa – Camila (Olivia Delcán) e Ambiciosa – Lilith (Lorena Andrea). As mulheres estão na liderança, não são casadas, não precisam de homens para fazerem o que querem. As mães são muito citadas, mas em casos de perda: JC (Emilio Sakraya) perdeu a mãe doente; Mary tem a mãe presa; na aldeia em que Mary e Bea param um dos aldeões fala na esposa morta; Kristian (Peter de Jersey) também fala na mãe morta e a própria Ava, por razão do acidente que sofreu, pergunta apenas pela mãe. Jillian representa a separação do mundo real do espiritual. Da iluminação pelo conhecimento de um mundo em busca de descobrir seus limites. Uma cientista que vê a união entre a ciência e a religião e cujas afirmações plantam dúvidas até mesmo entre as freiras. Há várias falas dessa personagem referentes ao controle sobre as mulheres “o inferno... é um conceito criado por homens para subjugar as massas, especificamente as mulheres” (T1E4). A personagem representa também a luta para ser mãe e o que somos capazes de fazer por nossos filhos, filhas e filhas.

Na série as mulheres não traem, elas se protegem, mas todas são traídas pelos homens em diferentes aspectos. A única que difere das outras freiras é Lilith - mitologicamente tida como primeira mulher de Adão -, que por vezes age de forma egoísta, muitas vezes manipulada por alguns dos homens da história, o que acaba por apagar a forma como ela é definida por algumas teóricas “[...] como parte do discurso feminino pós-moderno contra o patriarcado” (Silva, 2012, p. 7). A religião é simbolizada por quatro homens: o padre Vicent (Tristán Ulloa), um traidor das freiras que depois se arrepende; o cardeal/papa Duretti, um religioso de ações dúbias; Adriel, o falso profeta e Kristian, um católico que depois se desilude e no decorrer da história torna a ser crédulo. Todos eles têm atitudes duvidosas e que custam a vida de outras pessoas, principalmente mulheres. Na luta contra Adriel, no final da temporada 1, Ava está “recarregando” o Halo e quatro das *warrior nun* lutam contra ele, o que percebemos ser muito simbólico. Essas mulheres, sem poderes, somente com suas histórias, sem privilégios, mas juntas, lutam contra um homem, superpoderoso, com seus privilégios, que quer fazer valer sua verdade. Em certo sentido, a cena pareceu se referir não somente a um homem em si, mas as características do patriarcado que ele representa, uma estrutura que oprime as mulheres que, juntas, podem destruí-lo.

A série também não deixa de falar sobre a questão do racismo, através de Mary. Várias séries recorrem a essa forma de narrativa: personagens negras fortes e complexas, que fazem parte do grupo central, mas que são as primeiras a serem descartadas. Caso de Wells e, principalmente, de Lincoln em *The 100* (Gomes, 2020). Mary também morre no final da temporada 1, mas o criador da série disse que isso ocorreu devido a problemas pessoais da atriz. Lincoln e Mary eram personagens adorados pelos fãs (Guglielmelli, 2022).

Sobre o amor entre mulheres, nos primeiros momentos do episódio 1 da primeira temporada da série, além de Ava se destacam Beatrice, Mary e Shannon. Quando essa última, a Warrior Nun, pede que seja retirado o Halo (que é o que as torna “escolhidas”), sabendo que ela não sobreviveria aos ferimentos, vemos a negativa de Mary em fazer isso e seu consequente desespero, o que a faz empunhar as armas mesmo contra suas companheiras que já haviam aceitado a situação. Além disso, Mary aproxima seu rosto do de Shannon e a abraça colocando os lábios no seu queixo. Nesse momento é possível observar um *queer coding*, algo que mostra que há mais nessa relação do que uma simples amizade, ou mesmo um elo mais forte que uma fraternidade pode proporcionar. O que continua subentendido pelo empenho de Mary em descobrir os culpados e pelas fotos que Ava encontra no quarto de Shannon das duas abraçadas, suas mãos unidas (T1E3), bem como quando Camila (Olivia Delcán) canta uma música com o refrão “Você me mostrou o amor” na cerimônia de despedida de Shannon. Nesse episódio e nos demais em que Mary está presente, percebemos sinais evidentes de que havia muito mais que amizade, que existia intimidade e um possível relacionamento entre elas. Podemos considerar, então, que na realidade foram dois casos de separação de personagens sáficas.

Além desse exemplo de *queer coding*, temos vários outros, como, por exemplo, quando Ava entra em um pub onde começa a dançar e girar, feliz. Uma mulher a observa e lhe oferece bebida com evidente interesse. Há também a cena em que Ava foge do convento (T1E4) e ao andar livre pelas ruas, pensa que quer viver a vida: beijar, dançar e talvez até transar com... observa uma jovem e depois um rapaz e completa “Alguém... um dia.” Nesse momento se percebe um sinal sobre a bissexualidade de Ava. Algo que não é reprimido ou gera conflito nela, talvez por ter passado tanto tempo imóvel em uma cama e querer se permitir viver a vida, sem “amarras”. Quando Ava tem sua primeira vez com JC e depois vemos seu interesse em Bea, fica evidente que ela é uma personagem bissexual.

Na análise da primeira temporada, fez-se necessário um embasamento a partir da observação de comportamentos e diálogos considerados *queer* somados ao nosso referencial teórico, haja vista que nada estava colocado de forma direta e é por isso que muitos consideraram a possibilidade de *queerbaiting*, pois “[...] a própria proibição de determinados assuntos gera códigos visuais e narrativos

que estruturam a ‘dedução’ espectral sobre existência, força e significância do desejo entre mulheres, nos filmes e na conformação social” (White, 1999. p. 1). Como podemos observar na leitura dos diálogos, todos os momentos entre Ava e Bea, mesmo sem um beijo ou confirmação do envolvimento na primeira temporada, nos levam a pensar que existe sim, algo mais, da mesma forma que com Mary e Shannon. Caso realmente a situação não mudasse na temporada 2 isso poderia ser realmente considerado, mas se não houve intimidade real e a perspectiva de algo mais foi mostrada de maneira tênue na temporada 1, na temporada 2 isso se amplifica através da evolução do relacionamento de Ava e Bea, se confirmando com o beijo e as declarações nos últimos momentos do último episódio.

Na segunda temporada de *Warrior Nun* realmente a história é mais desenvolvida, ainda que Beatrice deixe evidente seu afeto por Ava não tanto pelo falar no decorrer da história, mas mais pelas atitudes. No final, infelizmente, como já vimos em outras produções, após um beijo entre as duas personagens, Ava é colocada por Bea em uma espécie de portal e desaparece. Percebemos então, que do possível *queerbaiting* da temporada 1, a série passou ao *Bury Your Gays* na temporada 2. *Warrior Nun* foi cancelada e os fãs se mobilizaram nas redes, à espera de que outra plataforma assumisse a história. Em entrevista para *The OCS Conclave 2023*, David Hayter, produtor executivo e roteirista de *Warrior Nun*, revelou que um executivo da Netflix “desconfortável com sexo em qualquer nível” recomendou o fim do envolvimento de Ava e Beatrice, “par” que ficou conhecido pelos fãs como Avatrice:

(...) quando a Sarah Walker, que dirigiu os dois primeiros episódios da segunda temporada e alguns episódios da primeira temporada chegou e leu o roteiro e disse: então nós não vamos prosseguir com a história de Avatrice? E nós [ele e Simon Barry, criador da série] falamos ‘sim, nós vamos, só não podemos colocar isso no roteiro, só todas as vezes que você ver ‘ela a ama como uma amiga’ só entenda que é essa história que estamos contando’. Então, nós não contamos a Netflix o que estávamos fazendo, mas nós sentimos que essa era a chave para o relacionamento e era o que o público queria ver. Por exemplo, o grande beijo no final não estava no roteiro até um pouco antes de gravarmos. (Barros, 2023, §2)

Uma acusação grave, haja vista que a Netflix tem tramas com temática LGBTQIAPN+, principalmente com relacionamentos amorosos entre meninos, e que terminam com final feliz: caso de *Heartstopper* e *Young Royals*. Como quem “desapareceu” foi Ava, a personagem principal, isso poderia ser visto como uma possibilidade de continuidade da série e da obrigatoriedade de um retorno dela, o que acabou por não ocorrer. A série foi cancelada e mesmo com a confirmação de uma trilogia de filmes, ainda não se sabe qual o caminho que será escolhido pela produção, já que o criador da série, Simon Barry, não irá participar. Assim, permanece o gosto amargo do fim de mais uma relação entre mulheres em uma produção visual, mais um *Bury Your Gays*, proporcionado pelo próprio *streaming* que a havia disponibilizado. Da mesma forma que a já citada série *Buffy*: a caça-vampiros, Ava também lutava contra

demônios, era uma guerreira a descobrir o seu papel nessa guerra, com uma força e uma personalidade que, ainda assim, não evitaram o seu desaparecimento.

5.2.4. Critérios para Verificação da Representação de Personagens LGBTQIAPN+ na Série *Warrior Nun*

EIXO	PERGUNTAS	Warrior Nun
A representação	A série/filme apresenta uma ou mais personagens LGBTQIAPN+ identificável(is)?	Não (T1). Sim (T2).
	Essa(s) personagem(ns) LGBTQIAPN+ existe(m) para além da sua orientação sexual ou identidade de gênero?	Sim.
	Essa(s) personagem(ns) é/são diversa(s) em relação a gênero, raça e origem?	Sim.
	Há uma rede de apoio para a(s) personagem(ns) LGBTQIAPN+?	Sim.
A importância	Essa(s) personagem(ns) faz(em) parte do núcleo central?	Sim.
	Caso essa(s) personagem(ns) LGBTQIAPN+ seja(m) retirada(s) da trama, haveria um efeito significativo na história?	Sim.
	A(s) personagem(ns) mulher(es) faz(em) parte do núcleo central? Suas histórias são independentes?	Sim. Sim.
Os não-estereótipos	Essa(s) personagem(ns) reproduz(em) os estereótipos de alívio cômico, hipersexualização, promiscuidade ou de gênero?	Não.
O quantitativo	Quantos personagens LGBTQIAPN+ há na produção?	2.
	Quantas dessas personagens fazem parte do núcleo central?	2/2.
	Há pessoas LGBTQIAPN+ atrás e na frente das câmeras?	Não sabemos.
	Quantas personagens são do gênero masculino e feminino no núcleo central? Há personagens não-binárias ou agênero? Quantas?	F: 6 e M: 0. NB: 0 e Ag: 0.
	Quantas personagens trans existem em relação as personagens cis? Ela(s) faz(em) parte do núcleo central?	0/6.

Tabela 8: Critérios para Verificação da Representação de Personagens LGBTQIAPN+ na Série
Fonte: Elaboração da autora, 2024

Perguntas	Warrior Nun
1. Há o protagonismo das personagens envolvidas? De um(a) ou dos(as) dois/duas?	Sim.1.
2. As personagens são complexas, aprofundadas? Uma ou as duas?	Sim. 2.
3. As personagens têm seus próprios núcleos dentro da história? Uma ou as duas?	Sim. 2.
4. Identifica-se que as personagens são LGBTQIAPN+? Uma ou as duas?	Sim e não.
5. As personagens possuem diversidade de etnia/raça, corpo e identidade? Uma ou as duas?	Sim. 1.

6. O romance entre as personagens é evidente?	Somente no final.
7. Qual o tipo de contato/relação entre as personagens?	Envolvimento.
8. Há algo que identifique a prática de <i>queerbaiting</i> na história ou fora dela?	Sim, na T1.
9. O final da(s) temporada(s) analisada(s) recai no tropo <i>Bury Your Gays</i> (BYG)?	Sim.

Tabela 9: Levantamento da Representação do Relacionamento entre as Personagens LGBTQIAPN+
Fonte: Elaboração da autora, 2024

No próximo capítulo, a série *Heartstopper* é analisada de forma mais aprofundada, segundo os objetivos propostos no início dessa pesquisa.

6. SÉRIE *HEARTSTOPPER*: UM OLHAR

“Eu preciso que você saiba que a minha vida é muito melhor porque eu te conheci.
Você é a minha pessoa favorita”
Nick para Charlie (T1E8)

A série *Heartstopper*, criada e produzida por Alice Oseman, é uma série da categoria romance, cuja síntese da primeira temporada, existente no site da Netflix, informa: “Charlie e Nick descobrem que a sua amizade improvável pode ser algo mais enquanto lidam com a vida na escola e o amor jovem nessa série sobre a adolescência”.

A série foi lançada no dia 22 de abril de 2022 pela plataforma de *streaming* Netflix (com indicação para o público 12+), baseada na *webcomic*⁷² (lançada no dia 01 de setembro de 2016) e nas *graphic novels*⁷³ de título homônimo, com texto e ilustrações de Alice Oseman. A história retrata o início da amizade que gradativamente se transforma em amor - um amor terno, sincero e cuidadoso - entre os adolescentes Charlie Spring (Joe Locke) e Nick Nelson (Kit Connor), e aborda todas as descobertas que um sentimento assim proporciona. Charlie é um menino tímido, que passa por um ano de bullying na escola após a descoberta pelos alunos de que ele é gay. Nick é um menino comunicativo, estrela do time de rugby da escola e que até então se acreditava heterossexual. Ambos estudam em uma escola para meninos.

A temporada 1, de oito episódios com cerca de 30min cada, foi escolhida como objeto principal dessa pesquisa por três motivos:

- Ter viralizado e obtido uma ótima pontuação em meios de avaliação na área⁷⁴, conforme mostra a figura 33;

- Ter obtido 929.000 engajamentos no Twitter em sua estreia⁷⁵, mais que o dobro da segunda colocada, a série *Euphoria*;

- *Heartstopper* foi assistida por mais de 14,5 milhões de horas⁷⁶, tornando-se a série mais vista em língua inglesa na semana de estreia, entrando para o top 10 das séries mais assistidas no mundo pela Netflix.

⁷² Retirado de <https://tapas.io/series/Heartstopper>

⁷³ Retirado de www.companhiadasletras.com.br/Busca?q=heartstopper&x=0&y=0

⁷⁴ Retirado de www.rottentomatoes.com/tv/heartstopper

⁷⁵ Retirado de <https://variety.com/2022/tv/news/heartstopper-netflix-twitter-1235240080/>

⁷⁶ Retirado de <https://exame.com/pop/heartstopper-estreia-hoje-na-netflix-veja-o-que-esperar-da-2a-temporada/>



Figura 33: Pontuação da série *Heartstopper* pelo Rotten Tomatoes
Fonte: Site do Rotten Tomatoes, 2022

Desta forma observa-se que sua proposta parece ter funcionado, atingindo o público já existente (*webcomic* e *graphic novels*), o ampliando e tendo um retorno positivo da crítica especializada. Um dos motivos pode ser a compreensão do público com os significados existentes na narrativa (Joly, 2005), o que corrobora o sentido desta análise.

Diferentemente de produções audiovisuais que focam na representação de personagens LGBTQIAPN+ atrelada ao erotismo, a visibilidade dos corpos e seus desejos (Sarmet & Baltar, 2016), *Heartstopper* vai por um caminho inverso: o da descoberta de um amor adolescente e porque não dizer inocente, que na primeira temporada não traz mais que singelos beijos e muitos abraços entre os protagonistas. Afora isso, mostra de maneira delicada alguns estigmas sofridos no ambiente escolar, em interações sociais e a importante rede de apoio formada pelos amigos das personagens principais, professores aliados e familiares preocupados. *Heartstopper*, mesmo mais de dois anos após seu lançamento, ainda é uma das poucas séries que traz uma história de amor LGBTQIAPN+ sob uma ótica de alegria e celebração, e é nessas características que reside a importância de uma série como essa para a comunidade LGBTQIAPN+ adolescente. Nela, a pluralidade está presente, seja no que se refere a etnia, a sexualidade, a identidade de gênero ou a questão corporal; tanto através das personagens principais, quanto de outros personagens representativos que transitam ao redor deles e que fazem parte do núcleo central. Há personagens com ascendência africana: Tara (Corinna Brown) e Elle (Yasmin Finney); chinesa: Tao (William Gao); com o corpo fora do padrão: Isaac (Tobie Donovan) e o próprio Charlie; há lésbicas: Tara e Darcy (Kizzy Edgell); gay: Charlie; bissexual: Nick; uma menina trans: Elle, e vários outros personagens que retratam esse mundo “colorido” de diversas formas.



Figura 34: Núcleo central da trama, falta Isaac
 Fonte: Perfil do Heartstopperfrases⁷⁷ no Instagram, 2024

A adaptação do vol. 1: Dois Garotos, Um Encontro e do vol. 2: Minha pessoa favorita das *Graphic Novels* para essa outra linguagem, teve parte de sua recepção positiva devida aos signos escolhidos e que se tornaram visíveis em seu significado para o público, “o que notámos também é que todos esses signos (icônicos, plásticos, linguísticos) são realmente signos porque não estão lá por si mesmos, mas para produzir sentido, móvel, vivo, sempre deslocado, a par do que eles nos propõem perceber de início” (Joly, 2005, p. 178).

Alice Oseman, que escreveu e roteirizou *Heartstopper*, relata que escreveu “a história que gostaria de ter lido quando adolescente. Todos merecem o tempo, o apoio e o espaço necessários para entender seu sentimento e sua identidade” (Oseman, 2021, p. 318). A autora faz parte da comunidade LGBTQIAPN+, o que explica muito do cuidado com os assuntos tratados na série, em toda a construção psicológica dos personagens, da história e da subjetivação, o que mostra a importância do *queer gaze* neste caso. As autoras Sarmet e Baltar discorrem sobre a importância desse tipo de olhar que “como se pudesse abrir uma fenda temporal e corporal na história, o olhar queer toca nossas entranhas e nos conecta com sensações do passado e de um futuro que ainda não conhecemos, mas já parece melhor” (Sarmet & Baltar 2016, p. 65). Sensações essas que se mostram nos próprios comentários sobre a série.

A bissexualidade, no caso masculina, é abordada fortemente através da personagem Nick, uma questão que ainda suscita muitas dúvidas em pessoas que geralmente pensam que a bissexualidade

⁷⁷ Retirado de <https://www.instagram.com/p/Cc2x2-d0iZY/>

tem vínculo direto com a promiscuidade, com a confusão de sentimentos ou que é apenas uma fase (Weinberg, Williams & Pryor, 1994). A série, mesmo ao trazer os problemas enfrentados pela comunidade LGBTQIAPN+, durante o desenvolvimento da história o faz de forma leve, sincera e afetuosa, evocando a descoberta de novas possibilidades (Silva, 2022). Muitos sites, colunistas e influenciadores compartilham dessa ideia sobre a série:

O que se segue é uma das mais românticas e francas abordagens a um primeiro amor, tão **positiva e repleta de luz** que é capaz de deixar todos os que veem – do adolescente para quem o conteúdo foi pensado até aos seus pais – mergulhados em sentimentos de enternecimento puro. Acima de tudo, “Heartstopper” é uma série adolescente com **falta de antagonismos**, drogas e festas decadentes ou verdadeiras desgraças – e que lufada de ar fresco depois do pesadelo estilizado de “Euphoria”. (Silva, 2022, n.p., ênfase do autor)

Apesar de ter cenas que podem ser chamadas de clichês em histórias românticas, devemos observar que esse tipo de abordagem, com esse alcance, ainda não tinha sido oferecida ao público LGBTQIAPN+. *Heartstopper* mostra que histórias de amor com personagens LGBTQIAPN+ podem ir por caminhos distintos e contempla um outro perfil de público, que pede e se identifica com histórias como essa. Todos, todas e todes devem ter o direito de conhecer histórias com os quais se sintam representados, como reflete a youtuber Lorelay Fox, que terá os comentários sobre sua crítica a *Heartstopper* analisados posteriormente:

Então eu fico pensando que, pras pessoas que tem 15 anos, que são adolescentes hoje em dia, terem uma série como Heartstopper pra se inspirar, pra sonhar e pra verem que ‘Putz, a gente pode ter, assistir filmes bobos, sobre amores platônicos, sem tentar criar uma grande questão em cima de nada disso, onde a maior questão é: será que eu mando uma mensagem ou não? Será que eu seguro a mão dele durante o intervalo ou não?’, sabe? É muito mágico, deve ser muito mágico ser novinho e poder partilhar de uma série dessas. (Canal Lorelay Fox, 2022)

Há na série um trabalho entre texto, imagem, música, expressão corporal, entre outros signos, que trazem significado, transmitem a ideia original e dão sentido global à obra. Silva destaca que “Heartstopper – em toda a sua simplicidade de enredo – é belo, positivo, fotografado e filmado com um cuidado intenso para que toda a **coesão estética** contribua para a criação de um verdadeiro *teenage dream queer*” (Silva, 2022, n.p., ênfase do autor). Desta forma, procurei abordar esses aspectos que foram observados na análise e que consistiram em uma significação que possibilita perceber a mensagem que a série quer trazer ao seu público. Seguirei esse parâmetro, pois que todos esses elementos que constituem significado e contextualizam a trama “são portadores de significação, e, portanto, também factores participantes na criação do sentido global da obra [...], todos os elementos

componentes da obra, sem distinção. Todas as componentes participam no processo semântico a que demos o nome de contexto, [...]” (Mukarovsky, 1981, p. 141-142).

Numa produção audiovisual, diferentemente da vida, na qual as coisas simplesmente “estão”, quase nada está por acaso, o que nos é mostrado em uma cena, na grande maioria das vezes, foi feito e escolhido para estar ali, fruto de trabalho e pensamento e servem para comunicar e expressar algo, com um propósito e uma “visão” em mente.

Identifica-se também, que essa diversidade de referências produz sentido sobre o que será analisado e, a partir dessas características escolhidas para a narrativa e possivelmente identificáveis pelo público, dá-se o início a Análise Visual e a Áudio-análise da série *Heartstopper*.

6.1. ANÁLISE VISUAL

“O prazer queer de ver, tocar, sentir tudo que nos é proibido e usurpado, nos reapropriando do mundo e suas coisas para devolvê-las para um uso em comum e devolver-lhes com alegria, com gozo”
(Sousa & Brandão, 2020, p. 135)

O audiovisual, em sua busca por tornar uma história perceptível a quem assiste, se utiliza de dispositivos próprios que fortalecem o sentido narrativo pretendido. Assim, a imagem transmite uma mensagem que pode ser expressa e proporciona a comunicação pretendida através de signos como cores, expressão corporal, metáfora, entre outros, e que está impregnada de significados:

Ademais, mesmo antes de sua reprodução, qualquer objeto já veicula para a sociedade na qual é reconhecível uma gama de valores dos quais é representante e que ele “conta”: qualquer objeto já é um discurso em si. É uma amostra social que, por sua condição, torna-se um iniciador de discurso, de ficção, pois tende a recriar em torno dele (mais exatamente, aquele que o vê tende a recriar) o universo social ao qual pertence. (Aumont, 1995, p. 90)

Através da *webcomic*, e das *graphic novels*, é possível observar que já havia uma “mensagem visual” vinculada aos personagens devido aos quadrinhos. Assim, o *casting* foi escolhido a partir das informações visuais já apresentadas, em respeito ao grande e fiel público que acompanha a obra. Todo o processo teve o olhar cuidadoso da pessoa autora, Alice Oseman, que também roteirizou e produziu a série.



Figura 35: As personagens e seus intérpretes
 Fonte: Site da Legião dos Heróis⁷⁸, 2024

Podemos assim, observar as diferenças entre a percepção de uma obra literária, seja ela em quadrinhos ou não, e a linguagem cinematográfica, da qual se aproxima o trabalho realizado em uma série. Por não poder trazer a quantidade e complexidade de situações e diálogos que constam em obras literárias, os filmes e séries, frutos de adaptação, são o resultado de escolhas feitas conforme o objetivo proposto para a história. E é aí que reside a importância dos signos utilizados para ampliar a percepção de quem os recebe. Pode-se ter uma ideia disso a partir do que fala o cineasta Eugène Green “*o génio do cinema, é captar fragmentos de realidade (...) e depois ordená-los para constituir uma representação. O espectador que assiste a esta representação percebe um nível de realidade a que não teria acesso se visse esses fragmentos no seu contexto*” (Green, 2019, p. 40). Dentro desse prisma somos detentores de um certo poder porque, estando fora da imagem, podemos observá-la em seu todo. A partir de uma tela, um ecrã, conseguimos ter um “controle” sobre a imagem mostrada, haja vista que podemos parar, utilizar uma velocidade mais baixa, revê-las caso achemos que algo ficou para trás, sem ter que buscar o que queremos apenas na memória.

No decorrer dos episódios a autora mostra em muitos momentos da série, a mesma “cena” utilizada nos quadrinhos, com a diferença que, estes, na *webcomic*, eram em preto e branco, nos livros são em tons pastéis, com predominância do verde. Na série as cores, muitas vezes vibrantes, estão presentes, seja em maior ou menor quantidade durante toda a história, mostrando sua importância na contextualização da trama.

⁷⁸ Retirado de <https://www.legiaodosherois.com.br/lista/heartstopper-netflix-diferencas-hq-serie.html>

6.1.1. As Cores em *Heartstopper*

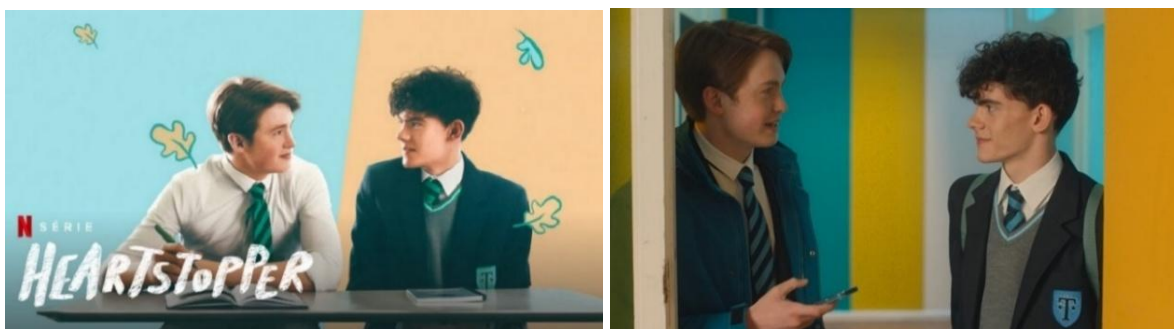
“Você transformou minha vida para algo que nem reconheço mais
E maravilhou meus olhos
Agora eles pintam em aquarela quando choram
Eu costumava ver o mundo em preto e branco
Agora eu, eu
Estou coberta com as suas cores”

(Baby Queen, tradução de trecho da música “Colours of You”)

Na série (salvo raros momentos) as cores pulsam como que para mostrar um universo de descobertas, superação, amizades, afeto e amor - sentimentos e sensações tão presentes na adolescência - celebrados com a alegria de uma nova realidade possível. A fala de Kandinsky citado por Joly “a cor é apercebida opticamente e vivida fisicamente” (Joly, 2005, p. 178) também reforça esse argumento. As cores transmitem significados que variam conforme o lugar e a forma como são colocadas; mas a base de interpretação na cultura ocidental costuma ter pontos em comum e está associada a diferentes fatores, que podem levar à escolha das cores que serão utilizadas em uma obra e que são importantes para a narrativa “quando determina uma cor como dominante, o diretor está escolhendo minimizar ou amplificar determinados conceitos. Cor dominante é aquela que está sempre acentuando elementos e independe do tamanho da área que ocupa” (Stamato, Staffa & Von Zeidler, 2013, n.p.).

As cores azul e amarelo evocam muito da personalidade dos protagonistas da série. Há vários momentos e cenários na trama, em que essas duas cores aparecem juntas ou separadamente, principalmente quando as personagens centrais estão presentes. Percebe-se que o azul está sempre relacionado a Nick e o amarelo a Charlie, e se transferem de um para o outro conforme seu relacionamento evolui. O azul e o amarelo estão presentes em vários momentos e são captados em detalhes pelas câmeras, sejam nos corredores da escola que eles frequentam ou mesmo na escola das meninas, nas salas de aula, nos coletes de treino e na bola de rugby; nos materiais das alunas e alunos ou em detalhes na casa e nos acessórios de Charlie, de Nick e de seus amigos e amigas:

Com o desenvolvimento do estudo das cores e de suas reações, as cenas passaram a carregar uma bagagem maior de emoção e sentido. Essa evolução é perceptível tanto nos planos mais gerais da direção artística do conteúdo, como o cenário e na iluminação, quanto no figurino, designado especificadamente a cada personagem. Assim, por atribuírem simbologias, quando bem escolhidas, as cores contribuem para a montagem externa e interna dos elementos da narrativa, tornando-se uma parte indispensável para comunicação. (Stamato, Staffa & Von Zeidler, 2013, n.p.)



Figuras 36 e 37: Cartaz de divulgação e as cores nos corredores da escola
 Fonte: Site Cinema 10⁷⁹ e Site Márcia Travessoni⁸⁰, 2022

Na Sala de Música da escola as paredes são repletas de pinturas de coloridos instrumentos musicais, com destaque novamente para o amarelo e azul. Ao fundo da sala está a bateria na cor azul, instrumento tocado por Charlie, que tem a música como uma aliada em momentos de estresse e tristeza. Alunos que são excluídos na escola, por diferentes motivos, geralmente procuram um local no espaço escolar que lhe proporcione segurança. A Sala de Artes é o local seguro escolhido por Charlie para estar durante o ano de bullying que sofreu na escola, após a descoberta de que ele era gay. Nessa sala, no canto direito, pintada sobre a parede e a janela, há uma árvore cujas folhas são feitas com o formato de mãos nas cores azul e amarelo. No decorrer da trama podemos perceber a adição das cores rosa e roxo (representantes da bissexualidade) nos galhos da referida árvore. Charlie possui o costume de se sentar sozinho no que seriam as raízes dessa árvore, mas tudo muda quando ele se envolve com Nick.

Esse espaço repleto das cores amarelo e azul é coordenado por um professor que demonstra carinho e cuidado com Charlie, Mr. Ajayi (Fisayo Akinade), e que também é LGBTQIAPN+.



Figuras 38 e 39: A Sala de Artes
 Fonte: Site Cinemação⁸¹, 2022 e Plataforma do Youtube⁸², 2024

⁷⁹ Retirado de <https://cinema10.com.br/series/heartstopper>

⁸⁰ Retirado de marciatravessoni.com.br/entretenimento/heartstopper-veja-curiosidades-sobre-a-nova-serie-lgbtqia-da-netflix/

⁸¹ Retirado de cinemacao.com/2022/05/06/como-heartstopper-utiliza-as-cores-para-representar-os-protagonistas/

⁸² Retirado de <https://www.youtube.com/watch?v=TxvyplyrY00>. Acesso 15 mar. 2022



Figura 40: Mr. Ajavi conversa com Charlie

Fonte: Plataforma do Youtube⁸³, 2024

Em uma importante conversa com o professor, Charlie tem ao lado a imagem de uma arte presente na sala: uma enorme borboleta azul sobre um fundo amarelo, abaixo dela, uma borboleta amarela. A borboleta é um símbolo geralmente associado a transformação.

A personagem Nick inicia a trama com roupas do uniforme da escola, no qual o azul predomina. Percebemos que ele usa roupas sempre nesse tom, mas, à medida que seu envolvimento com Charlie aumenta, outras cores vão sendo somadas ao seu figurino. No *episódio 1 - Meet*, há um momento em que a caneta tinteiro de Nick vaza e suas mãos ficam repletas da cor azul, tendo atrás de si o amarelo de um mural. Esse momento marca as primeiras conversas entre Charlie e Nick, para além dos assuntos de aula:

Assim, por atribuírem simbologias, quando bem escolhidas, as cores contribuem para a montagem externa e interna dos elementos da narrativa, tornando-se uma parte indispensável para comunicação. Quando ligada a construção do personagem, o uso pensado das cores se dá principalmente a partir do figurino [...]. Ao encontro das simbologias da cor, esse elemento trabalha como um construtor de identidades. (Stamato, Staffa & Von Zeidler, 2013, p. 8)



Figura 41: Nick com as mãos sujas de tinta azul

Fonte: Cinemação¹¹², 2022

⁸³ Retirado de cinemacao.com/2022/05/06/como-heartstopper-utiliza-as-cores-para-representar-os-protagonistas

À medida que a trama vai se desenvolvendo, o azul que se refere à Nick parece abraçar Charlie e vice-versa, como se um fosse gradativamente fazendo parte do outro. É o que ocorre no *episódio 2 - Crush*, na cena em que eles vão brincar na neve e Nick - que está com moletom azul - alcança outro moletom, também azul, para Charlie. Nesta cena podemos perceber os detalhes gráficos representando a neve e que nos remetem a *graphic novel* da autora.



Figuras 42 e 43: Os protagonistas com as cores de cada um; Charlie, na neve, com a cor de Nick
Fonte: Magazine HD⁸⁴, 2022

Há vários significados para a cor azul, sejam eles socioculturais, emocionais e psicológicos, que podem revelar essa escolha para a representação da personagem Nick. A expressão idiomática *True Blue*⁸⁵ significa leal, verdadeiro e fiel. Segundo Heller “na Inglaterra, o azul é ainda muito mais frequentemente citado como a cor da fidelidade e da confiabilidade” (Heller, 2022, p. 60) - a pessoa criadora e produtora da série é inglesa. Sobre essa cor, Heller ainda diz mais “o azul é a cor preferida. É a cor de todas as características boas que se afirmam no decorrer do tempo, de todos os sentimentos bons que não estão no domínio da paixão pura e simples, e sim da compreensão mútua” (Heller, 2022, p. 53). A representatividade de Nick como personagem bissexual é inegável, e as características inspiradas por essa cor, em uma orientação sexual que sofre diversos julgamentos, podem ser um dos motivos para essa escolha.

A diferença entre os hobbies de Charlie e Nick, bem como suas cores e outros detalhes pessoais é mostrada em seus quartos, que por sua vez são idênticos aos das *graphic novels*.

⁸⁴ Retirado de <https://www.magazine-hd.com/apps/wp/heartstopper-primeira-temporada-em-analise/>

⁸⁵ Retirado de faustomag.com/true-blue-e-os-30-anos-de-busca-pelo-que-e-verdadeiro-leal-e-fiel/



Figuras 44 e 45: Os quartos de Nick (esquerda) e de Charlie (direita)
 Fonte: Site Magazine HD⁸⁶, 2022 e Plataforma Kwai⁸⁷, 2024

Na cozinha de Charlie os utensílios são na cor amarelo, com alguns pontos em azul. Na cozinha de Nick acontece o contrário: o azul predomina com pitadas de amarelo que vão crescendo no decorrer da temporada, onde a xícara que Nick usa, possui a inicial de seu nome (e da Netflix) em amarelo. É nesse momento que sua mãe (com figurino amarelo) lhe diz que Nick parece mais à vontade com Charlie do que com os outros amigos.



Figuras 46 e 47: A mãe de Nick, e Nick com sua xícara
 Fonte: Business Insider⁸⁸, 2024

Assim, como ocorre com a cor azul, há um significado próprio para a cor amarela que transmite a “(...) sensação de alegria dos dias de sol; sensação da energia do calor do sol [...] sensação de auge da vida” (Silveira, 2015, p. 123-124). No *Diários de Andy Warhol* (Netflix, 2022) - documentário⁸⁹ sobre o famoso nome da art pop e também uma pessoa LGBTQIAPN+ - há um momento em que uma foto do seu namorado aparece e nela estava escrito "Jed trouxe o sol", trazer o sol pode se referir a trazer luz, “calor” e vida, justamente o que Nick mostra que Charlie fez com ele. No *episódio 4 - Secret*, temos a

⁸⁶ Retirado de <https://www.magazine-hd.com/apps/wp/heartstopper-primeira-temporada-em-analise/>

⁸⁷ Retirado de <https://www.kwai.com/discover/filetype:pdf-heartstopper-alice-oseman?lang=pt-BR>

⁸⁸ Retirado de <https://www.businessinsider.com/heartstopper-scenes-vs-original-comic-netflix>

⁸⁹ Retirado de <https://www.netflix.com/title/81026142>

esperada (pelos fãs da *webcomic* e das *graphic novels*) cena do beijo na chuva. Nick e Charlie vestem suas cores e o beijo acontece sob um guarda-chuva com as cores que os representam. E, apesar da chuva, o sol brilha no rosto dos dois.



Figuras 48 e 49: O beijo e o presente de Nick com as cores dos dois
Fonte: Site Plano Crítico⁹⁰, 2022 e Plataforma do Youtube⁹¹, 2024

O final da temporada, no *episódio 8 - Boyfriend*, ocorre com os dois acompanhados das cores que os representaram durante todos os episódios, seja na mochila de Nick ou na toalha de cada um. Neste dia Nick não veste mais o habitual azul, mas um amarelo vibrante, quase laranja, como se ele estivesse “impregnado” por Charlie (Cury, 2022). O que nos remete também ao amarelo do sol. Um belo dia de sol, na praia, onde eles podem ser eles mesmos e agir como namorados que são.



Figuras 50 e 51: Charlie e Nick, na praia, no final da temporada 1, em duas versões
Fonte: Site Magazine HD⁹² e Site Plano Crítico⁹³, 2022

Nota-se que a camisa que Charlie usa tem as cores azul, rosa e amarelo. Esse episódio é crucial para o relacionamento dos dois, principalmente porque Nick decide se “assumir” para as pessoas que

⁹⁰ Retirado de www.planocritico.com/lista-top-10-os-melhores-momentos-da-1a-temporada-de-heartstopper/

⁹¹ Retirado de <https://www.youtube.com/watch?v=sfftYjKbfm8>

⁹² Retirado de <https://www.magazine-hd.com/apps/wp/heartstopper-primeira-temporada-em-analise/>

⁹³ Retirado de www.planocritico.com/lista-top-10-os-melhores-momentos-da-1a-temporada-de-heartstopper/

são importantes para eles, em especial à sua mãe, e é nesse momento que ele se mostra mais alegre, mais leve, mais tranquilo. Na Figura 51 vemos os detalhes gráficos que foram utilizados durante a série para revelar sentimentos e sensações de uma forma lúdica e que lembra as *graphic novels*.

O verde, que surge da mistura dessas duas cores que representam os dois, também pode ser visto em vários momentos da narrativa como a ser um prenúncio do que está por vir e que se intensifica e pode ser comprovado na temporada 2 da série, mas que não será mais aprofundado aqui visto que a análise se refere a temporada 1 de *Heartstopper*.

6.1.1.1. As Cores do Arco-íris e das Bandeiras como Celebração

"Onde brilha o arco-íris não há lugar para o ódio."
Autor desconhecido

A bandeira nas cores do arco-íris é a base de representação da comunidade LGBTQIAPN+, reconhecida mundialmente. Cada grupo representado por uma letra na sigla também tem sua própria bandeira, símbolo visual de identificação, de luta, de resistência, de busca por direitos e celebração do orgulho de ser quem se é.

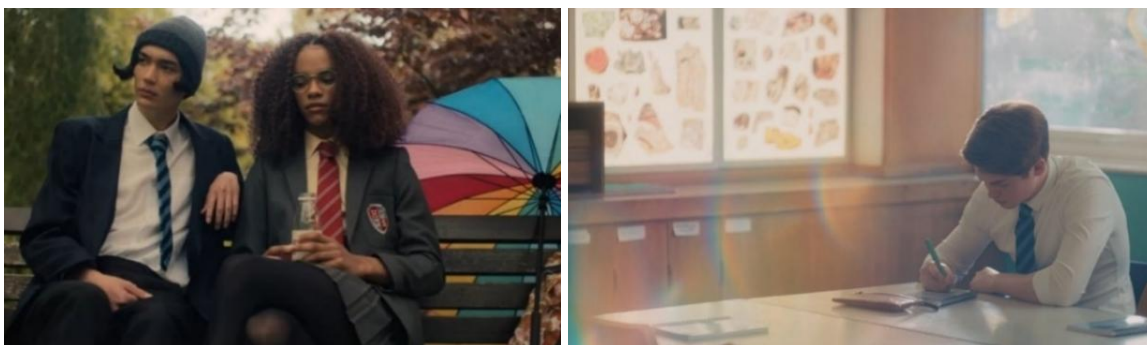


Figuras 52, 53 e 54: As bandeiras que representam a comunidade LGBTQIAPN+, as pessoas Bissexuais e as Transgênero

Fonte: Site Significados⁹⁴, 2024

O arco-íris está em toda parte em *Heartstopper*, seja no próprio céu, enquanto pensamentos enamorados começam a se formar, nas luzes contínuas de um brinquedo, em reflexos ou em festas. E assim como ocorre com as cores que representam Charlie e Nick eles estão em singelos e significativos detalhes: no copo que Charlie segura, no broche na camisa de Mr. Ajayi, celebrando, em todos os espaços em que suas cores são mostradas, o orgulho de sua identidade e trazendo acolhimento à descoberta.

⁹⁴ Retirado de <https://www.significados.com.br/bandeiras-lgbt/>



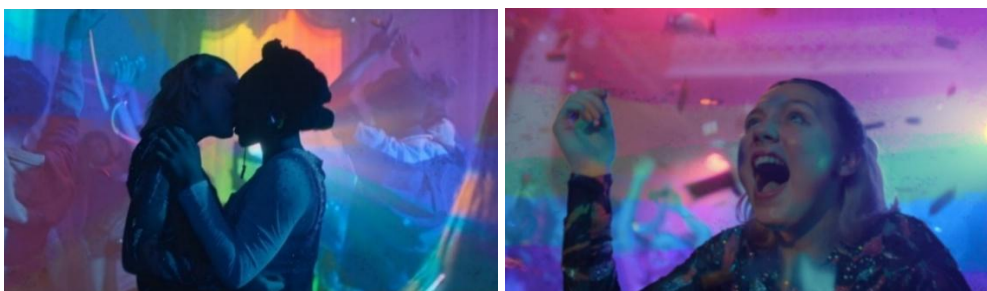
Figuras 55 e 56: A sombrinha atrás de Tao e Elle; e o momento em que Charlie conhece Nick
 Fonte: Site Geek Girl Authority⁹⁵, 2022 e Plataforma do Youtube⁹⁶, 2024

Nas figuras 55 e 56 percebemos as cores do arco-íris na luz e podemos observar uma ampla janela - que está sempre presente nas interações entre as personagens na sala de aula, geralmente trazendo a luz do sol - com desenhos nas cores azul e amarelo. Essa cena faz parte do *episódio 1 – Meet*, e representa o momento em que Charlie vê Nick pela primeira vez, após descobrir que vai dividir a classe com ele. O arco-íris funciona como uma mensagem para o público LGBTQIAPN+, seus familiares e praticamente a maioria da população. O público para o qual a série é voltada percebe esse jogo de cores que traz uma simbologia muito forte para a comunidade. A mensagem visual acaba por alcançar quem a recebe, haja vista que “a análise semiológica das mensagens visuais (ou a semiologia aplicada à imagem) consiste, pois, em assinalar os diferentes tipos de signos utilizados e deduzir a partir da sua organização recíproca uma interpretação global aceitável por um determinado grupo de observadores” (Joly, 2005, p. 175).

Em uma das cenas mais significativas no processo de autodescoberta da personagem Nick, Tara e Darcy dançam e se divertem em uma festa de aniversário de um menino da escola, no *episódio 3 – Kiss*. Elas se beijam na frente de todos e Nick, que está descobrindo sua sexualidade ao sentir um interesse crescente pelo amigo Charlie, observa a cena. Seu olhar de encantamento nos mostra como é importante “ver” alguém com quem nos identificamos ou que está fazendo de forma livre o que queremos fazer, algo como “eu posso viver isso”. Quando elas se beijam as cores que representam a bandeira LGBTQIAPN+, se espalham e as envolvem. Gradativamente podemos observar também as cores azul, roxo e rosa que representam a bandeira Bissexual. Papéis caem do teto enquanto elas dançam e sorriem, em uma espécie de celebração do amor e da alegria de mostrar quem se é.

⁹⁵ Retirado de www.geekgirlauthority.com/heartstopper-recap-season-1-ep-7-bully/

⁹⁶ Retirado de www.planocritico.com/lista-top-10-os-melhores-momentos-da-1a-temporada-de-heartstopper/



Figuras 57 e 58: Tara e Darcy na festa
Fonte: Site Purebreak⁹⁷, 2024



Figura 59: Nick, com olhar de encantamento, observa Tara e Darcy
Fonte: Site Magazine HD⁹⁸, 2022

Além das cores do arco-íris e da cor amarela que vai aos poucos tomando conta de Nick, há a cor rosa que se soma ao azul e roxo, e envolve as personagens em diversos momentos. Essas cores já se mostram presentes desde o *episódio 1 – Meet*, quando Charlie está na paragem de autocarro e ao lado da placa em amarelo escrita *Be Kind*, podemos ver uma placa nas cores rosa e azul. Nas figuras 60 e 61 as cores podem ser percebidas, inclusive nos elementos gráficos ao redor de Nick enquanto Charlie imagina um diálogo onde a pergunta que será feita depois é bem diferente do que ele esperava.



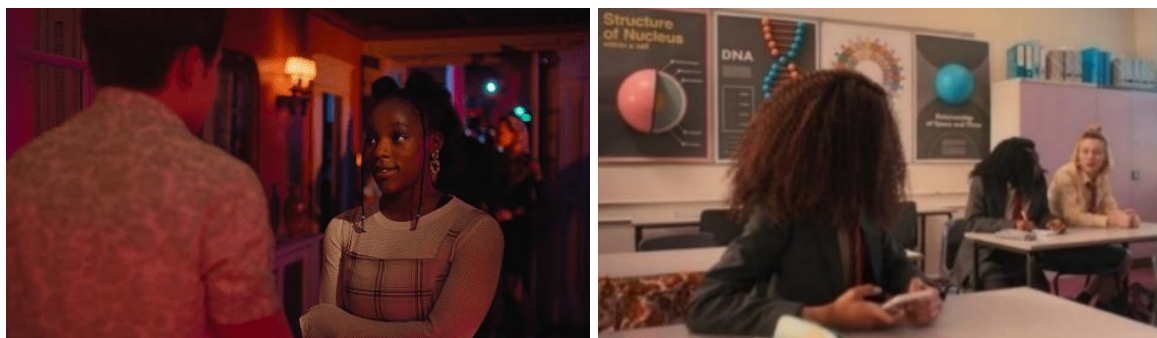
Figuras 60 e 61: As cores ao redor de Nick e Charlie
Fonte: Site Business Insider⁹⁹, 2024

⁹⁷ Retirado de <https://www.purebreak.com.br/midia/beijo-de-tara-corinna-brown-e-darcy-k-455424.html>

⁹⁸ Retirado de <https://www.magazine-hd.com/apps/wp/heartstopper-primeira-temporada-em-analise/>

⁹⁹ Retirado de <https://www.businessinsider.com/heartstopper-scenes-vs-original-comic-netflix>

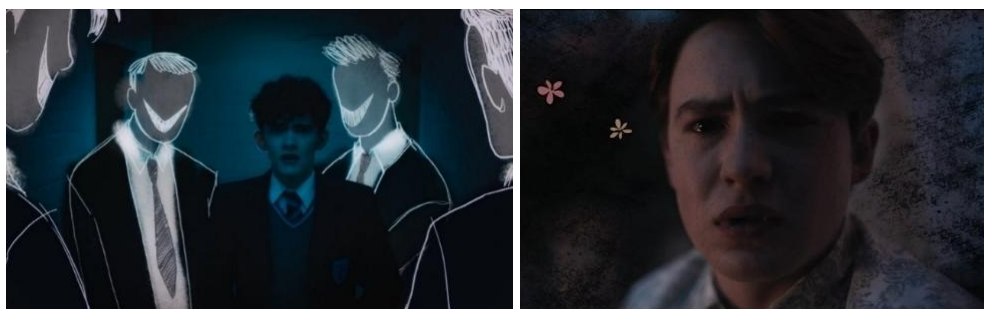
Na imagem abaixo, Nick está em uma festa de aniversário, no *episódio 3 - Kiss*, e as cores também estão presentes em um diálogo que ele foi pressionado a ter, pelos colegas de rugby, com Tara, uma paixonite da pré-adolescência. Já em ambientes onde está a personagem Elle, uma menina trans, surge a representação das cores da bandeira Transgênero: rosa, branco e azul.



Figuras 62 e 63: As cores ao redor de Nick e Tara; e as cores na sala de aula de Elle
Fonte: Site The Tab¹⁰⁰, 2024 e Site Geek Girl Authority¹⁰¹, 2022.

6.1.1.2. As Cores Escuras e o Outro Lado

Além das cores representativas dos protagonistas e o colorido do arco-íris, na série há outras cores que se vinculam fortemente a emoções negativas. Quando uma imagem projeta momentos de tristeza e/ou insegurança, tudo fica mais escuro e é envolto pela cor preta. Isso acontece no *episódio 2 - Crush*, através da lembrança de Nick sobre comentários que escutou, no ano anterior, a respeito da sexualidade de Charlie. O que chama a atenção é o fato dos personagens animados que cercam Charlie e que representam os meninos que praticavam bullying, não terem olhos - que de uma maneira geral são vistos como “espelhos da alma” - em contraste com seu sorriso irônico e nocivo.



Figuras 64 e 65: Charlie e o Bullying, e Charlie imagina a reação de Nick
Fonte: Plataforma do Youtube¹⁰², 2024

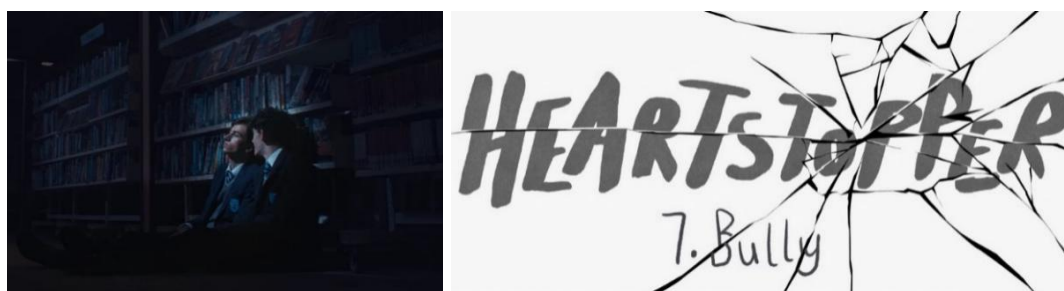
¹⁰⁰ Retirado de <https://thetab.com/uk/2022/05/06/heartstopper-cast-real-life-joe-locke-yasmin-finney-kit-connor-william-gao-corinna-brown-kizzy-edgell-250041>

¹⁰¹ Retirado de www.geekgirlauthority.com/heartstopper-recap-season-1-ep-4-secret/

¹⁰² Retirado de <https://www.youtube.com/watch?app=desktop&v=CY-MNoDw54q>

Charlie tem como uma de suas características imaginar certas situações. A cor preta retorna nesse mesmo episódio quando Charlie imagina Nick falando sobre sua homossexualidade e pondo fim a amizade dos dois. No *episódio 4 - Secret*, Charlie imagina a reação de Nick após o beijo entre eles e a cor preta reaparece.

O *episódio 7 - Bullying*, inicia quando Charlie relembra uma conversa com Ben, um menino que não aceitava a própria sexualidade e com quem ele teve um relacionamento tóxico. Ben agia sempre como se não o conhecesse na escola e debochou quando Charlie sugeriu que eles eram namorados, momento em que tudo se tona escuro e surgem os elementos gráficos como se a imagem de Charlie se estilhaçasse. Esse relacionamento demonstra o tipo de amor que Charlie achava que merecia, como ocorre em um diálogo do filme *As vantagens de ser invisível*, de Stephen Chbosky (2012) “nós aceitamos o amor que achamos que merecemos”. A abertura do *episódio 7* difere do colorido da abertura dos demais episódios e tem um vidro quebrado como símbolo.



Figuras 66 e 67: Charlie e Ben em meio à escuridão, e a abertura do episódio
Fonte: Site Episodic Medium¹⁰³, 2024

6.1.2. Artes Gráficas e Mensagem Textual

As ilustrações que eram representativas de *Heartstopper*, seja no formato *webcomic* ou *graphic novel* e que formam sua identidade visual, foram utilizadas também na série, desde a abertura dos episódios, em algumas cenas, ou até mesmo nos logos dos uniformes. Os elementos mudam de acordo com o momento e as personagens, podendo demonstrar a descoberta de sentimentos, a alegria, a tristeza - como as palavras que aparecem escritas no momento do bullying - ou mesmo o desejo. Na figura 68 Nick aproxima sua mão da de Charlie enquanto este dorme, nesse momento vemos uma luminosidade crescente entre desenhos de estrelas, raios e fogos de artifício que espocam e que refletem a atração que ele sente pelo amigo. Na figura 69 vemos uma imagem símbolo de *Heartstopper*: os pés de Charlie (meias) e Nick enquanto se beijam, com as flores ao redor.

¹⁰³ Retirado de <https://episodicmedium.substack.com/p/review-heartstopper-bully-season>



Figuras 68 e 69: Elementos gráficos em momentos entre os protagonistas

Fonte: Plataforma do Youtube¹⁰⁴, 2024

Esses elementos gráficos geram identificação imediata no público leitor, mostrando o reconhecimento da obra original e apresentando esse símbolo para o público da série que muitas vezes se tornam fãs da obra também em outros formatos, como será abordado na análise dos comentários.



Figura 70: A divisão característica das *graphic novels* da autora

Fonte: Plataforma do Youtube¹⁰⁵, 2024

Outro aspecto relevante e que deixa os fãs satisfeitos é que certas cenas reproduzem as ilustrações originais em vários momentos da série. Como exemplo, têm-se o momento de Charlie e Nick no passeio na praia (figura 71), quando tiram fotos em uma cabine e também uma das cenas que mais emocionaram o público: o *come out* de Nick (figura 72) para a sua mãe Sarah (Olivia Colman). Na imagem observamos a diferença no lugar em que Nick está sentado na *graphic novel* e na série, o que acaba por mostrar mais nitidamente as suas emoções em um momento tão importante.

¹⁰⁴ Retirado de <https://www.youtube.com/watch?v=sfftYjKbfm8>

¹⁰⁵ Retirado de <https://www.youtube.com/watch?v=sfftYjKbfm8>



Figura 71: Charlie e Nick, em momento na série e na *webcomic*
 Fonte: Site Magazine HD¹²², 2022

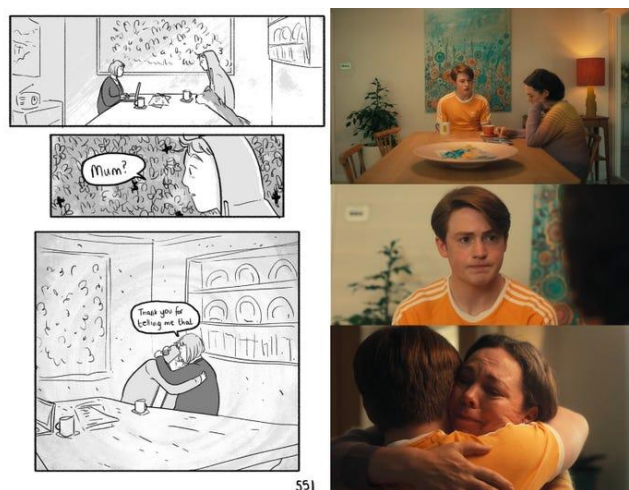


Figura 72: O *come out* de Nick em dois formatos
 Fonte: Site Business Insider¹⁰⁶, 2024

As mensagens de texto, um recurso atual, são trocadas entre todo o núcleo central de personagens, seja no grupo dos amigos de Charlie, seja entre Tao e Elle, Tara e Darcy e, principalmente, entre Nick e Charlie. A grande maioria desses textos é idêntico aos que está escrito nas *webcomics* e consequentemente nas *graphic novels*. As mensagens trocadas pelos smartphones entre o casal, em momentos solitários ou mesmo escondidos dos olhares de colegas mais curiosos, refletem a dúvida de escrever ou não, o medo de não obter uma resposta, a preocupação de um com o outro. O smartphone é utilizado por Nick para procurar Charlie nas redes sociais e também quando percebe a diferença da vida que ele mostra aos outros e o que ele realmente sente e vive quando está com Charlie. Há, outrossim, os momentos de pesquisa utilizados por Nick para tentar descobrir sobre sua sexualidade.

¹⁰⁶ Retirado de <https://www.businessinsider.com/heartstopper-scenes-vs-original-comic-netflix>



Figura 73: Nick em conversa com Charlie; e Nick pesquisando sobre sexualidade
 Fonte: Site Business Insider¹⁰⁷, 2024

6.1.3. Símbolos e Metáfora

A partir da informação de que Nick é a estrela do time de rugby - um esporte que simbolicamente atua na significação do conteúdo imagético que temos de uma atividade esportiva vista, de maneira geral, como exemplo de masculinidade bruta envolta em um ambiente heteronormativo (Silva & Almeida, 2020) - percebemos o que significa a escolha desse esporte para uma personagem que começa a duvidar da própria sexualidade e questionar o meio em que está inserido. Dentro desse contexto o esporte reforça a questão dos padrões a serem seguidos e que, no decorrer da história, não servirão mais a personagem. No *episódio 1 - Meet*, Tao, amigo de Charlie, reproduz esse conceito ao saber que Charlie vai participar do time de rugby da escola a convite de Nick, dizendo “o funeral é seu”.

Outro símbolo que traz significado sobre como Nick é visto, mostra-se durante uma cena, ainda no *episódio 1*, quando ele, que está treinando com seus colegas de rugby, é comparado a um *Golden Retriever* por Tao. Podemos perceber que Tao não está se referindo literalmente a aparência física de Nick, mas sim a semelhança de suas características com as do cão, conforme o que Joly relata “quando Juliette Drouet escreve a Victor Hugo: ‘Tu és o meu soberbo e generoso leão’, não é que ele seja efectivamente um leão, mas ela atribui-lhe, por comparação, as qualidades de nobreza e de garbo do leão, rei dos animais” (Joly 1994, p. 22). Um Golden Retriever é um cão conhecido por sua delicadeza e amabilidade, que inspira confiança em quem está próximo. Ao observá-lo percebemos o quanto ele pode ser grande, barulhento e possuir facilidade em se relacionar (Rodrigues, 2018). Aspectos do seu comportamento são facilmente identificáveis em Nick e demonstrados com o passar dos episódios. Nick também está sempre com sua cachorrinha Nellie, o que reforça a sensação de confiança, lealdade e

¹⁰⁷ Retirado de <https://www.businessinsider.com/heartstopper-scenes-vs-original-comic-netflix>

cuidado que o personagem evoca. É recorrente usar animais como metáfora para tipos específicos de personalidade (Martin, 2005). A comparação feita entre Nick e um golden retriever é identificada como sendo uma metáfora plástica, que “(...) originam-se numa semelhança ou analogia de estrutura ou tonalidade psicológica no conteúdo puramente representativo das imagens. Assim, em ‘Stachka’ (‘Greve’), Eisenstein coloca em paralelo os rostos dos informadores da polícia com nomes de animais e a imagem dos animais em questão” (Martin, 2005, p. 119).

O recurso da metáfora também é empregado em ocasiões de chuva, presente em momentos significativos, como no *episódio 4 – Secret*, seja em elementos gráficos existentes na abertura do episódio, seja ao deixar Nick “ensopado” na porta da casa de Charlie ou quando um beijo é trocado entre eles na rua. A chuva cai torrencialmente em um dia de jogo de rugby quando Charlie sofre um *tackle* mal posicionado, e serve como uma metáfora ao estado de espírito de Nick: confuso com suas emoções e envergonhado por não saber como agir na frente de todos. A chuva, representada novamente por elementos gráficos, está ao redor de Charlie quando Nick imagina como ele se sente com seu pedido de segredo, o que Ben também havia proposto, mas mais como uma exigência e um desdém a Charlie.



Figuras 74 e 75: Nick imagina a reação Charlie, e não consegue ajudá-lo durante o jogo
Fonte: Arquivo pessoal da autora e Plataforma do Youtube¹⁰⁸, 2024

Outra metáfora importante utilizada é a do espelho. O mesmo recurso é visto, como já mostrado anteriormente, na abertura do *episódio 7 – Bullying* e está presente em algumas cenas; seja quando Nick percebe algo de diferente em seus sentimentos enquanto procura por Charlie no Instagram ou quando Charlie se observa e pensamentos negativos sobre ele e suas relações vem à tona. Quando ele, em uma conversa com Ben, fala sobre serem namorados, os elementos gráficos utilizados lembram um vidro se quebrando, justamente onde está o rosto de Charlie, como se algo dentro dele se estilhaçasse e ele também.

¹⁰⁸ Retirado de <https://www.youtube.com/watch?v=sfftYiKbfm8>



Figura 76: A reação de Charlie na conversa com Ben sobre namoro
Fonte: Plataforma do Youtube¹⁰⁹, 2024

Esse “corpo despedaçado” nos remete aos estágios do espelho de Lacan em que observamos “as correspondências que unem o *Eu* à estátua em que o homem se projeta e aos fantasmas que o dominam” (Lacan, 1949, p. 95). E os fantasmas que dominam Charlie são muitos.

6.1.4. Expressão Corporal

Em narrativas com personagens LGBTQIAPN+, de acordo com o local, momento ou pessoas que estão presentes, como forma de se manter seguro ou mesmo de evitar uma rejeição, há maneiras de mostrar como a personagem se sente, de forma implícita, sem ser de maneira discursiva. O que não é dito é uma parte significativa da vivência de muitos LGBTQIAPN+ ainda atualmente, e pode ser mostrado através de um determinado olhar captado pela câmera, um toque ou mesmo sentimentos e desejos que se sobressaem através da expressão do corpo, “a hipervalorização do toque é central para a pedagogia dos desejos. São momentos em que há uma corporalização do desejo na tela a partir do uso concomitante de recursos como câmera lenta, trilha sonora, hiperdimensionamento do som da respiração e close-ups” (Baltar & Sarmet, 2016, p. 61).

O toque que gera a mudança do olhar de Nick para Charlie se dá, a partir de gestos reconhecidos dentro de um universo heteronormativo. No *episódio 1 - Meet*, quando Charlie dá um *tackle* em Nick, observamos, pelo olhar mais demorado que ele lança a Charlie que, naquele momento, Nick percebe um sentimento diferente, em um “discurso interior suscitado por um contacto furtivo com o corpo (mais precisamente a pele) do ser desejado” (Barthes, 1981, p. 56). Nas figuras percebemos também a presença das cores dos dois, tanto no “H” dos *trys*, quanto na bola e no uniforme.

¹⁰⁹ Retirado de <https://www.youtube.com/watch?app=desktop&v=CY-MNoDw54o>



Figuras 77 e 78: Nick começa a perceber seus sentimentos por Charlie

Fonte: Plataforma do Youtube¹¹⁰, 2024

Depois disso há o momento em que Nick, sozinho, observa Charlie e o salva da violência de Ben. Quando isso acontece e Charlie pede desculpa pelo que aconteceu, a câmera mostra Nick tocando em seu braço, um toque fruto da vontade, mas também que pode ser visto como algo heterossexual, que não compromete o papel que se espera dele. Esse toque é repetido quando eles se encontram na festa de aniversário de Harry e no boliche (Charlie toca no braço de Nick), durante a comemoração do aniversário de Charlie. O mesmo toque acontece na série *Young Royals*, na cena em que o príncipe Wilhelm (Edvin Ryding) dá algumas dicas para Simon (Omar Rudberg) sobre remo e um colega chega, Wilhelm, então, se despede batendo no braço de Simon. A série também fez sucesso, inclusive entre os fãs de *Heartstopper*.



Figuras 79 e 80: A necessidade do toque entre os meninos

Fonte: Plataforma do Youtube¹¹¹ e Arquivo pessoal da autora, 2024

Essa vontade do toque se prolonga em outros momentos, como quando Nick convida Charlie para ir à sua casa conhecer Nellie (a cachorrinha de Nick). Charlie aceita parecendo não acreditar. Ao abrir a porta para recebê-lo, Nick percebe o novo corte de cabelo de Charlie e, naturalmente, pega uma “mecha” do seu cabelo. Quando Charlie pergunta se está ruim, Nick o olha de cima a baixo e responde

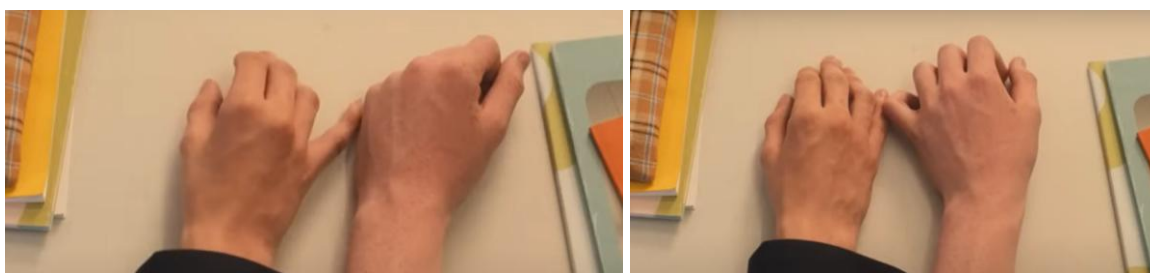
¹¹⁰ Retirado de <https://www.youtube.com/watch?v=sfftYjKbfm8>

¹¹¹ Retirado de <https://www.youtube.com/watch?v=sfftYjKbfm8>

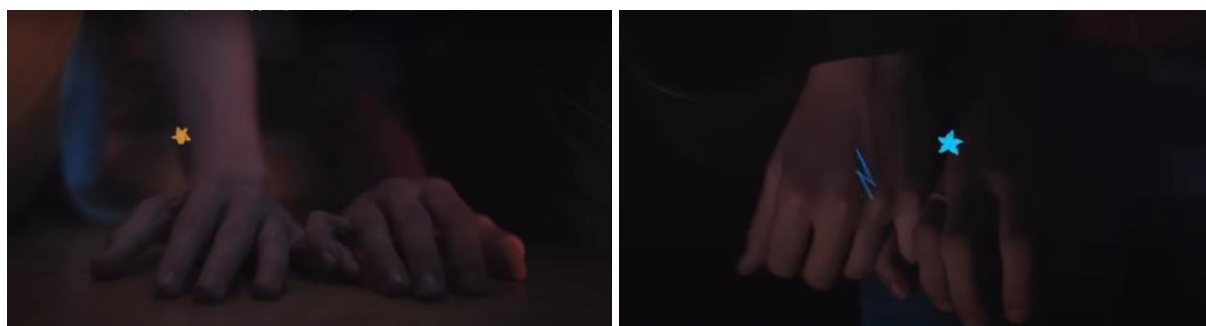
encantado: “Não, você está...” percebemos que ele se engasga: “Ótimo”. Gesto que se repete quando eles brincam na neve e Nick a tira do cabelo de Charlie.

Há os momentos do toque nas mãos escondidas, e do pequeno toque, entre os dedos mindinhos, signos usados de forma recorrente em produções audiovisuais que mostram personagens LGBTQIAPN+, como na cena em que Charlie toca o mindinho de Nick para convidá-lo para o seu aniversário, gesto que Nick retribui ao falar sobre o presente que quer lhe dar. Toques que reforçam a importância da linguagem corporal quando não podemos expressar de forma livre o que sentimos:

O *toque* é um elemento catalisador em praticamente toda a historiografia do cinema queer, posto que é uma imagem partilhada por todos os indivíduos que já viveram a experiência de burlar as armadilhas da vigilância dos corpos e desejos dissidentes. O carinho furtivo na sala de aula; as mãos que roçam uma na outra no cinema; os corpos que se esbarram em uma festa. (Sarmet & Baltar, 2016, p. 59)



Figuras 81 e 82: Os mindinhos de Charlie e Nick se encontram
Fonte: Plataforma do Youtube¹¹², 2024



Figuras 83 e 84: Os mindinhos de Charlie e Nick na festa e no cinema
Fonte: Plataforma do Youtube¹¹³, 2024

Várias produções trazem essa questão e a câmera enfatiza aquilo que não pode ser revelado. Ainda em *Young Royals*, a história de Simon e Wilhelm tomou um outro rumo, depois de Simon entrelaçar o seu mindinho com o de Wilhelm durante a exibição de um filme entre os alunos da escola. Na série

¹¹² Retirado de <https://www.youtube.com/watch?v=sfftYiKbfm8>

¹¹³ Retirado de <https://www.youtube.com/watch?v=sfftYiKbfm8>

The Fosters (ABC Family, 2013-2018), Connor (Gavin MacIntosh) e Jude (Hayden Byerly), fizeram o mesmo gesto.



Figuras 85 e 86: Os mindinhos de Wilhelm e Simon (esquerda), e Connor e Jude (direita)
Fonte: Plataforma Tumblr¹¹⁴ e Site Good Trouble & The Fosters¹¹⁵, 2024

A telenovela espanhola *Amar es Para Siempre* (Antena 3, 2013-2024) também teve cenas com esse gesto entre as personagens Luisita (Paula Usero) e Amelia (Carol Rovira) que, posteriormente, tiveram um spin-off chamado *#Luimelia em um universo alternativo*¹¹, devido ao seu grande sucesso junto ao público. Esse gesto é tão simbólico para o casal que aparece no material promocional da série.



Figuras 87, 88 e 89: Os mindinhos de Luisita e Amelia
Fonte: Site Zedge¹¹⁶, 2024

Na maioria das vezes, salvo em alguns momentos e na configuração de certos relacionamentos, estar ou andar de mãos dadas com alguém significa assumir essa pessoa, ter um relacionamento com ela. As mãos que antes se escondiam, estão expostas, como nos é mostrado nas imagens abaixo, quando Nick “assume” Charlie na frente de todos, em um evento esportivo da escola. Consideramos importante

¹¹⁴ Retirado de <https://www.tumblr.com/tagged/Jude%20and%20connor>

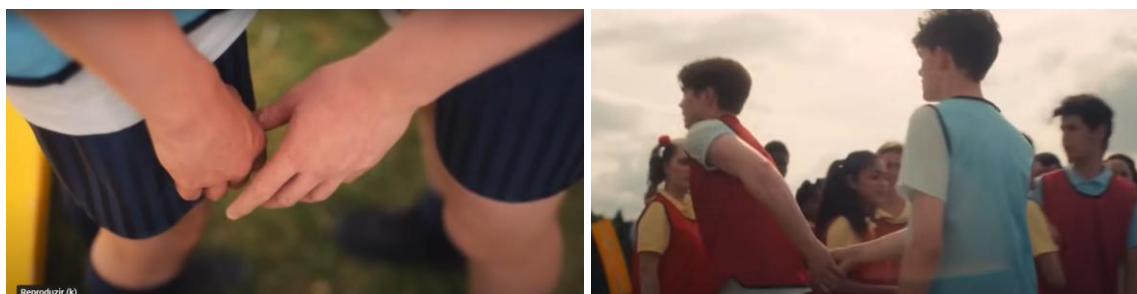
¹¹⁵ Retirado de https://goodtrouble.fandom.com/wiki/Jude_and_Connor

¹¹⁶ Retirado de <https://www.zedge.net/wallpaper/3e93fb2c-63ff-4d85-a9e6-22075b6813bf>

a observação de que, em várias cenas, quando Nick descobre algum novo aspecto em seu sentimento/relacionamento com Charlie, ele está sempre abaixo de Charlie. Do ponto de vista de Nick, Charlie está sempre acima dele, como mostram as figuras 78, 91 e 102.



Figuras 90 e 91: As mãos de Nick e Charlie sob a mesa; e os dois na frente de todos
Fonte: Plataforma do Youtube¹¹⁷, 2024



Figuras 92 e 93: Com as mãos dadas, o que estava em segredo é revelado
Fonte: Plataforma do Youtube¹¹⁸, 2024

O abraço, por outro lado, é uma forma de cumprimento bastante comum em algumas culturas, caso da brasileira, por exemplo. O abraço é aquele que conforta, protege, mas mais que isso “o gesto do abraço amoroso parece realizar por um momento, para o sujeito, o sonho de união total com o ser amado” (Barthes, 1981, p. 12). E Nick abraça Charlie em todos os sentidos, de todas as formas e nos mais diferentes lugares. Um abraço que acolhe no momento de maior vulnerabilidade, um abraço de saudade, de alegria e de afeto. Há também o impulso e a alegria de abraço quase dado na frente dos outros.

¹¹⁷ Retirado de <https://www.youtube.com/watch?v=sfftYjKbfm8>

¹¹⁸ Retirado de <https://www.youtube.com/watch?v=sfftYjKbfm8>



Figuras 94 e 95: Os abraços de Nick e Charlie

Fonte: Plataforma do Youtube¹¹⁹, 2024

O olhar também é uma “presença” forte em boa parte das cenas entre os protagonistas. A câmera se demora ao mostrar o olhar de um para o outro. Sabemos que em muitos lugares as pessoas LGBTQIAPN+ não podem expressar a sua maneira de ser, o seu amor de forma livre. Nesses momentos o olhar e a subjetividade que o acompanha é a única forma de manifestar esses sentimentos:

Mas o olhar ensina a distância. O olhar ensina a cautela. O olhar ensina que o objeto adorado pode devolver o olhar. E nessa devolução há sempre a ameaça de ser flagrada olhando além da conta. Mais vergonha. Para a pessoa queer o olhar é sempre um risco. Tá olhando o quê? (Sousa & Brandão, 2020, p. 132)

Na série há uma conexão muito forte entre o casal, demonstrada desde o primeiro momento através do olhar, principalmente o olhar da personagem Nick. Através dele vemos a dúvida, a descoberta assustada dos sentimentos que vão surgindo, a admiração, o cuidado, o carinho e o querer bem que crescem durante o decorrer da narrativa em relação a Charlie “são as mãos que quase se tocam, os olhares desviados e os sorrisos tímidos que dizem muito mais do que diálogos expositivos, e *Heartstopper* sabe muito bem como usar isso a seu favor” (Sousa, 2023, n.p.).

O olhar interessado de Charlie para Nick se revela no *episódio 1 - Meet*, quando o professor diz que ele terá que se sentar ao lado de Nick Nelson, do time de rugby, informação dada de maneira irônica. Charlie se mostra contrariado, a câmera se aproxima e vemos que tudo muda quando ele olha em direção a classe e vê Nick que escreve em um caderno. Por outro lado, quando Charlie se aproxima, Nick o olha de cima a baixo e sorri, algo que Charlie não esperava de alguém como ele.

¹¹⁹ Retirado de <https://www.youtube.com/watch?v=sfftYjKbfm8>



Figuras 96 e 97: Os olhares entre Charlie e Nick

Fonte: Plataforma do Youtube¹²⁰, 2024

Há o olhar daquele que está tentando entender seus sentimentos e que observa todos os passos da razão do seu possível afeto, seja ao procurá-lo em uma festa ou quando os colegas de time o parabenizam após uma *try* no rugby. Um olhar que não é de um hétero para seu amigo. O olhar de quem ao perceber que algo não estava bem, salva seu afeto da violência e do abuso.



Figuras 98 e 99: O olhar de procura; e o olhar que não abandona e quer compreender

Fonte: Plataforma do Youtube¹²¹, 2024

Há o olhar encantado de quem recebe o carinho e o cuidado depois de uma relação em que isso lhe era negado, em que o único toque possível eram os beijos escondidos do olhar dos outros e na qual o olhar recebido era de indiferença.

¹²⁰ Retirado de <https://www.youtube.com/watch?v=sfftYjKbfm8>

¹²¹ https://www.youtube.com/watch?v=6q_NRdDCmT8



Figuras 100 e 101: O olhar de encantamento e de ser cuidado
 Fonte: Plataforma do Youtube¹²², 2024

Há o olhar sobre algo que só eles sabem, como os beijos que haviam sido trocados na festa e na casa de Charlie. O olhar do começo de uma relação. O olhar e o sorriso da lembrança e da expectativa do que ainda está por vir.



Figuras 102 e 103: O olhar depois do beijo
 Fonte: Plataforma do Youtube¹²³, 2024

No episódio final, no qual Charlie diz que nunca imaginou que aquilo aconteceria com ele - ao se referir a poder sair com alguém sem ser escondido -, percebemos a tristeza no olhar de Nick, porque ele realmente “vê” Charlie. Seu olhar no decorrer dos episódios, mesmo antes de ficarem juntos, está em Charlie e nas coisas que o afetam: sua dor, sua tristeza e também o que lhe faz feliz.

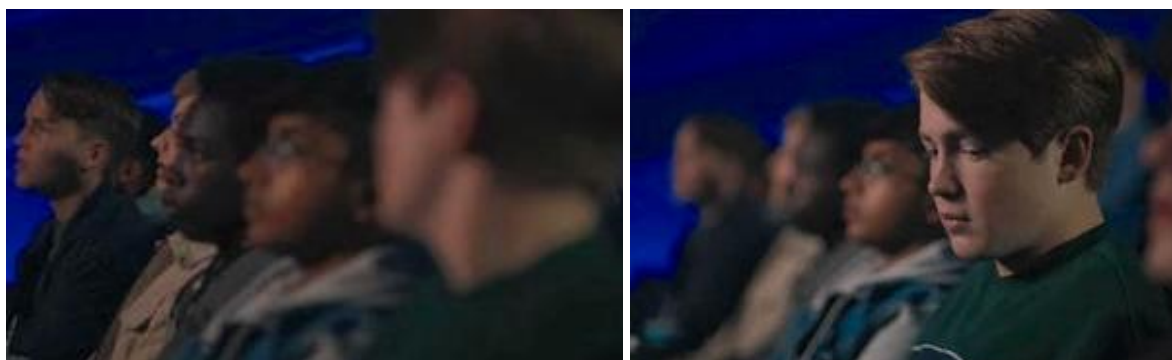
¹²² Retirado de <https://www.youtube.com/watch?v=sfftYjKbfm8>

¹²³ Retirado de <https://www.youtube.com/watch?v=sfftYjKbfm8>



Figura 104: O olhar de Nick para Charlie no episódio final
Fonte: Plataforma do Youtube¹²⁴, 2024

E o olhar para o outro, para aquele que, mesmo fora da relação, também é “presença” que não pode ser esquecida, que pode pôr fim ao que está sendo vivido ao perceber o que está acontecendo, e trazer dor e mágoa a quem está apenas sendo ele mesmo. Um olhar a quem é como uma sombra constante, uma ameaça que está sempre presente. Os jovens LGBTQIAPN+ “devem aprender a esconder significados, codificando significantes de forma que as práticas gays e lésbicas sejam ocultadas daqueles que as consideram inaceitáveis” (Britzman, 1996, p. 82). Um dos momentos que reforça esse receio é quando Charlie e Nick estão no cinema e Nick dá a mão a Charlie, não sem antes observar com atenção os “amigos” que estão próximos.



Figuras 105 e 106: Nick observa os colegas no cinema
Fonte: Site Business Insider¹²⁵, 2024

Há também o olhar ansioso, o desconforto, os ombros caídos, demonstrados por Nick quando confrontado pelos colegas sobre quem é o seu “crush”. Na cena vemos o grupo atrás e Nick isolado à frente, uma analogia a como Nick se sente no momento e a ruptura com o que representa seu antigo

¹²⁴ Retirado de <https://www.youtube.com/watch?v=sfftYiKbfm8>

¹²⁵ Retirado de <https://www.businessinsider.com/heartstopper-scenes-vs-original-comic-netflix>

grupo. Ou mesmo quando Imogen (Rhea Norwood), sem saber o que está acontecendo, força uma aproximação com Nick em uma festa. É evidente que a postura de Nick quando está com Charlie é outra. Aqui o silêncio, somado a expressão corporal e ao olhar, atua como uma palavra que se esconde.



Figuras 107 e 108: O olhar dos colegas em Nick; e Nick tenso com Imogen
Fonte: Plataforma do Youtube¹²⁶ e Site Distractify¹²⁷, 2024

6.2. ÁUDIO ANÁLISE

“A linguagem é uma pele: esfrego minha linguagem no outro”
Roland Barthes

A série *Heartstopper* trouxe alegria e leveza ao seu público, diferentemente de outras séries e filmes que geralmente mostram finais trágicos de relacionamento entre personagens LGBTQIAPN+, seja por morte ou separação. Entre os recursos usados para uma conexão do público com a história temos o som que aparece desde os elementos gráficos que compõem a abertura dos episódios e algumas cenas, até a respiração entrecortada e o bater do coração das personagens. As músicas e os diálogos, neste caso, atuaram como uma importante ferramenta na construção dessa representação de amor entre e para adolescentes LGBTQIAPN+.

6.2.1. As Músicas em *Heartstopper*

A música é uma manifestação artística que na série está fortemente vinculada a situações e sentimentos dos protagonistas. Tuillier aborda essa ligação entre a música e a personagem ao falar sobre a obra do cineasta Eugène Green e a heroína de um de seus filmes: “a emoção falava nela pela voz de outrem: o canto é essa palavra que universaliza o sentimento, reunindo a forma e o sentido” (Tuillier, 2019, p. 142). As

¹²⁶ Retirado de <https://www.youtube.com/watch?v=sfftYjKbfm8>

¹²⁷ Retirado de <https://www.distractify.com/p/what-happened-between-imogen-and-nick-heartstopper>

músicas escolhidas para a série também possibilitam perceber a mensagem que o show quer trazer ao seu público.

Para a análise apresentada, as músicas foram escutadas e traduzidas, observando-se o momento em que elas entram em cena e permanecem na trama (motivo pelo qual algumas músicas não serão apresentadas na sua integralidade), bem como as situações e sentimentos que suscitam. Para contextualizar-se essas músicas será trazido os diálogos e alguns detalhes que compõem as cenas que as introduzem e que são considerados importantes para que a mensagem pretendida atinja o público (Mukarovsky, 1981).

No *episódio 1 - Meet*, temos a música “Want me”¹²⁸ - Baby Queen, que serve de fundo para a chegada de Charlie na escola no início das aulas. Charlie tem a perspectiva do encontro com Ben, um menino que não aceita a sua sexualidade e com quem Charlie tem um relacionamento tóxico. A música espelha a forma de amor que ele acredita merecer, mesmo sem se dar conta disso.

Música

So I'll be everywhere that you'll be
And I'll go anywhere you want me
Yeah, I'll go anywhere you want me
Want me, want me if you want me

Tradução

Então, estarei em qualquer lugar que você estiver
E vou em qualquer lugar que você me quiser
Sim, vou em qualquer lugar que você me quiser
Me queira, me queira, se você me quiser

Eles só se encontram quando e onde Ben quer ou pode e sempre escondidos do olhar de todos. Uma das cenas que reflete essa situação é quando, depois de um encontro, Charlie cumprimenta Ben no corredor da escola e este faz que não o conhece. Nick assiste a tudo, confuso. Na música a frase “Eu vou a qualquer lugar que você me queira, se você me quiser”, corrobora o sentido.

Ainda no *episódio 1*, a música “Lovesick”¹²⁹ – Peace começa quando Charlie observa Nick da janela do autocarro, e segue tocando enquanto Nick olha, com evidente interesse, Charlie correr durante a aula de Educação Física. A música traz essa questão da escola e dos extremos de um amor adolescente.

Música

I don't wanna go to school
I don't wanna take the call
I just wanna be a fool and
get lovesick with you
I don't wanna move my head,
lay around and die in bed
I don't wanna listen

Tradução

Eu não quero ir para a escola
Eu não quero atender a chamada
Eu só quero ser um tolo e
ficar doente de amor com você
Eu não quero mover minha cabeça,
deitar por aí e morrer na cama
Eu não quero ouvir

¹²⁸ Retirado de www.letras.mus.br/baby-queen/want-me/

¹²⁹ Retirado de <https://www.letras.com/peace/lovesick/traducao.html>

A música “Dover Beach”¹³⁰ - Baby Queen, toca durante todo o tempo que Nick e Charlie estão treinando rugby (convite feito por Nick para que Charlie integrasse a equipe). No final da cena Nick dá um *tackle* em Charlie e quando os dois vão ao chão, sua expressão revela que ele finalmente percebeu que seus sentimentos pelo amigo são diferentes dos de uma simples amizade.

Música

In my self made isolation,
you're my only inspiration
When the mirror says
I'm ugly and if anybody loves me, it's a lie
What is happening? Oh, dear
I keep wishing you were here
But what else is there to do?
Everywhere I look I just see you.
The world ends, it's you and me
In my head if we can be together
maybe we'll live Forever

Tradução

No isolamento criado por mim mesmo
você é minha única inspiração
Quando o espelho diz
que sou feio e se alguém me ama, é mentira
O que está acontecendo? Oh, céus
Eu continuo desejando que você esteja aqui
Mas o que mais há para fazer?
Para onde quer que eu olhe, eu só vejo você
O mundo acaba, é você e eu
Na minha cabeça se pudermos ficar juntos
talvez vivamos para sempre

Podemos perceber o quanto os pensamentos de Charlie estão voltados para Nick (ou seria também os de Nick para Charlie?) e é reforçada a ideia que Charlie tem de si próprio, bem como seu autoisolamento, que ocorre, por exemplo, quando ele fica na Sala de Artes em seus momentos difíceis.

No final do *episódio 1*, a música “Don’t delete the kisses”¹³¹- Alice Wolf, começa quando Nick e Charlie saem da escola e se despedem, após Nick ter empurrado Ben, que beijava Charlie à força. Esse abuso ocorre depois que Charlie, que havia encerrado o relacionamento ao ver Ben com uma menina e por começar a perceber as diferenças entre ele e Nick, recebe uma mensagem para conversarem. A música reforça essas e outras mensagens sugeridas nas cenas anteriores, somadas a expressão corporal de Charlie e comentários de seus amigos, apesar de, lá no fundo, ele perceber que algo mais está começando a surgir entre ele e Nick. Os dois se despedem meio sem jeito e Charlie observa enquanto Nick vai embora.

Música

I see the signs of a lifetime,
you 'til I die
And I'm swiftly out, Irish goodbye
What if it's not meant for me? (2x)
Love
Me and you were meant to be
In love

Tradução

Eu vejo os sinais de uma vida inteira,
você até eu morrer
E eu saio rapidamente, um adeus irlandês
E se isso não for para mim? (2x)
Amor
Eu e você estávamos destinados a estar
Apaixonados

¹³⁰ Retirado de <https://www.letras.mus.br/baby-queen/dover-beach/>

¹³¹ Retirado de www.letras.mus.br/wolf-alice/dont-delete-the-kisses/

Charlie tem o apoio da família e dos amigos, mas a questão de não acreditar que o amor é para ele, está sempre presente, principalmente depois do bullying que sofreu e do relacionamento abusivo que teve. Após se despedirem, Charlie busca o que escrever em uma mensagem para Nick, nesse momento aparece atrás dele na paragem do autocarro escrito “Be kind” sobre um fundo amarelo (a cor de Charlie na série), que traz um dos desejos dele sobre a pessoa dos seus sonhos “Alguém com que eu possa rir. E que seja legal. E gentil. E que goste de ficar comigo.” Nota-se que a música continua tocando quando Nick recebe a mensagem de Charlie e sorri, pensativo.

No *episódio 2 - Crush*, a música “Dance with Me”¹³² – beabadoobee, é uma música muito doce e traz um ambiente de sonho. Ela toca quando eles estão na casa de Nick e saem para brincar na neve. Esse dia se torna o preferido de Nick, como ele deixa evidente no presente de aniversário dado a Charlie.

Música

If you wanna dance then
Dance with me
It's pretty fast but
This is what you do at parties, right?
And I know it's hard to tell
But I think I really like you

Tradução

Se você quer dançar, então
Dance comigo
É bem rápido, mas
Isso é o que se faz em festas, certo?
E eu sei que é difícil de dizer
Mas eu acho que gosto muito de você

Onde se lê “isso é o que se faz em festas, certo?” podemos pensar sobre a questão de tudo que está acontecendo ser novo para eles e que por isso os dois não sabem muito bem o que fazer, principalmente Nick, mesmo que seus sentimentos estejam se fortalecendo.

A música “Why Am I Like This?”¹³³ – Orla Gartland, toca nas cenas finais do *episódio 2*, em que Nick chega em casa após ter passado uma tarde na casa de Charlie onde, ao assistir um filme, olha com carinho para o amigo que dorme ao seu lado e coloca sua mão próxima a dele, enquanto vários elementos gráficos surgem entre as mãos e representam a sensação. Na despedida, Nick dá um abraço muito forte em um Charlie surpreso, abraço este que demonstra uma vontade de ficar junto, somada a um quase pedido de ajuda. Ao ver essa cena, depois da saída dele, Tori, a irmã de Charlie, simplesmente fala “acho que ele não é hétero”. Essa música começa quando Nick entra no quarto e olha, no Instagram, fotos dele com os amigos do rugby. Logo depois ele procura o Instagram de Charlie, onde há uma foto do amigo sozinho na neve (tirada pelo próprio Nick), o que reforça a questão do que Nick é para os outros - principalmente para os amigos relacionados a um esporte como o rugby - e como ele realmente

¹³² Retirado de www.letras.mus.br/beabadoobee/dance-with-me/

¹³³ Retirado de www.letras.mus.br/orla-gartland/why-am-i-like-this/

se sente, quem ele realmente é. A frase “porque nós somos assim?” também é representativa dos dois em vários momentos no decorrer da relação e se estende pelas próximas temporadas da série.

Música

Last night I smoked a cigarette
My dad would have been so upset
Then we got tattoos by the coast
And I just stood there like a ghost
Maybe I'm an old soul trapped
in a young body
Maybe you don't really want me
there at your birthday party
I'll be there in the corner,
thinking right over
Every single word of the conversation
we just had
So why am I like this?
Why am I like this? (2x)
Why am I?
Oh, It's like I'm looking down
from the ceiling above
Never in the moment,
never giving enough
Let's go out and shout
the words we never said
I got my mistakes on loop
inside my head (2x)

Tradução

Ontem à noite eu fumei um cigarro
Meu pai ficaria tão chateado
Então nós fizemos tatuagens na costa
E eu apenas fiquei lá como um fantasma
Talvez eu seja uma alma velha presa
em um corpo jovem
Talvez você realmente não me queira
lá na sua festa de aniversário
Eu estarei lá no canto
pensando bem
Cada palavra da conversa
que acabamos de ter
Então, por que eu sou assim?
Por que eu sou assim? (Refrão)
Porque eu sou?
Oh, é como se eu estivesse olhando para baixo
do teto acima
Nunca no momento,
nunca dando o suficiente
Vamos sair e gritar
as palavras que nunca dissemos
Eu tenho meus erros em loop
dentro da minha cabeça

Nick abre sua galeria de fotos, a observa, clica em uma foto onde estão ele, Charlie e Nellie (sua cachorrinha), amplia a imagem de Charlie e sorri ao vê-lo. Ao se dar conta disso, pega seu notebook, se senta em um canto e no escuro do quarto digita “I am gay?”. A cena se encerra com a última pergunta da música, parte do refrão “Why am I?”. Esse é um dos momentos mais importantes e que emocionou diversas pessoas que assistiram à série: o da busca pela autodescoberta por Nick e que representa o que muitos LGBTQIAPN+ passam. Um momento solitário e difícil, como relata a youtuber Jessica Ballut e que mostraremos no capítulo 7 dessa pesquisa. Na primeira linha da música, se percebe a questão sobre se estar fazendo algo escondido que decepcionaria seu pai (ou mãe, ou os dois), representada pelo cigarro e, também, algo diferente, uma quebra de padrões típicos, atitude que geralmente está associada a tatuagem, algo que fica gravado em nossa pele. Sobre a alma velha em um corpo jovem, é como se o que está dentro de você fosse diferente do que você aparenta. E a pergunta deixa óbvia a tentativa de entender o que está acontecendo com ele:

Ao trazermos metáforas à música, essas se destinam à comunicação mais ampla e de conexões com outras ideias em que há uma projeção de dois domínios conceituais: um cognitivo, de natureza concreta e experiencial; e o outro sensorial, de caráter mais abstrato, em que ambos permitem compreender o domínio-alvo, o alcance da ideia musical, não necessariamente aquilo que é real como também o imaginado (...). (Medeiros & Lopes, 2021, p. 301).

Essas representações e interpretações vinculadas a músicas são retratadas e é interessante observar que nenhuma palavra é dita nesses momentos de autodescoberta, nem na casa de Charlie, nem na de Nick, o que demonstra a importância da mensagem visual e das músicas nesses momentos.

Iniciando o *episódio 3 - Kiss*, aparecem os resultados da busca de Nick, que trazem notícias negativas (cura gay, violência por homofobia, preconceito contra casamentos *queer*) e um dito teste para descobrir se você é gay. O resultado do teste é de 62% Homossexual. Durante todo esse momento a música que toca é “My Own Person”¹³⁴ – Smoothboi Ezra.

Música

Been rotating the sametwo outfits
for three years now
Waiting for some kind of inspiration
To make me feel like
I'm my own person
But buying new clothes
just make me feel down
Having new style would cause me
more attention
And I don't feel like
I'm my own person
I just feel like some other version of me
Been talking about the same problems
for years now
But nothing I do seems to make
things happen
No matter what I do it's bad
It's hurting and I don't feel like
I'm my own person
I just feel like some other version of me

Tradução

Fazendo as mesmas duas roupas
há três anos
Esperando por algum tipo de inspiração
Para me fazer sentir como
se eu fosse minha própria pessoa
Mas comprar roupas novas
só me faz sentir mal
Ter um novo estilo me chamaria
mais atenção
E eu não me sinto como
se fosse minha própria pessoa
Eu só me sinto como uma outra versão de mim
Falando sobre os mesmos problemas
há anos
Mas nada do que faço parece fazer
as coisas acontecerem
Não importa o que eu faça, é ruim
Está doendo e não me sinto como
se fosse minha própria pessoa
Eu só me sinto como uma outra versão de mim

Ela fala sobre sermos uma outra versão de nós mesmos e a dor que isso está causando. A partir de agora você não é aquilo que achava que era, e pode até querer voltar a ser como antes, mas tudo mudou. Depois dessa descoberta vemos um Nick introspectivo, solitário, mesmo com os colegas à sua volta. É nesse momento que ele é convidado para uma festa de aniversário em que pode levar uma

¹³⁴ Retirado de www.letras.mus.br/smoothboi-ezra/my-own-person/

pessoa. Nick convida Charlie, que aceita depois da sua insistência, pois um ambiente hétero e com os rapazes do rugby, não é o melhor lugar para uma pessoa como Charlie. Quando Charlie é deixado na festa pelo pai (que mostra a aflição típica de parte de pais de pessoas LGBTQIAPN+, por medo do que possa acontecer com os filhos em ambientes sociais com grande maioria heterossexual (AMPLOS, 2021), a música que toca é “Telephone”¹³⁵. Waterparks. Nick socializa com os amigos, enquanto procura por Charlie e Charlie por ele.

Música

I talk a lot, but we could
fill your frames
With pictures of our faces
'til we share a name
I'm living on a target and
you shot it with an arrow
Now I lost my self-control,
I can't stop thinking
Where you go, I'll follow
I know we only just met
I can be your best yet
Future favorite regret
Do you feel it too? (2x)
I've gotta let you know
That I think that I love you so
You could be my only one

Tradução

Eu falo muito, mas poderíamos
preencher seus quadros
Com fotos de nossos rostos
até compartilharmos um nome
Estou vivendo em um alvo e
você atirou com uma flecha
Agora eu perdi meu autocontrole,
não consigo parar de pensar
Onde você for, eu seguirei
Eu sei que acabamos de nos conhecer
Eu posso ser o seu melhor ainda
Arrependimento favorito futuro
Você também sente?
Eu tenho que deixar você saber
Que eu acho que te amo tanto
Você poderia ser meu único

A música fala sobre quadros com seus rostos até compartilharem um nome, uma alusão a uma vida juntos, a perda do autocontrole que se relaciona as mudanças que estão ocorrendo. Na letra é reforçada a questão da dúvida sobre a reciprocidade do sentimento. A frase “Onde você for, eu seguirei” lembra as palavras ditas por Lexa para Clarke, conforme mostrado na análise da série apresentada no capítulo 5. A cena se encerra com um indo ao encontro do outro, enquanto falam ao mesmo tempo “eu estava procurando por você”. Essa festa é muito importante para a história, porque é nela que Nick começa a perceber que há outras pessoas como ele e Charlie, o que acaba o encorajando a dar um passo a mais no relacionamento entre eles. Ali, também, ele demonstra o choque, a tristeza e a raiva ao perceber um momento de homofobia revestido de brincadeira.

A música “Clearest Blue”¹³⁶ – CHVRCHES, toca em uma das cenas mais significativas no processo de autodescoberta da personagem. Nick está aflito à procura de Charlie na festa e é quando vê Tara e Darcy (que namoram, mas ainda não “oficialmente”). Elas dançam e se divertem e um beijo

¹³⁵ Retirado de www.letras.mus.br/waterparks/telephone/

¹³⁶ Retirado de www.letras.mus.br/chvrches/clearest-blue/

acontece na frente de todos. Nick, que está descobrindo sua sexualidade ao sentir um interesse crescente por Charlie, observa a cena, encantado. A música faz um pedido para que a pessoa diga que o encontra, que o guarda em si mesma e indica que a pessoa tome uma decisão. Sobre o azul, que é mencionado na letra, ele é usado na série como a cor representativa de Nick, que acaba por levar seu significado para a vida de Charlie. Nesse momento é como se tudo ficasse “nítido” para Nick.

Música

Tell me, tell me you'll meet me
Tell me, tell me you'll keep me
Tell me, tell me you'll meet me
Shaped by, clearest blue (2x)

Tradução

Dizer, dizer que me encontra
Dizer, dizer que me guarda consigo
Dizer, dizer que me encontra
Nos contornos do mais nítido azul

A música “Alaska (Toby Green Remix)”¹³⁷ – Maggie Rogers, toca enquanto Nick e Charlie vão para um lugar mais tranquilo, longe de todos, e onde acaba acontecendo o primeiro beijo. A letra traz o momento de sair de um velho eu, como um sonho, que faz com que Nick, junto à Charlie possa finalmente “respirar” e ser o seu verdadeiro eu, o que complementa a música “My Own Person”, mostrada anteriormente.

Música

And I walked off you
And I walked off an old me
Oh me, oh my, I thought it was a dream
So it seemed
And now, breathe deep
I'm inhaling
You and I, there's air in between
Leave me be
I'm exhaling
You and I, there's air in between

Tradução

E eu saí de você
E eu saí de um velho eu
Oh eu, oh meu, eu pensei que era um sonho
Assim parecia
E agora, respire fundo
Estou inalando
Você e eu, há ar no meio
Deixe-me ser
Estou exalando
Você e eu, há ar no meio

No *episódio 4 - Secret*, temos a música “What’s It Gonna Be?”¹³⁸ – Shura, que toca na manhã após o primeiro beijo, a partir da saída de Nick da casa de Charlie, que corre em direção a ele, resultando na tão esperada, pelos fãs, cena do beijo embaixo do guarda-chuva azul e amarelo (cores dos dois).

Música

Do I tell you I love or not?
Cause I can't really
guess what you want
If you let me down, let me down slow (2x)
If you got feelings for me

Tradução

Devo dizer que te amo ou não?
Porque eu realmente não posso
adivinhar o que você quer
Se você for me decepcionar, que seja lentamente
Se você sente algo por mim

¹³⁷ Retirado de www.letras.mus.br/maggie-rogers/alaska-toby-green-remix/

¹³⁸ Retirado de www.letras.mus.br/shura/whats-it-gonna-be/

You just gotta speak honestly
If you let me down, let me down slow (2x)
I don't wanna give you up
I don't wanna let you love
somebody else but me
So what's it gonna be? (2x)

Apenas fale honestamente
Se você for me decepcionar, que seja lentamente
Eu não quero desistir de você
Eu não quero deixar você amar
ninguém além de mim
Então o que vai ser?

Percebemos que a letra se refere a Charlie e sua insegurança habitual, sobre não ter certeza do que o outro quer, à espera de uma possível decepção, mas, também, sobre a impossibilidade de desistência e a vontade de ser amado, ficando no ar o que vai acontecer.

No *episódio 6 – Girls*, temos a música “Knock Me Off My Feet”¹³⁹ – SOAK, que toca quando Nick conta a Charlie ter revelado a Tara e Darcy que eles estavam juntos. Uma iniciativa que faz com que Charlie o abrace, encantado. Na letra observamos que não importa o que aconteça, essa atitude é o começo do caminho para o *come out* de Nick.

Música

You can, you can knock me off my feet
But I won't stop now, you can take a seat
(2x)

Tradução

Você pode, você pode me derrubar
Mas não vou parar agora, você pode se sentar (2x)

O *episódio 7 – Bullying*, traz a música “Tired”¹⁴⁰ – beabadoobee que toca depois de Charlie, que estava no cinema com Nick e seus amigos, ser vítima de bullying (novamente sobre o prisma da brincadeira), o que leva Nick a entrar em uma briga quando uma palavra muito ofensiva (f*g) é dita, enquanto Charlie, que já tinha saído, é interpelado por Ben (o “boy lixo”), dois fatos desestabilizadores para ele.

Música

You haven't been good for long
Is it the sound of your own thoughts
That always keeps you up at night?
Maybe it's time to say goodbye
'Cause I'm getting pretty fucking tired

Tradução

Faz tempo que você não anda se sentindo bem
É o som dos seus próprios pensamentos
Que sempre te mantém acordado à noite?
Talvez seja hora de se despedir
Pois estou ficando cansada pra caralho

Charlie está cansado, Nick está cansado e machucado emocional e fisicamente e eles tem uma conversa, pois Charlie teima em dizer que já está acostumado com pessoas falando dele. A resposta de Nick acaba por impulsionar Charlie a outras atitudes no futuro. A música reflete a culpa que Charlie sente por achar que está interferindo negativamente na vida de Nick, por ele estar se metendo em brigas e se afastando de seus amigos.

¹³⁹ Retirado de www.letras.mus.br/soak/knock-me-off-my-feet/

¹⁴⁰ Retirado de www.letras.mus.br/beabadoobee/tired/

A música “Any other way”¹⁴¹ – Tomberlin, toca quando Charlie se encaminha para a Sala de Artes, o lugar para onde vai quando está sofrendo e quer se isolar. Ali, ele se senta no chão, nas raízes da grande árvore cujas folhas antes eram feitas de mãos pintadas com as cores amarelo e azul e que agora também contam com as cores rosa e roxo – cores que juntas com o azul, nos remetem as cores da bandeira Bissexual. Charlie começa a pensar no que está causando à vida de Nick e as coisas começam a se encaminhar para um rompimento por parte de Charlie. A música reforça a questão da vergonha, da culpa e de não saber outra maneira de agir.

Música

Hopped on a plane for the first time today
I can't look back
Out of guilt and out of shame
But did we know any other way
I didn't know any other way

Tradução

Embarcou em um avião pela primeira vez hoje
Eu não posso olhar para trás
Por culpa e por vergonha
Mas nós sabíamos de outra maneira
Eu não sabia de outra maneira

No *episódio 8 - Boyfriend*, tudo se encaminha para o término. A bela e triste música “Our Window”¹⁴² – Noah and The Whale, mostra perfeitamente isso, mas ao mesmo tempo com uma possibilidade de promessa.

Música

Well it's four in the morning
Things are getting heavy
And we both know that it's over,
but we both are not ready
Spring can be the cruelest of months
But bringing in your life
Yeah we're promising so much

Tradução

Bem, são quatro da manhã
As coisas estão ficando pesadas
E nós dois sabemos que está acabado
mas nós dois não estamos prontos
A primavera pode ser o mais cruel dos meses
Mas trazendo em sua vida
É, estamos prometendo tanto

Essa música toca quando Nick procura Charlie na DM do Instagram, implorando por uma conversa e é ignorado. Os acordes ao fundo se parecem com o tique-taque de um relógio contando a passagem do tempo. Charlie evita Nick na escola e durante o dia do maior evento esportivo letivo. É então que Nick, durante a partida de rugby, após fazer um *try* e se preparar para a conversão, sai do jogo e pega na mão de Charlie, na frente de todos. Enquanto ele se declara e pede para que não se separem, dizendo que respeitaria a decisão de Charlie, mas que ele era a sua pessoa favorita no mundo, a música “Moment In The Sun”¹⁴³ – Sunflower Bean, começa a tocar e segue até o momento em que Nick faz uma surpresa para Charlie e o leva à praia.

¹⁴¹ Retirado de www.letras.mus.br/tomberlin/any-other-way/

¹⁴² Retirado de www.letras.mus.br/noah-and-the-whale/1537582/

¹⁴³ Retirado de www.letras.mus.br/sunflower-bean/moment-in-the-sun/

Música

Winter, spring, summer, fall
A moment is fine,
but I wanna feel them all
I wanna feel them all
I don't need money,
I don't need to be cool
I'd trade it for a moment
in the Sun with you
With you, with you, with you
Everything I've dreamed about is coming on
Trade it for a moment in the Sun
All that other noise is just a waste of time
You're the only music on my mind

Tradução

Inverno, primavera, verão, outono
Um momento é bom,
mas eu quero sentir todos eles
Eu quero sentir todos eles
Eu não preciso de dinheiro,
não preciso ser descolada
Eu trocaria isso por um momento
ao Sol com você
com você, com você, com você
Tudo o que eu sonhei está chegando
Troco por um momento ao Sol
Todo esse outro barulho é só uma perda de tempo
Você é a única música em minha mente

Essa música deixa claro o sentimento de Nick por Charlie, ao mesmo tempo que nos remete ao passar do tempo, o amarelo do sol e da cor que representa Charlie na série. Quando Nick chega em casa, a mãe, Sarah, comenta sobre sua alegria. Nick acaba por revelar que Charlie é seu namorado e assume sua bissexualidade para ela. É um belo e singelo momento, em que pensamos o quão bom seria se todo pai e toda a mãe reagisse como ela. Sarah pergunta quando o filho soube, ao que ele responde que ele e Charlie estavam juntos há alguns meses, mas que havia começado a gostar de Charlie muito antes. As cenas do que eles viveram aparecem, junto com a música final “I Belong In Your Arms (Photek Remix)”¹⁴⁴ – Chairlift e podemos perceber que Nick passou a sentir algo por Charlie no momento em que o viu pela primeira vez.

Música

Feelings are good
Nothing to say
Because the world goes on without us
It doesn't matter what we do
All silhouettes with no regrets
When I'm melting into you
I belong in your Arms (2x)

Tradução

Sentimentos são bons
Nada a dizer
Porque o mundo continua sem nós
Não importa o que façamos
Todas as silhuetas sem arrependimentos
Quando estou derretendo em você
Eu pertenço aos seus braços (2x)

A música continua enquanto a cena volta para a praia, onde vemos um Nick descontraído, sorrindo de olhos fechados, abraçado a Charlie. Charlie pergunta se eles vão contar para os outros, ao que Nick sorri e responde “Sim.” E a temporada encerra com esta cena e com a música. Uma música que evoca que a vida segue independente do que aconteça, como se tudo se resolvesse com o tempo, sem arrependimentos e que os braços e abraços que significam proteção, cuidado e afeto são o lugar

¹⁴⁴ Retirado de www.letras.mus.br/chairlift/i-belong-in-your-arms/

um do outro. O abraço que se tornou, no decorrer da narrativa, parte importante na construção desse afeto.

6.2.2. Mensagem Verbal

As palavras atuam como uma construção de sentido do Eu para com o mundo, do Eu com o outro e consigo mesmo, em descobertas e histórias elaboradas dentro de si e que emergem, às vezes doloridamente, quando o corpo já está repleto. O cineasta Eugène Green nos traz, de uma forma mais complexa e profunda, a percepção de que “a palavra compele à visão do mundo como floresta de signos e à percepção do filme como revelador dos sinais que se escondem sob a superfície de todas as coisas” (Green, 2019, p. 37).

Ao partir do pressuposto de que toda a fala é política e por isso carregada de sentido, opto - para um melhor entendimento do sentido desses discursos contidos nas palavras trocadas e que perpassam o relacionamento e a vida de Charlie e Nick - separá-los por temas para uma melhor visualização da importância e do impacto do que é dito.

Relacionamentos

O “Oi” utilizado repetidamente entre os protagonistas, desde o início de sua amizade, poderia ter apenas uma função fática, mas tudo muda ao entendermos o contexto em que ele está inserido. Green já enfatizava a importância de poucas palavras ao afirmar que os atores devem “concentrar um máximo de emoções fortes num mínimo de palavras” (Green, 2019, p. 37). Este simples cumprimento era negado a Charlie por Ben, o garoto com quem ele “ficava” anteriormente, o que torna o seu significado, quando dito por Nick, de uma força e emoção que ultrapassa o seu sentido básico. Algo que fica evidente quando Nick e Charlie estão conversando pelos corredores da escola e encontram Ben:

Charlie: Oi (diz sorrindo).

Ben: O quê?

Charlie: Só “oi” (fala, sem jeito).

Ben: Por que falou comigo? Nem sei quem você é (Charlie baixa os olhos, envergonhado).

Ben: Beleza, cara? (fala para Nick).

Nick: Beleza (olha, confuso, de Charlie para Ben).

(T1E1. 02:19)

O “oi” entre Nick e Charlie é reforçado em diversos momentos no decorrer dos episódios e funciona como uma “marca” dos dois. Outra palavra muito utilizada por Charlie é “desculpa”, algo que ele fala pelos mais diferentes motivos, como se a pedisse por simplesmente existir. Nos momentos finais

do *episódio 1 - Meet*, Nick observa Charlie se dirigir a uma sala vazia da escola. Ben havia pedido que Charlie o encontrasse lá para conversarem. Charlie e Ben discutem e Charlie diz que Ben nunca havia se importado com ele ou com seus sentimentos e que eles só ficavam juntos quando Ben queria beijar um garoto. A resposta recebida é cruel: “até parece que mais alguém vai querer sair com você”, Ben diz ao avançar sobre Charlie e lhe beijar à força, mesmo com os pedidos para que parasse. É quando Nick chega e afasta Ben. Charlie, mesmo depois do que aconteceu, ainda pede desculpas a Nick:

Charlie: Desculpa.

Nick: Não tem do que se desculpar.

Charlie: Desculpa.

Nick: (Baixa os olhos) Você só se desculpa. Não diga.

Charlie: Eu quero.

Nick: Não (fala sorrindo).

(T1E1. 21:16)

Essas atitudes fazem com que Nick converse com Charlie na tentativa de que ele mude seu comportamento quanto a isso. Mais tarde, por mensagem, Nick diz que estava com raiva de Ben, que não queria mais ser seu amigo e pede para que Charlie não fale mais com ele. O desprezo e o abuso mostrado anteriormente se repetiram em outras cenas em que o público se defrontou com aspectos de um relacionamento tóxico, mesmo depois do término, realidade vivida por muitas pessoas, sejam elas LGBTQIAPN+ ou não:

Charlie: Então, eu ia perguntar se você quer ir lá em casa. Ficar de bobeira.

Ben: A gente faz isso na escola.

Charlie: É, mas... Eu pensei... já que somos namorados...

Ben: O quê? Não somos namorados. Por que pensaria isso? (fala agressivamente)

(T1E7. 01:32)

Durante toda história, através de ações e diálogos entre Charlie e Nick, é apresentado ao público a diferença entre o tipo de relacionamento de Charlie e Ben e um relacionamento saudável. A relação que Charlie teve com Ben acaba por refletir no seu desejo de encontrar alguém com características que deveriam ser inerentes a qualquer relacionamento:

Tori: Hipoteticamente, com que tipo de garoto você quer sair?

Charlie: Um que não se importe de ser visto comigo, de preferência.

Tori: Alguém que seja nerd ou algo meio “os opostos se atraem”?

Charlie: Não posso me dar ao luxo de ser tão específico.

Tori: Hipoteticamente. O cara dos sonhos? [...]

Charlie: Não sei... **Alguém com quem eu possa rir. E que seja legal. E gentil. E goste de ficar comigo** (o autocarro para em frente à escola e ele vê Nick com os colegas).

(T1E1. 15:17)

Na cena percebemos que Charlie não tem tantas opções para escolher, por isso acredita que deve se contentar com o mínimo. Tori, irmã de Charlie, é muito querida pelos fãs e, apesar de falar pouco, suas palavras são certeiras, como ocorre quando Charlie diz que terminou com seu “namorado”:

Tori: Ele era idiota?

Charlie: Era.

Tori: Que bom, então (olha Charlie atentamente enquanto bebe algo de canudinho).
(T1E1. 15:27)

As conversas entre Nick e Charlie e sua consequente evolução, por conseguinte ao desenvolvimento da relação entre os dois, são mostradas no decorrer dos episódios: as descobertas, as dúvidas, a sinceridade e o cuidado são uma constante em cada fala e em cada gesto. A palavra carinhosa está presente, mesmo quando não se sabe bem o que se sente:

Charlie: Queria que pudesse ficar.

Nick: Eu também. Você fica muito fofinho assim (fala, olhando Charlie que está envolvido em um cobertor).

Charlie: Fico?

Nick: Sim (olha Charlie intensamente e o abraça apertado). Te vejo na segunda (abre a porta e sai apressado sem olhar para trás).

Tori: Acho que ele não é hétero (Charlie olha para ela, surpreso com o que acabara de acontecer).
(T1E2. 07:14)

A cada diálogo entre os protagonistas percebemos que Nick “vê” Charlie como ele realmente é, aquilo que o deixa feliz e o que é importante para ele. Ao contrário de Ben que desprezava Charlie e fazia com que ele sofresse, Nick percebe e exalta desde as pequenas coisas que fazem parte da vida de Charlie e, assim, o ajuda a compreender que ele não deve aceitar ou se acostumar com que o menosprezem:

Nick: Não, **você é bom em tudo.**

Charlie: Não sou.

Nick: **É sim, é um nerd popular.**

Charlie: Não sou.

Nick: Olha, **você é bom em videogames. Em todas as matérias, mas principalmente matemática. Em tocar bateria. Em fazer amizades com cães e em esportes. Você corre muito...**

(T1E2. 19:22)

Nick: Quando você foi embora, e eu voltei pro grupo, ele... Ele começou a falar... coisas sobre você. Eu surtei. Dei um soco nele e... foi isso. [Sobre a briga com Harry].

Charlie: Nick. Não precisava fazer isso. **Juro que estou acostumado com gente falando de mim.**

Nick: (seus olhos estão cheios de lágrimas) **Mas não deveria estar. Ninguém deveria falar coisas sobre você. Não deveria ter que aturar isso.**

Charlie: Desculpa.

Nick: Não. **Não pode dizer essa palavra.** (Nick suspira) Não quero mais ser amigo deles. (T1E7. 12:10)

Nick incentiva, encoraja e se orgulha das atitudes de Charlie, pois além de admirá-lo percebe que o que aconteceu com ele reflete em seus frequentes pedidos de desculpas e sua baixa autoestima. O apoio e cuidado faz com que Charlie perceba o que merece de verdade e comece a se mostrar cada vez mais decidido:

Charlie: Eu acabei de encontrar o Ben [na festa de Harry].

Nick: (Nick arregala os olhos) Ben?

Charlie: **É. Quero dizer, eu consegui resolver. Ele tentou se desculpar pelo que aconteceu, mas eu o empurrei e falei para ele ir embora. Acho que agora ele entendeu.**

Nick: (Nick pega na mão de Charlie que observa, satisfeito) **Estou tão orgulhoso!** (T1E3. 15:41)

As palavras de orgulho e admiração de Nick para Charlie seguem mesmo com a possibilidade de um término, em que ele expressa o que sente de forma veemente, pois teme que Charlie não acredite:

Nick: Eu não quero terminar. Eu sei que pessoas te magoaram. E você acha que eu ficaria melhor sem você, mas **você precisa saber que minha vida é bem melhor desde que te conheci.**

Charlie: Não precisa dizer isso.

Nick: Preciso. E vou continuar dizendo até você acreditar. Eu não me importo com brigas ou com meus amigos irritados nem nada disso. Vale a pena pra ficar com você. **Você é a pessoa mais gentil, atenciosa, carinhosa e incrível do mundo todo.**

Charlie: Nick...

Nick: **Se você quiser mesmo terminar, vou respeitar a sua decisão, mas eu quero ficar com você.**

Charlie: Nick...

Nick: **Você é minha pessoa favorita.**

Charlie: Nick...

Nick: Eu preciso que você acredite em mim.

Charlie: Nick. Eu acredito em você. Eu acredito (pega o rosto de Nick entre as mãos). (T1E8. 20:40)

Em todas as situações e vivências trazidas entre eles, os silêncios e as pausas são palavras que apenas não tomaram “corpo” e que em vários momentos expressam muito mais do que aquilo que é pronunciado. A “não-palavra” e a palavra expressam o desejo contido e que não pode ser mostrado de forma liberta:

A linguagem é uma pele: esfrego minha linguagem no outro. É como se eu tivesse palavras ao invés de dedos, ou dedos na ponta das palavras. Minha linguagem treme de desejo. A emoção de um duplo contacto: de um lado, toda uma atividade do discurso vem, discretamente, indiretamente, colocar em evidência um significado único que é 'eu te desejo', e liberá-lo, alimentá-lo, ramificá-lo, fazê-lo explodir (a linguagem goza de se tocar a si mesma); por outro lado, envolvo o outro nas minhas palavras, eu o acaricio, o roço, prolongo esse roçar, me esforço em fazer durar o comentário ao qual submeto a relação. (Barthes, 1981, p. 64)

Seja na espera nervosa, em uma festa de aniversário, na busca por um local onde o afeto possa se mostrar plenamente ou mesmo na constatação daquilo que já não podia mais ser ignorado:

Charlie e Nick: Estava te procurando! (falam juntos, felizes, ao se encontrarem).
(T1E3. 06:21)

Nick: Está meio barulhento aqui, né?

Charlie: É.

Nick: Vamos a um lugar mais calmo?
(T1E3. 15:41)

Charlie: Então... Harry estava falando sério? Você gosta da Tara? (toma coragem para falar).

Nick: O quê? Não! Claro que não (se remexe parecendo desconfortável).

Charlie: Então você não tem um *crush* em ninguém?

Nick: (Nick baixa os olhos, ansioso) **Bem... Eu não disse isso.**

Charlie: (Pausa) Como ela é?

Nick: Vai presumir que é "ela"?

Charlie: Então... Não é uma garota? (arregala os olhos).

Nick fica em silêncio.

Charlie: Sairia com alguém que não fosse uma garota?

Nick: Eu... não sei. (Pausa nervosa) **Talvez.**

Charlie: Beijaria alguém que não fosse uma garota?

Nick: Eu não sei (olha para Charlie e depois para o chão).

Charlie: (Charlie aproxima seu mindinho do de Nick. Pequenos raios e estrelas espocam. Quando seus olhos se encontram, flores coloridas voam ao redor deles) **Você me beijaria?**

Nick: (Entrelaça seu mindinho no de Charlie) **Sim.**
(T1E3. 17:39)

Descobertas

Charlie havia passado pelo seu *come out* de forma traumática e acredita que Nick somente deveria se assumir, se quisesse, no seu tempo e conforme sua vontade e, dessa forma, se torna uma referência importante para Nick nesse processo de descoberta. Charlie também não quer que ele e Nick sejam vistos muito juntos na escola por medo de que Nick passe pelo que ele passou. E é no momento que Nick se sente mais vulnerável, após o primeiro beijo entre eles, que Charlie o acolhe:

Nick: Meu Deus. Desculpa. Desculpa por ter fugido ontem à noite. Eu surtei porque... **fiquei confuso e surpreso e, sinceramente, estou tendo uma crise gay enorme.** Não é que eu não quisesse... você sabe, te beijar. Eu... **Eu só estava confuso. Eu tenho estado muito, muito confuso. Acho que preciso de um tempo... pra entender isso.**

Nick chora muito. Seus olhares se encontram e ele abraça Charlie, que o conforta.
(T1E4 02:43)

Nick: Só queria saber... Como você percebeu que era gay?

Charlie: Acho que eu sempre soube. Mesmo quando era novinho. Na época, eu não entendia, mas sempre curti garotos. Não sentia isso quando era pequeno, né?

Nick: Bem, não. Eu não sei o que eu sou.

Charlie: Não precisa descobrir agora. Eu não acordei do nada, tipo: “Acho que sou gay agora.”

Nick: Desculpa estar tão confuso.

(T1E6. 05:38)

Há uma grande importância em se ver nos outros e em se sentir seguro. A presença e acolhimento de Charlie, nessa etapa da vida de Nick, acabam por levá-lo a se distanciar cada vez mais de seus antigos amigos que não o deixam confortável com o comportamento preconceituoso que possuem. Nick, então, inicia novas amizades e se abre com as pessoas com as quais começa a se identificar, caso de Tara e Darcy. Aos poucos e à medida que isso acontece, ele se descobre mais e mais:

Tara: Você e Charlie estão se dando bem?

Nick: Estamos. Na verdade... Bem... estamos meio que juntos.

Tara: Sério?

Nick: Não é oficial ainda, mas... Sim. Mas não conta pra ninguém.

(T1E6. 08:19)

Nick: Eu ainda não... me assumi nem nada.

Darcy: Você quer se assumir?

Nick: Não sei... Eu nem sei qual é a minha sexualidade. [...].

Tara: Você não precisa se assumir antes de estar pronto.

Nick: Tá.

Tara: É complicado. Muitos vão te ver de outra maneira. É muita coisa pra cabeça. [...].

Nick: Vocês são as primeiras pessoas a quem contei sobre Charlie.

Tara: Sério?

Nick: É.

Tara: Foi bom contar pra alguém?

Nick: Foi. De verdade.

(T1E6. 09:48)

Cada diálogo expressa uma constatação para Nick, como se ele estivesse “acordando” para algo. A partir do que Nick observa do *come out* de Tara, das conversas com Charlie e das pesquisas que faz em seus momentos solitários, ele começa a se sentir mais confiante para finalmente reconhecer a

sua sexualidade e seu relacionamento frente as pessoas que são importantes para ele. A partir disso um novo passo é dado em sua relação com Charlie:

Nick: Eu estava pensando... E se eu me assumir?

Charlie: Você quer mesmo?

Nick: Eu quero mesmo. Sei que estive bastante inseguro com tudo, mas eu com certeza sou bissexual. E não quero ter que fingir que somos melhores amigos platônicos. Não estou dizendo que quero fazer um anúncio público ou algo assim, mas quero contar a quem importa. E quero que você possa contar também. [...]

Nick: (Observa o olhar de Charlie) O que foi?

Charlie: Nunca pensei que isso aconteceria comigo.

Nick: (Dá um sorriso triste e o abraça com força) Nem eu.

Charlie: Nick?

Nick: Sim? (Indaga, de olhos fechados, envolvido no abraço).

Charlie: Isso quer dizer que somos namorados?

Nick: Sim. (Ri, admirado). **Não ficou claro nas últimas dez vezes em que nos beijamos?**

(T1E8. 23:40)

Um dos momentos mais citados nos comentários e que emocionou os fãs, principalmente por sonharem com algo assim, foi o *come out* de Nick para a mãe. Essa cena, inclusive serviu de inspiração a vários jovens que queriam se assumir para os pais. Um momento de muita importância para quem é LGBTQIAPN+ (Cornejo, 2011) mas que, boa parte das vezes, infelizmente, não tem o mesmo desfecho do que o mostrado na série:

Nick: Mãe. Charlie é meu melhor amigo...

Sarah: Se quer pedir pra ele ir na nossa viagem, a resposta é “não”.

Nick: Não é nada disso (olha fixamente para a mãe, que devolve o olhar).

Nick: Ele é meu namorado. Charlie é meu namorado. Ainda gosto de meninas, mas... de meninos também. E eu e Charlie... estamos juntos. Eu só queria te contar (fala, ansioso).

Sarah: (O abraça, emocionada) Meu amor. Obrigada por me contar. Desculpe se fiz você achar que não podia me contar. (Pausa) Não precisa dizer que gosta de meninas.

Nick: Não, eu... não são só meninos. Se chama bissexualidade. Já ouviu falar?

Sarah: Já ouvi falar. Não nasci no século 18. (Ambos riem) Há quanto tempo sabe?

Nick: (Limpa as lágrimas) Bem, eu e Charlie começamos a sair juntos há alguns meses atrás, mas comecei a gostar dele bem antes (“memórias” desde o primeiro “oi” entre eles, aparecem).

Sarah: (Com lágrimas nos olhos) Own. Eu te amo.

(T1E8. 26:29)

Rede de Apoio

Charlie tem em seus amigos de infância, proteção e apoio para suportar os momentos difíceis. Esse grupo, composto por jovens fora dos padrões, que se entendem como excluídos, representam tantos outros que transitam pelos ambientes das escolas. Charlie não está só, seus amigos o reconhecem, compreendem e acolhem, diferentemente dos amigos com os quais Nick se relacionou a vida toda:

Charlie: Meus amigos vão vir me ver jogar daqui a pouco (fala enquanto se aquecem para o jogo).

Nick: Seus amigos?

Charlie: Tao, Isaac e Elle. Falei que não precisavam vir, mas... Elle disse que queriam me apoiar.

Nick: Isso... Isso é legal.

(T1E4. 15:41)

Charlie conta também com o apoio da família, apesar de seus pais imporem várias regras e serem superprotetores, o que é totalmente compreensível pela preocupação necessária a segurança do filho. Com pais separados, Nick conta com as conversas e a compreensão da mãe sempre atenta as mudanças do filho:

Sarah: Charlie parece ser ótimo. Quando o conheceu?

Nick: Alguns meses atrás. Ele é da minha turma.

Sarah: É diferente dos seus outros amigos. Parece mais à vontade com ele.

Nick: Pareço? (Nick sorri).

Sarah: Parece.

Nick sorri mais uma vez, pensativo.

(T1E2. 17:13)

Julio (pai de Charlie): Ei. Ei, você está bem? (Charlie entra no carro depois que Nick sai assustado após o beijo que trocaram).

Chora e se abraça no pai.

Julio: Tudo bem. Tudo bem. Tudo bem, estou aqui. Estou aqui. Vai ficar tudo bem.

(T1E3. 22:41)

Em outra cena, Nick está chateado, pois devido à pressão dos amigos aceitou o convite da amiga Imogen para um encontro. Logo depois soube que o encontro era no mesmo dia do aniversário de Charlie. Na cena vemos Nick, sentado na cozinha, observando no Instagram uma postagem de Imogen com foto dos dois e os comentários. Abaixo, vê uma postagem de Charlie. Nesse momento compreendemos que uma foto sua com uma garota gera muitos comentários positivos, o que provavelmente não aconteceria com uma foto de Charlie e ele; tanto que as fotos dos dois na tarde em

que ficaram juntos na neve estão na galeria de seu smartphone, mas não foram postadas. Sua mãe chega e seu comentário bem-intencionado nos traz a questão da heterossexualidade compulsória (Silva, 2018):

Sarah: Teve um bom dia, Nick? O que foi?

Nick: Falei que iria num encontro com uma garota, mas também falei que iria ao aniversário do Charlie no mesmo dia. [...]. Quero dizer... muita gente espera que a gente fique, mas não gosto dela assim.

Sarah: Não deveria sair com alguém por pena.

Nick: Sim.

Sarah: **Não se preocupe. A garota certa vai aparecer.**

Nick suspira cabisbaixo.

(T1E5. 06:08)

Charlie também encontra apoio em um professor e uma professora em especial. Um momento marcante ocorre quando Charlie está com várias dúvidas sobre seu relacionamento com Ben e conversa com seu professor de artes, Mr. Ajayi, que sempre o acolheu. O professor pergunta para ele por que ele não conversa sobre isso com seus amigos e Charlie responde “eles não entenderiam por que não são gays”. A frase nos mostra a importância de nos reconhecermos em nossos semelhantes, algo que Charlie encontra com esse professor. A maioria das pessoas LGBTQIAPN+ cresce vendo “casais” se formando entre adolescentes na escola, mas é algo que, na maioria das vezes, não é para eles, pois boa parte das equipes nas escolas não sabe como lidar com seus alunos adolescentes LGBTQIAPN+ (Britzman, 1996). O contraste entre o diálogo de três professores com Charlie nos mostra isso:

Prof.: Onde o coloquei no mapa dos assentos? Certo, vai ficar ali com Nicholas Nelson. Ele é do 2º ano, só um ano mais velho que você. Ele joga rugby se não me engano. Vocês vão se dar muito bem. **Ou pode ficar em silêncio pelo resto do ano. Não faz a menor diferença para mim.**

(T1E1. 01:41)

Treinadora Singh: É uma questão de confiança (mostra um movimento de rugby).

Charlie: É difícil ter confiança quando me vêem como um típico gay que não é bom em esportes.

Treinadora Singh: **Muitos gays são bons em esportes, Charlie.**

(T1E4. 11:21)

Mr. Ajayi: **Charlie, você tem vindo almoçar aqui o tempo todo. Está revivendo o ano passado? Se isolando, não conversando com ninguém?**

Charlie: Não.

Mr. Ajayi: Tá, não vou te obrigar a ir [para o evento esportivo da escola], pois sou um professor legal. Na minha época, eu achava que me esconder de tudo era mais fácil e seguro, mas a solidão nem sempre era melhor. **Não permita que ninguém te deixe desaparecer, Charlie.**

(T1E8. 10:47)

A frase dita pelo prof. é um reflexo do que constata Giancarlo Cornejo ao falar sobre si mesmo “o que a cultura exigia de mim era que eu aceitasse minha própria supressão” (Cornejo, 2011, p. 87). Muitas vezes jovens LGBTQIAPN+ se sentem como únicos nesse lugar, pois não há ou eles não têm conhecimento de outros como eles. Algo que pessoas heterossexuais muitas vezes nem chegam a se dar conta, por não vivenciarem situações assim. Nem sempre conseguimos sentir uma dor que não dói dentro da gente.

O preconceito em suas várias formas

As palavras pronunciadas ecoam dentro de nós por um longo tempo e tendem a reforçar aspectos da realidade que muitas vezes gostaríamos de esquecer “a linguagem é investida do poder de criar ‘o socialmente real’ por meio dos atos de locução dos sujeitos falantes” (Butler, 1990, p. 200). A linguagem também fere quando traz à tona discursos preconceituosos. As pessoas performam de diferentes maneiras e muitos ainda estão descobrindo sua sexualidade, mesmo assim, os estereótipos existem e estão enraizados, estruturalmente, no desconhecimento, na heterocisnormatividade ou até mesmo nas referências que possuímos. Este tipo de preconceito está inserido e é expresso nos mais diferentes lugares e até mesmo por amigos, como fizeram Tao e Elle em relação a Nick:

Tao: Como seu amigo hétero, devo lembrar que, às vezes, as pessoas são heterossexuais. É um fato triste da vida.

Isaac: Mas não sabemos se ela gosta do Nick [sobre Tara].

Tao: Isaac, já avisei sobre encorajar os crushes do Charlie por héteros (olha firmemente para Isaac).

Isaac: Mas eu quero acreditar no amor (diz sorrindo).

[...]

Elle: Nick Nelson? É melhor desistir agora. Ele é o cara mais hétero que já vi.
(T1E2. 13:10)

No diálogo, é possível observar também algo relatado nos comentários que serão apresentados no capítulo 7 dessa pesquisa: o interesse amoroso de pessoas LGBTQIAPN+ em pessoas heterossexuais, principalmente as consideradas “padrão”. Ainda nesse episódio há o momento em que Tao vê que Charlie está trocando mensagens com Nick:

Tao: Ele é hétero, Charlie. Dá pra ver que ele é hétero só de olhar para ele. Isaac, me ajuda aqui.

Isaac: Extremamente hétero.

Tao: Exatamente.

Charlie: Caras viris podem ser gays. E bissexuais existem (fala para Isaac que revira os olhos).

(T1E2. 24:48)

Os diálogos dos garotos do rugby, no vestiário, quando Charlie não está, também revelam o preconceito ocasionado pela verbalização de certos estereótipos:

Menino 1: Charlie Spring?

Menino 2: Ele não é do 8º ano?

Menino 1: Não, é do 1º ano. [...].

Menino 3: Ele gosta de esportes? Todos sabem que ele é gay.

(T1E1. 12:19)

Há palavras que são ditas, mesmo quando não queremos, somente para satisfazer o outro, para continuarmos dentro do papel que nos é imposto. Palavras e situações que geram vários desdobramentos e são consequências da pressão para que continuemos a agir como antes ou como o grupo quer que sejamos. Em casos assim o sujeito não é visto em sua individualidade, mas sim como uma extensão das expectativas do grupo ao qual pertence.

Nick: O quê? (fala, tenso).

Menino 1: Nada. Estamos falando de Tara Jones. Ela vai a festa do Harry.

Nick: O que tem ela? (ele está ao lado de Charlie no vestiário).

Harry: Achei que pudesse se interessar.

Menino 2: Não teve um lance com ela na infância?

Nick: Não temos nenhum lance. Só nos beijamos em uma festa (responde agitado).

Menino 1: É, três anos atrás.

Menino 3: Nick tem um lance com a Imogen?

Nick: Não. Não, não tenho (parece impaciente e desconfortável).

Menino 2: Duas gatas querem ficar com ele, e ele não está nem aí.

Harry: Se não quer Imogen, sábado é sua chance com Tara. Só estou dizendo.

Nick: É, talvez.

Charlie olha fixamente para Nick, que desvia o olhar, constrangido.

(T1E3. 02:16)

Na festa de aniversário de Harry, Nick e Charlie estão sentados, em um lugar mais reservado, conversando animadamente. Harry chega com os meninos do rugby e faz uma pergunta a Nick, praticamente ignorando a presença de Charlie. No seguimento da conversa, senta-se ao lado de Nick e coloca o braço sobre seu ombro, deixando Nick extremamente desconfortável com tudo:

Harry: Nicholas!

Nick: Tudo bem, cara?

Harry: Por que está aqui? Não está meio chato? (Os meninos riem).

Nick: Porque sim (fala pouco à vontade e olha para Charlie).

Harry senta ao lado de Nick.

Harry: Tenho grandes novidades.

Nick: É? O quê? (responde sem interesse genuíno)

Harry: Tara Jones está aqui.

Meninos: Eahhhh!

Nick: E daí?

Harry: É a sua segunda chance, cara. Vamos fazer acontecer.

Nick fecha os olhos, muito incomodado e tenso.

Harry: Eles se beijaram com 13 anos. Muito romântico. Ele devia tentar, né? (fala para Charlie). **Vamos lá, cara!**

Nick protesta ao ser levado para onde está Tara.

(T1E3. 07:42)

Situação que se repete em várias cenas, por exemplo, quando Nick, para satisfazer sua turma de rugby, aceita o convite de Imogen para um encontro, como já referido anteriormente. Quatro diálogos importantes surgem dessa situação: o primeiro reflete essa pressão; o segundo, de Nick com a mãe, inspira o repensar; o outro ocorre com Charlie quando Nick expõe a situação para ele e tudo se resolve com uma conversa sincera; e o fechamento se dá quando Nick encontra Imogen para explicar o que estava sentindo:

Nick: Imogen, eu... **Você é uma pessoa muito legal, mas... não gosto de você assim. Não tem nada a ver com você. Só acho que a gente não se encaixa. Não sei se eu... me encaixo com você ou... outras pessoas do nosso grupo.**

Imogen: Mas... somos amigos há tanto tempo, nos vemos todos os dias.

Nick: **Você já sentiu que faz as coisas só porque os outros fazem? E tem medo de mudar? Ou fazer algo que pode confundir ou surpreender as pessoas? Sua personalidade real está... enterrada dentro de você há muito tempo? Acho que é como eu tenho me sentido. Foi mal, não deve fazer sentido.**

Imogen: Não. Acho que entendo. Obrigada (olha para Nick). Por ser sincero.

Nick suspira.

(T1E5. 20:53)

Nick, por fazer parte de um esporte visto como uma representação de masculinidade e por ser popular, é visto como heterossexual e pressionado constantemente. Mesmo que não possa se abrir com seus amigos eles ainda são o grupo que ele conhece desde a infância e Nick, ao mesmo tempo que compreende que tudo o que viveu pode mudar quando se assumir - uma mudança que ele ainda não se sente preparado para enfrentar - sente muita vergonha por ter pedido a Charlie o mesmo que Ben pedira, fato que, com o passar dos meses, se mostra insustentável:

Nick: No colégio, podemos, tipo... (fala, embaraçado).

Charlie: Guardar segredo?

Nick: Isso. Eu só não sei se consigo... Você sabe. Me assumir como algo.

Charlie: Sim. Tudo bem.

(Nick parece embaraçado).

(T1E4. 04:15)

Muitas vezes devido a essa pressão, não é incomum que pessoas LGBTQIAPN+ de várias idades, pelos mais diferentes motivos - ambiente, família, aceitação, não reconhecimento de sua sexualidade -, tenham que viver seu amor “pelos cantos” ou tratar a razão do seu afeto como se fosse apenas um amigo ou amiga. É importante observar o quanto disso pode ser resultado de uma relação tóxica ou se é mesmo algo passageiro, que depende somente de ajustes do tempo necessário para “absorver” e expor essa nova situação:

Darcy: Charlie! Meu cara. Não vou mentir. Eu vim mais para conhecer os gays locais, mas, quer saber, você e Nick Nelson parecem até um casal.

Tara: Meus Deus! Ignore-a (fala envergonhada).

Charlie: Somos amigos. Ele é meu amigo.

Darcy: Amigos mesmo ou, sabe, “amigos”?

Elle: Darcy!

Charlie: Por quê? Há boatos? (olha, sem jeito, para Nick que está próximo, se “aquecendo”).

Darcy: Não. Nada além da minha intuição gay.

Charlie: Eu juro. Somos só bons amigos platônicos.

Nick observa a tudo, ainda constrangido.

(T1E4. 16:33)

Ao nos depararmos com esses momentos de expressão de estereótipos e de constrangimentos, não causa espanto que o bullying se torne o caminho errado e natural que será tomado. No *episódio 2 - Crush*, enquanto Nick vê o Instagram de Charlie, há uma post “Odeio esse lugar” se referindo a um corredor da escola. Nick então relembra as palavras que ouviu sobre Charlie, quando descobriram que ele era gay. Na cena, os alunos não aparecem, apenas escutamos as vozes e elementos gráficos são utilizados ao redor de Charlie:

Menino 1: Está sabendo que tem um gay no 9º ano? (Todos riem).

Menino 2: Não é bullying... ele pediu por isso. É um colégio só de garotos. O que ele esperava?

Menino 3: Ele é muito nojento. Aposto que nos olhou no vestiário.

Menino 4: Prefiro morrer a ser gay.

Menino 5: Está olhando pra gente. Que esquisitão.

Menino 6: Ele é um otário.

(T1E2. 31:44)

A escola, geralmente é um dos primeiros lugares, mas não o único, em que o preconceito é percebido de forma mais evidente e é externado de maneira violenta ou mesmo disfarçado de brincadeira. Na série ele está presente desde a transfobia perpetrada por um dos professores que não

chama Elle pelo seu verdadeiro nome¹⁴⁵; até nos lugares de lazer, gerando stress, angústia e ansiedade em momentos que deveriam ser de diversão e alegria. Na festa de aniversário de Harry, quando Nick diz que está procurando Charlie, a homofobia se mostra:

Harry: O quê? O nerdzinho do 1º ano? Por que você anda com ele?

Nick: Ele é meu amigo.

Harry: Por quê? Tem pena dele por ele ser gay? (Os outros meninos riem).

Nick: O quê? (Olha para Harry, incrédulo).

Harry: Meu Deus! Não, espera. Ele tem um crush em você? Meu Deus, que triste!

Nick: (Parecendo muito exasperado) **Isso é homofóbico, Harry!**

Harry: (Olha para seus amigos. As risadas cessam) **Qual é, cara.**

Nick: E eu realmente não gosto de você. Feliz aniversário (diz virando as costas para todos).
(T1E3. 09:41)

O bullying está sempre à espreita, é realizado mais comumente em grupo (Catini, 2004) e suas consequências são cruéis, sobretudo quando ampliadas pela solidão. Mesmo no cinema em que Nick e Charlie vão juntos, a homofobia é uma sombra permanente, que pode levar à reação diversas. Charlie acaba indo embora, Nick sai para falar com ele e pedir desculpas, mas Charlie se afasta dizendo que já estava acostumado com isso. Nick então retorna e confronta Harry:

Nick: Qual é o seu problema com Charlie?

Harry: Ele não tem nada a ver com a gente, né? Não joga rugby e tem o amigo estranho que não me deixa em paz [se refere a Tao]. **Não pode trazer um gay pro grupo e esperar que todo mundo o ame** (alguns meninos riem, outros não).

Nick: Então o problema é ele ser gay?

Harry: Qual é, ninguém está sendo homofóbico.

Nick: Cala a boca, Harry! Ele ficou desconfortável com suas perguntas.

Harry: Você tem que levar piadas numa boa.

Nick: Mas não era piada, né? Só aproveitou a chance pra desprezar e humilhar alguém, como sempre.

Harry: Ele aguenta já deve estar acostumado (empurra Nick). Você está todo bravo (empurra Nick novamente). Precisa protegê-lo, né? Porque ele é um veadinho patético [utiliza a palavra f*g que é extremamente ofensiva].

Nick lhe dá um soco e eles brigam.

(T1E7. 08:24)

A palavra escrita ou falada é um importante elemento constitutivo da nossa própria identidade, do nosso vínculo com o outro e por isso permeia as mais diferentes interações e é proferida com as mais diversas intenções, “a palavra dita, expressa, enunciada, constitui-se como produto ideológico, resultado

¹⁴⁵ Ao invés de nome social utilizamos o termo “nome verdadeiro” por considerarmos o que melhor expressa o nome que a pessoa trans escolhe para si e não o que lhe foi designado ao nascer (Nota da Autora).

de um processo de interação na realidade viva” (Stella, 2005, p.178). Nessa realidade, cada vez mais, quem domina a “palavra” detém poder em quase todas as situações, nos mais diferentes meios. E as palavras que estão contidas nesses meios podem destruir ou criar, apoiar ou discriminar e até mesmo eleger.

Encerro esse capítulo em que foram abordados diversos signos percebidos na série. O significado contido surge conforme as vivências e referências de cada um, dessa forma, compreende-se que nem todos perceberão esses signos ou concordarão com a interpretação realizada. Considera-se que uma obra se completa a partir do significado alcançado junto ao seu público e que muda conforme suas particularidades e, mesmo, com o passar do tempo.

6.3. CRITÉRIOS PARA VERIFICAÇÃO DA REPRESENTAÇÃO EM *HEARTSTOPPER*

EIXO	PERGUNTAS	Heartstopper
A representação	A série/filme apresenta uma ou mais personagens LGBTQIAPN+ identificável(is)?	Sim.
	Essa(s) personagem(ns) LGBTQIAPN+ existe(m) para além da sua orientação sexual ou identidade de gênero?	Sim.
	Essa(s) personagem(ns) é/são diversa(s) em relação a gênero, raça e origem?	Sim.
	Há uma rede de apoio para a(s) personagem(ns) LGBTQIAPN+?	Sim.
A importância	Essa(s) personagem(ns) faz(em) parte do núcleo central?	Sim.
	Caso essa(s) personagem(ns) LGBTQIAPN+ seja(m) retirada(s) da trama, haveria um efeito significativo na história?	Sim.
	A(s) personagem(ns) mulher(es) faz(em) parte do núcleo central? Suas histórias são independentes?	Sim.
Os não-estereótipos	Essa(s) personagem(ns) reproduz(em) os estereótipos de alívio cômico, hipersexualização, promiscuidade ou de gênero?	Não.
O quantitativo	Quantos personagens LGBTQIAPN+ há na produção?	6.
	Quantas dessas personagens fazem parte do núcleo central?	5/7.
	Há pessoas LGBTQIAPN+ atrás e na frente das câmeras?	Sim.
	Quantas personagens são do gênero masculino e feminino no núcleo central? Há personagens não-binárias ou agênero? Quantas?	F: 3 e M: 4. NB: 0 e Ag: 0.
	Quantas personagens trans existem em relação as personagens cis? Ela(s) faz(em) parte do núcleo central?	1/7. Sim.

Tabela 10: Critérios para Verificação da Representação de Personagens LGBTQIAPN+ na Série

Fonte: Elaboração da autora, 2024

Perguntas	Heartstopper
1. Há o protagonismo das personagens envolvidas? De um(a) ou dos(as) dois/duas?	Sim.2.
2. As personagens são complexas, aprofundadas? Uma ou as duas?	Sim. 2.
3. As personagens têm seus próprios núcleos dentro da história? Uma ou as duas?	Sim. 2.
4. Identifica-se que as personagens são LGBTQIAPN+? Uma ou as duas?	Sim. 2.
5. As personagens possuem diversidade de etnia/raça, corpo e identidade? Uma ou as duas?	Sim. Corpo não padrão. 1.
6. O romance entre as personagens é evidente?	Sim.
7. Qual o tipo de contato/relação entre elas?	Namoro.
8. Há algo que identifique a prática de <i>queerbaiting</i> na história ou fora dela?	Não.
9. O final da(s) temporada(s) analisada(s) recai no tropo <i>Bury Your Gays</i> (BYG)?	Não.

Tabela 11: Levantamento da Representação do Relacionamento entre as Personagens LGBTQIAPN+
Fonte: Elaboração da autora, 2024

7. RECEPÇÃO VIRTUAL DE *HEARTSTOPPER* EM SEIS CANAIS DO YOUTUBE

“A obra se torna o que é quando olhamos para ela”
Marcel Duchamp

A Teoria ou Estética da Recepção acabou por se atualizar para a o meio virtual, “por Estética da Recepção Virtual ou Teoria da Recepção Virtual, compreende-se as discussões em torno das atividades realizadas pelos receptores e fãs de uma produção artística no meio virtual, tais como comentários” (Borges & Araújo, 2022, p. 408). Nos últimos tempos, a participação do público é majoritariamente realizada a partir das redes sociais que podem impulsionar o sucesso e mesmo a discussão dos mais diversos fatores vinculados a uma obra, seja ela livro, filme ou série. Essa recepção é construída de forma bastante subjetiva, a contar com um público que possui inúmeras características, referências e formas de acesso a essas produções, inclusive criando conteúdo sobre elas.

A recepção da série *Hearstopper*, pelo público analisado, será mensurada a partir dos critérios relacionados anteriormente. A análise de comentários em canais do Youtube foi escolhida, pois considera-se que os participantes deixam sua opinião de livre e espontânea vontade e trazem temas importantes para si, temas esses que foram resgatados a partir da série. Os comentários também possibilitam uma dinâmica interativa, seja motivada pela fala do(a) youtuber ou de outros participantes, em que cada comentário pode gerar uma resposta ou mesmo um novo comentário:

Os ‘comentários da internet’ são constituintes dos processos de socialização e de letramento das esferas de comunicação digital contemporâneas, nas quais qualquer pessoa munida de um celular ou um computador pode produzir conteúdo amplamente visível, replicável e independente de atravessamentos institucionais. (Biar & Paschoal 2020, p, 1054).

O Youtube possui a facilidade de publicação e distribuição de qualquer tipo de conteúdo e seus canais proporcionam uma interação com pessoas que possuem interesses afins, pois, a princípio, o perfil do(a) youtuber reflete em certo grau o perfil do seu público. Uma plataforma em que reações/*reacts* e críticas sobre os mais variados vídeos, assuntos e produtos se tornou comum. Uma proposta relativamente simples e que trabalha com a opinião pessoal, fundamentada ou não, de quem representa o canal. Plataformas e redes sociais, a partir da criação de conteúdo e da participação do público proporcionam que quem participa saia de um comportamento passivo para uma participação ativa, em que seus comentários são importantes até mesmo para o andamento dos canais. O usuário é chamado a seguir, a compartilhar e, sobretudo, a opinar, o que acaba por gerar mais engajamento.

7.1. CANAIS DO YOUTUBE

Os seis canais selecionados na plataforma de vídeos online Youtube, segundo os critérios percorridos anteriormente, são reconhecidos pela comunidade e trazem vivências diferentes devido ao perfil de seus responsáveis. Dentre esses seis canais pudemos perceber que três trazem vários conteúdos voltados ao público LGBTQIAPN+ e três são voltados ao público em geral: “Lorelay Fox” cuja *drag queen* de mesmo nome, conhecida por ter colaborado com o programa “Amor & Sexo”¹⁴⁶ (Rede Globo, 2009-2018), traz assuntos da cultura pop e fala diretamente ao público LGBTQIAPN+; “Jessica Ballut” tem no comando uma jovem lésbica que faz vídeos reagindo a conteúdos da cultura pop; “Gay Nerd” é comandado por um homem gay que traz questões sobre cultura pop e mundo gay; “Carol Moreira” além da responsável se identificar com a comunidade LGBTQIAPN+, o conteúdo do seu canal versa sobre produções audiovisuais. A youtuber também se destacou por trazer no seu vídeo a questão do *queerbaiting* e do *Bury Your Gays* para o debate; “Isabela Boscov”, uma das mais queridas e reconhecidas jornalista e crítica de cinema do Brasil, Isabela é percebida publicamente como uma pessoa heterocis, de cerca de mais de 50 anos, o que mostra o alcance que uma série como *Heartstopper* pode ter; e “PH Santos” (não temos conhecimento se ele pertence ou não à comunidade), é um comunicador e crítico de cinema, especialista em séries e filmes.

7.1.1. Dados Gerais dos Canais

Isabela Boscov



Figura 109: Banner do Canal “Isabela Boscov”

Fonte: Canal Isabela Boscov¹⁴⁷, 2024

Título do vídeo:

“Heartstopper: já fui triste, agora quero ser feliz”

Descrição do vídeo:

Crítica da série “Heartstopper”, da Netflix, criada por Alice Oseman, com Joe Locke, Kit Connor, Yasmin Finney, William Gao, Sebastian Croft, Cormac Hyde-Corrin, Rhea Norwood, Olivia Colman, Tobie Donovan.

¹⁴⁶ Retirado de <https://gshow.globo.com/programas/amor-e-sexo/>

¹⁴⁷ Retirado de <https://www.youtube.com/@IsabelaBoscov>

O vídeo teve o total de 2320 comentários, dos quais selecionamos 128 comentários para análise. Os comentários selecionados, conforme abordado na Metodologia, tiveram seus autores categorizados da seguinte forma (L: Lésbica; G: Gay; B: Bissexual; F: Feminino; M: Masculino; PF: Pronome Feminino; PM: Pronome Masculino – os dois últimos se referem a não confirmação do gênero, mas a utilização desses pronomes):

128 comentários	Sim	Jovem adulto	Não	Não podemos afirmar
Adolescente	00	02	33	93
LGBTQIAPN+	75	—	—	53
Orientação sexual	L: 2; G: 6; B: 5	—	—	115
Identidade de gênero	F: 2; M: 5 PF: 3; PM: 4	—	—	114

Tabela 12: Categorias de Participantes do Canal Isabela Boscov
Fonte: Elaboração da autora, 2024

Lorelay Fox



Figura 110: Banner do Canal “Lorelay Fox”
Fonte: Canal Lorelay Fox¹⁴⁸, 2024

Título do vídeo:

“ASSISTI HEARTSTOPPER”

Descrição do vídeo:

Hoje vou comentar todos os meu [sic] sentimentos sobre a série da Netflix Heartstopper! A trajetória do Nick e do Charlie e sobre os livros também!

Observação feita pela youtuber após a crítica.

- Você já assistiu Heartstopper?; Escreva aqui o que você sentiu assistindo essa série.

O vídeo teve o total de 1898 comentários, dos quais selecionamos 132 comentários para análise. Os comentários selecionados conforme abordado na Metodologia, tiveram seus autores categorizados

¹⁴⁸ Retirado de <https://www.youtube.com/@lorelayfox>

da seguinte forma (G: Gay; B: Bissexual; M: Masculino, HT: Homem Trans; PF: Pronome Feminino; PM: Pronome Masculino – os dois últimos se referem a não confirmação do gênero, mas a utilização desses pronomes):

132 comentários	Sim	Jovem adulto	Não	Não podemos afirmar
Adolescente	09	02	50	71
LGBTQIAPN+	101	—	0	31
Orientação sexual	G: 10; B: 3	—	—	119
Identidade de gênero	M: 11 (1 HT) PF: 2; PM: 7	—	—	112

Tabela 13: Categorias de Participantes do Canal Lorelay Fox
Fonte: Elaboração da autora, 2024

Jessica Ballut



Figura 111: Banner do Canal “Jessica Ballut”
Fonte: Canal Jessica Ballut¹⁴⁹, 2024

Título do vídeo:

“HEARTSTOPPER APERTA ONDE DÓI – e cura!”

Descrição do vídeo:

A série Heartstopper chegou na Netflix e acalentou o coração de muita gente ao redor do mundo, incluindo essa pessoa *chery* [termo usado pela youtuber] aqui que vos fala! Hoje vamos falar sobre a história do Charlie e do Nick Nelson, e sobre como essa é a série que eu queria ter assistido aos 16!

O vídeo teve o total de 819 comentários, dos quais selecionamos 62 comentários para análise. Os comentários selecionados conforme abordado na Metodologia, tiveram seus autores categorizados da seguinte forma (L: Lésbica; G: Gay; B: Bissexual; P: Pansexual; F: Feminino; M: Masculino; PF: Pronome Feminino; PM: Pronome Masculino – os dois últimos se referem a não confirmação do gênero, mas a utilização desses pronomes):

¹⁴⁹ Retirado de https://www.youtube.com/channel/UCC7YkKjKgCp_odNBXn2GW0A

62 comentários	Sim	Jovem adulto	Não	Não podemos afirmar
Adolescente	07	01	13	41
LGBTQIAPN+	48	—	0	14
Orientação sexual	L: 1; G: 3; B: 9; P: 1	—	—	48
Identidade de gênero	F: 1; M: 3; PF: 2; PM: 2	—	—	54

Tabela 14: Categorias de Participantes do Canal Jessica Ballut
Fonte: Elaboração da autora, 2024

Gay Nerd



Figura 112: Banner do Canal “Gay Nerd”
Fonte: Canal Gay Nerd¹⁵⁰, 2024

Título do vídeo:

“HEARTSTOPPER e nossa adolescência roubada”

Descrição do vídeo:

Eu também fui ATROPELADO pelo fenômeno Heartstopper. Devorei os episódios da nova série gay da Netflix rapidinho e, como tantos de vocês, também fiquei pensando em como minha adolescência foi roubada de mim. Como seria melhor se eu tivesse tido liberdade pra amar e ser quem eu era! Mas e agora? O que a gente faz com esse sentimento de vazio que ficou dentro da gente? Essa saudade de uma coisa que a gente nem viveu? Nesse vídeo, falo um pouco sobre como essa angústia pode ter moldado nossa personalidade e tem impactos sentidos até hoje na autoestima e no bem-estar da comunidade gay como um todo.

Observação feita pelo youtuber após à crítica:

Você assistiu Heartstopper?; Mexeu com você?; Você projetou as suas fantasias de adolescência?; E me conta como foi a sua adolescência também, você sentiu que você teve o mesmo desenvolvimento emocional que os héteros tiveram?; E você já se perdoou por não ter tido esta maturidade que você precisava na vida adulta?; Não foi culpa sua.

¹⁵⁰ Retirado de <https://www.youtube.com/@GayNerd>

O vídeo teve o total de 528 comentários, dos quais selecionamos 59 comentários para análise. Os comentários selecionados conforme abordado na Metodologia, tiveram seus autores categorizados da seguinte forma (G: Gay; B: Bissexual; M: Masculino; PF: Pronome Feminino; PM: Pronome Masculino – os dois últimos se referem a não confirmação do gênero, mas a utilização desses pronomes):

59 comentários	Sim	Jovem adulto	Não	Não podemos afirmar
Adolescente	06	02	34	17
LGBTQIAPN+	53	—	0	06
Orientação sexual	G: 13; B: 1	—	—	45
Identidade de gênero	M: 13; PF: 1; PM: 8	—	—	37

Tabela 15: Categorias de Participantes do Canal Gay Nerd
Fonte: Elaboração da autora, 2024

Carol Moreira



Figura 113: Banner do Canal “Carol Moreira”
Fonte: Canal Carol Moreira¹⁵¹, 2024

Título do vídeo:

“HEARTSTOPPER | Por que fez tanto sucesso?”

Descrição do vídeo:

Heartstopper, série teen LGBTQIAP+ da Netflix, conquistou o coração de muita gente! Por isso, o primeiro vídeo do mês do orgulho (pride month) é explicando o motivo de Heartstopper ser tão importante! [#heartstopper](#) [#netflix](#) [#heartstoppernetflix](#)

Observação feita pelo youtuber após a crítica:

- Comentem aqui o que vocês acharam de Heartstopper.

O vídeo teve o total de 416 comentários, dos quais selecionamos 116 comentários para análise. Os comentários selecionados conforme abordado na Metodologia, tiveram seus autores categorizados da seguinte forma (L: Lésbica; G: Gay; B: Bissexual; F: Feminino, MT: Mulher Trans):

¹⁵¹ Retirado de <https://www.youtube.com/channel/UC2oZNzo6o37qeikFQE2dIAA>

116 comentários	Sim	Jovem adulto	Não	Não podemos afirmar
Adolescente	01	01	40	74
LGBTQIAPN+	58	—	02	56
Orientação sexual	L: 3; G: 6; B: 2	—	—	105
Identidade de gênero	F: 4; (1 MT); M: 6	—	—	106

Tabela 16: Categorias de Participantes do Canal Carol Moreira
Fonte: Elaboração da autora, 2024

PH Santos



Figura 114: Banner do Canal “PH Santos”
Fonte: Canal PH Santos¹⁵², 2024

Título do vídeo:

“HEARTSTOPPER: Assistiria todos os dias...”

Descrição do vídeo:

Charlie e Nick se conhecem no colégio e criam uma excelente amizade, mas logo essa amizade começa a se transformar em romance. Charlie é tímido, mas tem muitas habilidades. Nick é o craque no rúgbi e no carisma. Agora, Charlie, Nick e seu círculo de amigos precisam encarar essa jornada de autodescoberta e aceitação, apoiando uns aos outros e aprendendo a ser eles mesmos. Essa é a sinopse da série Heartstopper, cuja primeira temporada foi lançada na Netflix, e é adaptada dos quadrinhos escritos por Alice Oseman.

O vídeo teve o total de 156 comentários, destes selecionamos 13 comentários para análise. Os comentários selecionados conforme abordado na Metodologia, tiveram seus autores categorizados da seguinte forma:

13 comentários	Sim	Jovem adulto	Não	Não podemos afirmar
Adolescente	00	00	05	08
LGBTQIAPN+	08	—	01	04
Orientação sexual	00	—	—	13

¹⁵² Retirado de https://www.youtube.com/channel/UCiY_LBR_7-IeOMAsbeJWBg

Identidade de gênero	00	—	—	13
----------------------	----	---	---	----

Tabela 17: Categorias de Participantes do Canal PH Santos
Fonte: Elaboração da autora, 2024

7.2. ANÁLISE DOS COMENTÁRIOS

O material dessa análise consiste em 510 comentários selecionados, a partir de um total de 6172 comentários, referentes as críticas sobre a temporada 1 de *Heartstopper* apresentadas em seis canais de Youtube. Os comentários estão disponíveis nos canais na plataforma e por isso são públicos, sendo respeitada a Lei Geral de Proteção de Dados (Lei no. 13.709/2018)¹⁵³. No Brasil, país dos youtubers selecionados, “pesquisas em páginas públicas na Internet que não requerem inscrição ou autorização do administrador para se ter acesso ao conteúdo dispensam avaliação ética e o registro de consentimento” (Comitê de Ética em Pesquisa, 2020).

O formato de comentários foi a escolha para análise da recepção da série por parte do público e por conseguinte tomamos o cuidado de analisá-los sob a perspectiva de suas características. Dos 6172 comentários foram selecionados os que traziam temas ou assuntos recorrentes de forma mais complexa, possibilitando relações que, ou impactavam ou permitiam uma maior contribuição para o debate. Essa delimitação se justifica também por serem esses os comentários que mais dialogavam com a proposição dada pelo youtuber, construindo uma possibilidade de discussão a partir do contexto proposto. Ao analisarmos os comentários pudemos perceber, pelas informações compartilhadas, que esta parte do público da série são, em sua maioria, pessoas LGBTQIAPN+, pertencentes a várias faixas etárias.

A organização dos comentários existentes nas críticas dos seis canais selecionados, foi realizada a partir da recorrência de palavras em pelo menos três comentários por canal. A seguir essas palavras foram organizadas na ordem decrescente da quantidade de vezes em que foram citadas nos comentários elencados, dentro dos eixos que propomos.

O canal de **Isabela Boscov**, contou com o maior número de comentários: 2320, dos quais 128 foram selecionados. Destacamos de sua crítica a seguinte frase “Heartstopper faz isso: dá um, não um final, mas um começo feliz (...)” (6:48). A fala surge devido a questionamentos feitos por seu público sobre porque romances gays não podem ter um final feliz. Outro destaque se refere aos participantes dos comentários terem revisto a série diversas vezes. Há uma frequência de comentários sobre como gostariam de ter vivido um amor assim na adolescência e sobre como consideram importante o apoio

¹⁵³ Retirado de <https://www.gov.br/mds/pt-br/acesso-a-informacao/governanca/integridade/campanhas/lged>

dos pais nessa fase de descobertas. Alguns comentários reforçaram que uma das distinções da série é não deixar quase nenhuma letra da sigla LGBTQIAPN+ de fora e também o cuidado com cada detalhe. Foi trazido, ademais, a repercussão causada em plataformas como o X (antigo Twitter), inclusive sendo a mesma rede em que alguns acusaram o ator Kit Connor, intérprete da personagem Nick Nelson, de *queerbaiting* (Santos, s. d.). A representação, seja negativa ou positiva, foi nomeada em um expressivo número de comentários que relembrou séries, filmes e personagem LGBTQIAPN+.

No canal de **Lorelay Fox**, foram 1898 comentários, dos quais 132 foram selecionados. De sua crítica - que foi bastante longa permitindo uma maior percepção do impacto da série na youtuber - evidenciamos a frase que revela o motivo de Lorelay ter se reconhecido tanto em uma série “porque ela não retrata a vida dos LGBTs, ela retrata o nosso sonho” (5:43), fala que teve ressonância em diversos comentários. Alguns comentários se referiam a terem assistido a série depois da indicação pela youtuber, haja vista que Lorelay é considerada uma pessoa exigente por quem acompanha o canal. Esses usuários comentaram que se apaixonaram pela série (informação que aparece em outros canais também) e que ela acabou por tornar-se uma das favoritas, opinião compartilhada pela youtuber “*Heartstopper*, gente, entrou com certeza pra lista das séries que eu mais amei em toda a minha vida, por motivos, gente, que é muito longo pra eu explicar” (1:31). Outros comentários reconhecem *Heartstopper* como um “conto de fadas gay” ao concordar com Lorelay “*Heartstopper*, que é lúdico, que é uma paixão, que é um conto de fadas pras ‘gayzinhas’, gente, e não só pras gayzinhas porque é uma série que traz mais representatividade” (7:36). Um certo número de comentários reforça a importância da trilha sonora. Boa parte dos comentários traziam a informação de que assistiram várias vezes a série e adquiriram os livros. A partir dessa informação há vários comentários sobre as *graphic novels*, sobretudo como a adaptação para o audiovisual funcionou e como há na série cenas idênticas a dos livros. Alguns relataram ter lido os livros depois de ver a série.

No canal **Jessica Ballut**, foram 819 comentários, dos quais 62 foram selecionados. De sua crítica salientamos a seguinte fala

Existe uma jornada específica, (...) que é um processo solitário, sabe, (...) onde tu, em teoria não precisa estar pensando em nada, que a tua cabeça volta pra isso e tu começa a imaginar (...), quando é com a gente é outra história e o processo do Nick mexeu muito, muito comigo”. Eu quero ir logo pra parte que assim que (...) que é a cena que o Nick vai contar pra Olivia Colman [Sarah, sua mãe na série] que o Charlie é namorado dele e assim... cara, gente, eu me vi tanto naquela situação, minha mão tá ficando até gelada, parece que eu tô revivendo o momento. (Canal Jessica Ballut, 2022, 9:13).

A fala indica o momento de *come out* de Nick para a mãe, o mais citado nos comentários sobre esse tema. A personagem Nick Nelson merece, novamente, uma atenção especial, pois além de muitos dos que comentaram se identificarem com ele, há outros tantos que esperam ter um relacionamento com alguém como ele. Alguns casos contados referiam-se a coragem em se assumir depois da série, fato que foi relatado em vários veículos de comunicação e comentado pelos protagonistas em entrevistas das quais participaram “eu sou bissexual e eu saí do armário depois que eu e minha mãe assistimos juntas. Ela reagiu super de boa e me aceitou. Sempre serei grata a essa série por isso” (comentário de L. R.), há também comentários para quem a série “deixou os bissexuais de coração feliz”. Outros, se referiam ao medo de se expor e em como muitos ainda se sentem desconfortáveis sobre a revelação de sua sexualidade. Somando-se a isso há relatos de serem ou se sentirem “estranhos” comparados à outras pessoas. Certos comentários falaram sobre a tristeza de ter que performar como hétero e de ter relacionamentos para agradar a um determinado grupo.

O canal **Gay Nerd** teve 528 comentários, dos quais 59 foram selecionados. De sua crítica realçamos a frase que impulsionou boa parte dos comentários “e a explicação para esse sucesso é fácil, porque ela trata [a série] de um jeito delicado e muito carinhoso de um ponto super difícil na vida de quase todo gay: a nossa adolescência roubada” (0:31). Um grande número de comentários no vídeo concordava com essa fala e relatavam suas histórias, considerando a série dolorosa justamente devido a esse fator. Apesar disso, há uma esperança muito forte para as gerações futuras e em relatos sobre a série trazer alegria, estes se referem também as novas gerações. Outros relataram não ter se relacionado na adolescência por medo de se expor, de expor os sentimentos e que por isso mesmo acabaram por ter relacionamentos tardiamente. Os comentários desse canal foram os que mais se referiram a situações traumáticas como a dificuldade de ser quem se é em cidades pequenas - o que já foi discutido durante a pesquisa -, bem como o impacto que o HIV/AIDS/SIDA teve na comunidade e mesmo a vergonha de ser gay.

No canal **Carol Moreira**, foram 416 comentários, dos quais 116 foram selecionados. De sua crítica, a segunda mais longa depois de Lorelay Fox, designamos a frase “é uma série que nasceu pra ser fofinha e lindinha e com representatividade, sabe? Coração, é aquela série que ‘cê’ chora, tem cenas lindas, não quero dar spoilers, mas sabe, é o famoso ‘é sobre isso e tá tudo bem’” (12:48). Destacamos os comentários sobre a importância de a série não ser somente para o público LGBTQIAPN+, mas também para os pais. A rede de apoio foi lembrada, desde o acolhimento a outros até a amizade em si. Em contrapartida, outros comentários trouxeram a solidão de ser “diferente” e a importância de ambientes seguros para as pessoas da comunidade também foi retomada. Nesse canal foram relatadas

as expectativas criadas sobre a possibilidade de “casais” em *Supernatural* (Dean e Castiel) e *Star Wars* (Finn e Poe), principalmente devido a youtuber ter trazido várias questões referentes a *queerbaiting* e ao *Bury Your Gays*. A dimensão e a força da mensagem final na série sobre esperança e uma possibilidade feliz para o amor, trouxe alívio, pois vários participantes relataram esperar que algo de ruim acontecesse durante todo o desenrolar da história. Sobre as diferentes idades em que relacionamentos podem ocorrer e mesmo sobre a diferença de idade do público da série, a youtuber lembra “tá tudo bem se você ainda não teve tempo de viver ou, enfim, se você ainda quer viver coisas, como as que acontecem lá em *Heartstopper*, sabe?, Não tem idade pra você se descobrir, para viver um grande amor, sabe, pra ter amigos que te amam pelo que você é, pra você ser feliz com você mesmo”. Carol encerrou a crítica com a importante frase “enfim, a gente tá no mês do orgulho LGBT, então vamos nos orgulhar disso, vamos nos orgulhar de *Heartstopper* e de tudo que a gente conquistou e o que vem ainda a seguir” (15:21).

No canal **PH Santos** foram 156 comentários, dos quais 13 foram selecionados. Na sua crítica evidenciamos a seguinte fala “é uma primeira temporada encantadora, daquelas que dilacera, mas também junta tudo que dilacerou. Dá aquela vontade de, como eu disse, querer mais, cada vez mais”. Dentre os comentários podemos destacar os que trazem que a série abrange assuntos delicados, mas que são desenvolvidos com sutileza. Outros que relatavam momentos de muito choro ao assistir a série, devido a tudo que não puderam viver e a um tempo que não volta mais. Há falas sobre a série ser revolucionária e um marco por mostrar a leveza e a naturalidade das relações. Sobre a representação positiva que a série traz, muitos fizeram um contraponto:

(...) a sensação que eu tive me descobrindo e acompanhando esses filmes é que eu estaria destinada a sofrer por ser quem sou e que o amor não compensaria o que eu teria que pagar. A maioria carrega uma mensagem punitiva pelos personagens serem quem são. Cadê a recompensa? E é isso que *Heartstopper* [sic] me trouxe. A leveza da belíssima solução recompensativa, simplesmente amar”. (comentário de A. A. N.).

A esperança e a felicidade comentadas por alguns e que é recorrente nos comentários dos outros canais, se refere não a eles, mas sim as gerações futuras. É importante observar que muito da preocupação que é mostrada é para com as próximas gerações e com os adolescentes de agora.

Por fim, muitos comentários relataram que *Heartstopper* trouxe uma narrativa que, mesmo abordando assuntos delicados e relevantes para as pessoas LGBTQIAPN+, e de ter uma representação positiva, consegue ser leve, sendo considerada uma série necessária. Uma “série conforto” que traz um quentinho no coração. Uma das definições das *comfort series* traz que essas produções “se configuram como um ‘porto seguro’” e que “atendem a uma demanda específica: a necessidade de se ver o real apresentado de forma ordenada. (...) Em outras palavras, uma pessoa ontologicamente segura não tem

sua existência colocada em risco pelas circunstâncias cotidianas da vida” (Meimaridis, 2019, p. 165-166).

7.3. INTERPRETAÇÃO E DESCOBERTAS

Destaca-se a importância dos comentários dos usuários não apenas como forma de expressão, mas também como uma forma de interação, partilha e troca. Devido ao “anonimato” proporcionado pelas redes, alguns usuários se sentem à vontade para revelar descobertas, alegrias e angústias pessoais. Esse caminho de construção dentro de uma cultura participativa (Jenkins, 2006) faz com que o público deixe de ser apenas um receptor para atuar também como emissor e, a partir dessa possibilidade de protagonismo, se sentir realmente parte de um novo contexto cultural. Assim, ele não é o sujeito invisível a apenas assistir o que lhe é oferecido, com base nas mídias ele tanto cria e recria conteúdos, como também ressignifica concepções e ideias a partir do conteúdo de outros, trespassado por suas próprias vivências e referências em uma espécie de “bivocalidade” (Bakhtin, 1998), dentro de uma prática comunicacional que muda constantemente. Em uma produção de sentido pautada na interação social, a partir do uso da palavra, ele pode mostrar o que lhe interessa e expor seu posicionamento frente a determinados assuntos; e, ainda, de certa forma, buscar o controle da narrativa “(...) esses sujeitos encontram formas mais efetivas de articulação para disputar espaços e transformar a própria cultura. Desse modo, as manifestações desses sujeitos ficam registradas e explícitas nos ambientes de interação propiciados pelos sites de redes sociais, como o YouTube” (Coruja, 2020, p. 312).

O público brasileiro é conhecido por utilizar as redes de uma maneira efusiva, com grande engajamento, algo facilitado também pela possibilidade de consumo do conteúdo tanto na televisão como em computadores ou dispositivos móveis, como tablets e smartphones. E, nesse engajamento, ele opina, interage, cria e recria conceitos; ressignifica termos e amplia seu repertório cultural, reconhecendo a importância de sua participação. Conforme aborda Jenkins, “as audiências empoderadas pelas novas tecnologias, ocupando um espaço de intersecção entre os meios tradicionais e os novos, estão a exigir o direito a participar” (Jenkins, 2006, p. 24). A partir dos comentários feitos pelos participantes, procuramos tecer algumas interpretações acerca dos discursos observados relacionando-os com o referencial teórico e com a análise da série *Heartstopper*. Ao termos acesso a essas opiniões compreendemos um pouco mais da história e da vivência LGBTQIAPN+ desse público em específico:

Se quisermos ampliar os insights das teorias de produção cultural, precisamos compreender não apenas as dolorosas histórias de sujeição e de pathos que emergem quando deixamos que os jovens gays e as jovens lésbicas falem, mas, mais centralmente, precisamos também compreender as histórias de desejo e de amizade que teimam em existir, apesar de condições hostis. (Britzman, 1996, p. 74)

Os comentários escolhidos abordavam, como tema principal, questões trazidas pela série: primeiro amor, adolescência, autodescoberta, relacionamentos, amizade, família, *come out*, bullying, preconceito e a questão da alegria e leveza com que a série trata esses assuntos. Além disso, foi possível observar que alguns participantes falavam sobre as *graphic novels* de *Heartstopper*, sugeriam outras séries e filmes, e partilhavam produções em que percebiam questões de *queerbaiting* e/ou *Bury Your Gays*. Outros participantes ainda respondiam as perguntas trazidas pelo(a) youtuber no final do vídeo.

A organização do material foi realizada levando-se em conta a recorrência do item/palavra nos comentários de mais da metade, ou seja, quatro dos canais. Em seguida, elencou-se cinco Eixos, conforme mostrado na tabela 18. Dentro de cada Eixo as palavras foram ordenadas de forma decrescente conforme a quantidade total dos comentários. A interpretação dos comentários foi realizada conforme os Eixos propostos.

EIXO	TÓPICOS
Heartstopper	1. Opinião/Sentimento/Lembranças
	- Fofa/Leve/Delicada
	- Choro/Tristeza/Melancolia
	- Esperança/Inspiração
	- Sonho/Sonhar
	- Felicidade/Alegria
	- Quentinho no coração
Representação	2. Há reconhecimento de representação positiva na série?
	- “Nosso” conto de fadas
	- Clichê que precisávamos
	3. Há alguma comparação ou sugestão de outras produções a partir de <i>Heartstopper</i>? Qual(is)?
	- Negativa (outras produções reconhecidas como tal)
	- <i>Bury Your Gays</i>
	- <i>Queerbaiting</i>
	- Positiva
	4. Houve identificação com algum personagem? Qual?
	- Nick (bissexual)
	- Charlie (gay)
	- Elle (transgênero)
Sexualidade	5. Há referência sobre <i>come out</i>?
	- Nick e mãe
	- Não aceitação dos pais
	- Nick pesquisa

	6. Há alguma referência sobre relacionamentos?
	- Acreditar no amor
	- Saudável (Nick)
	- Parar app
Traumas	7. Há alguma menção sobre bullying ou situações traumáticas?
	- Gatilhos
	- Escola
	- Solidão
	- Depressão
	- Feridas abertas
Adolescência	8. É trazida alguma questão referente à adolescência?
	- Adolescência roubada
	- Resgata o “eu” adolescente

Tabela 18: Eixos relacionados à recepção da série *Heartstopper*
Fonte: Elaboração da autora, 2024

É interessante observar que, apesar de boa parte dos comentários terem sido direcionados pelo conteúdo do vídeo, bem como pelas perguntas feitas no final do vídeo pelo(a) youtuber e a abordagem escolhida pelos(as) youtubers ser diferente, muitos temas/assuntos se repetiram em praticamente todos os canais. Ao assistirmos os vídeos identificamos assuntos “base” de acordo com cada canal, a saber:

Isabela Boscov – salientou o fato de Charlie achar que nunca vai ser amado; sobre Nick descobrir que interpretou um papel na sua vida até o momento e sobre a representação positiva da série.

Lorelay Fox - o ponto forte do vídeo foi que a série retrata não a realidade, mas os sonhos dos LGBTQIAPN+, um legítimo “conto de fadas gay”.

Jessica Ballut - se referiu ao processo de descoberta, ao impacto sofrido sobre ela pelo *come out* de Nick e sua identificação com esse e outros momentos da série.

Gay Nerd - abordou o tema “adolescência roubada” que foi reforçado também em comentários de outros canais.

Carol Moreira – falou que não há idade para viver um grande amor, sobre o mês do orgulho LGBTQIAPN+ e discorreu sobre *queerbaiting* e *Bury Your Gays*.

PH Santos - destacamos na sua fala os aspectos técnicos da série, sobre o colorido que capta a essência dos protagonistas e de seu relacionamento, dando o tom à toda história.

É perceptível que cada crítica e mesmo os assuntos abordados nos comentários sejam resultado do perfil do canal e do(a) próprio(a) youtuber. Dessa forma constatamos que os(as) youtubers que são identificados(as) como LGBTQIAPN+, caso dos canais Lorelay Fox, Jessica Ballut, Gay Nerd e Carol Moreira, trazem aspectos de suas vivências e sua identificação com a história ou mesmo personagens.

Sobre o **Eixo Heartstopper**, observou-se que a série entra em um nicho chamado de “série conforto” ou “comfort serie” e que traz “um quentinho no coração” (designação recorrente). Quando se elencou os comentários referentes a tristeza/choro/melancolia, eles, em sua grande maioria, se referem ao que os participantes alegaram não ter tido, de não ter vivido ou do que lhes foi tirado. Cada comentário exposto traz um pouco daquilo que foi abordado nessa pesquisa. O choro e a tristeza foram relatados por várias pessoas, principalmente pelas não tão jovens, que lamentam a falta de um amor e de uma série assim na sua adolescência, e o quanto há de felicidade e dor em saber o que isso pode representar para as novas gerações. Os participantes que não leram as *graphic novels* podem pensar que essa temporada é muito leve, que faltaram arcos mais problemáticos, algo que se intensifica no decorrer dos livros, como consequência do bullying sofrido por Charlie. A série não se furta de trazer assuntos necessários e complexos apesar da roupagem colorida, como fala Jessica Ballut (11:41) “essa série, a melhor parte dela pra mim é o debate que ela levanta, a maneira leve como ela traz um assunto que é muito difícil, que é um assunto denso, que é pesado”. Em muitos comentários é falado que eles queriam ter assistido essa série na adolescência, que se isso tivesse acontecido eles não teriam se sentido tão sozinhos. Outros falam que se tivessem assistido a série na adolescência teriam sido diferentes, sua vida seria diferente. Há comentários que trazem a questão da importância da trilha sonora e de como ela retrata os personagens: suas emoções, dificuldades e descobertas, bem como o próprio ambiente da série. Alguns comentários sobre *Heartstopper* expressam que a série traz a sensação de um lugar seguro e acolhedor que deixa o coração “quentinho” - aqui identificamos o sentido de comunidade como um lugar de pertencimento importante na construção social de cada indivíduo (Bauman, 2003). Alguns comentários citam que a série deve ser assistida para além da comunidade, principalmente pelos pais, pois acreditam que esses, ao conhecerem representações positivas da comunidade, poderão vê-la de outra forma.

Sobre o **Eixo Representação**, muitos comentários reconheceram uma representação positiva na série. A representação negativa foi nomeada, pois de acordo com um grande número de comentários, há várias séries LGBTQIAPN+ que só retratam o lado triste e o caminho doloroso. A essa colocação somam-se memórias de situações traumáticas, envolvendo agressões verbais, violências físicas e, infelizmente, ideação suicida. Ao se observar esses comentários é possível considerar o quanto um passado de representações negativas em produções audiovisuais parece ter influenciado parte da comunidade, que mostra uma certa dificuldade em reconhecer a possibilidade de relacionamentos saudáveis. Consideramos também como efeito do *Bury Your Gays*, reconhecido em diversos comentários, o medo que alguns relataram de que algo de ruim fosse acontecer com as personagens durante toda a

história, resultado de anos de violência, morte ou separação trágica de personagens LGBTQIAPN+ nas produções. Como era esperado, uma das personagens mais citadas como exemplo de *BYG* foi Lexa de *The 100*, com muitos participantes dizendo que abandonaram a série depois que a personagem morreu de forma trágica e fútil. Através dos comentários reconhecemos também que a questão do *queerbaiting* deve ser analisada criteriosamente, pois mesmo que esteja vinculada a certos códigos *queer*, ela é bastante influenciada pelo contexto e vivências do público. Há casos em que alguns participantes acham que ela ocorreu e outros não concordam. Existe uma linha muito delicada entre achar que alguma situação pode ser *queerbaiting* e entre a questão de que homens e mulheres heterossexuais podem ter uma amizade próxima e carinhosa com alguém do mesmo gênero. A falta de naturalização de situações assim também é fruto do machismo estrutural que aflige tanto as mulheres quanto os homens. Por outro lado, isso também facilita a resposta negativa de muitos produtores de uma série ou filme em que o *queerbaiting* começa a ser observado, alegação ainda mais fácil para personagens femininas, haja vista que socialmente a proximidade e o carinho entre os homens anda é visto como algo que pode comprometer sua heterossexualidade (Stabile, 2019).

Embasada nos comentários desse **Eixo** foi possível elencar as sugestões de séries, filmes e personagens conforme o tipo de representação:

- Representação Negativa: séries *Elite* (Netflix, 2018-2024) (4x); *Euphoria* (Netflix, 2019-) (2x); *Queer as Folk* (Warner Bros., 2000-2005); *Riverdale* (Warner Bros., 2017-2023). Filme *Parceiros da Noite* (Warner Home Video, 1980). Personagens: Arizona e Callie (*Grey's Anatomy*, Buena Vista Television, 2005–2007; Disney–ABC Domestic Television, 2007–presente) (2x).

- *Queerbaiting*: personagens Destiel (Dean e Castiel – *Supernatural*, Warner Bros. Television, 2005-2020) (5x); Paul e Finn (*Star Wars* VII a XIX, Walt Disney Studios, 2012–) (2x); Buck e Eddie (*9-1-1*, Fox temporada de 1 a 6; ABC, temporada 7, 2018-) (2x); Sterek (Stiles e Derek – *Teen Wolf*, MGM Television, 2011-2017); Buck e Sam (*Falcão e o Soldado Invernal*, Disney+, 2021). A animação *Naruto* e *Sasuke* (Televix Entertainment, 2002-2007).

- *Bury Your Gays*: série *Killing Eve* (IMG, 2018-2022). Personagens Lexa (*The 100*, The CW, 2014-2020) (3x); Tara (*Buffy: a caça-vampiros*, The WB, 1997–2001; UPN, 2001–2003); Teddy e Allison (*Grey's Anatomy*, Buena Vista Television, 2005-). Filmes *Brokeback Mountain* (Focus Features, 2005) (2x); *Call Me By Your Name* (Sony Pictures, 2018); *Orações para Bob* (Lifetime Television, 2009).

- Representação Positiva: Séries *Young Royals* (Netflix, 2021-2024) (4x); *Love, Victor* (Hulu, 2020-2022. 2x); *Glee* (Netflix, 2009-2015); *Sex education* (Netflix, 2019-2023); *The Owl House* (Disney+, 2020-2023, animação); a minissérie *Crônicas de São Francisco* (Netflix, 2019). Filmes *Com amor*, *Simon*

(Fox 2000 Pictures, 2018) (2x); *Crush* (Animal Picture, 2022) (2x); *Eu não quero voltar sozinho* (Youtube, 2010) (2x); *Hoje eu quero voltar sozinho* (Lacuna Filmes, 2014) (2x); *The 10 Year Plan* (Cinema 175, 2014).

- Geral (se refere a comentários que não especificaram a que tipo de representação pertenciam as produções citadas): séries *Queer as folk* (Warner Bros., 2000-2005) (2x); *Will & Grace* (NBC, 1998-2006, 2017-2020); a minissérie *Angels in America* (HBO, 2003). Personagens Kurt e Blaine (*Glee*, Netflix, 2009-2015); Will (*Stranger Things*, Netflix, 2016-2024); Patrick (*As vantagens de ser invisível*, Summit Entertainment, 2012).

Mesmo *Brokeback Mountain* sendo citada e reconhecida como uma representação da dor e do amor que não pode ser vivido, ainda assim ela é considerada uma bela história. E é realmente, bem feita, complexa, profunda, assim como a película taiwanesa *Seu nome gravado em mim* (Film Oxygen, 2020). Na questão da identificação com as personagens, Nick é majoritariamente lembrado, bem como seu processo de descoberta, que não envolve uma imposição de conflitos traumáticos e no qual as coisas vão acontecendo organicamente. Nick se encontrava nesse processo de autodescoberta de forma independente, percebendo a sua bissexualidade, se identificando e a reforçando no final. O segundo número de citações foi sobre Charlie, seguido de Elle e ainda Tara e Darcy.

Sobre o **Eixo Sexualidade**, há vários comentários que descreveram relacionamentos saudáveis e felizes em que o se importar com o outro, com o que ele sente é inspirado pelos personagens Charlie e Nick. Em contrapartida há poucos que acreditam que isso não é possível. Aqui observamos que cabe, novamente e perfeitamente, a frase “a gente aceita o amor que acha que merece” do filme *As vantagens de ser invisível*. Essa diferença do olhar de cada participante sobre a série, fala muito mais sobre as consequências de suas vivências do que sobre a série em si. Há um número significativo de comentários de pessoas 30+ que começaram seus relacionamentos tardiamente. Alguns informaram que inclusive “saíram do armário” somente quando adultos. Um ponto destacado foi o da representatividade bissexual na série, principalmente por meio de um personagem tão carismático quanto Nick Nelson, a forma como ele se descobre, como se posiciona com Charlie e com os outros foi aplaudida. Muitos comentários se referem ao momento em que Nick se assume para a mãe, o que também gerou identificação entre os participantes. Esse foi também um dos temas recorrentes haja visto que nem todos os pais têm a reação ou agem como a mãe de Nick e os pais de Charlie. Os comentários reforçam o quanto esse momento de se “assumir” para a família é importante e muitas vezes doloroso e o quanto esse apoio é essencial e pode influenciar relacionamentos e a própria vida da pessoa LGBTQIAPN+ no futuro.

Sobre o **Eixo Traumas** é importante perceber que, possivelmente devido ao anonimato, muitas questões profundas e íntimas são trazidas nos comentários, mesmo quando a série não é citada. Aqui se fala na soropositividade, demonstrando o quanto a AIDS/HIV/SIDA, influenciou e modificou não só a individualidade de cada um, mas a própria cultura e vivência LGBTQIAPN+. O fanatismo religioso também causou impacto na vida de alguns participantes que inclusive relataram terem sido submetidos a cura gay¹⁵⁴, um processo violento e traumático que muitas vezes resulta em suicídio, caso da influencer brasileira Karol Eller (Boehm, 2023) e mais recentemente da travesti Leticia Maryon (França, 2024). Em outro relato, um espectador contou que na sua adolescência só era procurado por homens mais velhos, geralmente casados, expondo o contexto e a forma como relacionamentos entre menores de idade e homens mais velhos eram naturalizados há alguns anos e, em alguns casos, mesmo contra a lei, ainda são. Além disso há recordações de falta de apoio e preconceito ocorrido na escola, seja de alunos ou mesmo da equipe escolar. Se o jovem não possui apoio da família como ele vai relatar os episódios de bullying existentes na escola? Há muitas referências sobre "estar morto por dentro" consequência de traumas, abusos, relações tóxicas ou mesmo representações negativas. Muitos disseram que *Heartstopper* trouxe "vida" pra dentro deles. Outros reconheceram que estavam realmente "mortos por dentro" e que por isso não haviam se interessado pela série, não haviam gostado ou simplesmente acreditavam que não havia mais o que fazer, que o mundo LGBTQIAPN+ não era nada do que havia sido mostrado ali. Percebemos uma casca, uma descrença no próprio amor. Um pai disse para o filho LGBTQIAPN+ que o amor retratado em *Heartstopper* era impossível. O que leva um pai a tirar a esperança amorosa do próprio filho? É tão impossível assim que um menino padrão e popular se apaixone por um menino gay desmasculinizado, mesmo dentre uma população de cerca de 8 bilhões de pessoas? O próprio jornalista Marcel Nadale, do canal Gay Nerd, relata conhecer casais com essas características.

Sobre o **Eixo Adolescência** pudemos observar que o termo “adolescência roubada” se refere, predominantemente, as gerações anteriores, com pessoas que estão acima dos 30 anos e que gostariam de ter assistido à série na sua própria adolescência; mesmo com o reconhecimento de que a série aborda possibilidades para novas gerações e que se mostram felizes por esse fato. Outro ponto relevante é que muitos dos participantes relatam como gostariam de ter um amor assim, mas não se abrem para essa

¹⁵⁴ “O projeto Cura Gay, também conhecido pelos nomes Terapia da Reorientação Sexual, Terapia de Conversão ou Terapia Reparativa, consiste no conjunto de técnicas que tem o objetivo de extinguir a homossexualidade de um indivíduo. [...] são utilizados tratamentos de ordem clínica e religiosa. O assunto se tornou extremamente polêmico por se referir à orientação sexual como uma doença, já que a palavra CURA implica a eliminação de um “mal”. Retirado de <https://www.jusbrasil.com.br/noticias/entenda-o-projeto-da-cura-gay/376191509>

possibilidade por infinitos fatores sendo o mais recorrente o estético (referindo-se a própria insegurança com o corpo ou mesmo como vêem o corpo do outro).

Como exemplo de comentários negativos temos “Querem que os romances LGBT seja [sic] Romance Romeu e Julieta. Fala sério” (A. V.). Interessante observar que essa opinião reproduz um discurso de um único tipo de romance possível para uma diversidade enorme de pessoas, sexualidades e identidades. Um tipo de fala que reforça ou é embasada em uma visão ainda partilhada por alguns. Outro comentário “Tanto sucesso? Acho que só pra um público pequeno.” (Alguém Anônimo). Críticas são processos importantes e podem ser muito construtivas, mas alguns dados precisam ser estudados em caso de afirmações específicas. Não sabemos se ele está de posse desses dados para fazer essa afirmação ou se é só uma questão de opinião própria. E “uma vez eu só disse que não gosto da série e já vieram me chamar de homofóbico. Eu só não apoio, não quer dizer que eu não respeito.” Interessante observar que os fãs são muito veementes em se tratando de suas séries favoritas. O fato de não gostar ou não se identificar com *Heartstopper* não dá nenhum indício de homofobia. Há que se saber o que é homofobia e como ela se apresenta.

Verifica-se que os comentários espelham, sobre diferentes aspectos, a realidade enfrentada por cada um e que consequentemente reflete na sua própria vida, seja no campo emocional, amoroso ou mesmo profissional. Todos, todas e todes tem direito a uma representação, de se verem de alguma forma na tela. Muitos, como a youtuber Lorelay Fox, não se veem em personagens hiperssexualizados, e se sentiram identificados com *Heartstopper*. Devemos que viver nossa sexualidade, nossos desejos, nossos amores da maneira que quisermos e sobretudo da forma que nos sintamos confortáveis e que seja a ideal para nós. E mesmo que ela seja expressa de forma diferente de pessoa para pessoa, ela é parte intrínseca de nosso ser, que deve ser explorada, sentida, da forma que quisermos, mas que não deve ser a única a nos definir.

8. ANÁLISE COMPARATIVA DAS SÉRIES: *HEARTSTOPPER*, *THE 100* E *WARRIOR NUN*

A partir dos Critérios para Verificação da Representação de Personagens LGBTQIAPN+ nas Séries e do Levantamento da Representação do Relacionamento entre as Personagens LGBTQIAPN+, conforme estipulado na pesquisa, foi realizado um comparativo entre as três séries. Sobre os Eixos e perguntas estabelecidas, foram analisadas as respostas em que as séries mostram diferenças.

EIXO	PERGUNTAS	The 100	Warrior Nun	Heartstopper
A representação	A série/filme apresenta personagens LGBTQIAPN+ identificáveis?	Sim.	Não, temporada 1. Sim, temporada 2.	Sim.
	Essa(s) personagem(ns) LGBTQIA+ existe(m) para além da sua orientação sexual ou identidade de gênero?	Sim.	Sim.	Sim.
	Essa(s) personagem(ns) é/são diversa(s) em relação a gênero, raça e origem?	Sim.	Sim.	Sim.
	Há uma rede de apoio para a(s) personagem(ns) LGBTQIAPN+?	Sim.	Sim.	Sim.
A importância	Essa(s) personagem(ns) faz(em) parte do núcleo central?	Sim.	Sim.	Sim.
	Caso essa(s) personagem(ns) seja(m) retirada(s) da trama, haveria um efeito significativo na história?	Sim e não.	Sim.	Sim.
	A(s) personagem(ns) mulher(es) faz(em) parte do núcleo	Sim. Sim.	Sim. Sim.	Sim. Sim.

	central? Sua(s) história(s) é/são independentes?			
Os não-estereótipos	Essa(s) personagem(ns) reproduz(em) os estereótipos de alívio cômico, hipersexualização, promiscuidade ou de gênero?	Não.	Não.	Não.
O quantitativo	Quantos personagens LGBTQIAPN+ há na produção?	5	2	5
	Quantas dessas personagens fazem parte do núcleo central?	1 para 10 personagens centrais	2 para 2 personagens centrais	5 para 7 personagens centrais
	Há pessoas LGBTQIAPN+ atrás e na frente das câmeras?	Não sabemos.	Não sabemos.	Sim.
	Quantas personagens são do gênero masculino e feminino no núcleo central? Há personagens não-binárias ou agênero? Quantas?	F: 4. M:6. NB: 0. Ag: 0.	F: 6. M:0. NB: 0. Ag: 0.	F: 3. M:4. NB: 0. Ag: 0.
	Quantas personagens trans existem em relação as personagens cis? Ela(s) faz(em) parte do núcleo central?	0 para 10 personagens centrais cis	0 para 6 personagens centrais cis	1 para 7 personagens centrais cis

Tabela 19: Critérios para Verificação da Representação de Personagens LGBTQIAPN+ nas Séries
Fonte: Elaboração da autora, 2024

Perguntas	The 100	Warrior Nun	Heartstopper
1. Há o protagonismo das personagens envolvidas? De um(a) ou dos(as) dois/duas?	Sim. 1.	Sim. 1.	Sim. 2.
2. As personagens são complexas, aprofundadas? Uma ou as duas?	Sim. 2.	Sim. 2.	Sim. 2.
3. As personagens têm seus próprios núcleos dentro da história? Uma ou as duas?	Sim. 2.	Sim. 2.	Sim. 2.
4. Identifica-se que as personagens são LGBTQIAPN+? Uma ou as duas?	Sim. 2.	Sim e não.	Sim. 2.
5. As personagens possuem diversidade de etnia/raça, corpo e identidade? Uma ou as duas?	Não.	Sim. 1.	Sim. Corpo não padrão.
6. O romance entre as personagens é evidente?	Somente no final.	Somente no final.	Sim.
7. Qual o tipo de contato/relação entre elas?	Envolvimento.	Envolvimento.	Namoro.
8. Há algo que identifique a prática de <i>queerbaiting</i> na história ou fora dela?	Sim. Fora das telas.	Sim, temporada 1.	Não.
9. O final da(s) temporada(s) analisada(s) recai no tropo <i>Bury Your Gays</i> (BYG)?	Sim.	Sim.	Não.

Tabela 20: Levantamento da Representação do Relacionamento entre as Personagens LGBTQIAPN+
Fonte: Elaboração da autora 2024.

Após a verificação dos critérios foi possível constatar que a série *The 100* é conhecida por representar uma relação entre duas mulheres que foi interrompida de forma trágica e gratuita, o que acabou por originar movimentos e hashtags que reforçaram as discussões em torno do tropo *Bury Your Gays* (Bridges, 2018). A série *Warrior Nun* foi cancelada depois de duas temporadas, em que a primeira deixou a atração entre a protagonista Ava e a personagem Beatrice apenas sugerida, se efetivando no final da segunda temporada, mas culminando também com o “desaparecimento” de Ava o que, outrossim, gerou discussões na internet. *Heartstopper* ficou conhecida por retratar o amor LGBTQIAPN+ de forma leve e colorida, mesmo abordando assuntos que são importantes para a comunidade, principalmente para os jovens. Devido a essa série ser o foco principal da pesquisa, a temporada 1 foi assistida na íntegra. *The 100* e *Warrior Nun* tiveram as cenas em que o casal contracenou analisadas mais profundamente, e as demais cenas serviram para contextualizar a história.

As três séries possuem gênero e casais de faixas etárias diferentes: *The 100* é uma ficção científica que retrata um mundo pós-apocalíptico em que a busca pela sobrevivência rege as relações e traz consequências. As personagens possuem em torno de 18 anos. *Warrior Nun* é uma série de fantasia, em que freiras que fazem parte de uma ordem secreta lutam contra demônios para salvar o mundo. Na série as personagens são jovens adultas. *Heartstopper*, por outro lado, retrata os dias atuais e tem como

pano de fundo o encontro e a descoberta do amor por dois garotos, entre 14 e 15 anos. As séries *The 100* e *Warrior Nun* tratam de questões e problemas universais como: sobrevivência, dominação, controle, poder, escolhas e, por serem séries do gênero “fantástico”, não proporcionam que situações de um dia a dia mais “real” possam ser observadas. Já *Heartstopper* trata de questões intrínsecas a minuciosidade do ser, e nossas ações, muitas vezes, não se formam a partir daquilo que temos de mais íntimo?

Um ponto que as séries têm em comum e que é muito importante salientar reside no fato de que as protagonistas são bissexuais: Clarke, em *The 100*, Ava, em *Warrior Nun* e Nick, em *Heartstopper* (co-protagonista). Isso colabora com a questão da visibilidade de uma identidade que sofre preconceito mesmo dentro da própria comunidade LGBTQIAPN+. Essas personagens trazem uma representação positiva, têm personalidade complexa e não há interesse paralelo em pessoas do outro gênero o que, como discorreremos no decorrer da pesquisa, era uma escolha narrativa recorrente para personagens assim. Nas três séries, as personagens envolvidas conversam muito e apesar de terem personalidades opostas - com poucas, mas importantes, coisas em comum - conseguem evoluir a partir dessas conversas.

No que se refere aos critérios selecionados, no **Eixo Representação** todas as séries possuem personagens LGBTQIAPN+ identificáveis, mas colocamos *Warrior Nun* com algumas ressalvas, pois a relação de Ava e Beatrice só toma forma no final da temporada 2, apesar de termos percebido um *queer coding* durante toda a temporada 1, inclusive com as personagens Mary e Shannon que não foram consideradas identificáveis.

No **Eixo Importância**, o sim e não que colocamos para *The 100* é devido ao fato de que existem personagens LGBTQIAPN+ que não estão no núcleo central e como a série é uma produção que trata sobre sobrevivência, nem todos conseguem sobreviver.

No **Eixo Quantitativo**, consideramos que *The 100* possui cinco personagens LGBTQIAPN+: Clarke, Lexa, Nyiala, Nathan e seu namorado, mas no núcleo central, que identificamos como dez pessoas dentre os que foram lançados para a terra e mais os adultos, há somente Clarke. Nathan começa a fazer parte desse núcleo, mas somente em temporadas futuras. Em *Warrior Nun* reconhecemos como personagens LGBTQIAPN+ somente Ava e Beatrice, mesmo assim, apenas no final da temporada 2. Consideramos o núcleo central composto por seis personagens: Ava, Beatrice, Camila, Lilith, Madre Superia e Mary (temporada 1). Na temporada 2 a personagem Mary fez muita falta. *Heartstopper* conta com seis personagens LGBTQIAPN+ se considerarmos o prof. Ajayi, destes, cinco fazem parte do núcleo central que conta com sete personagens: Charlie, Nick, Elle, Tara e Darcy. Tao é hétero e Isaac não deixa explícita sua orientação, que começa a ser revelada na temporada 2, a qual não faz parte da pesquisa.

Há também que se observar que as personagens de *Heartstopper* possuem uma representação positiva pois são complexas, tem suas próprias histórias e seus núcleos individuais que vão se desenvolvendo gradativamente, com exceção de Isaac na temporada 1, talvez pelo fato de que essa personagem não existe nem nas *webcomics* e nem nas *graphic novels*. Identificamos Charlie, Elle e Mr. Ajayi como LGBTQIAPN+ logo no primeiro episódio, Nick começa a sua descoberta a partir do segundo episódio, Tara e Darcy também são identificadas no episódio 2. A série *Warrior Nun*, por ter somente freiras no núcleo central, é a que conta com um maior número de mulheres. Seguida de *Heartstopper* que quase empata. Elle, de *Heartstopper* (temporada 1) também é a única personagem trans das três séries, o que é extremamente importante devido a pouca quantidade de personagens trans e travestis existentes e por muitas narrativas ainda os mostrarem como corpos subalternizados, fadados ao crime e à prostituição.

Nas perguntas sobre as personagens e seus relacionamentos, *Heartstopper* é a única série na qual eles dividem o protagonismo (pergunta 1). No caso da pergunta 4, sobre se identificamos que as personagens que estão envolvidas amorosamente são LGBTQIAPN+: *Warrior Nun* novamente é colocada com ressalvas, pois isso só fica evidente nos últimos momentos do episódio final; em contrapartida, na pergunta 5, sobre a diversidade do casal: *Warrior Nun* é a série que se sai melhor, devido a ascendência de Beatrice, que percebemos fisicamente (provavelmente vinda do leste asiático), mas não conseguimos confirmação. Charlie, em *Heartstopper*, é um menino que está longe de ser padrão na questão de seu corpo, mesmo podendo ser considerado como “twink”¹⁵⁵ pela comunidade. A pergunta 6 se refere a evidência do romance e nesse quesito, a diferença entre *The 100* e *Warrior Nun* é que nelas o relacionamento só ocorre nos momentos finais, tanto na participação de Lexa, em *The 100*, quanto no final da segunda temporada, em *Warrior Nun*. Em *Heartstopper*, depois do primeiro beijo no episódio 3 – *Kiss*, fica evidente o relacionamento entre Charlie e Nick. Podemos considerar que esse fato influencia diretamente a questão da pergunta 7 sobre a relação entre as personagens, pois a única relação visível ocorre em *Heartstopper*.

Infelizmente foi constatada a ocorrência de *queerbaiting* em *The 100*, feita pela própria equipe, ao postar fotos dos bastidores como se Lexa estivesse viva, assim alimentando as expectativas dos fãs que já haviam visto cenas do envolvimento das duas (Bridges, 2018). Consideramos que *Warrior Nun*, incorreu nessa técnica na primeira temporada e boa parte da segunda. Dessa forma, não nos surpreende que tanto *The 100* quanto *Warrior Nun* acabem com os casais separados, por morte ou pela ida para

¹⁵⁵ “O termo “twink” tem ocupado um lugar de destaque na cultura LGBTQ+, gerando discussões sobre representação, padrões de beleza e percepções sociais. Originário da década de 1950, “twink” descreve homens gays jovens, magros e tipicamente brancos que exalam charme de menino e não têm pelos no corpo. Apesar de suas conotações aparentemente benignas, o termo gerou um debate considerável sobre suas implicações e os estereótipos que ele perpetua.” Retirado de <https://www.lgbtqnation.com/2022/09/what-is-a-twink-is-it-a-slur/>

outra dimensão respectivamente, o que reconhecemos como *Bury Your Gays*. Lexa e depois Ava, tiveram um fim triste e indigno logo depois de se declararem amorosamente e de terem um contato físico, sendo a morte de Lexa ocasionada logo após a relação sexual com Clarke. No caso específico de *Warrior Nun*, Ava poderia voltar caso a série não tivesse sido cancelada, mas constatamos que seu “fim” poderia ter sido evitado, sabendo-se que o cancelamento poderia ocorrer. No caso de Lexa a mataram não só “fisicamente”, mas simbolicamente. Lexa era um corpo lésbico que não estava à sombra de nada. Tanto ela quanto Ava eram personagens livres sexualmente que não se “subordinavam” as normas desse sistema que regula sexualidades e corpos, como uma ferramenta de punição de gênero (Butler, 1990).

Salienta-se que algumas indicações de *Hearstopper* servem apenas para a temporada 1 que escolhemos para análise. Nas outras temporadas a série trouxe mais personagens, mais representações, mais drama e também o começo da vida sexual entre as personagens.

9. LIMITAÇÕES E FUTURO DA PESQUISA

No decorrer da pesquisa foi constatada a dificuldade de se analisar todas as séries e filmes, que foram citados ou que estão no ar com representação LGBTQIAPN+ tanto negativa quanto positiva. Devido ao aumento das produções com temática LGBTQIAPN+ nos mais diferentes países, não há como abarcarmos tudo o que foi e o que está sendo feito até o momento, mas considera-se que a pesquisa científica é realizada observando-se um período específico no tempo e na história e que o mesmo tema pode ter novas abordagens e desdobramentos sob o olhar de outros pesquisadores.

Sobre a identidade de gênero dos participantes dos comentários, a menos que o usuário a revele, não é possível vinculá-la a um nome considerado feminino ou masculino, primeiro porque a pessoa pode estar usando um *nick name*¹⁵⁶, e também, segundo o que foi mostrado no desenvolvimento da pesquisa, pode-se compreender que um nome ou mesmo a forma de expressão de um corpo necessariamente não afirma o gênero da pessoa. Esses fatores são um ponto importante que reforça a diferença entre a análise de comentários no Youtube e um questionário, por exemplo, no qual as perguntas podem ser direcionadas, bem como o público a quem são feitas. No formato escolhido há apenas o direcionamento dado pelo(a) youtuber, geralmente nas palavras finais dos vídeos, para engajamento e uma maior participação do público que assiste. Quando a análise é feita sobre dados tão flexíveis é difícil mensurar idade, gênero, lugar (salvo que são pessoas, em sua grande maioria, brasileiras), a menos que o indivíduo declare essas informações. Nesse caso, o que importa para essa análise são os sentimentos despertados, o entendimento e a conexão com a história e o que ela inspira, respeitando a subjetividade do participante; sobretudo entendendo o quanto o impacto da história de uma série como *Heartstopper* reflete em suas próprias vivências.

Além disso, verificou-se uma dificuldade em traçar o perfil desse usuário também conforme a descrição do canal, pois foi percebido que nem todas as pessoas que comentam são necessariamente inscritas no canal ou o acompanham periodicamente, podendo ser visitantes ocasionais devido ao tema, o que pode gerar, ou não, inscrição no canal. É compreensível, devido a extensão dos comentários e da subjetividade contida na análise que, para cada escolha feita, seja de objetivos, de critérios ou mesmo das séries e canais selecionados para essa pesquisa, outras tantas possibilidades são deixadas para trás, como nos alerta Louro:

Quando formulamos determinados problemas fazemos com suporte numa determinada lógica que nos permite formulá-los; uma lógica que, por outro lado, deixa de fora outros

¹⁵⁶ “**Nickname** é uma palavra em inglês que significa “**apelido**”, sendo assim se trata de uma **abreviação ou um outro nome específico utilizado para identificar alguém**. O termo ficou muito famoso nas redes sociais e no mundo dos jogos por ser uma forma mais fácil de identificar os outros usuários, bem como dá a possibilidade de utilização de identificações mais criativas. Por isso, nesses ambientes digitais é muito fácil encontrar a utilização da palavra.” Retirado de <https://3wpublicidade.com.br/saiba-o-que-e-um-nickname-como-criar-e-onde-utilizar/>

problemas, outras perguntas. A própria formulação do problema indica o que será objeto do conhecimento e o que deverá ficar “desconhecido”, o que será reconhecido, admitido e o que permanecerá irreconhecível, impossível de ser reconhecido como verdade”. (Louro, 2004, p. 5)

Dessa forma, não foi possível abranger todos os aspectos possíveis, mas constatou-se que a metodologia escolhida é a que mais se aproxima dos objetivos propostos no início da pesquisa. Dentro disso, o estudo tem como objeto de análise produções audiovisuais com personagens cis bissexuais e homossexuais em suas relações, o que acaba por excluir outras orientações e identidades.

O recorte geográfico e a plataforma escolhida também são limitantes. Optou-se por analisar a recepção de apenas um país em detrimento de outros que, ou realizam mais produções com essa temática, ou tem sofrido com leis mais proibitivas contra a comunidade. A amostra escolhida se ateuve aos fãs do Brasil, por ser um país com histórico de violência contra pessoas LGBTQIAPN+ - que podem ser mensuradas através de relatórios - e com crescentes propostas anti-LGBTQIAPN+. Fatores que acabam por impactar a vivência dessa comunidade, a forma como essas pessoas são vistas e se relacionam, bem como recebem as produções audiovisuais. Além disso, o público brasileiro é bastante engajado no que se refere a cultura pop e um grande utilizador dos mais variados tipos de plataformas e redes sociais. Quanto ao Youtube, mesmo com a extensão da amostra de comentários que analisamos, reconhecemos que há plataformas que são bastante utilizadas pelos jovens brasileiros, caso do X (antigo Twitter) e o Tik Tok, entre outras (Silva, 2024). O Youtube foi escolhido por permitir vídeos longos sobre um determinado tema e por não ser necessário ser inscrito na plataforma para que se possa comentar.

As limitações citadas não prejudicam os objetivos elencados para a pesquisa, mas, sim, proporcionam um viés entre tantos outros que podem ser abordados nas próximas pesquisas e também por outros pesquisadores.

10. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O tema dessa pesquisa trouxe discussões acerca da importância de representações positivas em produções audiovisuais e, sobretudo, na representação do amor entre personagens LGBTQIAPN+. As séries, tanto quanto os filmes, são importantes veículos que refletem novos olhares sobre nossa sociedade e, através das diferentes linguagens que utilizam nos ajudam a compreender e a desenvolver comportamentos e identidades (Magalhães-Costa & Vasquez-Ferreira, 2018) possibilitando, assim, uma desconstrução de pensamentos e discursos vistos tal qual um retrato do que tínhamos como certo. Mesmo sendo um meio de prazer e fruição estética, as produções audiovisuais, bem como a arte em si, ultrapassam esses objetivos, inspirando e ampliando importantes discussões sobre os mais diversos temas, dentre diferentes aspectos, promovendo questionamentos e contribuindo para a construção de uma sociedade mais inclusiva e democrática.

Em vista dos argumentos apresentados e dos objetivos propostos no início da pesquisa; foram abordadas como objeto de estudo, três séries da cultura pop indicadas para o público jovem e que possuem personagens adolescentes e jovens adultos: *Heartstopper*, *The 100* e *Warrior Nun*. Todavia, durante o desenvolvimento da pesquisa, descobriu-se que, a bem da verdade, esse estudo não discorre somente sobre o público adolescente, mas sim sobre o público LGBTQIAPN+ de diversas faixas etárias, tendo como fio condutor a temática. Constatamos que o público dessas séries varia, passando por adolescentes, jovens adultos e adultos em suas mais variadas fases. Quase como se uma série ou um filme para o público *teen*, na realidade, pudesse dialogar diretamente com nosso “adolescente interior”, destarte ressignificando a noção da própria juventude (Kehl, 2006).

Respondendo aos problemas de investigação destacados, a pesquisa alcançou seu objetivo principal ao verificar a representação do amor entre personagens LGBTQIAPN+ na série *Heartstopper* a partir da análise da temporada 1, do referencial teórico e da observação de outras séries e filmes da cultura pop (Stake, 2011). Na pesquisa documental (Gil, 2007), observou-se que as produções audiovisuais lançadas anteriormente abordavam histórias de amor LGBTQIAPN+ focadas principalmente nas dificuldades, na violência e no preconceito enfrentados pela comunidade, além de relacionamentos extremamente sexualizados e do uso contínuo de drogas (Benshoff & Griffin, 2005). Parte dessas produções LGBTQIAPN+ traziam uma dor quase palpável e, apesar de serem um reflexo de algumas situações passadas por boa parte desse público, na maioria das vezes não proporcionavam uma possibilidade de esperança. Quando há poucas histórias de amor para essa comunidade e essas terminam de forma trágica ou infeliz, há uma espécie de aviso de que aquele universo não pertence a

elas, que elas não fazem e nunca farão parte dessas histórias (Bridges, 2018). O que lhes é negado, nas entrelinhas, é um espaço para a construção de afetos.

Heartstopper é uma das poucas produções que traz uma história de amor entre personagens LGBTQIAPN+ sob uma ótica de alegria e celebração e esse é um dos fatores em que reside a importância de uma série como essa para a comunidade LGBTQIAPN+ adolescente e para a cultura visual em geral. Ao falar sobre a série é difícil fugir das palavras já colocadas nas redes: franqueza, doçura, ternura, alegria, juventude, amizade, amor, descoberta. A série traz uma mudança na forma de representação das pessoas LGBTQIAPN+, através de uma possibilidade de amor, de pluralidade de personagens, envolta em uma atmosfera de descoberta, mas de forma leve e alegre. A fala da pessoa criadora da série, Alice Oseman, citada no início da pesquisa, reforça que *Heartstopper* não é só sobre o amor entre dois meninos, mas também sobre o amor que se desdobra através dos amigos, familiares e professores. Sobre apoio, acolhimento e o tempo, tão nosso, necessário para as descobertas e as mudanças que nos esperam.

Sobre os objetivos específicos foi possível compreender a representação do fragmento de realidade que a série *Heartstopper* retrata, a partir do contexto em que os signos aparecem na história (Aumont, 1995). *Heartstopper* não nega a realidade enfrentada pela comunidade, mas mostra que não existe só ela, que há diversas outras formas de se contar uma história e, apesar de abordar temas caros e difíceis à comunidade LGBTQIAPN+; *Heartstopper* não faz do sofrimento o centro da história. Na série há um trabalho entre texto, imagem, música e expressão que traz significado, transmite a ideia original e dá sentido global a obra (Nöth & Santaella, 2017), como uma linguagem complementar para a percepção de toda a história. Há um forte trabalho com as cores que representam os protagonistas (Heller, 2022), com as cores de cada letra simbolizada na sigla LGBTQIAPN+, assim como o arco-íris que caracteriza a totalidade da sigla (Silveira, 2015), em uma representação político-social. As escolhas representativas da história atuam como um fragmento da construção social e da representação da própria existência *queer* e podem auxiliar, principalmente aos bem jovens, a fortalecer identidades e concepções enquanto são parte integrante da contação dessa história de amor que é para todas, todos e todes.

Referente a diferença da representação do amor LGBTQIAPN+ apresentada nas séries *The 100* e *Warrior Nun* comparativamente (Fachin, 2006) a da série *Heartstopper* e sua consequente reverberação: as séries *The 100* e *Warrior Nun* possuem, de uma forma geral, uma representatividade positiva das personagens em si. Mulheres fortes, complexas, independentes, líderes e guerreiras.

Infelizmente, toda essa representação fica comprometida pela forma como seus relacionamentos se encerram e, sobretudo, a como essas personagens são tratadas no final de sua história.

No decorrer da pesquisa foi discutido, como proposto nos objetivos específicos, quais as possíveis situações que se caracterizaram como *queerbaiting*, bem como aquelas que corroboraram o tropo *Bury Your Gays* em *The 100* e *Warrior Nun*. Ainda comparativamente, a única das três séries que teve um final de temporada feliz, com o começo de um relacionamento efetivo foi *Heartstopper*; cujo casal principal é composto por dois homens, o que parece reforçar o atrelamento do tropo *Bury Your Gays* a questões de gênero (Hulan, 2017). O impacto desse tropo sobre o público, como mostrado nas *trends* sobre Lexa e nas *#SaveWarriorNun*, mostra a importância de não se perpetuar tropos como *Bury Your Gays* (Bridges, 2018), e ações que visem o *queerbaiting*, “recursos” de narrativa que podem e devem ser revistos, como mostram os resultados da movimentação dos fãs e da forte atuação de instituições como a GLAAD (Brandino, 2022).

Na continuidade dos objetivos da pesquisa, traçou-se um panorama da recepção do público (Susca, 2021) à série *Heartstopper* e seus desdobramentos; assim foi observado que o recorte geográfico escolhido como percepção de uma parcela do público dessa série revelou a insegurança em relação a si mesmos e ao que despertam nos outros (Lock & Steiner, 1999). Fato que reflete, consequentemente, na forma como eles se posicionam frente à outras pessoas e, também, como eles acham que merecem amor. Muitos jovens LGBTQIAPN+, nos comentários analisados, disseram não “aguentar mais” assistir a programas com um viés trágico e pesado - o que nos traz o tropo *Bury Your Gays* -, e que, mesmo sabendo, mais do que ninguém, a realidade que enfrentam, gostariam de poder visualizar a alegria de uma nova possibilidade. Somado a essas colocações, há a frustração dessa parte do público LGBTQIAPN+ ao perceberem que a “promessa” de relacionamento que é oferecida nas telas e que muitas vezes é responsável pela sua fidelização; principalmente no caso de séries, não acontece – o que corrobora as ações de *queerbaiting* (Woods & Hardman, 2021).

Ao dispor dos resultados elencados nos Critérios de Representação elaborados nessa pesquisa (GLAAD, 2023; Souza, 2021), concordamos que *Heartstopper* possui uma representação não perfeita, mas com certeza positiva, inclusive tendo sido premiada como Melhor Programação Infantil e Familiar – Live Action na 34ª e 35ª edição do prêmio anual GLAAD Media Award¹⁵⁷. O fato de a série ser feita dessa forma mais leve a torna mais “palatável” e “higienizada” para o público que não é LGBTQIAPN+, diferente do que ocorre com filmes do Cinema *Queer*? Não cremos que a intenção da pessoa autora tenha sido

¹⁵⁷ O GLAAD Media Awards foi criado em 1990 pela organização não-governamental estadunidense Gay & Lesbian Alliance Against Defamation (GLAAD) para reconhecer e homenagear “aqueles na mídia que demonstraram conquistas exemplares de representação justa, precisa e inclusiva da comunidade LGBTQ e das questões que afetam nossas vidas”. Retirado de <https://glaad.org/mediaawards/35/>

tornar *Heartstopper* mais “palatável” ao público heterocis, como ocorre em relação a algumas obras (Steinberg, 2007). Ao se referir ao começo de uma relação, entre pessoas muito jovens, se percebe que a série oportuniza que o público LGBTQIAPN+ tenha a perspectiva de uma história feliz, por vezes inocente e com mais representações. Possibilitando, desse modo, mais um tipo de abordagem dentro desse universo. E ressalta-se que um amor assim, entre dois meninos, ainda é considerado algo transgressor.

Ao abordar o último item constante nos objetivos específicos, alusivo a promoção da representação positiva de personagens LGBTQIAPN+ na cultura pop, tanto para o público adulto quanto para o adolescente, ao elencar diversas produções e suas mais variadas formas de representação de personagens LGBTQIAPN+, constatamos que ter um personagem LGBTQIAPN+ em uma produção não garante a sua representatividade (Souza, 2021). O que ocorre também com personagens que trazem a questão da diversidade através da etnia, da corporalidade e de outras características que estão presentes em grupos considerados socialmente como minoritários; mas que, muitas vezes, são usados apenas para dizer que um determinado filme ou série é inclusivo e representativo.

O que leva a escolha pela morte de determinados personagens está, na maioria das vezes, imbricada muito além de apenas um impacto narrativo, atuando como uma forma de manutenção das estruturas de poder (Butler, 1990). Personagens que representam minorias ou grupos socialmente marginalizados são mais facilmente descartados. Desumanizar estas personagens e consequentemente o público que elas representam legitima sua morte, formando um tácito acordo entre aquele que assiste e o quanto essa perda pode importar. Uma efetiva representatividade desse público é de certa maneira uma forma de resistência, e resistência é algo que deve ser subjugado.

Devemos exigir uma multiplicidade de tramas e enredos que abarquem toda a diversidade de existências tão plurais. E quando falamos em pluralidade, uma palavra tão bonita, não devemos esquecer que ela tanto pode se referir a corpos, quanto a gêneros, sexualidades, ideias, vivências e sentimentos. Que essas vivências LGBTQIAPN+ sejam parte integrantes das narrativas e que não sejam descartadas de forma gratuita e sistemática. A representatividade válida “o que é constantemente invalidado pela sociedade” como aponta a youtuber Jessica Ballut. Como forma de contribuição, a partir dos eixos e questionamentos propostos durante a pesquisa, tanto das séries em si, quanto das personagens envolvidas; elaborou-se algumas sugestões para que as produções contemplem da mesma forma, abordagens para todos os públicos.

Quanto a representação das séries:

- **A representação:** que a(s) personagem(ns) LGBTQIAPN+ seja(m) identificável(is); que exista(m) para além da sua orientação sexual ou identidade de gênero e que seja(m) diversa(s) em relação a gênero, raça e origem.

- **A importância:** que essa(s) personagem(ns) tenha(m) papel relevante na trama e que essas tenham mulheres no núcleo central, seja qual for a sua orientação.

- **Os não-estereótipos:** que os estereótipos vinculados historicamente a personagens LGBTQIAPN+ não sejam reproduzidos.

- **O quantitativo:** que o número de personagens LGBTQIAPN+ seja significativo dentro de suas identidades; que pessoas LGBTQIAPN+ participem das produções também fora das telas e que haja uma participação equilibrada dos gêneros no núcleo central.

- **Quanto a representação das personagens:** que as personagens sejam identificáveis enquanto LGBTQIAPN+: que tenham seus próprios núcleos dentro da história; que as personagens possuam diversidade de etnia/raça, corpo e identidade; que tenham protagonismo ou então que participem do núcleo central; que tenham suas histórias desenvolvidas de forma complexa e que sua trajetória seja desenvolvida com coerência e respeito; que seu romance seja identificável; que a produção não incorra na prática de *queerbaiting* dentro ou fora da história e que, principalmente, a história não recaia no tropo *Bury Your Gays* (BYG).

Para percebermos essas dinâmicas de poder que silenciam e regulam os corpos e existências e que reforçam o que é aceitável e o que deve ser mostrado, devemos compreender o recorte geográfico, social, econômico, entre outros, a partir dos quais elas são construídas. Há que se considerar essas pequenas realidades que influenciam e que são impactadas por essa estrutura. Atualmente há, em muitos momentos, uma busca de deslegitimação das discussões acerca de questões da comunidade LGBTQIAPN+ por parte de pessoas heterocis, justamente para manter o *status quo*. As redes sociais, tão consumidas por jovens (Fialho & Sousa, 2019), são canais utilizados com sucesso por pessoas que refletem esse comportamento e cada acontecimento é usado para atacar a comunidade e desumanizá-la perante o restante da população.

Não podemos ingenuamente acreditar que a arte existe apenas para entretenimento e fruição estética. Tanto a arte, quanto a narrativa e mesmo um conceito são “territórios” em permanente disputa. Para entendermos o seu contexto e a importância de sua representação em veículos de comunicação, temos que compreender que ela, sobretudo, ao mesmo tempo que reflete a sociedade em que se origina, bem como a época e o comportamento de seu público, também interfere diretamente nessa sociedade

e muitas vezes colabora e reforça discursos que perpetuam a heterocisnormatividade (Aboim, 2010). A arte, em suas diferentes manifestações, proporciona uma possibilidade de construir novas realidades e tem que ser “usada” a nosso favor, como uma outra forma de ver o mundo, imbricada de um Eu construído dentro de um contexto social, político e cultural, um Eu disruptivo que quebra com o que é estabelecido e esperado para ele, em uma relação intensa consigo mesmo e com os outros.

Como autora dessa pesquisa, a partir da vivência como mãe de um filho e uma filha que fazem parte da comunidade LGBTQIAPN+ - embasada dessa forma em um “conhecimento situado” (Haraway, 1995) -; parto do meu próprio corpo, dos “fios” invisíveis e profundos que regem a minha existência, trespassada pela do meu filho e de minha filha e percebo que boa parte das situações trazidas nessa pesquisa foram experienciadas por nós, enquanto família: a impossibilidade da escola de lidar com a sexualidade do meu filho e da minha filha, a falta de referências positivas que contemplassem uma linda criança viada e uma preciosa menina sapatão, a solidão dos dois em momentos que não podíamos “alcançá-los” nessa vivência tão deles. O bullying, a violência e a consequente insegurança pelas suas vidas, tudo foi doloridamente lembrado. A falta de referências foi percebida em vários momentos, como quando minha filha, em seus 16 anos, me disse que iria em uma palestra sobre o amor entre mulheres na terceira idade. Mesmo com a pouca idade o que ela queria “ver” era uma possibilidade de futuro, um futuro em que o amor também fosse para ela.

Constato, assim, que a cada dado que busco, a cada leitura e análise que faço e a cada linha que escrevo, pessoas LGBTQIAPN+ no meu país, Brasil (e não só nele), estão mais próximas do estigma, do preconceito e também da morte (Gastaldi & Benevides, 2024), tendo seus direitos constantemente questionados e retirados. Pessoas dessa comunidade linda, com uma história feita de luta, de resistência e de resiliência. Um tanto por isso tudo, mostra-se presente essa vontade de colaborar de alguma forma, dentro das diversas abordagens de pesquisa existentes sobre esse tema, e que, aposto, ainda virão.

O presente trabalho contribui com a observação do impacto que uma representação positiva de personagens LGBTQIAPN+ pode ter em seu público (Linné, 2007). A presente pesquisa também traz o quanto um olhar mais atento para essas vivências e histórias audiovisuais pode auxiliar as ditas minorias sociais para que descubram cada vez mais possibilidades de construção de relacionamentos e de formas de se ver dentro do mundo. Por fim, considero que a pesquisa pode ser utilizada por estudantes e pesquisadores cuja área de interesse seja a de representações de personagens LGBTQIAPN+ no audiovisual e o que elas comunicam ao seu público, bem como complementar outras pesquisas sobre representatividade de pessoas LGBTQIAPN+ nesse meio.

REFERÊNCIAS

- ABGLT – Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais. (2020). *Manual de Comunicação LGBT*. Curitiba: ABGLT. [ebook]. Retirado de <https://unaid.org.br/wp-content/uploads/2015/09/Manual-de-Comunica%C3%A7%C3%A3o-LGBT.pdf>
- Aboim, S. (2010). Homossexualidade e bissexualidade: práticas, atracção e orientação sexual. In P. M. Ferreira & M. V. Cabral (Orgs.), *Sexualidades em Portugal: comportamentos e riscos* (pp. 147-200). Lisboa: Editorial Bizâncio.
- Adelson, S. L. & The American Academy of Child and Adolescent Psychiatry (AACAP), & Committee on Quality Issues (CQI). (2012). Practice parameter on gay, lesbian, or bisexual orientation, gender nonconformity, and gender discordance in children and adolescents. *Journal of the American Academy of Child and Adolescent Psychiatry*, 51, 957-974. DOI: <http://dx.doi.org/10.1016/j.jaac.2012.07.004>
- Alves, C. (2019, 28 de junho). 50 filmes LGBTQ+ que marcaram a História do Cinema. *Magazine.HD*. [Post em site]. Retirado de <https://www.magazine-hd.com/apps/wp/50-filmes-lgbtq-historia-cinema/47/>
- AMPLOS. (2021). Guia para famílias de pessoas lésbicas, gays, bissexuais (LGB+). Retirado de https://www.cig.gov.pt/wp-content/uploads/2022/03/AMPLOS-Amp_Fam_GuiaLGBTI_AF_Single-1.pdf
- Anaz, S. A. L. (2018, julho/dezembro). Atributos de séries dramáticas de sucesso e engajamento da audiência. *Significação: Revista de Cultura Audiovisual*, 45(50), 239-258. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-7114.sig.2018.143013>
- Assembleia Legislativa do Estado de Santa Catarina. (2024). *Projeto de Lei: dispõe sobre a proibição de participação de crianças e adolescentes na Parada do Orgulho LGBTQIAPN+*. [Documento em pdf]. Retirado de <https://portalelegis.alesc.sc.gov.br/documentos/zW26n>
- Aumont, J. et al. (1995). *A estética do filme*. Campinas, SP: Papirus.
- Baére, F. de & Zanella, V. (2020). Suicídio e masculinidades: uma análise por meio do gênero e das sexualidades. *Psicologia em Estudo*, 25, e44147. DOI: <https://doi.org/10.4025/psicolestud.v25i0.44147>
- Bakhtin, M. (1998). Questões de literatura e de estética: a teoria do romance. São Paulo: Editora UNESP.
- Band UOL. (2024, 12 de junho). Câmara de Campinas vota projeto que proíbe a presença de menores de 18 anos em comemorações LGBTI+: o Projeto de Lei Ordinária (PLO) deve ser discutido nesta quarta-feira (12), a partir das 18h. *Band Multi*. Campinas e Região. Da Redação. [Post em site]. Retirado de <https://www.band.uol.com.br/band-multi/campinas-e-regiao/noticias/camara-de-campinas-vota-projeto-que-proibe-presenca-de-menores-de-18-anos-em-comemoracao-aos-direitos-lgbti-202406121628>
- Bardin, L. (2016). *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2016.

- Barros, L. (2023, 6 de junho). David Hayter explicou por que tiveram que esconder da Netflix a relação de Ava e Beatrice. *Lesbocine*. [Post em site]. Retirado de <https://lesbocine.com/david-hayter-explicou-por-que-tiveram-que-esconder-da-netflix-a-relacao-de-ava-e-beatrice/>
- Barry, S. (Criador) (2020-2022). *Warrior Nun*. [Série de televisão]. Netflix.
- Barthes, R. (2001). *A aventura semiológica*. São Paulo: Martins Fontes.
- Barthes, R. (1981). *Fragmentos de um discurso amoroso*. 2. ed. Rio de Janeiro: F. Alves.
- Bauman, Z. (2003). *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Beaulieu, J. (2021). Fantasia homoerótica na tela: a herança de Jean Genet ao novo cinema queer. In Camargo, F. F. & Guimarães, L. (Org). *Do texto ao filme: a temática queer na literatura e no cinema* (pp. 28-56). Uberlândia, MG: O sexo da palavra.
- Benshoff, H. M. & Griffin, S. (2005). *Queer Images: a history of gay and lesbian film in America*. United States Of America: Rowman & Littlefield Publishers, INC.
- Bezerra Júnior, H. Á. (2024). Um diálogo entre o conto “Hands” e a educação profissional e tecnológica (EPT) sobre o tema da homofobia no espaço escolar. In Oliveira, L. M. da S., Oliveira, P. C. S. de & Carreira, S. de S. G. (Orgs.), *Literatura e diversidade: múltiplos olhares*. São Gonçalo, RJ: Poéticas da Diversidade – UERJ. [ebook]. Retirado de https://www.pplinuerj.com.br/wp-content/uploads/2024/06/E-book-Literatura-e-Diversidade_multiplos-olhares.pdf
- Biar, L. de A. & Paschoal, F. V. das C. (2020, maio/agosto). “(Não) leia os comentários”: a disputa da notícia sobre o assassinato de Marielle Franco. *Trab. Ling. Aplic.*, (59.2), 1051-1069. Retirado de <https://www.scielo.br/j/tla/a/cKV3LzNQSKf3NLJCGQ37b4x/?format=html&lang=pt#>
- Boehm, C. (2023, 18 de outubro). Deputados pedem apuração da morte de Karol Eller e da "cura gay": influenciadora digital cometeu suicídio na quinta-feira (12). *Agência Brasil*. [Post em site]. Retirado de <https://agenciabrasil.ebc.com.br/justica/noticia/2023-10/deputados-pedem-apuracao-da-morte-de-karol-eller-e-da-cura-gay>
- Boenavides, D. L. P. (2019). Ressignificar e resistir: a Marcha das Vadias e a apropriação da denominação opressora. *Revista Estudos Feministas*, 27(2), 1-9. DOI: <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2019v27n248405>
- Blues, C. (2019, 24 de abril). *Lexa Still Deserves Better: A Fan-Led Movement Carries On Two Years Later*. Medium. [Post em site]. Retirado de: <https://medium.com/@HeyCassius/lexa-still-deserves-better-a-fan-led-movement-carries-on-two-years-later-98e098e00ff7>
- Borges, J. S. de S. (2023). *O conto da Aia à luz da recepção virtual: literatura e série televisiva sob a perspectiva de receptores contemporâneos*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Maranhão - UFMA. Centro de Ciências, Educação e Linguagens de Bacabal - CCEL. Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGLB). Retirado de <https://tede2.ufma.br/jspui/handle/tede/4721>

- Borges, J. S. de S. & Araújo, N. S. (agosto de 2022). A relação entre arte e público ao longo da história: um olhar sobre a estética da recepção virtual. *REVELL: Revista de Estudos Literários da UEMS*, 2(32), 406-428. Retirado de <https://dialnet.unirioja.es/ejemplar/621797>
- Brandino, N. (2022, 30 de junho). Representação no audiovisual: Teste Vito Russo. *Arte Aberta: conteúdos sobre gênero no audiovisual. Pesquisa*. [Post em site]. Retirado de <https://arteaberta.com/teste-vito-russo-lgbtq/>
- Brasil de Fato. (2024, 18 de junho). Tailândia se torna o primeiro país do sudeste asiático a legalizar casamento homoafetivo: medida foi considerada vitória para ativistas LGBTQIAPN+; expectativa é que lei entre em vigor até o fim do ano. *Brasil de Fato. Internacional. Redação*. [Post em site]. Retirado de <https://www.brasildefato.com.br/2024/06/18/tailandia-se-torna-o-primeiro-pais-do-sudeste-asiatico-a-legalizar-casamento-homoafetivo>
- Braun, J. (2025, 08 de janeiro). O que pode estar por trás de decisão da Meta de abandonar checagem independente de fatos. *BBC Brasil*. [Post em site]. Retirado de <https://www.bbc.com/portuguese/articles/c5y4ymrpp43o>
- Bridges, E. (2018, junho). A genealogy of queerbaiting: legal codes, production codes, ‘bury your gays’ and “The 100 mess”. *The Journal of Fandom Studies*, 6(2), 115 - 132. Retirado de intellectdiscover.com/content/journals/10.1386/jfs.6.2.115_1
- Britzman, D. P. (1996, janeiro/junho). O que é esta coisa chamada amor: identidade homossexual, educação e currículo. *Educação & Realidade*, 21(1), 71-96. Retirado de <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/232048/000175902.pdf?sequence=1&isAllowed=y>
- Butler, J. (1990). *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. 13. ed. Rio de Janeiro: Afiliada.
- Caldeira, A. M. (2021). *Mulheres enclausuradas: as ordens religiosas femininas em Portugal durante os séculos XVI a XVIII*. Alfragide: Casa das Letras.
- Câmara dos Deputados. (2017, 04 de abril). PL 7292/2017: Projeto de Lei. *Agência Câmara de Notícias*. [Post em site]. Retirado de <https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=2128135>
- Câmara dos Deputados. (2016). Projeto de Lei N.º 5.487, de 2016 (do Sr. Professor Victório Galli). [Documento em pdf]. Retirado de https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=1468304&filename=Avulso%20%20PL%205487/2016
- Câmara Municipal de São Paulo. (2023). *Projeto de Lei 01-00325/2023 do vereador Fernando Holiday (Republicanos)*. [Documento em pdf]. Retirado de <https://www.saopaulo.sp.leg.br/iah/fulltext/projeto/PL0325-2023.pdf>
- Cardoso Filho, J. & Janotti Júnior, J. (2006). A música popular massiva, o mainstream e o underground: trajetórias e caminhos da música na cultura midiática. In *Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos*

- Interdisciplinares da Comunicação – Resumos do XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação* (pp. 1-13). Brasília: UnB. Retirado de <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/r1005-1.pdf>
- Caregnato, R. C. A. & Mutti, R. (2006, outubro/dezembro). Pesquisa qualitativa: análise de discurso *versus* análise de conteúdo. *Texto Contexto Enferm*, 15(4), 679-684. DOI: [10.1590/S0104-07072006000400017](https://doi.org/10.1590/S0104-07072006000400017)
- Carneiro, N. & Menezes, I. (2004). Paisagens, caminhos e pedras: identidade homossexual e participação política. In Cascais, A. F. (Org.), *Interdisciplinar a teoria: estudos gays, lésbicos e queer* (pp. 117-141). Cascais: Fenda.
- Castro, G. (2012). Screenagers: entretenimento, comunicação e consumo na cultura digital. In Barbosa, L. (Org.), *Juventudes e Gerações no Brasil Contemporâneo* (pp. 61-77). Porto Alegre: Sulina.
- Catini, C. (2004). *Problematizando o “bullying” para a realidade brasileira*. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Centro de Ciências da Vida. Pós-Graduação em Psicologia, São Paulo, Brasil. Retirado de http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/2010/Pedagogia/tbullying.pdf
- Charleaux, L. (2023, 16 de agosto). Warrior Nun terá trilogia de filmes após cancelamento da Netflix. *Tecmundo*. Minha série. Retirado de <https://www.tecmundo.com.br/minha-serie/267627-warrior-nun-tera-trilogia-filmes-cancelamento-netflix.htm>
- Coletti, C. (2017, 24 de novembro). Depois de Lexa: o que mudou (e não mudou) na jornada das personagens lésbicas da TV. *Observatório do Cinema*. Streaming. [Post em site]. Retirado de <https://observatoriodocinema.uol.com.br/streaming/depois-de-lexa-o-que-mudou-e-nao-mudou-na-jornada-das-personagens-lesbicas-da-tv/>
- Comissão LGBTQIAPN+ Anamatra. (2024). *Cartilha de direitos da comunidade LGBTQIAPN+: entendendo a diversidade e contribuindo para assegurar os direitos da comunidade LGBTQIAPN+*. Retirado de https://www.anamatra.org.br/images/LGBTQIA/CARTILHAS/Cartilha_Comissao_LGBTQIAPN_20240621.pdf
- Comitê de Ética em Pesquisa. (2020). *Orientações sobre ética em pesquisa em ambientes virtuais. Versão 1.0*. Rio de Janeiro: ENSP/Fiocruz, 2020. Retirado de https://cep.ensp.fiocruz.br/sites/default/files/orientacoes_eticapesquisaambientevirtual.pdf
- Cornejo, G. (2011). La guerra declarada contra el niño afeminado: una autoetnografía “queer”. *ÍCONOS*. Revista de Ciencias Sociales, 39, pp. 79-95. Retirado de: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=50918284006>
- Coruja, P. (2020). **Público:** a audiência performática em caixas de comentários no YouTube. *Rumores*, 14(28), 309-333. Retirado de: <https://revistas.usp.br/Rumores/article/view/170098>

- Cossetti, M. C. (2023, fevereiro). Porque o catálogo da Netflix é diferente de um país para outro: a questão gera uma demanda por VPN e uma polêmica em torno de um recurso que a Netflix ainda tenta bloquear. *Tecnoblog*. TB Responde. [Post em site]. Retirado de <https://tecnoblog.net/responde/por-que-o-catalogo-da-netflix-e-diferente-de-um-pais-para-outro/>
- Costa, A. M. das D. (2023). Do crepúsculo dos ídolos à adoração do cotidiano: ciberespaço e idealização do mundo virtual. *Cadernos PET Filosofia*, 23(1), 126-141. Retirado de <https://revistas.ufpr.br/petfilo/article/download/91353/50801>
- Costa, M. de S. (2022). *Um olhar pela tela: sujeito, celular e(m) conexão*. São Paulo: Dialética.
- Cover, R. & Milne, C. (2023, 10 de novembro). The “Bury your Gays” trope in contemporary television: Generational shifts in production responses to audience dissent. *Wiley Online Library*. The Journal of Popular Culture. [Post em site]. Retirado de: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/full/10.1111/jpcu.13255>
- Cury, D. (2022, 06 de maio). Como heartstopper utiliza as cores para representar os protagonistas. *CinemAção*. Retirado de cinemacao.com/2022/05/06/como-heartstopper-utiliza-as-cores-para-representar-os-protagonistas/
- Deleuze, G. (1996). *A imagem-tempo*. São Paulo: Brasiliense.
- Dyar, C., & Feinstein, B. A. (2018). Binegativity: attitudes toward and stereotypes about bisexual individuals. In D. J. Swan & S. Habibi (Eds.). *Bisexuality: theories, research, and recommendations for the invisible sexuality*. Springer International Publishing/Springer Nature, 95–111. DOI: https://doi.org/10.1007/978-3-319-71535-3_6
- Fachin, O. (2006). *Fundamentos de metodologia*. 5. ed. São Paulo: Saraiva.
- Fernandes, L. de C. (2023). *Para além da forma: uma análise da representação estereotipada da comunidade LGBT+*. Relatório de Projeto Final, Universidade Católica Portuguesa, Porto. Portugal. Retirado de <https://repositorio.ucp.pt/handle/10400.14/44239>
- Fialho, L. M. F. & Sousa, F. G. A. de. (2019, 16 de julho). Juventudes e redes sociais: interações e orientações educacionais. *Rev. Exitus*, 9(1). 202-231. Retirado de: <https://portaldeperiodicos.ufopa.edu.br/index.php/revistaexitus/article/view/721/421>
- França, A. N. 'Cura gay': jovem de Piracicaba tira a vida após passar por 'cura gay'. *JP Jornal*. Sampi. [Post em site]. Retirado de <https://sampi.net.br/piracicaba/noticias/2859703/cidade/2024/10/jovem-de-piracicaba-tira-a-vida-apos-passar-por-cura-gay>
- Fragoso, A. R. (2024). *Hard-Boiled, luz e sombras: o design do cartaz do film noir dos anos quarenta e cinquenta do século XX*. Tese de Doutorado. Universidade de Lisboa. Faculdade de Belas-Artes, Lisboa, Portugal. Retirado de <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/64089>
- Furuzawa, C. P. (2014). *Comunicação e indústria audiovisual: crime, compensação simbólica e outras questões sobre as séries policiais televisivas*. Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade

- Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS. Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Comunicação Social, Porto Alegre, Brasil. Retirado de <https://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/5655/1/000454208-Texto+Completo-0.pdf>
- Garcia, L. (2012, janeiro/julho). A mensuração de sujeitos fluidos e provisórios. *Revista Ártemis*, 13, 242-246. Retirado de periodicos.ufpb.br/index.php/artemis/article/view/14234/8161
- Gastaldi, A. B. F. & Benevides, B. (Org.). (2024). Dossiê 2023: mortes e violências contra LGBTI+ no Brasil. Florianópolis, SC: Acontece, ANTRA, ABGLT. Retirado de <https://observatoriomorteseviolenciaslgbtibrasil.org/wp-content/uploads/2024/05/Dossie-de-Mortes-e-Violencias-Contra-LGBTI-no-Brasil-2023-ACONTECE-ANTRA-ABGLT.pdf>
- Gênero e diversidade na escola: formação de professoras/es em Gênero, Orientação Sexual e Relações Étnico-Raciais. (2009). Livro de conteúdo. Versão 2009. Rio de Janeiro: CEPESC; Brasília: SPM. [ebook]. Retirado de https://www.e-clam.org/downloads/GDE_VOL1versaofinal082009.pdf
- Gil, Antônio Carlos. (2007). *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas.
- GLAAD. (2023). *Media Reference Guide 2023*. New York e Los Angeles. Retirado de <https://www.glaad.org/reference>
- Gomes, S. (2020, 28 de agosto). As mortes mais emocionantes de The 100. *Aficionados*. Séries. [Post em site]. Retirado de <https://www.aficionados.com.br/mortes-emocionantes-the-100/>
- Guglielmelli, A. (2022, 16 de novembro). Warrior Nun: sumiço de personagem na 2ª temporada é explicado: criador da série fala sobre a ausência de figura importante na Netflix. *Observatório do Cinema*. [Post em site]. Retirado de <https://observatoriodocinema.uol.com.br/streaming/netflix/warrior-nun-sumico-de-personagem-na-2a-temporada-e-explicado/>
- Green, Eugène. (2019). *A imagem da palavra*. Porto: Fundação de Serralves.
- Grupo Gay da Bahia. (2025). Observatório 2024 de Mortes Violentas de LGBT+ no Brasil. [Documento em pdf]. Retirado de https://grupogaydabahia.com.br/wp-content/uploads/2025/01/Observatorio_2024_de_Mortes_Violentas_de_LGBT-release-20-jan.-2024.pdf
- Guimarães, I. da S. & Fernandes, G. A. (2022). Escola Casulo: uma análise sobre arquétipos de gênero e o silenciamento de corpos LGBTQIA+. Comunicação apresentada no XIV Colóquio Nacional - VII Internacional do Museu Pedagógico da UESB. XII Seminário Nacional – II Internacional do Grupo de Estudos e Pesquisas HISTEDBR/UNICAMP. *Colóquio do Museu Pedagógico*, 14(1), 1284-1288. Retirado de anais.uesb.br/index.php/cmp/article/view/10516/10324
- Guimarães, N. G. (2023, 20 de julho). Retrocesso nos direitos LGBTQIA+ no mundo. *Politize! Cidadania, Cultura e Sociedade*. [Post em site]. Retirado de <https://www.politize.com.br/retrocesso-nos-direitos-lgbtqia/>

- Haje, L. (2023, 19 de setembro). Projeto inclui no Código Civil proibição de união homoafetiva: proposta recebeu parecer favorável na Comissão de Previdência. *Agência Câmara de Notícias*. Direitos Humanos. [Post em site]. Retirado de <https://www.camara.leg.br/noticias/999217-projeto-inclui-no-codigo-civil-proibicao-de-uniao-homoafetiva>
- Hall, S. (2016). *Cultura e Representação*. Rio de Janeiro: Edipuc-Rio.
- Han, B.-C. (2018). *No enxame: perspectivas do digital*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Haraway, D. (1995). Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu* (5), 07-41.
- Heller, E. (2022). *A psicologia das cores: como as cores afetam a emoção e a razão*. São Paulo: Olhares.
- Hill, N. (2020, 13 de julho). How Warrior Nun misses an opportunity for better queer representation: Warrior Nun does itself and its viewers a disservice by choosing not to make its story explicitly queer. *Den of Geek*. Features. [Post em site]. Retirado de <https://www.denofgeek.com/tv/warrior-nun-queer-representation/>
- Hulan, H. (2017). Bury Your Gays: history, usage, and context. *McNair Scholars Journal*, 21(1), 17-27. Retirado de scholarworks.gvsu.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1579&context=mcnair
- Jagose, A. (1996). *Queer theory: an introduction*. Washington Square, New York: New York University Press.
- JB Internacional. (2024, 14 de junho). Esboço de declaração do G7 recua sobre direitos LGBTQIA+: segundo agência, menção ao tema foi excluída. *Jornal do Brasil*. Mundo. [Post em site]. Retirado de <https://www.jb.com.br/mundo/2024/06/1050486-esboco-de-declaracao-do-g7-recua-sobre-direitos-lgbtqia-.html>
- Jenkins, H. (2006). *Convergence culture: where old and new media collide*. New York: New York University Press.
- Joly, M. (1994). *Introdução a análise da imagem*. Lisboa: Edições 70.
- Joly, M. (2005). *A imagem e os signos*. Lisboa: Edições 70.
- Kehl, M. R. (2006). A juventude como sintoma da cultura. In NOVAES, R. e VANUCHI, P. *Juventude e sociedade: trabalho, educação, cultura e participação* (pp. 88-111). São Paulo: Fundação Perseu Abramo. Retirado de <https://criancaeconsumo.org.br/wp-content/uploads/2014/02/140165062-revista-2007.pdf#page=43>
- Lacan, J. (1949). *O estádio do espelho como formador da função do Eu: tal como nos é revelada na experiência psicanalítica*. XVI Congresso Internacional de Psicanálise, Zurique, (93-100). Retirado de <https://www.sergiofreire.pro.br/ad/LacanEstadEsp.PDF>
- Lage, M. P. (2022). “Eu sou uma conversa”: tessituras entre o queer e o plasmático nos corpos animados de *Steven Universe*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Ceará. Programa de Pós-

Graduação em Comunicação, Brasil. Retirado de https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/74322/7/2022_dis_mplage.pdf

Leal, I. (2004). Parentalidades, questões de gênero e orientação sexual. In Cascais, A. F. (Org.), *Interdisciplinar a teoria: estudos gays, lésbicos e queer* (pp. 215-243). Cascais: Fenda.

Linné, R. (2007). Escolhendo alternativas ao well of loneliness. In Talburt S., & Steinberg, S. R. *Pensar queer: sexualidade, cultura e educação* (pp. 145-159). Mangualde: Edições Pedagogo.

Lock, J., & Steiner, H. (1999, março). Gay, lesbian, and bisexual youth risks for emotional, physical, and social problems: results from a community based survey. *Journal of the American Academy of Child and Adolescent Psychiatry*, 38(3), 297-304. Retirado de <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0890856709629257>

Louro, G. L. (2004). *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte, MG: Autêntica.

Louro, G. L. (2004, junho). *Os estudos feministas, os estudos gays e lésbicos e a teoria queer como políticas de conhecimento*. Comunicação apresentada no II Congresso da Associação Brasileira de Estudos de Homocultura (ABEH), Brasília, DF, Brasil. Retirado de https://www.academia.edu/download/46402787/estudos_feministas_gays_e_teor%C3%ADa_queer.pdf

Louro, G. L. (2008, maio/agosto). Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. *Pro-Posições*, 19(2), 17-23. Retirado de scielo.br/j/pp/a/fZwcZDzPFNctPLxjzSgYvVC/?format=pdf&lang=pt

Luhmann, N. (2005). *A realidade dos meios de comunicação*. São Paulo: Paulus.

Lusa. (2018, 10 de setembro). Para pessoas trans, intersexo e não-binárias, Lisboa não é uma cidade inclusiva. In: *Público*. Identidade de gênero. Retirado de <https://www.publico.pt/2018/09/10/local/noticia/lisboa-exclui-pessoas-trans-intersexo-e-naobinarias-1843648>

Machado, S. de S. (2017, janeiro/março). Quando todas as cores dos cinemas são o azul, a cor mais fria: uma análise sobre produções audiovisuais e gênero. *Revista Observatório*, 3(1), 105-130. DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n1p1005>

Mães Pela Diversidade. (2024). *Confie no amor: conselhos para mães, pais e responsáveis por pessoas LGBTQIA+*. [ebook]. Retirado de <https://maespeladiversidade.org.br/wp-content/uploads/2024/05/Cartilha-Confie-no-Amor.pdf>

Magalhães-Costa S.-C. & Vasques-Ferreira, F. (2018). Séries e a cultura da convergência: uma análise do consumo transmidiático da série House of Cards. *Revista Mediterránea de Comunicación*, 9(1), 273-289. Retirado de https://rua.ua.es/dspace/bitstream/10045/72043/6/ReMedCom_09_01_19.pdf

Makita, G. (2016, 17 de fevereiro). Porque a definição da sexualidade de Clarke marca "um ponto" para The 100. *Portal The 100*. {Post em site}. Retirado de

<https://the100portal.wixsite.com/portalthe100br/single-post/2016/02/17/porque-a-defini%C3%A7%C3%A3o-da-sexualidade-de-clarke-marca-um-ponto-para-the-100>

Marinho, L. (2021, 21 de setembro). More than girl friends, girlfriends: Tomates Verdes Fritos e o relacionamento entre Idgie e Ruth. *Queridos Clássicos*. [Post em site]. Retirado de <https://www.queridoclassico.com/2021/09/tomates-verdes-fritos-relacionamento-idgie-e-ruth.html>

Martin, M. (2005). *A linguagem cinematográfica*. Lisboa: Dinalivro.

Martins, A. C. M.... et al. (Orgs.). (2023). *TeleCondutas: atendimento às pessoas transexuais e travestis na Atenção Primária à Saúde*. Porto Alegre, RS: UFRGS. Retirado de https://www.ufrgs.br/telessauders/wp-content/uploads/2022/08/tc_atendimento_pessoa_trans.pdf

Martins, D. F. W., & Ferreira, R. A. (2020). Máscaras que matam: pandemia e (des)continuidade da alienação negra no desejo branco. *Cadernos de Psicologias*, 1. Recuperado de <https://cadernosdepsicologias.crprr.org.br/mascaras-quematam-pandemia-e-descontinuidade-da-alienacao-negra-no-desejo-branco>

Medeiros, A. J. de O. & Lopes, E. (2021, janeiro/abril). A música como linguagem dos objetos e dos afetos: uma perspectiva a partir de Walter Benjamin. *Revista Dialectus: revista de filosofia*. 10(21), 296-317. Retirado de <http://www.periodicos.ufc.br/dialectus/article/view/70907/196746>

Meimaridis, M. (2019). *"Comfort Series": teoria para além da TV de qualidade*. Pesquisa apresentada na Conferência Seminário Narrativas Seriadas - Ficções Televisivas, Games e Transmídia. Faculdade de Comunicação, UFBA. Salvador, BA, Brasil. De 03 e 04 de julho de 2019. Retirado de <https://www.researchgate.net/publication/337198462>

Mergulhão, A. (2022, 06 de junho). Criança transgênero de 12 anos tem casa apedrejada em Poções, na Bahia: menino solicitou o uso de nome social na escola, mas pedido foi negado e ele passou a ser alvo de ataques. *O Globo*. Brasil. [Post em site]. Retirado de <https://oglobo.globo.com/brasil/noticia/2022/06/crianca-transgenero-tem-casa-apedrejada-em-pocoas-na-bahia.ghtml>

Mineiro, M. (2020, outubro/dezembro). Pesquisa de survey e amostragem: aportes teóricos elementares. *Revista de Estudos em Educação e Diversidade*, 1(2), 284-306. Retirado de <https://periodicos2.uesb.br/index.php/reed/article/view/7677/5424>

Miranda, W. R. (2017). *Produzir e ver o audiovisual na cibercultura: novos hábitos na contemporaneidade*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Belas Artes, Brasil. Retirado de <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/BUBD-APEPYS>

Moreira, G. E. (2022, julho/dezembro). Por trás do monograma do movimento LGBTQIAPN+: vidas, representatividade e esclarecimentos. *Revista Temporis(ação)*, 22(2), 1-20. Retirado de www.revista.ueg.br/index.php/temporisacao/article/view/13262

Mukarovsky, J. (1981). *Escritos sobre estética e semiótica da arte*. Lisboa: Editorial Estampa,

- Mulvey, L. (1999). Visual pleasure and narrative cinema. *Film theory and criticism: introductory readings*. New York: Oxford UP, 833-44. Retirado de <https://www.amherst.edu/system/files/media/1021/Laura%20Mulvey%2C%20Visual%20Pleasure.pdf>
- Niklas, J. (2019, 21 de agosto). Governo Bolsonaro suspende edital com séries LGBT para TVs públicas: decisão foi publicada no Diário Oficial desta quarta-feira. *O Globo*. Cultura. [Post em site]. Retirado de <https://oglobo.globo.com/cultura/governo-bolsonaro-suspende-edital-com-series-lgbt-para-tvs-publicas-23891805>
- Nöth, W.; Santaella, L. (2017). *Introdução à semiótica: passo a passo para compreender os signos e a significação*. São Paulo: Paulos. (Coleção Introduções).
- Oliveira, A. de F. (2019). *Comportamento de consumidores de serviços de streaming: um estudo de caso de usuários da Netflix no Brasil e em Portugal*. Dissertação de Mestrado. Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto. Politécnico do Porto, Porto, Portugal. Retirado de https://recipp.ipp.pt/bitstream/10400.22/15124/1/Alan_%20Oliveira_MAA_2019.pdf
- Ordem dos Psicólogos Portugueses (OPP). (2020). Linhas de orientação para a prática profissional no âmbito da intervenção psicológica com pessoas LGBTQ. Retirado de https://www.ordemdospsicologos.pt/ficheiros/documentos/linhasorientacao_lgbtq.pdf
- Oseman, A. (2021). *Heartstopper, volume 2: minha pessoa favorita*. São Paulo: Seguinte.
- Oseman, A. (Criadora) (2022). *Heartstopper*. [Série de televisão]. Netflix.
- Owoseje, T. (2021, 22 de novembro). Eddie Redmayne se arrepende de interpretar mulher trans em “A Garota Dinamarquesa”: na época do lançamento, críticos afirmaram que o papel deveria ter sido atribuído a um ator trans. Questionado, ele concorda e diz que não aceitaria o papel hoje. *CNN Brasil*. [Post em site]. Retirado de <https://www.cnnbrasil.com.br/entretenimento/eddie-redmayne-se-arrepende-de-interpretar-mulher-trans-em-a-garota-dinamarquesa/>
- Padinger, G. (2022, 26 de setembro). *Entenda o crescimento da extrema-direita na Europa nos últimos anos*: vitória de uma coalizão de extrema-direita nas eleições na Itália marca a chegada do extremismo no governo de um dos países mais importantes da Europa. [Post em site]. Retirado de <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/entenda-o-crescimento-da-extrema-direita-na-europa-nos-ultimos-anos/>
- Pais, J. (2020, 7 de dezembro). “Bury your gays”: porque nós, pessoas LGBTQIA+, (também) precisamos de finais felizes?. *Cinemascope*. [Post em site]. Retirado de: <https://cinemascope.com.br/colunas/extras/bury-your-gays-porque-nos-pessoas-lgbtqia-tambem-precisamos-de-finais-felizes/>
- Pappy, A. (2025, 24 de janeiro). Human Rights Campaign to Honor Heartstopper Actor Joe Locke, Gilded Age Actress Louisa Jacobson & Digital Influencer RaeShanda Lias at the 2025 Greater New York Dinner. *Human Rights Campaign*. Press Releases. [Post em site]. Retirado de <https://www.hrc.org/press-releases/human-rights-campaign-to-honor-heartstopper-actor-joe-locke->

[gilded-age-actress-louisa-jacobson-digital-influencer-raeshanda-lias-at-the-2025-greater-new-york-dinner](#)

- Pereira, H. & Leal, I. (2004). A homofobia internalizada e os comportamentos para a saúde numa amostra de homens homossexuais. In: Cascais, A. F. (Org.), *Interdisciplinar a teoria: estudos gays, lésbicos e queer* (pp. 245-260). Cascais: Fenda. Retirado de https://repositorio.ispa.pt/bitstream/10400.12/6542/1/AP_20%281%29_107.pdf
- Perroni, T. C., Apolinário, E. B. R., Gralak, M. M., Manfredini, G. A. & Minatogawa, M. C. (2019). As representações do movimento de Stonewall nos Estados Unidos (1969): “Stonewall - A Luta Pelo Direito de Amar” (1995) e “Stonewall: Onde o Orgulho Começou” (2015). *Epígrafe*, 7(7), 97-108. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2318-8855.v7i7p97-108>
- Pessôa, V. L. S. & Ramires, J. C. de L. (2013). Amostragem em pesquisa qualitativa: subsídios para a pesquisa geográfica. In Marafon, G. J., Ramires, J. C. de L., Ribeiro, M. A. & Pessôa V. (Orgs.) *Pesquisa qualitativa em geografia: reflexões teórico-conceituais e aplicadas*. [ebook]. pp. 117-134. Retirado de <https://books.scielo.org/id/hvsdh/pdf/marafon-9788575114438.pdf#page=115>
- Pithon, J. (2023, 7 de junho). Políticas LGBTQIAP+ no Brasil: avanços e retrocessos. *IREE*. [Post em site]. Retirado de <https://iree.org.br/politicas-lgbtqiap-no-brasil-avancos-e-retrocessos/>
- Portal Folha de Pernambuco (2023, 29 de dezembro). *Mulher cis agredida em restaurante ao ser confundida com trans diz que caso foi transfobia*: em entrevista à TV Globo, vítima disse que o estabelecimento facilitou a fuga do agressor. [Post em site]. Retirado de <https://www.folhape.com.br/noticias/mulher-cis-agredida-em-restaurante-ao-ser-confundida-com-trans-diz-que/308276/>
- Reis, T. (Org.). (2018). *Manual de Comunicação LGBTI+*. 2ª ed. Curitiba: Aliança Nacional LGBTI/GayLatino. Retirado de <https://www.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/2018/05/manual-comunicacao-LGBTI.pdf>
- Reuters (2025, 21 de janeiro). “Existem dois gêneros”: primeiras ordens de Trump reduzem diversidade e direitos LGBTQ+. Retirado de <https://www.publico.pt/2025/01/21/p3/noticia/existem-dois-generos-primeiras-ordens-trump-reduzem-diversidade-direitos-lgbtq-2119570>
- Rocha, P. (2024, 03 de julho). STF decide que escolas devem combater discriminação por gênero ou orientação sexual: segundo o relator, ministro Edson Fachin, o plano nacional de educação busca erradicar essas formas de discriminação. *Supremo Tribunal Federal*. Retirado de <https://noticias.stf.jus.br/postsnoticias/stf-decide-que-escolas-devem-combater-discriminacao-por-genero-ou-orientacao-sexual/>
- Rodrigues, P. H. (2018). *Avaliação da curva de aprendizado e parâmetros vitais em cães da raça golden retriever submetidos ao adestramento de obediência*. Monografia para Conclusão da Graduação. Faculdade de Medicina Veterinária. Universidade do Sul de Santa Catarina - UNISUL, Santa Catarina, Brasil. Retirado de <https://repositorio-api.animaeducacao.com.br/server/api/core/bitstreams/c2794019-c9ea-49e2-9908-bf5c9d5368e6/content>

- Rothenberg, J. (Criador) (2014-202). *The 100*. [Série de televisão]. The CW.
- Rothenberg, J. (2016, 24 de março). The Life and Death of Lexa. *Medium*. [Post em site]. Retirado de <https://medium.com/@jrothenberg/the-life-and-death-of-lexa-e461224be1db>
- Ryan, M. (2016, 14 de março). 'What TV can learn from "The 100" mess'. *Variety*. [Post em site]. Retirado de <http://variety.com/2016/tv/opinion/the-100-lexa-jason-rothenberg-1201729110/>
- Russo, V. (1981). *The celluloid closet: homosexuality in the movies*. New York: Quality Paperback Book Club.
- Sacramento, I. & Ferreira, V. (2019, julho/setembro). As identidades LGBT no Brasil: entre in/visibilidades e in/tolerâncias. *Reciis – Rev Eletron Comun Inf Inov Saúde*, 13(3), 444-449. DOI: <http://dx.doi.org/10.29397/reciis.v13i3.1924>
- Saleiro, S. P. (Org.). (2022). *Estudo nacional sobre necessidades das pessoas LGBTI e sobre a discriminação em razão da orientação sexual, identidade e expressão de gênero e características sexuais*. Lisboa: CIG.
- Sales, W. (2022, 17 de agosto). Joe Locke influencia local onde nasceu a mudar lei relacionada a doação de sangue. *UpdateCharts*. Celebidades. [Post em site]. Retirado de <https://updatecharts.com.br/2022/08/17/por-influencia-de-joe-lock-do-heartstopper-lei-que-proibe-doacao-de-sangue-lgbt-sera-revogada/>
- Salvador, J. M. (2023, 20 de julho). Afinal, a Netflix tinha razão. *Expresso*. Opinião. [Post em site]. Retirado de <https://expresso.pt/opiniao/2023-07-20-Afinal-a-Netflix-tinha-razao-f97d8d9f>
- Santos, M. O. dos. (s. d.). Acusações de queerbaiting e a invalidação da bissexualidade masculina. *Contxt*. Universidade Federal do Rio de Janeiro. [Post em blog]. Retirado de <https://contxt.letras.ufrj.br/acusacoes-de-queerbaiting-e-a-invalidacao-da-bissexualidade-masculina/>
- Santos, N. (2016, 29 de abril). The Lexa Pledge gains traction, urging TV writers to be more considerate when killing LGBT characters. In: *IndieWire*. [Post em site]. Retirado de <https://www.indiewire.com/features/general/the-lexa-pledge-gains-traction-urging-tv-writers-to-be-more-considerate-when-killing-lgbt-characters-291567/>
- Santos, R. T. dos. (2022). [Recensão do livro *Do texto ao filme: a temática queer na literatura e no cinema*, de F. F. Camargo & L. G. (Orgs.)]. Uberlândia-MG: O Sexo da Palavra, 2021. *Imagofagia, Revista de la Asociación Argentina de Estudios de Cine y Audiovisual*, (25), 293-300. Retirado de <asaeca.org/imagofagia/index.php/imagofagia/article/view/889/834>
- Sarmet, É. & Baltar, M. (2016, setembro/dezembro). Pedagogias do desejo no cinema queer contemporâneo. *Textura*, 18(38), 50-66. Retirado de <docplayer.com.br/43281605-Pedagogias-do-desejo-no-cinema-queer-contemporaneo-erica-sarmet-1-mariana-baltar-2.html>
- Shinardi, R. (2003). *Cinema gay, l'ennesimo genere*. Il Cinema e le Idee, 4. Firenze: Cadmo.

- Silva, A. M. da. (2012). A redenção de Lilith: o corpo feminino como estratégia transgressora na ficção de Octavia e Butler. *REDISCO*, 1(2), 7-15. Retirado de <https://periodicos2.uesb.br/index.php/redisco/article/view/2657/2204>
- Silva, F. A. (2022, 15 de dezembro). #SaveWarriorNun is showing the world that the real cancel culture is the one that cancels all the sapphic shows. *Medium*. [Post em site]. Retirado de <https://floraggiosilva.medium.com/savewarriornun-is-showing-the-world-that-the-real-cancel-culture-is-the-one-that-cancels-all-the-2c8797739a09>
- Silva, F. I. C. da & Almeida, D. M. F. de. (2020). Masculinidades no esporte: o caso do rugby. *Movimento*, 26, e26041. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.94214>
- Silva, M. (2022, 22 de maio). *Heartstopper, primeira temporada em análise*. [Post em site]. Retirado de magazine-hd.com/apps/wp/heartstopper-primeira-temporada-em-analise/
- Silva, R. N. (2018). Jane amava Helen que não sabia bem se amava Jane que também amava Blanche: heterossexualidade compulsória em uma leitura queer de *Jane Eyre* de Charlotte Brontë. *Organon*, 33(65), 15-29. DOI: <https://doi.org/10.22456/2238-8915.85225>
- Silva, S. (2024, 05 de fevereiro). As redes sociais mais usadas no Brasil: uma análise geracional. *Airfluencers*. Redes Sociais. [Post em blog]. Retirado de <https://airfluencers.com/redes-sociais-mais-usadas/>
- Silveira, L. M. (2015). *Introdução à teoria da cor*. Curitiba: Ed. UTFPR. 2.ed. Retirado de riut.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/1582/4/teoriacor.pdf
- Soares, T. (2015). Percursos para estudos sobre música pop. In: Sá, S. P., Carreiro, R. & Ferraraz, R. (Orgs.) *Cultura pop*. Salvador/Brasília: EDUFBA/COMPÓS. Retirado de <http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/17895>
- Sousa, J. (2023). Crítica: Heartstopper, temporada 2: Série da Netflix mantém qualidade em sua segunda temporada com um maior desenvolvimento de seus personagens e novas temáticas. *Legião dos Heróis*. Retirado de <https://www.legiaodosherois.com.br/2023/critica-heartstopper-temporada-2.html>
- Sousa, L. H. de. (2020). Homossexualidades e cidades pequenas: a experiência de homens gays em cidades pequenas. In *Anais do 44º Encontro Anual da ANPOCS – GT19: Gênero e sexualidade pelo interior do Brasil: fronteiras e cartografias*, (pp.1-16). São Paulo, SP: ANPOCS. Retirado de <https://biblioteca.sophia.com.br/terminal/9666/acervo/detalhe/1680?guid=1730096467010&ret urnUrl=%2fterminal%2f9666%2fresultado%2flistar%3fguid%3d1730096467010%26quantidadePaginas%3d1%26codigoRegistro%3d1680%231680&i=3>
- Sousa, R. L. de & Brandão, A. S. (2020). Inventário de uma infância sapatão em um mundo de imagens. *Revista Brasileira de Estudos da Homocultura*. 3(9), 121-137. Retirado de <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/rebeh/article/view/10459/7485>

- Souza, A. (2021, 19 de janeiro). [Livro] Patricia Highsmith fala de sua paixão em Os Gatos. Retirado de <https://www.esqueletosnoarmario.com/post/resenha-livro-patricia-highsmith-fala-de-sua-paix%C3%A3o-em-os-gatos>.
- Souza, O. L. P. de. (2021). *Representatividade importa?: representação, imagens de controle e uma proposta de representatividade a partir das personagens mulheres negras em Malhação: Viva a diferença*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Minas Gerais. Departamento de Comunicação Social. Programa de PósGraduação em Comunicação Social. Retirado de <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/36631>
- Stabile, A. (2019, 21 de julho). Um encontro com homens que trocam amor, suporte e afeto. *Ponte.org*. [Post em site]. Retirado de <https://ponte.org/um-encontro-com-homens-que-trocam-amor-suporte-e-afeto/>
- Stake, R. E. (2011). Pesquisa qualitativa: estudando como as coisas funcionam. São Paulo: Penso.
- Stamato, A. B. T., Staffa, G. & Von Zeidler, J. P. (2013). A influência das cores na construção audiovisual. *Portal Intercom*, Bauru. Retirado de <http://portalintercom.org.br/anais/sudeste2013/resumos/R38-1304-1.pdf>
- Steinberg, S. R. (2007). Do armário ao curral: neo-estereotipia em In & Out. In: Talburt S., & Steinberg, S. R. *Pensar queer: sexualidade, cultura e educação* (pp. 135-144). Mangualde: Edições Pedagogo.
- Stella, P. R. Palavra. In: Brait, B. *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2005. p.177-190.
- Susca, V. (2021, janeiro/dezembro). A vida em série: telas, corpo e cotidiano. *Revista FAMECOS*, 28, 1-9, e-37445. Retirado de <https://revistaseletronicas.pucrs.br/revistafamecos/article/view/37445/26681>
- Thereso, P. (2024, 25 de abril). Aumenta o número de pré-candidatos LGBTI+ nas eleições municipais. *Agência Brasil*. EBC. [Post em site]. Retirado de <https://agenciabrasil.ebc.com.br/radioagencia-nacional/geral/audio/2024-04/aumenta-o-numero-de-pre-candidatos-lgbti-nas-eleicoes-municipais>
- Tobias, C. (2016, 21 março). How “The 100” failed LGBT+ fans. *The Quad*. The Student New Services of West Chester University. [Post em site]. Retirado de <https://wcuquad.com/6006013/arts-entertainment/how-the-100-failed-lgbt-fans/>
- Toutain, L. M. B. B. (2010). Informação e a representação visual: representação segundo a ontologia e a semiótica. In: Serafim, J. F et al. (Org.). *Perspectivas em informação visual: cultura, percepção e representação*. Salvador: EDUFBA.
- Townsend, M. (2021). *Studio Responsibility Index SRI*. GLAAD Media Institute: 2021. Retirado de <https://glaad.org/sri/2021/>
- Tropiano, S. (2002). *The prime time closet: a history of gays and lesbians on TV*. Maryland, EUA: Rowman & Littlefield. Referências

- Tuillier, L. (2019). O cinema falado de Eugène Green: a palavra soberana. In: Green, E. *A imagem da palavra*. Porto: Fundação de Serralves.
- Valle, K. D. (2024, 26 de junho). De estereotipado a protagonista de dramas existenciais: como personagens LGBTQ+ evoluíram no cinema. *Gaúcha ZH*. Notícia. Retirado de <https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/cinema/noticia/2024/06/de-estereotipado-a-protagonista-de-dramas-existenciais-como-personagens-lgbt-evoluiram-no-cinema-clxwexc100a301g1z8qcbtcx.html>
- Vasconcelos, C. (2018, 27 de janeiro). Especial Trans: coletivos pedem fim do 'transfake': saiba o que é isso. *Ponte*. [Post em site]. Retirado de <https://ponte.org/especial-trans-6/>
- Vaz, T. G. (2012). *Pedagogia queer, cultura visual e discursos sobre (homo)sexualidades em dois cursos de extensão online*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Goiás. Faculdade de Artes Visuais. Programa de Pós-Graduação em Cultura Visual, Goiânia/GO, Brasil. Retirado de https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/459/o/2012_Tales_Gubes_Vaz.pdf
- Velloso, L. (2018, 27 de novembro). Representatividade LGBTQ na TV dobra nos últimos 18 anos. *Agência de Notícias CEUB*. Cidadania e Diversidade, Destaque. [Post em site]. Retirado de <https://agenciadenoticias.uniceub.br/destaque/representatividade-lgbt-na-tv-dobra-nos-ultimos-18-anos/>
- VoteLGBT & Box1824. (2021). *Diagnóstico LGBTQ+ na pandemia 2021: desafios da comunidade LGBTQ+ no contexto de continuidade do isolamento social em enfrentamento à pandemia de Coronavírus*. [ebook]. Retirado de https://static1.squarespace.com/static/645a82ef72df1e50defcf770/t/6499f4e8f3f5ef05f485cf71/1687811342368/diagno%CC%81stico_LGBT_pandemia_2021.pdf
- We are social. (2024, 31 de janeiro). Digital 2024: 5 billion social media users. *We are social*. Reports. [Post em site]. Retirado de <https://wearesocial.com/uk/blog/2024/01/digital-2024-5-billion-social-media-users/>
- Weinberg, M. S., Williams, C. J. & Pryor, D. W. (1994). *Dual attraction: understanding bisexuality*. Oxford University Press.
- White, P. (1999). *Uninvited: Classical Hollywood Cinema and Lesbian Representability*. Bloomington: Indiana University Press.
- Woods, N. & Hardman, D. (2021) It's just absolutely everywhere': understanding LGBTQ experiences of queerbaiting. *Sociology Psychology & Sexuality*. Retirado de http://eprints.bournemouth.ac.uk/35305/1/Understanding-LGBTQ-Experiences-of-Queerbaiting_Accepted%20manuscript.pdf
- Woodward, K. (2009). Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: Silva, Tomaz Tadeu (org.). *Identidade e diferença a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes. p. 07-72.
- Wray, T. (2003). The queer gaze. *Thesis*, 4, 68-73. Retirado de https://www.db-thueringen.de/servlets/MCRFileNodeServlet/dbt_derivate_00042765/wray_pdfa.pdf

Xavier Filha, C. (2011, maio/agosto). Era uma vez uma princesa e um príncipe...: representações de gênero nas narrativas de crianças. *Revista Estudos Feministas*, 19(2), 591-603. Retirado de <https://www.scielo.br/j/ref/a/z5kp7sqRvrtmYJ4kgrCc8pt/?format=pdf&lang=pt>